NICOLÁS MÁRQUEZ

A MÁQUINA DE MATAR

UM MACHO BRANCO ADULTO, MISÓGINO, QUE TRATA AS MULHERES COMO OBJETO; HOMOFÓBICO E VIOLENTO CONTRA HOMOSSEXUAIS; RACISTA, CONTRA NEGROS E ÍNDIOS; INSENSÍVEL, IMPIEDOSO, AUTORITÁRIO, SEM ABERTURA PARA O DIFERENTE.



A máquina de matar

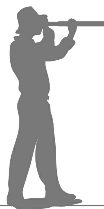
Nicolás Márquez

A máquina de matar

Biografia definitiva de Che Guevara

Tradução
Bruno Alexander





A máquina de matar:
Biografia definitiva de Che Guevara
Nicolás Márquez
1ª edição — agosto de 2023 — CEDET
Título original: La máquina de matar:
Biografía definitiva del Che Guevara

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,
Condomínio GR2 Campinas — módulo 8
CEP: 13069–096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249–0580
e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:
Felipe Denardi

Tradução:
Bruno Alexander

Revisão:
Vitório Armelin

Preparação de texto:
Giuliano Bonesso

Diagramação:
Maurício Amaral

Capa:
NOZ marca

Revisão de provas:
Marcos Valente Carvalho da Silva
Telma Regina Matheus
Natalia R. Colombo

Ficha Catalográfica

Márquez, Nicolás.
A máquina de matar: Biografia definitiva de Che Chevara;
Nicolás Márquez; tradução de Bruno Alexander
– Campinas, SP: Vide Editorial, 2023.

isbn: 978-85-9507-196-4

1. Biografia de criminosos. 2. Biografia de administradores públicos e militares. 3. História da América Latina. 4. Comunismo
I. Título. II. Che Guevara. III. Autor

cdd – 923-4 / 923-5 / 980 / 320-532

Índices Para Cátalogo Sistemático

1. Biografia de criminosos – 923-4
2. Biografia de administradores públicos e militares – 923-5
3. História da América Latina – 980
4. Comunismo – 320-532

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br

Sumário

Prólogo

Capítulo I: Os Guevara de La Serna

A origem de uma tradição

Uma família em pé de guerra

Típico dos Guevara

Um casal desigual

As formigas de Ernestito...

Idéias de esquerda: convicção ideológica ou refúgio psicológico?

O chancho Guevara

O profeta de si mesmo

Capítulo II: De peregrino a revolucionário

O mochileiro despreocupado

A incipiente politização

Um guerrilheiro em construção

Igual ao Mao...

Capítulo III: A Cuba de Fulgencio Batista

Situação Institucional

Situação econômica

Situação sanitária e educacional

Capítulo IV: Rumo à Sierra Maestra

Os preparativos no México

Naufrágio em Cuba

Dr. Ernesto Guevara

A sede de sangue do médico

Atirador estreante

Capítulo V: O mito da Revolução Cubana

A guerrilha rural como fator decorativo da revolução

A revolução multimídia

Comandante Guevara

A natureza ideológica da guerrilha rebelde

O macarthismo de Fidel

A conspiração continua

O prefeito conservador

O último apaga a luz

O “imperialismo” derruba Batista
O último passeio
O massacre de Santa Clara
Capítulo vi: A revolução traída
A foto da revolução
Historinha e revolução
Chantagem ideológica
pórcio simples e sem publicidade
Volta ao turismo
A foto esburacada
Capítulo vii: A máquina de matar
As aspirinas do Dr. Guevara
Número estimado de vítimas de Che Guevara
Executados por Che em Sierra Maestra:
Executados por Che em Santa Clara:
Executados por Che em La Cabaña:
Capítulo viii: O Homem Novo Socialista
O Homem Novo segundo Guevara
A educação do Homem Novo
A cultura do Homem Novo
A moral do Homem Novo
O Homem Novo não precisa de cabeleireiros
A religião do Homem Novo
Capítulo ix: Humor negro da repressão comunista
Expurgando os compatriotas
A guerrilha anticastrista dos ex-castristas
O balneário da revolução
A revolução em números: as mortes de Castro
Capítulo x: O banqueiro Guevara
De fuzilador a burocrata
Capítulo xi: Cuba no foco do mundo
Abandonados em Playa Girón
Che em Punta del Este
O porta-aviões do Caribe
Che contra a Argentina
Capítulo xii: O ministro Guevara
Industrialismo mágico
Voluntariado
A exploração do homem pelo Estado

O “camarada” Che: o mais igual entre os iguais
CAPÍTULO XIII O CONGO: A FUGA PARA FRENTE
A releitura de Salgari
Renúncia
Che Guevara ou o Tarzan frustrado
A história de um fracasso
CAPÍTULO XIV SUICÍDIO NA BOLÍVIA
Retorno inglório
O apoio que não houve
A última guerrilha
A profecia auto-realizável
De fuzilador a fuzilado
EPÍLOGO O MITO DE CHE CINQÜENTA ANOS DEPOIS
NOTAS DE RODAPÉ



Prólogo

Há quase dez anos, publiquei na Argentina uma biografia de Ernesto Guevara de la Serna, o “Che”,[1] a qual teve tanta repercussão no meu país que me pediram para escrever uma obra maior, a ser publicada no Chile.[2] Ambos os livros, por sua vez, me abriram portas para novas documentações, biografias, filmes, arquivos e testemunhos complementares, além de viagens a trabalho para grande parte da América Latina (inclusive Cuba) e Estados Unidos. A experiência e o conhecimento acumulados, somados ao material já compilado nas referidas publicações, me estimularam a aprofundar o trabalho e escrever um livro definitivo que agora, no cinqüentenário da morte de Che Guevara, finalmente chegou a hora de publicar. De fato, trata-se de uma biografia muito mais completa e conclusiva, na qual pude incluir toda a bagagem de pesquisa, compilação, leitura, experiência e narração, resultado de muitas horas de trabalho.

A realidade é que a maior parte dos inúmeros livros ou filmes lançados sobre Ernesto Guevara visa a enfatizar, acima de tudo, três aspectos distintivos do personagem em questão. Alguns focam as aventuras turísticas do mochileiro pós-adolescente. Outros apontam para suas atividades guerrilheiras em diferentes campos de batalha. Um terceiro grupo tenta resgatar não somente seu pensamento político, mas também sua abordagem estratégico-militar, refletida em seus diversos escritos divulgados por meio de folhetins, cartas, discursos, notas e diários pessoais. Bem, nesta biografia definitiva trataremos não só desses três aspectos, mas de muitas outras searas da vida e obra de um sujeito tão multifacetado.

Curiosamente, toda a divulgação em torno de Guevara, seja em filmes, romances, biografias e agora também livro infantil, apresenta um denominador comum monotemático: glorificar e enaltecer, sem grandes controvérsias, o personagem que aqui nos interessa. Em outras palavras, toda essa farta produção encarregou-se de canonizar o Che, consagrando-o como uma espécie de fetiche do progressismo internacional ou sacrossanto souvenir do jornalismo de massa: mediocridade discursiva e informativa à qual se soma a condescendência de uma classe política marcada pela estreiteza intelectual, covardia ideológica ou submissão deliberada aos ditames da “correção” e das pesquisas de opinião.

Em suma, salvo raras exceções, não há bibliografia crítica em torno de um protagonista que, como sustentamos, tem muito mais motivos para ser repudiado do que venerado como acontece hoje em dia, seja nas universidades ou nas bandeiras das torcidas de futebol. Porém, uma coisa é a imagem adocicada que a historiografia comercial construiu em cima de Che Guevara, e outra bem diferente é a verdadeira natureza encarnada pelo personagem aqui tratado.

Hoje, cinqüenta anos após sua morte, seu rosto percorre o mundo estampado em cartões postais, camisetas, enfeites, amuletos, tatuagens e uma infinidade de bugigangas, exibidas como emblema representativo de valores magnânimos, quando, na verdade, esses valores aos quais Guevara é associado não refletem em nada o que ele representou em vida: Che é idolatrado porque, no fundo, não é conhecido, e diante dessa ignorância generalizada, oferecemos aqui uma biografia, procurando que nenhuma passagem de sua vida sórdida e violenta seja deixada de lado.

Capítulo I: Os Guevara de La Serna

A origem de uma tradição

Uma tradição fiel surgida no século xIx fez da família Guevara uma linhagem marcada por um extremo sentimento "antiamericano", animosidade hereditária à qual não escapou o protagonista deste ensaio, Ernesto Guevara de la Serna, o "Che", como é conhecido mundialmente. Os Guevara, exilados da Argentina na época de Juan Manuel de Rosas,[3] casaram-se na Califórnia (Estados Unidos), no ano de 1848, mais precisamente na área do Rio Sacramento, aonde acorria metade da Europa em busca de ouro. Contraíram núpcias com mulheres ilustres, da família Castro y Figueroa, descendentes de um vice-rei que governou na Nova Espanha, no México. "Na minha família, havia uma antipatia especial em relação aos Estados Unidos, porque os ianques decidiram invadir o famoso velho oeste e tomaram à força a Califórnia, decapitando um coronel da família de nome Castro, a quem foi aplicada a lei marcial. Isso criou um clima de rejeição na nossa casa a tudo o que fosse americano",[4] contou o advogado argentino Fernando Guevara Lynch, primo-irmão do Che, que teve muito contato com ele ao longo da infância e adolescência.

Durante a estadia no país americano, os Guevara mantiveram uma relação próxima com os Lynch, outra família ilustre. Logo depois da queda de Rosas em 1852,[5] ambas as famílias mudaram-se para a Argentina. Os Guevara estabeleceram-se na província de Mendoza, na fronteira com o Chile, e os Lynch, em Buenos Aires, capital do país. Apesar do afastamento geográfico (entre Mendoza e Buenos Aires há uma distância de mais de mil quilômetros), as duas famílias retomaram o relacionamento habitual quando as novas gerações dos Guevara começaram a viajar para Buenos Aires, por conta dos estudos universitários, e ali se inaugura o sobrenome Guevara Lynch: Roberto Guevara (avô do Che) casa-se com Ana Isabel Lynch, e Guillermo Guevara casa-se com Eloisa Lynch (dois irmãos com duas irmãs); os casamentos ocorreram aproximadamente entre 1888 e 1890. Da união de Roberto Guevara e Ana Lynch, nasceram doze filhos. O sexto filho, Ernesto Guevara Lynch, foi o pai de Che Guevara.

Do lado materno, a notável estirpe do Che não ficou para trás. Sua mãe, Celia de la Serna y Llosa, mulher bonita e culta, com tendências marcadamente transgressoras, era descendente do general José de la Serna e Hinojosa, último vice-rei do Peru, e seu avô materno, Juan Martín de la Serna (pai de Celia), foi deputado provincial e nacional de Buenos Aires, enquanto seu tio-avô, Ezequiel de la Serna, tornou-se governador dessa província entre 1910 e 1913.[6]

Celia ficou órfã muito jovem e, apesar de vir de uma família de sete irmãos, herdou uma fortuna significativa. O jurista e historiador argentino Enrique Díaz Araujo, autor de várias biografias e ensaios críticos dedicados ao Che, assinala que Celia "era tão aristocrática como seu marido e, como ele, não tinha histórico de pobreza ou injustiça de que se queixar; nascera no seio da opulência e do prestígio; o último travão à sua rebeldia natural desapareceu pouco depois (em 1918), quando, sucessivamente, morreram seu pai e sua mãe, e ela ficou na mais absoluta liberdade, com muito dinheiro para fazer o que bem entendesse".[7]

Celia era católica fervorosa e comungava diariamente. Sua devoção religiosa não era menor e, como o apologista francês de Che Guevara, Pierre Kalfon, conta em seu livro: "Celia, formada pela conhecida escola francesa do Sagrado Coração, em Buenos Aires, era muito devota, a ponto de martirizar-se com miçangas de vidro nos sapatos, e chegou a pensar em virar freira".[8] Logo após conhecer Ernesto Guevara Lynch, porém, ela se apaixonou, e o projeto de ingressar na vida religiosa foi esquecido.

Uma família em pé de guerra

Os dois começaram um relacionamento. Pouco tempo depois, Celia ficou grávida (em pleno noivado). Para tentar amenizar o escândalo que esse episódio geraria nos círculos católicos e aristocráticos da elegante Buenos Aires de 1927, realizou-se o casamento prematuro do casal (com quase três meses de gravidez) em 20 de dezembro daquele ano. Esse episódio da gravidez pré-matrimonial pode ser considerado algo trivial na informalidade do século XXI , mas, quase um século atrás, era motivo de vergonha ou escândalo. Muitos padres, amigos e personalidades dos ambientes freqüentados por Celia desaprovaram seu comportamento ou lhe deram as costas, o que produziu nela um intenso ressentimento contra a Igreja e virulenta animosidade anticristã que, mais tarde, foi transmitida ao filho, em seu ventre na época, e ao resto da progênie que não demoraria a chegar.

Logo depois do casamento, o novíssimo casal mudou-se para a província de Misiones (na fronteira com o Brasil), onde Ernesto Guevara Lynch acabara de comprar um erval com um dinheiro que Celia tinha guardado.

Com o parto iminente, o casal fez uma breve viagem para a cidade de Rosario (província de Santa Fe), onde Celia deu à luz seu primeiro filho, Ernesto, em 14 de junho de 1928. O fato de que o casal viajou para Rosario em vista da proximidade do nascimento não foi

por um motivo estranho ou aleatório, mas um esforço para falsificar a data de nascimento e disfarçar a situação: “Ernesto (pai) combinou com um primo médico para ela dar à luz em Rosario. Chegamos em cima da hora. Em 14 de maio de 1928, nasceu nosso primeiro filho e demos a ele o nome do pai. Decidimos registrá-lo um mês depois, falando também de parto antecipado, para salvar as aparências”, confidenciou Celia à sua amiga próxima Julia Constenla.[9]

Os irmãos do primogênito Ernestito não demoraram a chegar, e o casal teve mais quatro filhos: Celia (1929), Roberto (1932), Ana María (1934) e Juan Martín (1943): “Meus pais não tinham muita criatividade para colocar nomes. Ernesto recebeu o nome do meu pai; Celia, que foi a próxima, recebeu o nome da minha mãe; Roberto recebeu o nome do meu avô e Ana recebeu o nome da minha avó. Fui o último, sobravam um avô e uma avó, e acabei sendo chamado de Juan Martín, porque nasci homem”, esclareceu o irmão mais novo do quinteto.[10]

O próprio Ernesto Guevara Lynch pai conta que, pouco antes de Ernestito completar dois anos, em 1930, quando o casal residia em Buenos Aires na época, a esposa Celia, grande nadadora, costumava levar o filho ao Clube Náutico de San Isidro, às margens do Rio de La Plata: “Em uma manhã fria e ventosa do mês de maio, minha esposa foi tomar banho no rio com nosso filho Ernesto. Cheguei ao clube para levá-los para almoçar e encontrei o garotinho de roupa de banho, já fora d’água, tremendo de frio. Celia era inexperiente e não percebeu que a mudança de tempo era perigosa naquela época do ano”.[11] Esse incidente pareceu deixar em Ernestito uma seqüela dramática que o acompanharia por toda a sua vida: uma terrível asma, que, sem dúvida, marcou duramente parte de sua personalidade: “Nunca me habituei a ouvi-lo respirar com aquele ronronado que têm os asmáticos”, lamenta o pai.[12]

Por um lado, a mãe, sentindo-se culpada pela asma do filho (presumivelmente contraída por descuido dela), o superprotegia obsessivamente. Já o pai o expunha irresponsavelmente a grandes riscos e às situações mais insanas, para que o filho “ficasse mais forte” na marra. O escritor argentino Hugo Gambini (primeiro biógrafo do Che) conta que Guevara pai “estava determinado a dar ao filho, prematuro e enfermiço, uma educação rígida, e o fazia tomar banho de sol só de fralda em pleno inverno, além de chuveiradas e banhos de imersão gelados”.[13] Mas é o próprio Ernesto pai que naturalmente confessa as arriscadas empreitadas: “Ernestito estava começando a andar. Como gostávamos de tomar mate, o mandávamos até a cozinha, a uns vinte metros de casa, para que ele nos servisse. Entre a cozinha e a casa havia uma pequena vala, com um cano escondido. Ali o menino tropeçava e caía com a erva-mate nas mãozinhas. Então, ele se levantava com raiva e, obstinado, ia preparar outro mate, sempre caindo no mesmo lugar. Isso aconteceu várias vezes, até que ele aprendeu a pular a vala”.[14] Uma revelação que evidencia a ênfase que o senhor Ernesto colocava em incutir no filho um voluntarismo insistente e a perda de todo medo diante do infortúnio ou da adversidade: “Posso confessar que, até certo ponto, eu tinha inveja de Ernesto, por sua determinação, audácia e autoconfiança, sobretudo pela temeridade que recordo como uma das

expressões mais genuínas do seu caráter [...], a total falta de medo diante do perigo, pelo menos não de modo perceptível", conta Fernando Barral, outro amigo de infância.[15]

Apesar dos métodos pouco ortodoxos que o pai usou para Ernestito superar sua doença, a asma não melhorou, e, na busca desesperada por médicos e tratamentos sem sucesso, por recomendação do pediatra, a família decidiu deixar Buenos Aires para a cidade de Alta Gracia, na província de Córdoba, lugar de montanhas e clima seco, que prometia ser um alívio parcial para a doença do menino. Ali ele ficou, desde os quatro anos e meio (em 1933) até os dezenove (1947), quando foi estudar medicina na Universidade de Buenos Aires.

Como era de se esperar, porém, os hábitos agressivos e irresponsáveis do pai haviam se disseminado, passando a fazer parte da convivência familiar e doméstica. Por exemplo, os irmãos, aproveitando-se da asma de Ernesto, ao brigarem com ele, derramavam uma jarra de água sobre ele para provocar um espasmo brônquico que o destruía.[16] O primo, o já citado Fernando Guevara Lynch, contou que os irmãos "viviam caindo na porrada. Ernesto tinha o olhar penetrante e agressivo de um felino acuado. Era uma família muito violenta. Apesar de muito educados, ao primeiro problema respondíamos logo com violência. Ele tinha essa atitude para mostrar que a asma não o limitava. Ele não tinha medo da morte, nem de nada, desafiando-nos, por exemplo, a andar por um fio de uma casa a outra a uma altura de dez metros. Uma vez ele fez isso! Ele tinha tanta arrogância e auto-suficiência que seria capaz de lutar em pé de igualdade com Jesus Cristo".[17]

Esse comportamento imprudente foi forjando um modus vivendi marcado pela brusquidão, pelo desafio permanente e pela assunção de riscos absurdos. Um amigo próximo de Ernestito, o conhecido José González Aguilar, lembra que os Guevara "eram muito audaciosos nos jogos e esportes, o que nos assustava um pouco. Ernesto gostava muito de brincadeiras arriscadas. Lembro-me do seu irmão, Roberto, em nossa casa, pulando do terceiro andar para a casa ao lado. Ele fazia isso por diversão, rindo de nós, porque não o seguíamos".[18] Juan José Sebreli, sociólogo de origem marxista, em seus breves ensaios dedicados ao Che, também conta que "aos cinco anos, seu pai o ensinou a atirar em alvos; desde então, o revólver passou a ser seu brinquedo preferido".[19] Sobre o vínculo de Ernestito com os colegas de escola, o biógrafo alemão Frank Niess, em sua obra idólatra, reconhece que, na infância, "não foram poucos os vizinhos, colegas e professores que não o olhavam com bons olhos, considerando-o uma criança rebelde, ousada, desobediente, desrespeitosa e teimosa".[20]

E o pai, Ernesto Guevara Lynch, confessa mais uma vez que incitava todos os filhos à temeridade: "Desde muito cedo, decidi apresentar aos meus filhos os segredos e perigos da vida. Tinha a firme convicção de que eles deviam ser livres, criados em liberdade absoluta".[21]

Típico dos Guevara

A casa dos Guevara de la Serna caracterizava-se pela desordem permanente, marcada tanto pela anarquia quanto pela imundície. Lembra Carmen de la Serna (irmã mais velha de Celia, mãe do Che): “Era uma casa de dois andares, tão mal construída que tinha rachaduras por toda parte. Havia goteiras, e quando a cadelinha urinava no andar de cima, o xixi caía no andar de baixo... Reinava a desordem, e eles só faziam faxina em comemorações”.[22] Dolores Moyano Martín, uma amiga da família que escreveu muito sobre os Guevara com admiração, observou: “Não havia hora para comer; cada um comia quando estava com fome”.[23] Acrescenta a empregada dos Guevara, Rosario González, que “os horários das refeições nunca eram iguais. Como o patrão e a patroa freqüentavam o Sierras Hotel (clube exclusivo de Alta Gracia), voltavam quase sempre de madrugada. No dia seguinte, levantavam a qualquer hora... Na verdade, quem cuidava da cozinha era eu, porque a patroa dormia até tarde, e eu não tinha como esperar que ela se levantasse para me dizer o que fazer”.[24]

O caos era tanto que na casa dos primos Córdova usavam a seguinte expressão humorística para designar a desordem completa: “Típico dos Guevara”.[25]

Um casal desigual

A maior parte dos depoimentos sobre os pais de Che aponta para uma mãe de grande personalidade e um pai confuso.

De fato, Celia tinha traços transgressores para uma época em que as mulheres estavam restritas a um papel limitado. De acordo com uma de suas sobrinhas, Carmen Córdova de la Serna: “Ela foi a primeira mulher (segundo minha mãe) a fazer o corte ‘joãozinho’, ou seja, curto na nuca. Ela fumava e cruzava a perna em público, o que era o cúmulo da independência”, acrescentando, com linguagem grosseira, que Celia “tinha um caráter de merda, um temperamento muito forte, pavio curto. Ela era muito segura de si”.[26] E Calica Ferrer, amigo próximo de Ernesto, diz: “Ela era lindíssima, alta, esbelta, temperamental, muito viva, sempre com um livro na mão; falava francês perfeitamente [...]. Nunca se calava sobre nada”.[27]

O pai, por outro lado, não deixou tão boas recordações por parte de quem o conheceu: “Era um ‘esnobe’, um sujeito da oligarquia, daqueles que dizem ‘pode sentar em qualquer lugar, porque onde quer que eu me sente, ali será a cabeceira” (história de não sei que rei da França, que disse algo assim). O esnobe sentia um pouco de sangue azul, de modo que, mesmo de alpargatas, ainda se julgava o dono do pedaço. Essa era a atitude dos Guevara, de Celia e do meu pai”, lembra Fernando Córdova de la Serna (primo-irmão do Che).[28] Tatiana Quiroga, amiga de infância dos filhos de Guevara, diz que o senhor Ernesto era “um mulherengo crônico. O pai tinha pretensões de playboy [...], mas era um playboy escandaloso, porque, quando trabalhava e ganhava dinheiro, gastava tudo [...] em encontros com moças, roupas, bobagens, nada concreto [...] e sua família não recebia nada”.[29] A falta de autoridade de Ernesto pai também é atestada pela já mencionada

Dolores Moyano: “O pai era um homem simpático, bastante distraído, que falava com voz trovejante e dava ordens que logo esquecia; por outro lado, quase ninguém as obedecia”.[30] E, em consonância com os depoimentos apresentados, Fernando Guevara Lynch nos lembra que “Ernesto, o pai do Che, como pai, era um verdadeiro zero à esquerda”, acrescentando: “A casa era uma bagunça, mas Celia comandava bastante bem. Dava uns gritos e mudava tudo. Até o Ernesto pai se sentia intimidado”.[31] O escritor guevarista Paco Ignacio Taibo II , em sua hagiografia quilométrica do Che, define Ernesto pai como “um bom dançarino de tango, um tanto preguiçoso, de boa aparência”,[32] e o californiano Jon Lee Anderson, outro fã do Che, em seu extenso panegírico, conclui que “Guevara Lynch nunca conseguiu disciplinar o filho mais velho; Celia nunca tentou. Foi assim que Ernesto se tornou mais ousado e desobediente”.[33] E o que foi dito por este último foi tão verdadeiro que até o próprio Ernesto pai admitiu que o vínculo com o filho não era típico de uma relação vertical do tipo pai-filho: “Tratávamos um ao outro de igual para igual. Brincávamos como se tivéssemos a mesma idade”.[34]

Assim, não seria absurdo supor que o freqüente abandono do pai tenha predisposto Ernesto Guevara à rebeldia, mas ao mesmo tempo à busca de uma autoridade substituta, contradição psicológica que mais tarde marcaria sua trajetória política.

Será que, inconscientemente, Guevara procurou substituir o vazio dessa falta de autoridade paterna pela do prepotente Fidel Castro, a cujo comando se submeteu anos depois?

As formigas de Ernestito...

Todas as exuberantes histórias sobre Ernesto Guevara criança aqui compiladas não pretendem ser uma mera coleção de casos divertidos. Os psicólogos sabem melhor do que ninguém que os primeiros anos de vida marcam para sempre nossa personalidade. Veremos mais adiante que o protagonista deste livro, pouco depois de ingressar na vida universitária, receberia diploma de andarilho e aventureiro, levando uma vida nômade e errática até sua morte. Esse espírito instável não surgiu por acaso. Observamos muitos antecedentes de inconstância geográfica em sua infância. Como vimos, depois do matrimônio entre os Guevara Lynch e os De la Serna, por vocação ou obrigação, o casal levou uma vida nômade: Misiones, Rosario, San Isidro, Palermo, Alta Gracia, Córdoba e finalmente Buenos Aires novamente. Além disso, durante a estadia em Alta Gracia, a família mudou-se constantemente, porque, devido a insolvências financeiras, deixavam de pagar o aluguel e seus proprietários exigiam a respectiva devolução dos imóveis. Inicialmente, eles ficaram no hotel La Gruta; em 1933 ocupam Villa Chichita; em 1934, Villa Nydia; em 1937, o chalé de Fuentes; em 1939, o de Ripamonte; e em 1940, novamente Villa Nydia.[35]

Vale ressaltar, então, que Che nasceu em Rosario, viveu em Misiones, depois em Buenos Aires, depois em Córdoba, depois em Alta Gracia (onde mudou constantemente de casa).

Mais tarde, em Buenos Aires, e posteriormente, já adulto, Ernesto Guevara, depois de percorrer a América Latina como mochileiro, tornou-se cidadão cubano, mas depois foi perambular, de fuzil na mão, rumo ao Congo, morrendo, porém, na Bolívia.

A verdade é que essa instabilidade pessoal não só não foi escondida, mas era assumida pelo próprio Guevara desde cedo: "Eu mesmo não sei onde vou deixar meus ossos",[36] escreveu em uma carta pessoal. Mas foi Fernando Córdova de la Serna que, com linguagem escatológica e zombeteira, definiu com precisão o estado de ânimo do primo: "Ele tinha formigas no rabo".[37]

Idéias de esquerda: convicção ideológica ou refúgio psicológico?

Não são poucas ou desautorizadas as vozes que alegam que essa dupla condição de aristocrata "menor" forjaria no jovem Ernesto, ao longo da infância e adolescência, a identidade de "parente pobre" em um mundo de ricos, criando um rancor patente contra este último. Podemos dizer que o gradual empobrecimento da família não se deveu apenas à prodigalidade e à falta de tino comercial do senhor Ernesto, mas também à crise mundial de 1930. Nesse momento, a família foi obrigada a vender campos e propriedades, entre elas a fazenda "La Celia", em Río Quinto (terras famosas e caras, localizadas na província de San Luis).

Segundo a tradição oral da família, dos Guevara Lynch, Ernesto Guevara filho herdou o ódio aos Estados Unidos (devido às terras que seus ancestrais tinham perdido lá, como vimos antes), e dos De la Serna, a rejeição de todas as manifestações religiosas inculcadas pela mãe. Quanto à primeira herança, recorda o barman do Sierras Hotel (localizado em Alta Gracia, Córdoba), que Ernesto filho costumava freqüentar com amigos em algumas ocasiões, que ele "nunca pedia Coca-Cola, e quando lhe ofereciam, ele a rejeitava com veemência, ficando bastante irritado".[38] Sempre afeito a frases extravagantes, acrescentou: "Prefiro ser um índio analfabeto a um milionário norte-americano". Quanto à segunda, a anti-religiosidade instilada pela mãe em todos os filhos foi tão aguda que os filhos Guevara de la Serna faziam dos esportes e das brincadeiras infantis não uma distração saudável, mas uma cruzada do ateísmo militante. O irmão mais novo de Che, Roberto Guevara, conta que "as partidas de futebol, às vezes, adquiriam um caráter 'ideológico': a formação que tínhamos era totalmente anticlerical [...]. No verão, os times de futebol eram formados por aqueles que acreditavam em Deus contra aqueles que não acreditavam em Deus. Esses jogos ficaram famosos. Os católicos enchiam-nos de gols e alegravam-se com a derrota dos infiéis",[39] história à qual acrescenta a amiga de infância Dolores Moyano Martín: "Nunca esquecerei quando, na adolescência, falávamos de Nietzsche e da imagem de Cristo como salvador dos pobres... Ernesto perdeu a paciência e disse, contrariado: 'Garanto-lhe que, se Cristo cruzasse meu caminho, eu faria o mesmo que Nietzsche: não hesitaria em esmagá-lo como um verme viscoso' [...]. Jamais esquecerei essa cena, porque prefigurava o que Ernesto seria mais tarde".[40] Mais uma vez, encontramos elementos que propiciariam ao futuro guerrilheiro um refúgio ideológico

com conotações esquerdistas para canalizar essas fobias, que também estavam profundamente enraizadas em sua mãe e na família dela, como confirma Fernando Guevara Lynch: "O tio 'Polícho' de Che, Cayetano Córdova Iturburu, teve grande influência ideológica sobre ele. Foi correspondente de guerra na Guerra Civil Espanhola, era vermelho e republicano, tornando-se, mais tarde, presidente do Partido Comunista. Ele era um esquerdista "de carteirinha".[41] Essa influência foi tão intensa que outro primo seu, Fernando Córdova de la Serna, assinalou que "Ernestito, com sua clássica rebeldia, ao ouvir os pais argumentarem a favor da República Espanhola, decidiu declarar-se partidário dos nacionalistas e de Franco... até que a influência de cartas, fotografias, revistas, discos e outras lembranças enviadas de Madri por Cayetano Córdova Iturburu o fez mudar de posição".[42]

Além da ascendência familiar, Ernestito estava cercado de influências esquerdistas em termos de amizades, pois entre os elementos detectáveis na infância e adolescência de Guevara, ademais da família, destacam-se três amigos: Pepe González Aguilar, Fernando Barral e Alberto Granados. Os três foram morar em Cuba anos depois, a convite de Ernesto, quando ele já era o "Che", o que nos mostra o nível de amizade entre eles. Pois bem, Pepe e Fernando eram filhos de exilados espanhóis republicanos que se instalaram em Alta Gracia e que naturalmente passaram a fazer parte de um círculo que incluía comunistas espanhóis e também argentinos.[43]

Como aluno primário, Ernestito costumava estudar em casa com a ajuda da mãe onipresente, já que a asma muitas vezes o impedia de sair: "Ele só freqüentou regularmente o segundo e o terceiro ano; o quarto, o quinto e o sexto ele fez como pôde. Os irmãos copiavam os deveres e ele estudava em casa", lembra a mãe.[44] Não era um aluno excelente, mas tirava as notas necessárias para passar.

Costume característico das aristocracias da época era o estudo rigoroso da língua francesa, que Ernestito aprendeu, sem objeção, graças às lições da onipresente progenitora, que falava muito bem o idioma. Julia Constenla lembra de Celia em eventos públicos "cantando fervorosamente La Marseillaise, além de fragmentos de La Internacional, mas em francês" (e aqui vemos novamente as influências ideológicas revolucionárias).[45] No final, Ernestito acabou incorporando o elegante idioma, embora o manejasse com precária fluência.

Já entrando na puberdade, o jovem Ernesto satisfazia seus impulsos sexuais com os órgãos genitais das criadas e empregadas. Mais dados: o irmão Roberto confessou ao primo Fernando Córdova que Ernestito havia gozado dos favores de todas as criadas que passaram por sua casa.[46] Inclusive, em um encontro entre primos e amigos, quando Ernesto tinha cerca de vinte anos, um dos companheiros o repreendeu, escandalizado, pois, enquanto toda a família comia no salão da casa (localizada em Arenales 2208, Buenos Aires), ele costumava ter relações sexuais na cozinha com a empregada Jacinta (que tinha setenta e dois anos). Ernesto, sem se abalar, disparou: "Senão, quem lavaria minhas roupas?",[47] aludindo ao favor sexual que oferecia à velha, em troca dos serviços de

lavanderia.

O primo Fernando Guevara Lynch conta que, embora Che "não fosse um 'Don Juan', ele fazia sucesso com as mulheres. Ele sabia quiromancia, grafologia, todas essas bobagens que enlouquecem as mulheres. Ele pegava nas mãos delas e dizia: 'Aqui, nesta linha, estou vendo tal coisa"... ele era um cara bonito... quando estava arrumado".[48] Sua única namorada na época foi María del Carmen Chichina Ferreyra, uma jovem bonita e distinta, que pertencia às famílias proeminentes de Alta Gracia. E como o primo continua testemunhando: "Chichina flertava com todo mundo, mas acabou se apaixonando pelo Ernesto. Acho que ela foi a relação mais forte que ele teve dentro do meio social que freqüentava, porque, fora isso, só andava com empregadas e gente de outro nível".[49] Veremos que Guevara, ao longo da vida, seja em sua face afetiva, como guerrilheiro ou como funcionário público em Cuba, se cercará permanentemente de pessoas de estrato social ou intelectual inferior ao seu. Uma reação ou "vingança" depois de ter passado a infância e a adolescência sendo o "pobretão" de seu meio? Não descartamos que o fato de freqüentar um ambiente de família e amigos da mais alta sociedade como parente rebaixado tenha gerado em Ernesto Guevara uma série de ressentimentos conscientes ou inconscientes, que ajudaram a radicalizar sua futura ideologia política.

O chancho Guevara

Como foi a vida de Che Guevara na adolescência e início da juventude? O sociólogo argentino Juan José Sebreli faz uma boa síntese: "Foi boa; ele freqüentava os grupos de meninos ricos, formados por familiares e amigos. Como parente pobre, gozava de muitas das vantagens dos familiares: clubes exclusivos, como o Lawn Tennis de Córdoba ou o San Isidro Club, dirigido pelo tio, convites para festas exclusivas, jogos de bridge, prática de esportes (tênis, golfe, esgrima, equitação) exclusivos para a classe alta. Naquela vida despreocupada entre passeios, brincadeiras, danças, namoros castos e sexo com criadas, Che só se destacava das demais crianças pelas saídas sarcásticas, pelo escândalo que a sujeira e o desleixo boêmio provocavam, como forma de espantar os burgueses. Não podendo ser um príncipe, ele teve que se contentar em ser um mendigo romântico".[50] Com relação à descrição de "mendigo" impingida por Sebreli, o autor provavelmente se refere a outro elemento que sempre caracterizou Guevara: seu manifesto descaso com a higiene pessoal. Na verdade, não é segredo para ninguém que Ernesto Guevara era um sujismundo, o que lhe valeu o apelido de "chancho" [porco]. Conta o amigo Figueroa: "Talvez fôssemos sair com uma garota, e o aspecto dele era tão ruim que eu dizia: 'Você não pode sair assim, você é um porco'".[51] Ele mesmo se vangloriava de usar uma infalível camisa de náilon, originalmente branca, que se tornara cinza com o uso e que Ernesto chamava de "a semanal", pois afirmava lavá-la apenas uma vez por semana.[52] O grande amigo, Alberto Granado, revela que Ernesto "gabava-se de não se lavar com freqüência... Tinha vários apelidos: chamavam-no de louco e também de chancho. Ele gostava da imagem de enfant terrible e jactava-se das poucas vezes que tomava banho. Dizia, por exemplo: 'Não lavo esta camisa de rúgbi há vinte e cinco semanas'".[53] Outro dos

conhecidos amigos de viagem, Ricardo Rojo, conta que, durante os tempos de universidade e de passagem pela Guatemala, Guevara usava “uma calça deformada pelo uso, uma camisa que já havia sido branca e um paletó esportivo com os bolsos arrebentados de carregar vários objetos, desde o inalador para asma até as bananas grandes que muitas vezes eram seu único alimento”. Foi então que “assegurou que a cueca que vestia há dois meses estava tão impregnada de terra da estrada que ficaria em pé sem necessidade de segurá-la. Nós não acreditamos. Guevara tirou as calças e tivemos que nos resignar... ele tinha ganhado a aposta, em meio às nossas gargalhadas”.[54]

Seu amor da época, a já mencionada Chichina Ferreyra, recorda: “Sua maneira desleixada de se vestir nos fazia rir e, ao mesmo tempo, nos dava um pouco de vergonha. Ele não tirava uma camisa de náilon transparente que já estava ficando cinza com o uso. Além disso, comprava seus sapatos em leilões, de modo que seus pés nunca pareciam iguais. Éramos tão sofisticados que Ernesto nos parecia uma desgraça. Ele aceitava nossas piadas sem se abalar”.[55] O pai conta também que o filho chegou a usar “botas de várias cores e diferentes formas”.[56]

Se a fama de Guevara como inimigo da higiene pessoal era famosa quando ele vivia no conforto urbano da aristocracia argentina, muito mais como guerrilheiro em ambientes rurais naturalmente pouco higiênicos, mas isso é algo que veremos muito mais adiante. O primo Fernando Guevara Lynch conta-nos uma história hilária, por cuja raridade deixamos para o final deste trecho: “Na piscina da Faculdade de Direito de Buenos Aires, um peruano desafia-se a quebrar o recorde de permanência na água da piscina. Ele ficou na piscina sem sair por cerca de 26 dias, quebrando o recorde mundial. Nós, que éramos estudantes, íamos vê-lo. Nos primeiros dias, alguns pularam na água para conversar e acompanhá-lo. Com o passar dos dias, a água da piscina foi ficando nojenta, porque o peruano urinava e defecava ali dentro, e isso ia se acumulando. A água estava ficando cada vez mais fedorenta e suja. Obviamente, ninguém mais entrou na piscina e nem chegava perto, pelo cheiro que ela exalava. E Che disse: ‘Duvidam que eu entre?’, pulando de cabeça! Ele passou cerca de duas horas na piscina com o cara. Evidentemente, todo mundo comentou o ocorrido”.[57] Esse episódio, além de mostrar em Guevara o perfil de um provocador nato que buscava atenção a todo custo, mais uma vez revelava que ele não se sentia incomodado diante da sujeira e da podridão. Nesse caso, alegremente submerso na mistura concentrada e acumulada de urina e esterco alheio, “porco” não parecia um apelido exagerado.

O profeta de si mesmo

Outro aspecto que veremos permanentemente em Ernesto Guevara, ao longo desta obra, será sua obsessão pela morte. Seu voluntarismo e a infância sempre submetida e exposta a riscos excessivos, somados aos ataques de asma que o atormentavam, parecem ter afastado por completo seu medo de morrer. Para os adolescentes, a morte costuma ser algo muito distante e remoto. O estranho no jovem Guevara era que a morte não era apenas um assunto ao qual ele voltava com freqüência, mas parecia que, consciente ou

inconscientemente, ele esperava enfrentá-la o quanto antes. Uma atitude de impaciência com matiz suicida? Aos dezenove anos, ele escreveu um estranho poema, impróprio para sua tenra idade, que, entre outras coisas, rezava: "Morrer, sim, mas crivado de balas, destruído pelas baionetas, senão, não... uma lembrança mais duradoura do que meu nome é lutar, morrer lutando".[58]

Comparando o texto com sua morte vinte anos depois, em outubro de 1967, como guerrilheiro na Bolívia, temos a impressão de que sua vida foi sempre em busca dessa morte: "crivado de balas", "destruído pelas baionetas" e "lutando", como diz seu sórdido poema, cujo já citado verso o autor tanto se esforçou para concretizar durante sua temerária e intensa vida.

Em 1947, o jovem Guevara foi convocado para o exame prévio ao serviço militar e, devido ao quadro asmático, recebeu imediatamente o carimbo D.A.F. (deficiência nas aptidões físicas), com o que foi dispensado do cumprimento do referido encargo público: "Finalmente, estes pulmões de merda me serviram para alguma coisa!", exclamou exultante.[59]

Em um verão, arranjou um emprego que, segundo acreditava, lhe permitiria viajar pelo mundo, tornando-se assim uma espécie de turista de aluguel. Ele embarcou em um vapor da frota mercante do Estado e saiu para conhecer outros países. Voltou decepcionado: "Passei um mês viajando, quinze dias de ida e quinze dias de volta, para ficar quatro horas em uma ilha imunda descarregando petróleo", lamentou.[60]

Como se vê nos numerosos escritos auto-referenciais de Ernesto, a palavra "morte" aparece constantemente de forma explícita, embora, em outros momentos, a morte também apareça, mas como coadjuvante. Ernesto, que nada sabia de música, alvo de zombaria dos amigos, por sua completa falta de ouvido musical, costumava dizer que seu tango preferido era aquele cuja letra dizia: "Quero morrer comigo,/ sem confissão e sem Deus,/ crucificado em minhas dores,/ como abraçado a um rancor".[61] Não conhecia a melodia, nem o nome do tango, muito menos o autor, mas sua letra apologética do suicídio, ressentimento e ateísmo despertava nele um curioso fascínio ou identificação.

No quesito esportivo, vale destacar a passagem de Ernesto pelo rúgbi, esporte pelo qual era apaixonado, tanto que, além de praticá-lo, trabalhou como jornalista improvisado, escrevendo crônicas para a revista especializada Tackle. Brincalhão com sua merecida fama de sujo, ele assinava suas reportagens com um pseudônimo que parecia chinês: "Chang-Chong".

Atribuímos sua paixão pelo rúgbi a dois elementos específicos. Por um lado, era natural que os jovens das classes altas praticassem esse tipo de esporte. Por outro, encontramos nele um desejo obsessivo de provar suas habilidades físicas para si mesmo. Ernesto Guevara, tentando vencer a asma, submeteu-se quase masoquistamente a atividades que exigiam grande esforço ou desgaste físico, como jogar rúgbi, onde, naturalmente, devido aos problemas pulmonares, não conseguiu ganhar e realizar o caro sonho de chegar à

primeira divisão: “Às vezes, os amigos o traziam nos braços, porque ele não conseguia mais andar, pela asma, ou colocavam o tubo de oxigênio nele quando se afogava”, conta Julia Constenla.[62] Mas nada o detinha em sua ânsia de submeter-se a esforços desenfreados, o que é mais uma vez confirmado pelo primo Fernando Guevara Lynch: “Tudo o que ele dizia era disparate, exagero, extremismo. Ele queria jogar rúgbi com a terrível asma que tinha e acabava esticado no chão. Ele tinha um desejo desesperado de competir em tudo. Íamos a uma piscina, por exemplo, apostávamos corrida entre primos da mesma idade, todos bons nadadores, e ele diz: — Quero participar.

— Como assim “participar”? Você vai morrer afogado como um porco — digo a ele.

— Cala a boca, seu esnobe de merda (ele sempre dizia isso).

Então, éramos quatro na corrida, todos muito próximos, com Ernesto dez metros atrás. Voltamos juntos e depois chegou Ernestito, vencendo os últimos dez metros! [...] Estava morrendo! Ao chegar, pulou para a beira da piscina. Estava azul...

— Mas por que você faz esse esforço? — pergunto.

— Porque não vão ganhar de mim assim tão fácil”.[63]

Em esportes que exigiam pouco esforço físico, porém, ele apresentava excelentes resultados. O mesmo primo Fernando conta que, no golfe, Ernesto “tinha um handicap de 8 ou 9 pontos. Ele tinha traços muito raros, brilhantes: por exemplo, nos jogos de cartas em que colocamos as cartas de cabeça para baixo e precisamos formar pares, ele fazia 80 pares, e nós, 40”. Em sua outra grande paixão, o xadrez, “ele jogava tão bem que empatou duas vezes com Mieczyslaw Najdorf (o próprio Najdorf me disse isso). Este último foi um grande enxadrista, já falecido, que disputou as Olimpíadas de Munique e que vinha para a Argentina. Ele me disse que Ernesto não sabia absolutamente nada de xadrez, baseando-se na intuição... Tinha alguma noção de defesas e outras jogadas, mas não sabia nada. De qualquer maneira, o cara criava problemas que não eram fáceis de resolver. Uma vez, empatou com ele em dez partidas simultâneas no cassino de Mar del Plata e outra vez empatou em Havana no torneio Capablanca. Meu primo era um sujeito com uma mente estranhamente lúcida, como prova seu sarcasmo. Não era fácil discutir com ele”.[64]

Pelo futebol, esporte por excelência na Argentina, Guevara nunca sentiu uma paixão especial. Quando jogava, era na posição de goleiro; e, embora River Plate e Boca Juniors fossem os clubes que mais dividiam a torcida argentina, apesar de haver importantes clubes de futebol em Córdoba (onde Ernesto morava), em seu afã de diferenciar-se dos demais, Ernesto encontrou nesse esporte popular mais um motivo para chamar a atenção. Como vimos, ele nasceu, por acaso, na cidade argentina de Rosario (localizada a 270 quilômetros de Buenos Aires e à qual raramente voltava), mas na juventude passou a se sentir cordobês, embora Rosario atualmente lhe dedique monumentos e museus para o entretenimento de charlatões e turistas de esquerda. Ernesto, então, percebeu que essa coincidência de nascimento lhe dava condições para escolher ser torcedor de um clube

não de Córdoba, mas de Rosario e, assim, diferenciar-se mais uma vez dos amigos de Alta Gracia. Em Rosario, uma cidade marcadamente futebolista, há dois times principais: Newell's Old Boys e Rosario Central. Os torcedores do primeiro são popularmente apelidados de "os leprosos", os torcedores do segundo, de "os canalhas". Guevara identificou-se com este último apelido: "Indivíduo desprezível e de mau comportamento" é a definição de "canalha" segundo a Real Academia Espanhola.[65]

O verdadeiro prazer de Ernesto, contudo, não estava nos esportes, mas nas viagens, e sua primeira experiência como andarilho foi realizada percorrendo grande parte da Argentina em uma motocicleta, um meio de locomoção precário e não-isento de riscos, que lhe deu a confiança de que podia, apesar da asma, percorrer milhares de quilômetros sem grandes inconvenientes. Assim, ele cruzou as províncias de Salta, Jujuy, Tucumán, Santiago del Estero, Chaco, Formosa, Catamarca, La Rioja, San Juan, Mendoza, San Luis e Córdoba. Seus anseios não se limitavam a demonstrar proeza só para si mesmo, mas para seus colegas. Para este último propósito, seu amigo Carlos Figueroa lembra que Ernesto "fez questão de registrar sua presença em todos os automóveis clubes dos lugares por onde passou".[66]

É nos escritos sobre essa primeira viagem que Guevara faz uma confissão surpreendentemente sombria em seu diário pessoal: "Amadureceu em mim algo que já vinha crescendo como resultado do alvoroço das cidades: o ódio à civilização".[67] Uma confissão marcante! Tal ódio (ao qual tantas vezes fará alusão em seus permanentes escritos auto--referenciais) revela o ressentimento que jazia na alma atormentada do perturbado vagabundo.

Também nessas primeiras anotações de viagem, a morte aparece novamente. Depois de ter um problema com sua motocicleta, um motociclista que passava em uma vistosa Harley Davidson se oferece para rebocá-lo. Ernesto recusa a ajuda e alguns quilômetros depois, em Rosario de la Frontera, descobre que o piloto da impressionante motocicleta havia morrido em um acidente. Seu comentário é hilariante: "Saber que um homem anda à procura de perigo, sem sequer o vago aspecto heróico da façanha pública, vindo a morrer sem testemunhas em curva qualquer, faz com que esse desconhecido aventureiro pareça ter um vago fervor suicida".[68] Por suas palavras, parece que o problema para Guevara não era morrer, mas morrer "sem testemunhas" e desprovido de conteúdo "heróico". Observemos que a morte prematura de Guevara em 1967 ficou conhecida em todo o mundo (ele teve milhões de testemunhas), seus partidários a consideram "heróica" e ele foi "crivado de balas" (como seu poema citado acima diz textualmente). Mais uma vez, suas narrativas destacam um Guevara que prenuncia a morte desde muito jovem e que... sempre a procurou? Em todo caso, não uma morte cinzenta, opaca ou clandestina, mas com as características quixotescas indicadas: a morte que Ernesto Guevara de la Serna buscaria para si deveria ser "fora de série".

Capítulo II:
De peregrino a revolucionário

O mochileiro despreocupado

Ao chegar à idade universitária (1947), o jovem Ernesto passou brevemente pela faculdade de engenharia, mas acabou decidindo estudar medicina, carreira que jamais lhe havia despertado interesse. No entanto, tudo indica que a asma e a autoconfiança o fizeram fantasiar que, se estudasse a fundo essa ciência e patologia, talvez pudesse "autocurar-se" dessa doença tão incômoda, uma hipótese não despropositada, considerando que, mais tarde, ele próprio teria se especializado em alergias.

Ele foi estudar, então, na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, tendo que se mudar de Alta Gracia para a capital da Argentina e começar uma nova vida, na qual, para pagar seus estudos, incorreu na tediosa novidade de ter que trabalhar, hábito ao qual Ernesto Guevara não era muito afeito. A experiência desagradável não durou muito; na verdade, ele raramente teve um emprego remunerado estável, até servir ao regime cubano. E graças à amizade com o prefeito de Buenos Aires, seu pai lhe arranjou um trabalho: "Ernesto Guevara Lynch não hesitou em fazer o que ele e sua família condenavam com tanta veemência nos outros: recorrer à influência política para obter um cargo no odiado governo (presidido por Juan Perón). E o filho incorruptível não hesitou em aceitar o cargo assim obtido, embora admitisse abertamente que era uma sinecura", detalhou incisivamente o biógrafo britânico Daniel James.[69]

Foi durante as férias de verão de 1952, porém, que o animado Ernesto Guevara realizou aquela que foi, até aquele momento, sua mais ambiciosa aventura turística: partindo do balneário de Miramar com o amigo Alberto Granado (apelidado de Mial, abreviação de mi Alberto, "meu Alberto"), um estudante de medicina e farmacologia, dispôs-se a percorrer parte da América Latina em uma precária motocicleta (essa aventura, décadas depois, foi transformada em grotesco filme, com tom apologético e sentimental).[70]

Ao chegar ao Chile, os alimentos e suprimentos haviam acabado. Guevara, que seus amigos apelidaram de el pelao ("o careca", pois, na época, ele usava um corte de cabelo rente), desde então se gabaria em seu diário pessoal de viver e comer à custa dos outros (hábito que sempre o caracterizou), autodefinindo a dupla errática como "parasitas motorizados",[71] até que a precária motocicleta finalmente quebrou e ambos ficaram a pé: "Até certo ponto, éramos os senhores da estrada. Pertencíamos à rançosa aristocracia 'vadia'", mas depois do infortúnio, eles foram obrigados a viajar pedindo carona por Valparaíso. "Já não éramos mais do que dois vagabundos",[72] escreveu o itinerante Guevara.

No país transandino, os viajantes tomaram um banho com sabonete nas águas mornas

do lago Esmeralda: "Até o pelao tomou banho",[73] escreveu Granado, com espanto, em seu respectivo diário pessoal.

Dessa viagem faz parte um escrito de Guevara que, mais uma vez, revela uma espécie de violência latente e falta de paz de espírito: "Tingirei de sangue minha arma e, louco de fúria, degolarei todos os vencidos que caírem em minhas mãos. Já sinto minhas narinas dilatadas desfrutando do cheiro acre de pólvora e sangue, de morte inimiga".[74] A que inimigo ele dedicou tal parágrafo se não passava de um improvisado entusiasta do turismo informal, cuja única luta era contra a asma? Será que, mais tarde, Ernesto veio a fabricar tais rivais para poder "tingir de sangue sua arma" e assim descomprimir catarticamente seu tormento interior? A verdade é que, enquanto a dupla peregrinava pela América Latina, Guevara não manifestou a menor inquietação ou preocupação com questões políticas. Além disso, ratificando sua condição de excursionista errático, escreve da Venezuela ao pai o seguinte: "De fato, tenho um espírito andarilho, o que me leva a pensar em percorrer a Índia e a Europa depois desta viagem".[75] E durante tal errância turística, longe da consternação pela situação de vida dos "povos pré-colombianos" ou pelas "minorias negligenciadas" que seus amáveis apologistas tentam impingir a eles, o próprio Guevara descreveu os índios como "uma massa disforme de seres adormecidos, embrutecidos com coca e álcool".[76] Durante a estadia na Venezuela, observou: "Os negros, os mesmos magníficos espécimes da raça africana que mantiveram a pureza racial graças ao pouco apego que têm ao banho, viram seus reinos invadidos por um novo tipo de escravo: os portugueses. E as duas velhas raças começaram uma dura vida em comum, cheia de rinhas e mesquinhezes de todos os tipos. O desprezo e a pobreza os unem na luta diária, mas a forma diferente de encarar a vida os separa completamente; o negro, indolente e sonhador, gasta seus pesos em qualquer frivolidade ou bebida; o europeu tem a tradição de trabalhar e poupar, que o acompanha até este canto da América e o incentiva a progredir, independentemente de suas aspirações individuais".[77] E é nessa mesma viagem e nesse mesmo diário (durante a estadia no Peru) que Guevara revela sua opinião sobre a homossexualidade: "Naquela noite, houve uma festa familiar que resultou em uma briga séria com o Sr. Lezama Beltrán, um espírito infantil e introvertido, que provavelmente era viado. O pobre homem estava bêbado e desesperado porque não tinha sido convidado para a festa, então começou a xingar e gritar até ser espancado, ficando com o olho roxo. O episódio nos doeu, porque o coitado, apesar de ser um pervertido sexual e um chato de galocha, tinha se comportado bem conosco, dando dez sóis para cada um", situação que, mais tarde, serviu de base para ele expressar sua opinião sobre os judeus: "O primeiro atingido foi o alcaide, um tal Cohen, que nos disseram ser judeu, mas bom rapaz; não havia dúvida de que ele era judeu, mas bom rapaz eu não garanto".[78]

Embora Guevara não fosse escritor e apenas tomasse notas amadoras de natureza auto-referencial, sem dúvida seus escritos denotam sagacidade e elegante ironia quase permanente. Diz Sebreli: "Geralmente, os aventureiros são escritores que usam suas experiências como matéria-prima para suas obras: Lord Byron e a revolução italiana ou a emancipação da Grécia; Thomas Edward Lawrence e a guerra dos árabes; André Malraux e a Guerra Civil Espanhola ou a Segunda Guerra Mundial. Che pode ser adicionado a esta

lista. Embora não tenha tido tempo para transformar-se em um escritor de fato, era um leitor ávido; ocasionalmente, escrevia poemas e contos e, incansavelmente, um diário pessoal, desde as primeiras viagens juvenis até as dramáticas aventuras africanas e bolivianas".[79] É evidente que Guevara sentia a necessidade de escrever detalhadamente o que vivia ou, o que é mais provável, viver aquilo que merecia ser escrito.

Em suma, a extensa viagem começa na cidade litorânea de Miramar, na província de Buenos Aires, e vai do Chile ao Peru, passando pelas principais cidades, continuando depois para o Brasil e Venezuela. Guevara chegou a passar quase vinte dias em Miami, devido às peripécias do caminho. A aventura terminou em agosto de 1952, quando voltou à Argentina com o objetivo de concluir seus estudos superiores em medicina.

Ernesto voltou sozinho, pois Granado ficou trabalhando em um leprosário no Peru. Guevara voltou à Argentina com a promessa de formar-se em medicina o mais rápido possível e retornar ao leprosário para trabalhar com o amigo.

O retorno de Ernesto à Argentina ocorreu em um clima político rarefeito, devido ao "luto obrigatório" imposto pela ditadura de Juan Domingo Perón para glorificar, em infindáveis homenagens governamentais, a esposa, Eva Duarte, que acabava de falecer, aos trinta e três anos de idade, no dia 26 de julho de 1952.

É impressionante que um sujeito supostamente apaixonado pela luta política (que é a imagem popularmente vendida de Guevara), em um dos momentos mais tensos da agitada vida política argentina, quando o peronismo e o antiperonismo dividiam a sociedade com ódio, não tenha participado minimamente, mesmo desenvolvendo-se em um dos ambientes de maior resistência à ditadura de Perón, a universidade. Jamais pintou muros, distribuiu panfletos ou dedicou-se a qualquer militância. E não escreveu uma única linha sobre o assunto: "Quando comecei a estudar medicina, a maioria dos conceitos que tenho como revolucionário estavam ausentes no armazém das minhas idéias", reconheceu anos depois.[80] De fato, naquela época, suas inclinações eram o aventureirismo, a preguiça e o desinteresse pelos assuntos políticos, atributos estranhos em alguém que, mais tarde, teria destaque político em escala global. O biógrafo mexicano Jorge Castañeda assinala que, "nas dezenas de cartas escritas a seus pais após sua primeira viagem ao exterior [...] destaca-se a omissão radical de comentários ou apreciações de qualquer tipo sobre a situação (política) do momento".[81] Sua namorada na época, a já mencionada Chichina, lembra: "Comigo, pelo menos, ele não comentava nada de política".[82] Sua irmã, Ana María Guevara de la Serna, sobre a posição com relação ao peronismo, confirma que Ernesto "não tomou partido nem a favor nem contra. Permaneceu como se estivesse à margem".[83] Seu amigo José María Roque lembra que "nem todo mundo gostava de discutir política, mas nunca vi Guevara (assumir um compromisso) em nenhum sentido".[84] E, como se não houvesse registros do desinteresse de Ernesto por esses assuntos, vale expor sua própria confissão: "Não tive preocupações sociais na adolescência, nem participei de lutas políticas ou estudantis na Argentina".[85]

Naqueles dias, o despolitizado Guevara era, sobretudo, um encrenqueiro, cujo principal objetivo nas discussões políticas era semear a discórdia, e é assim que até seu biógrafo e devoto Jon Lee Anderson o caracteriza: "Quando Ernesto expressava uma posição política, geralmente era uma provocação destinada a escandalizar os pais ou amigos".[86]

Ernesto não foi reconhecido como antiperonista, muito menos como peronista, e se quisermos encontrar vínculos com as idéias de esquerda, além daquelas vagas influências sentimentais que encontramos em sua infância, também não encontraremos a menor preocupação concreta em seus anos universitários. Sua amiga Tita Infante (da Juventude Comunista) tentou fazer com que ele se interessasse pela militância e não teve sucesso. Vale dizer que o estudante Guevara não participou de nenhuma agitação e nunca fez parte do grêmio estudantil, mantendo-se ausente das discussões em voga: permaneceu alheio aos debates em torno do marxismo, não soube do surgimento de uma nova esquerda não-estalinista, nem se interessou pelos pensadores pós-marxistas em voga na época, como Lukács, Gramsci, Sartre, Merleau-Ponty ou pelos referentes emblemáticos da escola de Frankfurt, como Adorno, Horkheimer ou Marcuse. Só na lista das últimas leituras de sua vida alguns desses novos autores aparecem, mas sempre de modo tardio, apressado, fragmentado e inoportuno.

A incipiente politização

Supostamente, em abril de 1953, Ernesto formou-se como médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Dizemos supostamente porque não são poucos os que alegam que Guevara nunca se formou ou pelo menos nunca fez residência médica em Buenos Aires (requisito essencial para o exercício da profissão), como é o caso do biógrafo cubano Enrique Ros, que, para documentar essa polêmica em seu livro, solicitou, por meio de cartas insistentes, uma cópia do título à Universidade de Buenos Aires, sem sucesso na resposta.[87] Em sentido contrário, o mais fervoroso devoto de Guevara, o biógrafo mexicano Paco Ignacio Taibo II (espécie de presidente do "Guevara Fans Club") menciona em sua hagiografia idólatra a data, a hora, o arquivo, o fólio, o diploma e todos os detalhes da emissão do suposto título, mas sem exibir ou mostrar qualquer dado que o comprove e sem sequer mencionar qualquer fonte.

Não vamos entrar nessa discussão, mas fato é que, diplomado ou não, o médico aparentemente recém-formado, longe de estar entusiasmado com sua nova profissão, decide lançar-se mais uma vez em viagens turísticas pela América Latina, embora com a desculpa inicial de ir trabalhar no leprosário do Peru (já visitado em sua viagem anterior), onde o amigo Granado havia se instalado e estava trabalhando.

Antes disso, Guevara teve que resolver um dilema que o castigava. Naquela época, ele estava dividido entre o namoro com Chichina e a paixão por excursões. A especulação não podia ser adiada por muito mais tempo, e Ernesto teve que tomar uma decisão. O espírito de aventura foi mais forte do que qualquer outra coisa e, meses antes de partir, definiu claramente sua posição à noiva através da seguinte epístola: "Sei que te amo e o

quanto te amo, mas não posso sacrificar minha liberdade interior por você, pois isso seria sacrificar a mim, e eu sou a coisa mais importante do mundo, já lhe disse".[88] Para além da decisão pessoal, há na nota um traço que contradiz totalmente o espírito altruísta e abnegado que seus apologistas lhe tentam atribuir, um conceito mais para os mantras superficiais de auto-ajuda, como nos romances praianos de Ayn Rand ou na obra de Deepak Chopra, do que para o coletivismo socialista: "Eu sou a coisa mais importante do mundo".

Livre dos estudos universitários e do relacionamento afetivo, Ernesto partiu de trem para a Bolívia, com apenas 700 dólares no bolso e da estação de Retiro, na cidade de Buenos Aires, dessa vez com um novo companheiro de viagem, Calica Ferrer: "O nome do companheiro mudou: agora Alberto (Granado) chama-se Calica. De qualquer maneira, a viagem é a mesma: duas vontades dispersas que se lançam pela América sem saber bem o que procuram ou qual é o norte".[89] Com essas palavras, Ernesto Guevara de la Serna inaugurava seu diário em sua segunda viagem pela América Latina. Uma curiosidade nessa partida foi o fato de que os parentes de ambos os viajantes foram se despedir deles com as roupas elegantes de sempre, e ali na estação produziu-se um evidente contraste social em um ambiente extremamente humilde de outras pessoas que estavam indo para despedir-se do restante dos passageiros do vagão (composto principalmente por aborígenes bolivianos), e Guevara registrou isso em seu diário, comentando sobre "o estranho olhar das pessoas de segunda classe diante da profusão de roupas boas, casacos de pele etc., para dizer adeus a dois esnobes de aparência esquisita e cheios de bolsas volumosas".[90] Isso porque as passagens compradas por Ernesto e seu amigo Calica eram as mais baratas do trem, e Guevara não conseguiu esconder seu desconforto por ter que dividir o vagão com pessoas de nível tão baixo: "Neste tipo de trem existe uma terceira classe para os índios da região; o vagão deles é simples, usado para transportar gado da Argentina, só que o cheiro do excremento de vaca é muito mais agradável do que o do cocô humano, e o conceito um tanto animalesco de modéstia e higiene que têm os indígenas permite que eles façam suas necessidades (independente de sexo ou idade) na beira da estrada, as mulheres se limpem com as saias e os homens com nada, continuando como se nada tivesse acontecido. As combinações de índias com criancinhas são verdadeiros depósitos de substância excrementícia, produto da limpeza que realizam no menino toda vez que ele mexe o ventre". Em outro trecho referente aos índios, ele também lamentou que esse "fedorento e mísero rebanho exale um fedor poderoso, mas quentinho".[91] Menos cruel foi seu companheiro Calica, que, em seu diário, minimizou o espanto com o comentário: "Estávamos em assentos de segunda categoria, mas na companhia de pessoas mais divertidas".[92]

A verdade é que o novo médico Ernesto Guevara de la Serna, vinte e cinco anos, especialista em pele, presumia ir para a Bolívia para de lá continuar para o Peru, mas, no fundo, ele sabia que não tinha destino previsível ou rumo fixo.

De fato, por um motivo ou outro, Guevara não se estabeleceu em Lima e de lá viajou para o Equador, continuando por Caracas, Panamá e Costa Rica. As peripécias das

viagens, a falta de metodologia, as contingências, a inclinação boêmia e a natureza nômade levarão o viajante a acabar sem um tostão em Manágua. O pai, sabendo da miséria do filho e que ele havia vendido seu único terno para sobreviver, enviou-lhe uma carta oferecendo-lhe dinheiro, mas Ernesto, já médico e à beira da maioridade, dessa vez resistiu a viver à custa dos pais e respondeu: "Suponho que a esta altura você vai perceber que não vou pedir dinheiro, mesmo que esteja morrendo, e se uma carta minha não chegar no momento esperado, você terá que ser paciente e esperar. Às vezes, não tenho nem para o selo, mas estou dando um jeito de sobreviver [...] de agora em diante, não vou responder mais a um telegrama como este".[93] Mas Ernesto pai insistiu e mandou fazer um elegante conjunto de terno, paletó e gravata. A resposta do filho foi implacável: "Como valem pouco as roupas argentinas: só me deram cem dólares pelo que você me mandou!"[94]

Àquela altura, as necessidades aumentavam e muitas vezes a dupla não tinha um tostão nem para comer: "Quando não tinha asma, conseguia engolir qualquer quantidade de comida e virava um troglodita. Ernesto era como os camelos: levava consigo a reserva", recorda Calica.[95]

Depois de vagar insolvente pela América Central e juntar-se a outros contingentes de aventureiros que pululavam à deriva, finalmente, no dia 24 de dezembro de 1953, Ernesto foi encorajado a viajar para Guatemala, país para o qual viajou de gaiato, graças a algumas passagens que lhe conseguiram em um cargueiro da United Fruit, navio que fez escala em vários portos e onde,[96] apesar do mar agitado, ele não passou tão mal durante a viagem: "Quase todos os passageiros começaram a vomitar. Fiquei do lado de fora, com uma pretinha, a Socorro, que eu tinha pegado, bem piranha, apesar de ter só dezesseis anos".[97]

E embora a hagiografia oficial tente sugerir que Guevara foi para a Guatemala atraído pela "aura de uma revolução social em formação" (que o presidente esquerdista Jacobo Arbenz estaria fermentando naquele país), a verdade é que ele viajou para lá por tédio e porque não tinha mais o que fazer: "Planos desfeitos e refeitos, angústia econômica", escreveu ele em seu diário, acrescentando: "Tudo isso é fruto de uma brincadeira feita ao passar por García: 'Rapazes, por que vocês não vão conosco para a Guatemala?' A idéia já existia, faltava esse empurrãozinho para eu me decidir".[98]

Foi nesse país que Ernesto conheceu o amigo Ricardo Rojo, que, por sua vez, o apresentou a Hilda Gadea, ativista peruana da ala ultra-esquerdista da APRA . Hilda tinha muitos contatos com agentes marxistas na América Latina e estava lá na Guatemala apoiando o já citado regime pró-comunista do coronel Arbenz, em feroz desacordo com seus opositores em plena guerra civil. A primeira impressão que a jovem agitadora teve da dupla argentina foi a seguinte: "Tinham cerca de vinte e cinco anos, eram magros e altos, com cerca de 1,77 m de altura. Guevara era muito branco e pálido, de cabelos castanhos, olhos grandes e expressivos, nariz curto, traços regulares, no geral muito bonito [...] notei que tinha um olhar inteligente e observador e seus comentários eram muito afiados [...] deu-me a sensação de ser um pouco auto-suficiente e vaidoso [...]. Como muitos latino-

americanos, eu desconfiava dos argentinos".[99] A moça não tardará a insinuar-se para Ernesto. Ele acusa o recebimento e com zero cavalheirismo escreveu: "Hilda Gadea declarou seu amor por mim de forma epistolar e prática. Eu estava com bastante asma, senão talvez a tivesse comido. Eu a avisei que tudo o que eu poderia lhe oferecer era um contato casual, nada definitivo. Ela pareceu muito envergonhada. A cartinha que ela me deixou quando partiu é muito boa, pena que seja tão feia. Ela tem vinte e sete anos".[100]

Porém, Ernesto, carente de afeto, sem dinheiro, com freqüentes crises de asma, encontra seu único refúgio em Hilda, que sempre resolvia seus problemas financeiros e lhe proporcionava alívio genital. Assim, o radicalismo ideológico de Hilda começa a influenciar e forjar nele uma perigosa e acelerada politização em direção ao marxismo.

Como foi dito algumas páginas atrás, Guevara teve influências familiares ou de amigos de cunho esquerdista desde jovem, mas, na verdade, em sua juventude e anos de faculdade, ele não ligava para política. Sua adesão e inclinação para as posições marxistas surgiram quando ele já era mais velho, e foi depois de conhecer essa garota que ele começou a definir sua ideologia de forma mais séria e detectável.

Na Guatemala, através de Hilda, Ernesto vinculou-se a agentes de esquerda, e tudo indica que ele também se sentia confortável nesse lugar: "O único país que vale a pena na América Central é este, embora sua capital não seja maior que Bahia Branca e esteja tão adormecida quanto ela",[101] escreveu em uma carta à mãe (dezembro de 1953), a que se acrescentou o fato de que, apesar da vida muito parcimoniosa que levava, Guevara tentava se virar para ter uma sobrevivência aceitável: "Um peso diário para dar aula de inglês (espanhol, digo) para um gringo e trinta pesos por mês para ajudar com um livro de geografia que um economista daqui está escrevendo. Ajudar significa digitar e passar dados. Total: cinqüenta pesos. Se considerarmos que a pensão é quarenta e cinco, que não vou ao cinema e que não preciso de remédios, é um salariozão",[102] escreveu em fevereiro de 1954, embora, mesmo com esse "salariozão", ele acabe fugindo da pensão em que estava hospedado após vários meses de aluguel atrasado.

Apesar da austeridade em que vivia e da tensa conjuntura política, nada impediu Ernesto de visitar áreas e países vizinhos, como El Salvador ou Porto Rico, no tempo livre e conhecer ruínas arqueológicas, onde ficava evidente que seu afã de turista em trânsito estava mais vivo do que nunca: "A América será o palco das minhas aventuras",[103] escreveu à mãe, e é nessa mesma carta que ele menciona pela primeira vez a relação com Hilda Gadea: "Ela tem um coração de ouro, sua ajuda faz-se sentir em todos os atos da minha vida cotidiana (a começar pela pensão)", confessou.[104]

É nesse cenário de uma Guatemala revirada que Guevara foi testemunha casual da guerra civil que ali se travava, com intervenção dos Estados Unidos, uma vez que Arbenz acabara de roubar do país do norte, valendo-se do eufemismo de "expropriação", 84 mil hectares (avaliados em 15 milhões de dólares) da empresa norte-americana United Fruit. E para defender-se de seus adversários, o polêmico presidente também comprou

armamento do Leste Europeu,[105] que foi usado sem escrúpulos: só no último mês do regime de Arbenz, mais de mil pessoas foram mortas pela Tcheka, a polícia secreta bolchevique.[106]

Em 18 de junho de 1954 (Ernesto acabara de completar vinte e sete anos), o general Castillo Armas, à frente do Exército de Libertação Nacional e em meio a um bombardeio aéreo, entrou na Guatemala com o propósito deliberado de derrubar Arbenz. Guevara presenciou tudo e, longe de angustiar-se com a "reação imperialista", descreveu o que presenciou em tom de brincadeira em carta à mãe: "Eu me diverti à beça esses dias. Aquela sensação mágica de invulnerabilidade... Dava-me um prazer danado ver as pessoas correndo desesperadas assim que os aviões chegavam... Tudo muito legal, com direito a tiros, bombas, discursos e outros detalhes".[107] Em meio às mortes, às bombas, aos mutilados, às crianças massacradas e a toda a infelicidade inerente à guerra, Guevara sentia-se o homem mais feliz e bem-humorado do mundo. Esses estranhos prazeres e diversões confessados pelo protagonista deste livro permitem classificá-lo como um sujeito que, no mínimo, beirava a anormalidade.

No entanto, além dos aspectos "divertidos" do bombardeio, é verdade que Guevara estava do lado do governo, definindo a Arbenz como "um sujeito valente".[108] Além disso, é nesse contexto que ele começa a revelar abertamente sua desconfiança quanto à liberdade de imprensa: "Na Guatemala, há cada jornal! Se eu fosse o Arbenz, não tardaria em fechá-los, porque são uma vergonha. Cada um diz o que bem entende".[109]

Arbenz foi finalmente derrubado, ficando famosa a repreensão de Guevara ao presidente deposto por ter matado pouco: "Deveria ter havido algumas execuções em tempo", lamentou Ernesto.[110] E embora as biografias de Guevara sempre se encarreguem de dar à derrocada de Arbenz uma conotação impopular e "oligárquica", é o próprio Ernesto que reconheceu que o governo não teve apoio popular: "Quase ninguém lutou... quase ninguém quis lutar",[111] acrescentando que, no dia em que Castillo Armas entrou na cidade, "o povo o aplaudiu muito",[112] sublinhando, assim, o apoio da população à rebelião anticomunista. Em conclusão, a imagem que Guevara tinha de Arbenz desmoronou: "Ele não conseguiu estar à altura da ocasião; os militares ficaram morrendo de medo"[113] (carta para sua mãe, 4 de julho de 1954). Mas, além desses comentários soltos, a verdade é que nada do que aconteceu comoveu Guevara: "Dois dias cheios de acontecimentos políticos, embora, pessoalmente, não tenham significado muito para mim", confessou sem angústia.[114] Para piorar, havia sido prometido a ele uma pequena nomeação burocrática naquele país, mas a derrubada de Arbenz estorvou a conspiração e esse foi o principal motivo pelo qual Guevara lamentou o golpe: "Eu já tinha meu empreguinho, mas o perdi imediatamente, de modo que estou como no início", escreveu Ernesto à mãe na já citada carta de 4 de julho.[115]

Por fim, o coronel deposto fugiu e refugiou-se na Tchecoslováquia comunista, até que, em 1960, mudou-se para a Cuba de Castro, onde se fixou: pelos locais de residência

escolhidos, é evidente que Arbenz não se sentia muito à vontade nos países com liberdade.

Após a turbulência na Guatemala, Guevara fez uma viagem a passeio a El Salvador desta forma: “Parte a pé, parte de carona e parte (que vergonha) pagando”.[116] Em seguida, voltou para a Guatemala e, longe de alistar-se em qualquer causa ideológica, muito menos revolucionária, insistiu nos escritos sobre suas paixões erráticas: “Persiste em mim o aroma de passos errantes”.[117]

A errância inquieta do transeunte inquieto estava em voga, e da conturbada Guatemala (onde sofreu alguns pequenos contratempos administrativos) partiu para o México, onde sua biografia apresenta um ponto de inflexão: nas terras astecas, Ernesto se relaciona pela primeira vez com exilados ativistas cubanos, muitos dos quais haviam participado do famoso assalto ao quartel Moncada em 26 de julho de 1953, na cidade de Santiago de Cuba, local onde ficava a sede do Primeiro Distrito Militar desse país, na tentativa de derrubar Fulgencio Batista, um presidente militar populista que exercia um poder desacreditado em Cuba.

E enquanto se consolidavam esses contatos com os cubanos, entre outras atividades informais para sobreviver, Ernesto dedicava-se a tirar fotos nos parques com um novo amigo (Cáceres Valle), apelidado de El Patojo: “Conhecemos toda a cidade do México, andando de ponta a ponta para entregar as fotos ruins que tirávamos. Brigamos com todo tipo de cliente para convencê-los de que o menininho fotografado realmente tinha ficado muito fofo e que valia a pena pagar um peso mexicano por aquela maravilha”, contou ele.[118] E em carta à mãe, em novembro de 1954, detalhou outros aspectos de seu modus vivendi: “Não tenho feito nada de novo. A fotografia continua dando para viver e não há esperanças muito sólidas de que pare em pouco tempo, apesar de eu trabalhar todas as manhãs no departamento de pesquisa de dois hospitais daqui [...] à tarde e aos domingos me dedico à fotografia e à noite estudo um pouco [...]. Acho que já te contei que estou em um bom apartamento e que eu mesmo estou cozinhando”, acrescentando uma informação positivamente nova de sua vida pessoal: “Além de tomar banho todos os dias graças à água quente à vontade que existe. Como você pode ver, estou mudado nesse ponto. No resto, continuo igual, porque mal lavo minha roupa e ainda não tenho dinheiro para pagar a lavanderia”.[119] Em outra carta, datada de 29 de novembro, Guevara escreveu à amiga Tita Infante o seguinte: “Quando chega o fim do mês, tenho de fazer malabarismos e jejuar para ficar quite”, fazendo uma confissão pessoal muito curiosa: “A única coisa que fiz foi fugir de tudo o que me incomodava” (será que a insistente errância era um escapismo psicológico?). Na mesma mensagem, ele acrescenta: “Continuo calmamente minha peregrinação, aonde quer que os acontecimentos me levem”, e insiste no desejo de conhecer a Europa: “Ganho a vida tirando foto de crianças melequentas na praça e fazendo relatórios para os caras que aparecem por aqui [...]. A boa recepção científica deu-me otimismo médico e comecei a trabalhar à beça em alergias, gratuitamente, para um hospital”.[120]

E por que Guevara não se dedicava integralmente a consolidar a profissão em vez de

“bicar” diversos hobbies inconseqüentes em meio a uma vida de preguiça e folga? Ele mesmo responde, escrevendo o seguinte: “Não decidi tomar a atitude determinada que deveria ter tomado há muito tempo, porque no fundo (e na superfície) sou um completo vagabundo [...] nem sei se serei um ator ou um espectador interessado na ação”.[121]

Sua vida afetiva no México também foi marcada pela inconseqüência. “Nas relações públicas, continuo mais ou menos igual: sem ter feito nenhuma amizade intelectual ou sexual que valha a pena”, escreve ele em seu diário.[122] Apesar dessa falta de entusiasmo e motivação, no início de 1955, a relação com Hilda Gadea foi se fortalecendo gradualmente, não tanto por sentimento genuíno, mas por cálculo e conveniência. Ernesto precisava dela como instrumento de sustento e foi então ele que deu à namorada e financista um exemplar da famosa obra argentina Martín Fierro (de José Hernández), com uma dedicatória particularmente impiedosa: “A Hilda, para que no dia da nossa separação, você se lembre da minha ambição rumo a novos horizontes e do meu fatalismo militante. Ernesto. 20/01/55”.[123] Guevara sabia que essa relação não tinha futuro, já que Hilda Gadea não era um exemplo de beleza física e até ele zombava da feiúra da companheira em seus apontamentos. O primo Fernando Guevara Lynch lembra que “ele se casou com a peruana porque precisava de uma enfermeira para a asma. Essa mulher sabia um pouco de enfermagem, e Ernesto ficou com ela. Certa vez, quando a vi entrando em uma fazenda da família (na Argentina), pensei que fosse uma empregada doméstica e a fiz passar pela porta de serviço. Ela era como uma espécie de múmia ambulante”.[124]

De fato, a relação tinha traços de instabilidade, e, depois de uma daquelas brigas acirradas por ciúmes, Guevara detalhou em seu diário: “Com a Hilda acho que finalmente terminei, depois de uma cena de melodrama. Estou gostando de uma garota que é química. Ela não é muito inteligente e é bastante ignorante, mas tem um frescor agradabilíssimo e uns olhos lindos”.[125] No entanto, a situação econômica de Ernesto continuou muito precária, de modo que o namoro interesseiro com Hilda teve prosseguimento: “Ele tratava muito mal a mulher, não se preocupava em tratá-la bem, mas ela o adorava”, lembra Miguel Sánchez (El Coreano), futuro instrutor militar de Fidel Castro.[126]

E o que mais uma vez fica evidente é que Guevara não havia saído da Guatemala para o México transformado em “revolucionário inveterado” (como enfatizam seus santificadores) e sua intenção não era outra senão continuar vagando despreocupadamente pelo mundo: “Meu norte imediato é a Europa e a Ásia. Como? Esses são outros quinhentos”, escreveu em uma carta enviada aos pais.[127] Mas esta não foi uma frase isolada extraída de uma epístola perdida. Seu desejo não era fazer nenhuma revolução, mas ir a qualquer lugar como explorador autodidata, como evidenciam as cento e sessenta e uma referências a viagens possíveis ou hipotéticas nas cartas escritas a seus familiares e amigos nos dois anos em que viveu no México.[128] Guevara tampouco tem o menor entusiasmo pela medicina, e seus estágios pro bono não lhe despertavam nenhum interesse: “Passo o dia inteiro falando de doenças e de como curá-las. Claro que

não curo nada”, escreveu ao pai, e em outra carta à amiga Tita Infante reconheceu: “Cientificamente, sou um fracasso”.[129]

E esse afã peregrino por qualquer projeto medicinal ou aventura insurrecional era tão preponderante, que, para conseguir dinheiro a fim de cumprir seus reanimados programas de férias, fez um excessivo esforço interno e tomou a decisão de trabalhar em algo um pouco mais sério, pelo menos por alguns dias, cobrindo um evento esportivo. Foi então que conseguiu um emprego como fotógrafo da Agência Latina, uma “monstruosidade peroniana”,[130] como ele mesmo observou, financiada justamente pela ditadura de Perón da Argentina, que estava registrando os Jogos Pan-americanos: “Todo esse trabalho devia ter sua pequena compensação monetária na forma de uns $ 4.000 que me corresponderiam depois de tanto trampo”, escreveu.[131] O pagamento demora a ser feito, mas quando os honorários atrasados finalmente chegam, Guevara, sem lerdeza nem preguiça, corre até a primeira agência de viagens para reservar uma passagem para a Espanha. Infelizmente, pagaram-lhe apenas metade do que esperava e isso não era suficiente para atravessar o Atlântico.[132]

A viagem frustrada às terras do generalíssimo Franco obrigou-o a permanecer no México. E foi nesse enfadonho ínterim, em que Guevara ansiava por substituir seu malfadado êxodo para a Europa por um novo passatempo, que, no mês de junho, lhe foi apresentado outro grupo de cubanos recém-chegados, entre os quais Raúl Castro: um líder estudantil que acabava de sair da prisão em Havana.

Poucos dias depois, chegou também ao México seu enigmático irmão Fidel, e então Raúl levou Ernesto para um jantar na casa de amigos em comum com o intuito de apresentá-los. Aconteceu então, em uma memorável noite de julho de 1955, durante um jantar, que Ernesto Guevara conheceu Fidel Castro.

Até então, Ernesto Guevara de la Serna, mais que um guerrilheiro em construção, era essencialmente um fotógrafo ambulante, um médico ruim e mal pago, um exilado de lugar nenhum, um namorado sem entusiasmo, em suma: um caminhante ocasional.

Um guerrilheiro em construção

O advogado cubano Fidel Castro Ruz (nascido em 1926), quando era muito jovem, havia participado dos atos de vandalismo na Colômbia conhecidos como “El Bogotazo”, em 1948, e foram muitos os que, na época, o vincularam à morte do legendário sindicalista Jorge Gaitán.[133] Fidel também trazia na bagagem o passado menos violento de ter sido um ator frustrado, tendo trabalhado pela primeira vez como figurante em dois filmes rodados no México. O primeiro, Holliday in Mexico, de George Sidney (comédia musical de 1946); o segundo, do mesmo ano, a comédia Easy to Wed, com Lucille Ball. Suas habilidades não eram suficientes para triunfar no exigente universo da atuação, mas ele tinha talento de sobra para enganar as pessoas no mundo político caribenho, onde se movia com notável astúcia: era um charlatão histriônico de feições arrogantes, ousadas e

sedutoras, com poucos escrúpulos e formação ideológica difusa e confusa.

Na década de 1950, Fidel já era um militante ascendente do "Partido Ortodoxo" de Cuba, que nada tinha a ver com o comunismo. Na verdade, o Partido Comunista da ilha (PSP) simpatizava com Batista e, graças a isso, tinha chegado a colocar ministros e funcionários no gabinete do governo.

O antecedente político mais próximo e relevante de Fidel até aquele momento havia sido precisamente em 1953 (26 de julho), quando ocorreu o referido assalto ao quartel Moncada, um frustrado golpe de comando liderado pelo próprio Castro. O ataque fracassou, e Fidel foi preso e condenado a quinze anos de prisão, mas alguns meses depois, em 15 de maio de 1955, Batista teve pena daqueles que eram seus conspiradores e concedeu indulto a Castro e seus seguidores. De sua sentença de quinze anos, Fidel cumpriu apenas um ano e meio. Os indultados foram para os Estados Unidos e depois para o México. Àquela altura, a fama de bravura por atacar o quartel e pelos meses de prisão suportados haviam rendido a Fidel o mais profundo respeito em vários círculos antibatistas que atuavam dentro e fora de Cuba.

Finalmente, Fidel Castro chegou ao México em 7 de julho de 1955. O quase um ano e meio de prisão que cumpriu não intimidou nem a ele nem a seus seguidores, e eles imediatamente começaram a reorganizar a luta a partir dali para redobrar a aposta em relação ao indulgente regime de Fulgencio Batista, que acabava de beneficiar com liberdade os mesmos guerrilheiros que haviam atacado seu governo.

Na noite em que Fidel e Ernesto se conheceram (em um jantar na casa de María Antonia González,[134] outra exilada cubana), a simpatia entre eles foi mútua e instantânea, ou pelo menos foi assim que o próprio Guevara escreveu em seu caderno: "Um acontecimento político é ter conhecido Fidel Castro, o revolucionário cubano, rapaz jovem, inteligente, muito seguro de si e de uma audácia extraordinária; a simpatia entre nós foi mútua".[135]

No entanto, outras testemunhas diretas da época sustentam que a amizade na dupla não era horizontal, mas que havia um vínculo de servilismo e submissão de Ernesto em relação a Fidel. Segundo Lázaro Guerra (militante dos movimentos revolucionários em Cuba, que na época também estava exilado no México): "Conheci Guevara em meados de 1956, no México, em uma cafeteria aonde muitos revolucionários costumavam ir [...]. Nico López foi quem me apresentou a ele, mas no dia seguinte, Nico López vem até mim e me diz: 'Esse cara que te apresentei não é como você ou eu. Esse cara é maquiavélico e é ele quem leva e traz a Fidel todas as nossas coisas. Ele é um indivíduo repugnante: Fidel chega, e ele sai correndo para onde ele está, e Castro gosta de ser lisonjeado'".[136] Uma história semelhante é lembrada por José L. Rasco, advogado que foi chamado por Castro para colaborar na Revolução Cubana em 1959: "Ele tinha pânico dele [...]. Eles podiam discutir muito, mas, no final, Che sempre baixava a cabeça".[137]

Não sabemos se Ernesto era necessariamente servil a Fidel, como alguns atestam, mas podemos confirmar que, pelo menos nos primeiros tempos, teve para com ele uma rara

devoção, como atestam os trechos de engomada poesia que o argentino dedicou ao cubano no México: "Vamos, ardente profeta da aurora, por recônditas veredas sem fio para libertar o caiman verde que você tanto ama".[138]

O plano de Castro e seus asseclas era retornar a Cuba e guerrear contra as tropas de Batista para derrubá-lo. O grupo rebelde que conspirava no exílio denominou-se Movimento 26 de Julho, em homenagem ao dia 26 de julho de 1953, data do ataque ao referido quartel Moncada. Mas o que há de singular no caso é que, como vimos, horas antes Guevara desejava perambular pela Europa (o que não pôde fazer por falta de recursos) e, momentos depois de conhecer e conversar animadamente com Fidel, foi rapidamente persuadido por este a alistar-se nas fileiras da guerrilha rebelde como médico da expedição. Sua decisão impulsiva de ir lutar por uma causa alheia em um país desconhecido, fruto de uma conversa noturna ao acaso com alguém que não passava de um estranho, é confessada pelo próprio Ernesto: "Conheci-o em uma daquelas noites frias do México e lembro que nossa primeira discussão foi sobre política internacional. Algumas horas depois, naquela mesma noite (de madrugada), eu já era um dos expedicionários".[139]

Entediado com as fotos dominicais e o namoro desapaixonado, Ernesto Guevara logo se juntou, em uma empreitada guerrilheira, a um grupo de pessoas que acabara de conhecer, por uma ideologia que manejava superficialmente e contra um regime (o de Batista) do qual nada sabia, em um país onde nunca havia estado.

Apesar do compromisso assumido de maneira impensada, nos escritos de Ernesto continua a idéia de vagar pelo mundo, agora com Cuba entre suas possibilidades turísticas (como se a referida ilha não fosse palco de operações militares, mas outra paisagem alternativa para visitar e tirar fotos): "O próximo passo pode ser os EUA (muito difícil), a Venezuela (viável) ou Cuba (provável), mas minha meta irrenunciável continua sendo Paris e vou alcançá-la nem que seja atravessando o Atlântico a nado".[140] E tal era o espírito de Guevara, que em meio aos "preparativos revolucionários", o querido amigo Ricardo Rojo chega ao México (em 30 de abril de 1955), descrevendo o compatriota da seguinte maneira: "Ele conservava o aspecto inconfundível do estudante universitário de férias".[141] Rojo não estava exagerando. Naqueles dias, Ernesto, sempre pronto para o recreio de acampamento, dedicou-se a escalar o vulcão Popocatélpetl: "Esbanjamos heroísmo, sem conseguir chegar ao cume", observou.[142]

E embora naquelas tardes mexicanas Fidel Castro estivesse programando sua expedição, e Guevara, fazendo turismo arqueológico, também é verdade que a decisão de Ernesto de fazer parte do bando em Cuba seguia firme, embora, no fundo, ele mesmo não acreditasse no triunfo que Castro prometia, assim como não se alistou no exército rebelde por razões de princípios, mas pela possibilidade de conhecer um novo país, mesmo diante do preço de morrer de forma absurda, ainda que "romântica e justiceira": "Eu duvidava bastante da possibilidade de triunfo quando me alistei ao exército do comandante rebelde, a quem estava ligado, desde o início, por um laço de simpatia romântica aventureira e a

consideração de que valia a pena morrer em uma praia estrangeira por um ideal tão puro", alegou ele.[143] O guerrilheiro Miguel Sánchez (El Coreano), recrutado por Fidel Castro como instrutor militar, lembra-se de Guevara no México detalhando que "a verdade é que ele era um homem muito disciplinado. A quem me disser que era um covarde eu direi que 'não'", acrescentando: "O problema de Ernesto Guevara era que, no fundo, não passava de um vagabundo, embora também fosse simpático. Ele era dogmático, acreditava que sabia tudo, que era o mais culto e, claro, que sabia mais do que Fidel". "Guevara era racista", dispara Sánchez. "Além de ficar claro que não gostava de mexicanos, porque os considerava inferiores, também não gostava de negros".[144] Depoimento semelhante foi dado por Lázaro Guerra, cubano que também se exilou no México e depois se juntou à guerrilha de Fidel: "Ele era um cara estranho. Muito reservado, distante das pessoas". "Uma vez", lembra, "estávamos tomando café em um lugar da Cidade do México, quando entrou uma mulher com uma criança nos braços e veio até nós pedir esmola. Logicamente, dei-lhe algumas moedas, pois não tínhamos muito, e o homem que mais tarde se destacou como humanista, o cara que queria resolver os problemas dos outros e tinha pena de quem sofria, me disse, de cara lavada: "Que se foda! Para que tem filhos?"[145]

Que diabos se passava na cabeça do médico Ernesto Guevara naquela época? A este propósito, vale a pena registrar a seguinte reflexão de Juan José Sebreli: "Ao contrário do político que subordina sua personalidade à causa, o aventureiro toma a causa a que adere como meio para justificar sua existência, exprimir sua personalidade, viver mais intensamente, forjar seu próprio mito". Lawrence falava da "escolha voluntária do mal alheio para aperfeiçoar a si mesmo": Ernesto Guevara de la Serna parece se encaixar muito bem nessa caracterização.[146]

Igual ao Mao...

No calor dessas aventuras exóticas em andamento, Hilda Gadea dá a Ernesto a desagradável notícia de que está grávida. Ele não esconde o pesar e comenta: "Para outro cara a coisa seria transcendental, para mim é um episódio incômodo. Vou ter um filho e me casar com Hilda nos próximos dias. A coisa teve momentos dramáticos para ela e pesados para mim. No final, ela acaba conseguindo o que quer, segundo eu, por pouco tempo, mas ela tem esperança de que seja para o resto da vida".[147] Seu antigo companheiro Jaime Costa (participante do assalto ao quartel Moncada em 1953 e depois comandante da guerrilha de Castro) lembra que "Hilda Gadea era uma mulher muito doce, uma pessoa muito boa, mas também devo admitir que era feia. Ela tinha um corpo de deusa, mas um rosto, minha nossa! Lembrava a Olívia do Popeye. Perguntamos a Che, entre nós: 'O que você viu nessa mulher?' Também o provocávamos, dizendo que, quando ele acordava no meio da noite e a via, devia querer fugir. A tudo isso, Guevara respondia: 'Bem, além do fato de ela ser muito carinhosa e muito doce, lembre-se que quando tenho um problema (financeiro), ligamos para o Peru e no dia seguinte o problema está resolvido".[148]

A verdade é que, como o pai, Ernesto Guevara casa-se às pressas. O casamento foi oficializado no dia 18 de agosto de 1955, no cartório de Tepotzotlán. Meses depois, nasce uma menina que se chamará Hilda Guevara. Ernesto dá a notícia à mãe por meio de uma carta datada de 25 de fevereiro, em termos frios, sem o menor sinal de ternura em relação ao bebê: "A descendente é realmente feia e basta olhar para ela para perceber que ela não é diferente de todas as meninas de sua idade: chora quando tem fome, faz xixi com freqüência, a luz a incomoda e ela dorme o tempo todo. Mesmo assim, há uma coisa que a diferencia imediatamente de qualquer outro bebê: seu pai se chama Ernesto Guevara".[149] Em outro de seus escritos, ele diz que o nascimento da menina lhe traz satisfação, não precisamente pelo aparecimento do bebê no mundo, mas porque essa circunstância lhe permitiria desfazer o infeliz casamento: "Ela se chama Hilda Beatriz e é motivo de dupla alegria para mim. Primeiro, a chegada que pôs fim a uma situação conjugal desastrosa, e segundo, que agora tenho a certeza absoluta de que poderei partir, apesar de tudo. Que minha incapacidade de conviver com sua mãe é maior do que o carinho com que a olho [...] vou continuar com minha vida boêmia até quem sabe quando". Sobre a filha, acrescenta apenas: "Trata-se de um pedaço de carne que mama de quatro em quatro horas com a pontualidade de um relógio",[150] terminando, com gosto duvidoso, dizendo que a menina "saiu igualzinha ao Mao Tsé-Tung".[151]

Capítulo III: A Cuba de Fulgencio Batista

Situação Institucional

Depois de anos de sobressaltos, somente em 1940 foi sancionada em Cuba uma nova Constituição que, embora com vieses dirigistas na esfera econômica, conseguiu trazer estabilidade à ilha de forma mais ou menos institucionalizada. Os mandatos presidenciais duravam quatro anos, sem reeleição, e os líderes eram eleitos por sufrágio popular. Dessa forma, surgiram três presidentes eleitos. O primeiro deles foi precisamente Fulgencio Batista (1940–1944), que entregou o poder ao Dr. Ramón Grau San Martín (1944–1948) e este, por sua vez, ao Dr. Prío Socarrás (do Partido Autêntico). Faltavam menos de três meses para as novas eleições em Cuba (marcadas para junho de 1952) e Batista, que voltava a concorrer como candidato, temeroso porque o clima político não lhe garantia a vitória (o favorito parecia ser o candidato do "Partido Ortodoxo", no qual Fidel Castro era militante), desferiu um golpe de Estado que não teve apoio popular, mas também nenhuma defesa por parte do presidente deposto e de seus acólitos.

Um ano depois do golpe de Batista, em 1953, ocorreu o referido assalto ao quartel Moncada, uma espécie de comando golpista liderado pelo jovem advogado Fidel Castro. O ataque acabou fracassando e, como vimos, Castro foi preso e condenado a quinze anos

de prisão. Seu argumento durante o julgamento ficou popularmente conhecido e posteriormente publicado com o título: "A história me absolverá", cujo conteúdo era uma defesa ferrenha da Constituição de 1940. Esses e outros episódios que veremos irão forjar na opinião pública a imagem de um Fidel Castro rebelde, que lutou contra Batista em favor de uma democracia dita republicana e, portanto, anticomunista. Além disso, o onipresente Partido Socialista Popular, PSP (nome do Partido Comunista Cubano dependente da URSS), repudiou o assalto ao quartel Moncada, e Castro, na época, esclareceu: "Todo o país sabe quem organizou, inspirou e dirigiu a ação contra o quartel e sabe que os comunistas não têm nada a ver com isso".[152]

Embora Batista estivesse longe de ser um estadista digno de elogio, também é verdade que foi exageradamente demonizado pela historiografia comunista, pois seu nível de autoritarismo foi bem inferior ao que veio após seu governo. Um exemplo: poucos meses depois do assalto ao quartel Moncada, em 15 de maio de 1955, o injuriado "ditador" indultou seu inimigo Fidel Castro e seus companheiros. De sua sentença de quinze anos, Castro cumpriu apenas um ano e meio. Os indultados seguiram para os Estados Unidos e depois para o México, onde Fidel anunciou publicamente que continuaria na luta até derrubar o satanizado caudilho que acabara de lhe conceder a liberdade.

Com exceção do golpe de 1952 (onde Batista governou ilegitimamente até 1954), o próprio Batista, sendo presidente de fato, convocou eleições presidenciais para normalizar seu poder e foi consagrado como tal em 24 de fevereiro de 1955 (assim, seu mandato terminaria em fevereiro de 1959, de acordo com os quatro anos concedidos pela constituição vigente). Nessas últimas eleições (de 1955, que legitimaram o poder de Batista), surgiu uma polêmica, pois Grau San Martín, o candidato da oposição, percebendo que não ganharia, retirou-se das eleições antes de sua realização, sob pretexto (não sem razão) de que Batista não dava garantias quanto à pureza do ato eleitoral. Ou seja, na ocasião, Batista participou de eleições sem adversários.

Em suma, Batista governou legitimamente entre 1940 e 1944 e ilegitimamente por dois anos (entre 1952 e 1954). Então, nas eleições de 1955, a ausência de um candidato da oposição ofuscou a eleição e gerou polêmica sobre a genuinidade desse último período de governo que terminaria em quatro anos, mas, cumprindo os prazos constitucionalmente estabelecidos, em novembro de 1958, foram convocadas novas eleições, sem a participação de Batista (já que a reeleição era impedida pela Constituição cubana), e o Dr. Andrés Rivero Agüero saiu vencedor, embora não viesse a assumir a presidência justamente por causa da revolução castro-guevarista que ocorreria em 1º de janeiro de 1959, como veremos adiante.

Embora Batista tenha sido governante ilegítimo pelo menos nos primeiros dois anos de sua segunda presidência, ele convocou eleições depois para oficializar seu governo. E, apesar de polêmicas, eram eleições de fato, com mandato limitado a quatro anos e sem possibilidade de reeleição.

No entanto, os detratores de Batista argumentam que o assunto era mais grave, pois

desde 1933 (ano em que Batista foi consagrado chefe militar), na verdade, ele já exercia uma espécie de poder real que condicionava sobremaneira o poder formal que tinha o presidente civil em serviço. Talvez seja verdade, mas isso não difere muito do confuso panorama político e institucional que vivia a maior parte da instável América Latina naquele momento.

Situação econômica

E qual era o panorama econômico de Cuba no final da década de 1950? A questão é mais do que interessante, pois o mito promovido pelos propagandistas de Castro e seus intelectuais associados tentava nos fazer acreditar que, em 1959, Cuba era uma região formada por um povoado muito pobre, habitado por miseráveis desdentados, cujos barracos deploráveis contrastavam com suntuosos cassinos e hotéis para americanos ricos desfrutarem de jogos de azar e prostituição.

No entanto, o Atlas da Economia Mundial de Ginsburg, no final da década de 1950, colocava Cuba em 22º lugar entre as 122 nações pesquisadas,[153] constituindo o terceiro país com maior renda per capita da América Latina (depois de Argentina e Uruguai). E como observou o economista H. T. Oshima, da Universidade de Stanford, em 1953 a renda per capita dos cubanos era semelhante à dos italianos,[154] embora as oportunidades pessoais parecessem mais generosas na ilha caribenha do que na península européia. Como provar? Em 1959, na embaixada de Cuba em Roma, havia doze mil pedidos de italianos que desejavam se estabelecer em Cuba, situação que depois da revolução se tornou inimaginável.[155] O próprio hagiógrafo de Guevara, o mexicano Jorge Castañeda, acrescenta que, no final da década de 1950, "a sociedade cubana era uma sociedade com uma classe média urbana relativamente grande [...] e, em termos latino-americanos, bastante próspera".[156] E tanto é verdade que a capacidade de importação per capita dos cubanos em 1958 era 66% superior à de 1994,[157] acrescentando o fato de que o sistema de transportes e os mercados nacionais de Cuba eram os mais desenvolvidos da América espanhola. Já em 1956, Cuba ostentava três vezes mais linhas ferroviárias por quilômetro quadrado do que os Estados Unidos.[158] Da mesma forma, vale mencionar as estatísticas publicadas pela Organização Internacional do Trabalho em Genebra, que informavam que em Cuba, em 1958, o salário médio por jornada de oito horas era de 3 dólares, enquanto na Bélgica era de 2,70, 2,86 na Dinamarca, 1,74 na França, 1,73 na Alemanha Ocidental e 4,06 nos Estados Unidos. As mesmas estatísticas da OIT mostravam que os trabalhadores cubanos recebiam 66,6% do produto nacional bruto, em comparação com 57,2% na Argentina, 47,9% no Brasil e 70,1% nos Estados Unidos.[159]

Quanto ao mito popular de que antes de 1959 Cuba era um mero "satélite financeiro dos Estados Unidos", e que a ilha estava "sufocada por investimentos americanos" (como se tais investimentos fossem algo negativo), basta dizer que, em 1958, apenas 5% do capital investido em Cuba era americano, e, de uma força de trabalho de aproximadamente dois milhões de indivíduos, apenas setenta mil eram trabalhadores e empregados permanentes

de empresas norte-americanas.[160] Inclusive, a tendência hegemônica que vinham tendo os capitais autóctones vinha crescendo a todo vapor há muito tempo: o controle estadunidense da indústria açucareira cubana caiu de 70% em 1928 para 35% em 1958.[161] Seguindo a mesma diretriz, deve-se notar que, em 1935, de 161 engenhos de açúcar, apenas 40 eram de propriedade cubana. Em 1958, 121 já estavam nas mãos dos crioulos. Nesse mesmo ano, apenas 14% do capital (e com sinais de decréscimo gradual) estava nas mãos dos Estados Unidos. Em 1939, os bancos cubanos movimentavam apenas 23% dos depósitos privados. Em 1958, essa porcentagem havia subido para 61%.[162] Em 1957, o grupo da pequena burguesia expandiu-se e tornou-se um dos maiores da América espanhola, e, entre meados de 1952 e 1957, as poupanças e os depósitos a prazo fixo nos bancos passaram de 140 para 385,5 milhões de dólares.[163] O crescimento foi tão encorajador que, em 1952, a construção privada totalizava 53 milhões de dólares anuais, e a pública, 76 milhões. Em 1957, os números correspondentes eram 77 e 195 milhões.[164]

No que diz respeito à alimentação, os números também eram promissores: antes de 1959, a ingestão calórica em Cuba, segundo o citado livro de Ginsburg, superava em 10% os limites mínimos estabelecidos pela FAO : 2.500 calorias per capita por dia.[165]

Situação sanitária e educacional

"A grande vitória da Revolução Cubana foi nos setores de educação e saúde", arengava Fidel Castro durante sua estadia no Rio de Janeiro, em março de 1990.[166] Sem dúvida, este é o mito de maior sucesso que os apologistas do castro-guevarismo ainda ousam defender. No entanto, é um aforismo absolutamente falso.

Em 1959, os números em ambas as áreas eram impressionantes: em termos de porcentagem de pessoas que sabiam ler e escrever, Cuba ocupava o primeiro lugar entre os países hispano-americanos e o primeiro em termos de porcentagem da renda nacional investida em educação.[167] Acrescente-se que 80% de sua população era alfabetizada (uma cifra invejável para a época).[168] Em outras áreas de grande importância relacionadas com a educação, entre elas as letras, o referido Anuário Estatístico da América Latina de 1984 nos informa que "Cuba, em 1959, estava entre os cinco primeiros países da Ibero-América em publicações de imprensa, com uma tiragem diária de 101 exemplares para cada mil habitantes".[169] Em termos de comunicação e tecnologia, a situação também era impressionante: havia um aparelho de rádio para cada cinco habitantes, uma televisão para cada vinte, um carro para cada vinte e sete e um telefone para cada vinte e oito. Nenhuma outra nação, com exceção dos Estados Unidos, tinha tantas televisões per capita quanto Cuba. Em comparação, a Rússia soviética tinha uma para cada mil, e a China, apenas uma para cada dez mil.[170] No campo da saúde pública, Cuba tinha o dobro de médicos e cirurgiões em relação à população (e o dobro de professores) e uma taxa geral de mortalidade infantil inferior à dos Estados Unidos. A taxa de mortalidade anual, de apenas 15 em 1.000, era excepcionalmente baixa. Cuba tinha uma proporção de médicos e

dentistas maior do que qualquer outro país do Caribe,[171] enquanto, em 1953, países como Holanda, França, Reino Unido e Finlândia tinham proporcionalmente menos médicos e dentistas do que Cuba, circunstância que explica, em grande parte, a alta longevidade dos cubanos daquela época e o baixíssimo número de crianças que morriam durante o parto ou nos primeiros trinta dias de vida.[172] Além disso, de acordo com um relatório das Nações Unidas, o número de médicos por habitante em Cuba em 1958 (com uma população de 6,6 milhões de habitantes) era o dobro do número de médicos no restante das nações do Caribe como um todo, com uma notável escala ascendente, aumentando de 3.100 em 1948 para 6.400 em 1958, mais do que dobrando em dez anos. Outra informação: a expectativa de vida em Cuba, antes de Castro, era de sessenta e dois anos,[173] superando Espanha, Portugal, Grécia, Japão e a maioria das nações latino-americanas no início da década de 1950.[174] A título de comparação, a expectativa de vida no Brasil era, então, de cinqüenta e cinco anos.[175]

O que mostra tudo isso que revisamos muito rapidamente neste item? Que a saúde e a educação em Cuba eram duas áreas que já antes de 1959 se destacavam por sua excelência e que a revolução de 1959 não foi a responsável por essas conquistas.

Por ora, está mais do que claro que o problema na Cuba de Batista não era de natureza econômica, educacional, tecnológica ou sanitária, mas fundamentalmente institucional.

Em suma, Cuba era um pequeno país que gozava de grande prosperidade e qualidade de vida, embora fosse dirigido por um governo com traços corruptos e autoritários (principalmente no segundo governo de Batista), o que irritava, com razão, grande parte da população.

É verdade que Batista não foi bom para Cuba, mas sempre pode ser pior...

CAPÍTULO IV: RUMO À SIERRA MAESTRA

Os preparativos no México

No México, em meio aos preparativos e reuniões conspiratórias para realizar o ataque, Castro, a fim de obter fundos para financiar sua guerrilha, deixou as terras astecas em outubro, não para a URSS , mas ao demonizado “imperialismo” dos EUA , onde a colônia de cubanos desempenhou um papel importantíssimo na realização de uma arrecadação de fundos que durou quase dois meses. Oitenta por cento do valor obtido foi usado para comprar armas; o resto destinou-se para fins de organização e propaganda. Filadélfia, Nova Jersey, Connecticut e, antes da Flórida, Nova York. Lá, em 30 de outubro de 1955,

Fidel Castro prometeu publicamente a seus patronos desembarcar em Cuba antes do final de 1956.[176]

Uma vez obtido o financiamento desejado no norte do país, Fidel encarregou-se, durante meses, de organizar o treinamento das milícias rebeldes no México, cuja instrução esteve a cargo do Coronel Alberto Bayo (soldado aposentado a quem faltava um olho), que tinha um extenso currículo. Bayo, residente no México, nasceu em Cuba, mas foi criado na Espanha e formou-se primeiro na Academia de Infantaria e depois na Escola de Aviação Militar; além disso, ele foi capitão da Legião Estrangeira na luta espanhola contra os mouros africanos e, durante a Guerra Civil, fez parte das milícias republicanas. Esse ocupado personagem foi o instrutor da improvisada "Academia Militar" castrista instalada em Guadalajara.

Para realizar a doutrinação, alugou-se uma fazenda no distrito de Chalco, com nove quilômetros de extensão por quinze de largura, nas montanhas cobertas de densa vegetação, longe da urbanidade e da civilização, para afastar suspeitas e curiosos. Cerca de cem guerrilheiros instalaram-se ali para receber rígidas aulas teórico-práticas por um período intensivo de três meses, aprendendo e praticando os principais dogmas da guerrilha. As armas compradas não eram ruins. Os alunos aprenderam a usar pistolas, espingardas, metralhadoras. Eles também foram iniciados na arte de fabricar bombas para explodir barricadas, aviões e tanques. O clima das milícias era de euforia e empolgação. Guevara, apesar da asma, marchava e treinava com afinco, em pé de igualdade com os companheiros ou até de forma mais dedicada. Segundo o instrutor-chefe, o já citado Coronel Bayo, Guevara era quem mais se empenhava.

O desconforto, o ascetismo e os ambientes rústicos eram para Ernesto, mais do que um sacrifício ou aborrecimento, uma motivação. Qual é a razão dessa simpatia pela falta de conforto? Por um lado, aquele já mencionado afã de testar-se e desafiar-se; por outro, talvez devêssemos buscar antecedentes em sua infância, já que parte dela transcorreu na selva de Misiones, depois nas montanhas de Córdoba (onde Guevara passou a maior parte da adolescência) e, durante as férias, nos sítios dos avós, ambientes agrestes que o acostumaram ao contato com a natureza. Será que ele se sentia um estranho nas cidades? O incipiente treinamento dos futuros guerrilheiros no México consistia basicamente em longas caminhadas, práticas de remo no lago Chapultepec e exercícios sob a liderança do cubano Arsacio Vanegas, ex-praticante de luta livre. Em meados de janeiro, o Movimento 26 de Julho aluga seis casinhas, onde foi imposto um regime de quartel, tão monástico quanto compartimentado. Progressivamente, o treinamento foi ficando mais rígido e militarizado: "No começo, (Ernesto) chegava todo doído e eu tinha que massageá-lo com linimento", relembrou Hilda.[177] Toque de corneta às cinco da manhã. Treinamento físico exaustivo. Estudos de temas militares ou revolucionários, passeios supervisionados, sempre a dois, refeições em horários fixos. Nada de álcool e telefonemas.[178]

Em 24 de junho, Guevara e vários de seus camaradas, acusados de tramar uma conspiração comunista contra Cuba, foram presos em uma operação policial, permanecendo detidos por alguns dias. Nessa breve permanência na prisão, ele pôde fazer

anotações e escrever uma carta aos pais datada de 6 de julho, informando-os da boa-nova: "Os futuros dividem-se em dois: os mediatos e os imediatos. Quanto aos mediatos, direi que meu futuro está ligado à libertação cubana. Ou triunfo com ela ou morro lá [...]. Do futuro imediato tenho pouco a dizer, porque não sei o que será de mim. Estou nas mãos do juiz e é bem provável que me deporte para a Argentina, a menos que eu consiga asilo em um país intermediário".[179] Alguns dias depois, contudo, Guevara e seus companheiros recuperaram a liberdade sem grandes contratempos.

Castro, por sua vez, respondeu à infame acusação de "comunistas" que recaía sobre eles, alegando que se tratava de uma "acusação absurda", e enviou ao semanário Bohemia (a publicação de maior circulação em Cuba na época), lançado em 15 de julho, 1956, um longo artigo onde recorda que, pelo contrário, "Batista foi o candidato oficial do partido comunista nas eleições de 1940, e o seu atual governo inclui inúmeros comunistas".[180] Como podemos ver, Fidel faz uso da liberdade de imprensa que prevalece em Cuba e tenta sempre se desvencilhar do rótulo de marxista que alguns desconfiados ousaram lhe impor. Este será um comportamento persistente nele, não apenas durante a luta contra Batista, mas também durante os primeiros meses de seu futuro governo, uma vez triunfante a revolução.

Já Batista, como qualquer governante populista de perfil heterodoxo, defendia uma ideologia marcada pelo oportunismo e pela ambivalência. E, embora alguns o acusem de ser um militar de "direita", a verdade é que, como denunciou Castro, muitos comunistas colaboraram em sua estrutura de poder. Na realidade, Batista era um líder populista com traços autoritários sem muita carga ideológica e seu governo desordenado incluía pessoas das mais diversas tendências. Por outro lado, os rebeldes liderados por Castro, que haviam tentado derrubá-lo em 1953 (no assalto ao quartel Moncada) e agora renovavam o compromisso, apresentavam-se publicamente como "democratas antimarxistas" que buscavam restabelecer o funcionamento da Constituição de 1940, o mecanismo republicano e um sistema eleitoral sem suspeitas de fraude.

Quanto a Guevara, já poderíamos dizer que estava em uma espécie de reinvenção de si mesmo, ou seja, em uma fase fundamental em que o aventureiro errante já estava se formando no marxismo com mais intensidade do que de costume e treinando a todo vapor. O jornalista cubano Carlos Franqui, aliado do Movimento 26 de Julho, esteve no México naqueles dias para encontrar-se com Castro, iniciando uma relação com Ernesto. "Guevara tinha um ar boêmio na época, humor suficiente, era provocador e bem argentino, vivia sem camisa, era um tanto narcisista, moreno de estatura mediana e musculatura forte, sempre com cachimbo e chimarrão; entre atlético e asmático, alternava entre Stálin e Baudelaire, poesia com marxismo", descreve Franqui.[181]

Qual era, então, o perfil desse guerrilheiro comunista em formação? Tudo indica que Guevara era uma espécie de "Pré-Che" na época. Inclusive, nesses dias é que Ernesto foi batizado com o apelido pelo qual é reconhecido mundialmente até hoje. A esse respeito, o jornalista cubano Orlando de Cárdenas, amigo de Fidel e um dos principais colaboradores do Movimento 26 de Julho no México, conta a origem de tal apelido iconográfico: "No

início, nós o chamávamos de Dr. Guevara ou Ernesto Guevara, mas, quando vimos que ele zombava da nossa maneira de falar, em retaliação, nunca mais o chamamos de Guevara ou Ernesto, o chamamos de "Che" [...]. Muitas vezes, falávamos isso com um pouco de sarcasmo, para esfregar na cara dele o que ele tinha feito conosco. Ele nunca nos viu totalmente como companheiros".[182]

Mas além do apelido singular que Ernesto "Che" Guevara usaria desde então até sua morte, vale notar que atritos como os citados na convivência com os cubanos não pareciam ser dados isolados, pois aparentemente ele nunca se adaptou à idiossincrasia de seus companheiros: "Esses caras não têm cura!... Esses fanfarrões são insuportáveis. Não poderiam falar mais devagar? Como perturbam!".[183] Resmungava, admitindo a Patojo (seu amigo guatemalteco Cáceres Valle): "Olha, irmão, os cubanos, além de falar alto e rápido, têm outro defeito: não conseguem ver as coisas em ordem, apresentando uma inclinação especial para a bagunça".[184]

Quanto à afirmação de que Che Guevara, além do novíssimo apelido, vivia uma profunda radicalização ou fanatismo, ela é confirmada pelo tom extremamente agressivo e desmesurado de suas cartas, fato que alarmou até sua mãe, que, percebendo o excesso, repreendeu-o por via epistolar a preocupante intransigência ideológica que vinha notando no filho mais velho, mas este último, em 15 de julho, respondeu com outra carta, na qual oferecia uma autodefinição assustadora de sua pessoa, prenunciando aspectos perigosos de sua personalidade: "Não sou Cristo, nem filantropo, mãe, sou completamente o contrário de Cristo [...]. Luto pelas coisas em que acredito, com todas as armas de que disponho, e tento fazer com que os outros morram [...]. O que mais me impressiona é sua falta de compreensão de tudo isto e seus conselhos de moderação [...], ou seja, as qualidades mais execráveis que um indivíduo pode ter. Não só não sou moderado, como tentarei nunca ser, e quando reconhecer que a chama sagrada dentro de mim se transformou em uma tímida luz votiva, o mínimo que poderei fazer é vomitar na minha própria merda".[185]

Por ora, essa crescente violência exteriorizada pelo Che limitava-se aos escritos.

Naufrágio em Cuba

Após dezesseis agitados meses de treinamento e preparação no México (de julho de 1955 a novembro de 1956), Fidel, Raúl, Che e mais setenta e nove homens (eram oitenta e dois no total), na madrugada de 25 de novembro de 1956, partem do cais de Tuxpan rumo a Cuba. Eles o fazem em um pequeno iate chamado Granma ("avó", em francês), comprado com dinheiro da CIA , que na época já simpatizava com a oposição a Batista por meio de um intermediário, o ex-presidente de Cuba Carlos Prío Socarrás (exilado em Miami). Cerca de cinqüenta outros guerrilheiros permaneceram no México (não cabiam no iate) e chegaram mais tarde.

Durante a viagem, além de vários problemas técnicos, houve mil e um incidentes:

tempestades, avarias, motores de navio quebrando e navegação abaixo da linha d'água. Guevara descreveu as imagens da viagem nestes termos: "A rota escolhida incluía uma longa volta pelo sul de Cuba, contornando a Jamaica, as ilhas de Gran Caimán, até o desembarque em algum lugar perto da cidade de Niquero, na província de Oriente".[186] Em outra passagem, ele narra o aspecto humano: "Todo o navio apresentava um aspecto ridiculamente trágico; homens com a angústia refletida no rosto, com a mão no estômago. Uns com a cabeça dentro de um balde e outros deitados nas posições mais estranhas, imóveis, com a roupa suja de vômito".[187] O expedicionário Jaime Costa lembra que, no Granma, "Guevara soube escolher um espaço para respirar, o que o favorecia. Ele ficou enjoado, mas muito pouco, e por isso ria de nós, dizendo: 'Olha como os cubanos enjoam', ao que os camaradas retrucavam com raiva: 'Sim, nós cubanos enjoamos, mas você nem toma banho' [...]. Era seu caráter arrogante e depreciativo que fazia com que as pessoas sentissem antipatia por ele".[188]

O motor do navio estava avariado, a embraiagem patinava e a embarcação era quatro vezes menor do que o necessário para tal contingente: "Testamos o Granma em águas calmas e com uma tripulação reduzida. Ninguém sabia o suficiente para perceber que, ao colocar oitenta e dois homens naquele barco, que eram algumas toneladas de homens, mais as armas, água, combustível, comida [...], a velocidade diminuiria muito. Não só diminuiu a velocidade, como quase afundou [...]; aquilo era uma casca de noz dançando no Golfo do México", recordou Fidel Castro.[189]

Esses e outros contratempos fizeram com que eles chegassem ao destino dois dias depois do previsto e, em vez de desembarcarem em Niquero (província de Oriente), tiveram que desviar o rumo para a praia de Las Coloradas, a vários quilômetros do destino predeterminado, em uma cansativa viagem que durou cento e setenta e duas horas: "Mais do que um desembarque, foi um naufrágio", observou Che.[190]

Os guerrilheiros deveriam chegar ao destino em 30 de novembro para juntar-se a Crescencio Pérez, um camponês que os esperava com cem homens e alguns caminhões para ir até Manzanillo. O biógrafo argentino Hubo Gambini narra que o plano traçado após o desembarque incluía juntar-se "a outros contingentes rebeldes e atacar pela primeira vez o exército regular cubano. Simultaneamente, os insurgentes escondidos em outras áreas explodiriam bombas em Holguín, Matanzas e Santiago, para enganar os soldados de Batista. Concluída a operação e requisitados os apetrechos do destacamento de Manzanillo, Pérez conduziria os rebeldes a um esconderijo na Sierra Maestra, a cordilheira que cresce paralela à costa cubana, na província de Oriente. A greve geral que os grupos de oposição desencadeariam em Havana e se estenderia a toda a ilha levaria, acreditava Castro, à inevitável queda de Batista".[191] À primeira vista, a empreitada parecia absurda do ponto de vista militar, pois duzentos ou trezentos guerrilheiros precariamente preparados jamais conseguiriam derrotar Batista, que contava com mais de quarenta mil homens, centenas de tanques, dez navios de guerra, quinze guarda-costas e setenta e oito aviões de combate e transporte.[192]

No entanto, como veremos adiante, o que aconteceu em Cuba teve inúmeras conotações excepcionais que hoje são completamente silenciadas, mas que, se não existissem, Castro e seu punhado de homens (por mais ousados que fossem) jamais teriam resistido mais do que a um par de escaramuças. O mito do bando de guerrilheiros que, munidos apendas de vontade, pôde derrotar um exército profissional (que será analisado mais adiante) foi a versão cabal da historieta exportada de Havana depois da revolução, mais tarde comprada de olhos fechados por guerrilheiros de toda a América Latina nos fatídicos anos 60 e 70, com resultados catastróficos.

Voltando ao ponto em questão, em Santiago de Cuba (segunda cidade do país), encontrava-se à espera o líder rebelde que atuava em El Llano (área urbana), o jovem professor Frank País e seus homens, que não imaginavam que Castro chegaria com dois dias de atraso. Conforme combinado, na madrugada de 30 de novembro de 1956, centenas de jovens vestidos com uniformes verde-oliva e portando uma pulseira que os identificava como integrantes do Movimento 26 de Julho avançaram para tomar a cidade, atacando diferentes posições da força pública, dando início a uma rebelião que deveria coincidir com o desembarque.[193]

Os guerrilheiros urbanos incendiaram o quartel-general da polícia nacional, apreenderam armas na sede da polícia marítima e protagonizaram combates de rua que obrigaram Batista a decretar estado de sítio em Oriente. Nessa data, pronta para receber os combatentes do Granma nas praias de Niquero, a ativista rebelde Celia Sánchez (que mais tarde seria uma das amantes de Fidel) mobilizou caminhões, guias, especialistas e milícias rurais formadas pelo citado líder camponês Crescencio Pérez. Se tivessem chegado a tempo e em boa forma, Castro e seus homens teriam conseguido coordenar as ações planejadas com a organização urbana que os apoiava e os esperava com uma boa rede logística.

Entrementes, Batista já vinha sendo avisado há vários dias do eventual desembarque do iate. Tanto que, quando os rebeldes sob o comando de Castro finalmente desembarcaram, um violento ataque das forças de Batista gerou caos entre as tropas insurgentes. A dispersão foi generalizada, os guerrilheiros caíam como moscas. Che recorda este revés em seu diário, apelando novamente para a morte (da qual realmente esteve muito próximo): “Fiquei deitado; disparei um tiro em direção à montanha, seguindo o impulso sombrio do homem ferido. Imediatamente, comecei a pensar na melhor forma de morrer naquele momento em que tudo parecia perdido. Lembrei-me de um velho conto de Jack London em que o protagonista, apoiado no tronco de uma árvore, se prepara para terminar sua vida com dignidade quando descobre que está condenado à morte por congelamento nas partes mais frias do Alasca. É a única imagem de que me lembro”.[194]

As colunas rebeldes haviam se perdido na retirada desordenada, tentando se esconder entre os juncos. Che, em péssimas condições físicas, parte em direção à Sierra Maestra com quatro companheiros, aos quais se juntarão mais três no dia seguinte. Sem água, praticamente sem comida e mal equipados, dirigem-se para as montanhas para se juntar aos outros (se eles ainda estivessem vivos) e também tentando evitar uma nova ofensiva

do exército. Entre os camaradas de Che estavam Ramiro Valdez, Camilo Cienfuegos e Juan Almeida, todos destinados a desempenhar funções cruciais nos meses e anos seguintes: "Vínhamos exaustos depois de uma caminhada que não foi tão longa, mas penosa [...], perdendo quase todo o nosso equipamento e caminhando por horas intermináveis por pântanos de água do mar, com botas novas; isso causou ulcerações nos pés de quase toda a tropa [...]. Não tinha sobrado nada de nosso equipamento de guerra, exceto o fuzil, a bandoleira e algumas balas molhadas. Nosso arsenal médico tinha desaparecido, nossas mochilas ficaram nos pântanos [...]. Por inexperiência, saciávamos a nossa fome e a nossa sede comendo cana à beira da estrada", escreveu Guevara em seu diário.[195]

Dias depois, sob o jugo de tempestades indescritíveis, sede, fome e exaustão, chegam à fazenda de um camponês chamado Mongo Pérez, nas proximidades da cordilheira do oriente cubano, onde se reencontram com os demais sobreviventes. Guevara registra que "na madrugada do dia 5 (de dezembro de 1956), eram poucos os que conseguiam dar mais um passo [...] depois de uma marcha noturna interrompida por desmaios, fadiga e descanso das tropas, chegamos a um ponto conhecido paradoxalmente pelo nome de Alegría del Pío".[196]

Diferentes grupos de expedicionários dispersos vagavam em peregrinação tentando chegar a um ponto de encontro comum para reorganizar-se: "Caminhávamos apáticos, sem rumo; de vez em quando, um avião sobrevoava o mar. Caminhar entre os recifes era muito cansativo, e alguns sugeriram que fôssemos colados nas falésias da costa, mas havia um grave inconveniente: seríamos vistos. Resumindo, ficamos deitados à sombra de uns arbustos à espera que o sol se pusesse. Ao anoitecer, encontramos uma prainha e tomamos banho". No dia 8 de dezembro, o diário de Che terminava com uma frase angustiante: "Não comemos nada".[197]

As penúrias dos primeiros dias esgotaram completamente as energias dos poucos guerrilheiros que permaneceram de pé. Um camponês chamado Juan Piña retrata o recém-chegado Che Guevara desta forma: "Naquela época, o Che tinha a aparência jovem [...], embora o estresse do desembarque o deixasse pálido e ossudo. A asma, a comida escassa, a fuga por aqueles pântanos e depois pela colina eram de esgotar qualquer um".[198]

A confusão das primeiras horas foi tanta que só no dia 21 de dezembro eles conseguiram se encontrar com Fidel e perceberam que as forças de Batista lhes haviam dado uma surra devastadora: do total de oitenta e dois tripulantes do Granma, apenas doze haviam sobrevivido e apenas nove fuzis puderam ser recuperados.[199] Entre os poucos guerrilheiros que compunham o que restava da tropa, havia hesitação, dúvida e desânimo. O golpe havia sido fulminante. Mas Castro estreou na Sierra Maestra com suas qualidades de condutor, de motivador, mas também de ditador: "Quero disciplina!... porque, sem disciplina, não vamos a lugar nenhum. O primeiro que for apanhado em estado de insubordinação, deserção ou derrotismo será imediatamente fuzilado. Entendido?".[200]

Os castristas cabisbaixos reorganizaram-se, incorporaram cinco locais, distribuíram os cargos e montaram acampamento na Sierra Maestra: “Os dias foram passando e, pouco a pouco, recrutaram gente. Os primeiros camponeses chegaram, ora desarmados, ora trazendo armas que nossos companheiros haviam abandonado em casas amigas ou em canaviais, quando fugiam”, comentou Che.[201]

Como foi dito, o pequeno grupo guerrilheiro instalou-se na Sierra Maestra, ou seja, na zona mais pobre de todo o país, o que fez com que, mais tarde, muitos apologistas do castro-guevarismo se encarregassem de concentrar a descrição das deficiências existentes nessa região marginal e periférica, tentando induzir o leitor a acreditar que Cuba era uma espécie de Sierra Maestra gigante. Mas, em contraste, o advogado e escritor cubano Mario Lazo, em sua memorável obra Daga en el corazón, Cuba traicionada, observa o seguinte: “Na região da Sierra Maestra, que cobre uma área de pouco menos de dez mil quilômetros quadrados, viviam cerca de cinqüenta mil camponeses, sem dúvida os mais pobres de Cuba [...]. Não era segredo para ninguém que constituíam a comunidade guajira mais ignorante e atrasada do país, alheia aos avanços da sociedade. Eles não tinham rádios, nem jornais, nem eletricidade e nenhum meio de transporte, exceto mulas. Não havia outras estradas senão as que passavam pelos primeiros contrafortes da serra, onde vivia a maioria”.[202] Lembremos que Cuba tinha mais de 6 milhões de habitantes e constituía a terceira renda per capita do continente. Sierra Maestra era um povoado triste e desolado que devia ser ajudado, sem dúvida, mas não era esse o sentimento nem o modo de vida do cubano comum. Tomar a decisão política de realizar uma ação social específica teria sido mais do que suficiente para melhorar a qualidade de vida desse setor minoritário de uma população cubana, que, na época, desfrutava, em sua maioria, de invejável prosperidade e ascensão social.

Enquanto isso, a minúscula guerrilha rural seguia empenhada em sua reconstrução. O guerrilheiro Faustino López foi encarregado de renovar os contatos com as milícias rebeldes que estavam em El Llano (zonas urbanas) para receber suprimentos. Guevara, por sua vez, para ganhar a simpatia dos camponeses, atuava como médico e examinava eventuais indisposições dos moradores: “Naquela época, eu tinha que cumprir minhas obrigações de médico e em cada aldeiazinha ou lugar aonde chegávamos realizava minha consulta. Era um trabalho monótono, porque não tinha muitos remédios para oferecer e os casos clínicos da serra não apresentavam grande diferença”. Escreveu ainda: “Meu conhecimento não dava para muito mais”.[203] E apesar de reconhecer que não tinha uma formação sólida, a presença de um “doutor” nas aldeias carentes causava adesão dos baquianos.

Embora a mutação de Guevara nos últimos meses tenha sido absoluta (de turista insolvente a guerrilheiro comunista), havia algo nele que infelizmente não mudava: a asma e a sujeira pessoal. Um dos principais combatentes do exército rebelde em Cuba, Enrique Oltuski (que, depois da Revolução Cubana, se tornaria seu braço direito no

Ministério), lembra que, na Sierra Maestra, Che "enquanto comia, pegava a carne com os dedos sujos [...]. Ele terminou de comer e saímos. Che distribuiu cigarros. Eram toscos, sem dúvida feitos por um camponês local. Ao meu lado, Che fumava e tossia, uma tosse úmida, como se estivesse molhado por dentro. Cheirava mal. Fedia a suor pútrido. Era um cheiro pungente, e eu o combati com fumaça de tabaco".[204] Também é interessante o depoimento de Miguel Sánchez (apelidado de El Coreano), combatente recrutado por Fidel Castro como instrutor militar do grupo de guerrilheiros que se preparava no México, o qual registra uma história conteste: "Nós o chamávamos de porco, porque ele não gostava muito de banho e sempre cheirava a rim cozido" e, acusando-o de racista, acrescenta que Guevara "desprezava os negros, muitas vezes teve problemas com Juan Almeida Bosques, que chamava de 'negrinho'; eles insultavam um ao outro, de modo que eu disse: 'Olha, Juan, quando ele te chamar de negrinho, chame-o de porco, que não toma banho".[205] A realidade é que a fama de imundo não favorecia a reputação do médico da expedição, que deveria dar o exemplo na hora de atender aos doentes: "Ele nem lavava as mãos", recorda um guerrilheiro da Sierra.[206] Ratificando o anterior, em 2009 o próprio Raúl Castro confessou a Cristina Kirchner (então presidente da Argentina), que "não há quem conteste Ernesto, como guerrilheiro, mas, como médico, eu não tomaria nem uma injeção dada por ele".[207]

Em suma, foi o próprio Che Guevara que reconheceu: "Meu conhecimento de medicina nunca foi grande coisa".[208]

A sede de sangue do médico

E, finalmente, em meados de janeiro, o pequeno grupo guerrilheiro realizou seu primeiro combate ao assaltar um quartel desprevenido em La Plata, que Castro atacou com trinta e dois combatentes, enquanto os surpresos militares de Batista não opuseram resistência: "Os soldados, quase indefesos, foram impiedosamente feridos por nossas balas", observou Che, concluindo que "eles terminaram com dois mortos e cinco feridos, além de três prisioneiros; de nossa parte, nenhum arranhão".[209]

Dias depois, o acaso levou os guerrilheiros a outra escaramuça, atacando de surpresa uma cabana, dentro da qual haviam visto alguns soldados. Depois houve um assalto que Che, em seu diário, chamou de "Combate de Arroyo del Infierno", ocasião em que teve a experiência de matar alguém pela primeira vez: "A primeira vez, atirei e errei; o segundo tiro acertou em cheio o peito do homem que caiu deixando a espingarda cravada no chão pela baioneta [...]. O homem tinha recebido uma bala no meio do peito que lhe deve ter partido o coração e sua morte foi instantânea".[210]

Além de médico precário e guerrilheiro incipiente, Che nunca abandonou seus escritos e, em carta a Hilda Gadea, sua esposa, datada de 28 de janeiro de 1957, afirmava: "Querida companheira: aqui na selva, vivo sedento de sangue".[211] Que razões levariam um novo médico a viver "sedento de sangue"? Que distorcidos conflitos internos levariam um

argentino a pegar em armas em um país estrangeiro e longe do seu em favor de uma causa repentina e difusa? Estas questões tornam-se ainda mais complicadas se levarmos em conta que o Che estava ali por acaso, ou seja, por não ter conseguido comprar as desejadas passagens para a Espanha por motivos financeiros, o que atrasou sua estadia no México e, quase concomitantemente, fez com que ele conhecesse Fidel, que, imediatamente, levou-o a embarcar nessa aventura.

Os enigmas são difíceis de resolver. Do ponto de vista de Castañeda, o amor pela guerra e a intransigência ideológica de Che são atribuíveis à sua torturante asma: "A ligação entre a dilatação dos brônquios contraídos e a adrenalina implica que situações que geram descargas endógenas de adrenalina, como o combate, podem dissuadir ataques [...] desencadeando episódios justamente pela ausência de descargas endógenas de adrenalina. Se esta digressão estiver correta, contribuirá muito para elucidar a futura incapacidade de Che em aceitar a coexistência simultânea de opostos em sua vida".[212] A verdade é que Guevara nunca aceitou nenhum tipo de posição intermediária: "Não só não sou moderado, como tentarei nunca ser" (15 de julho de 1956).[213] "Meus amigos são amigos desde que pensem politicamente como eu", confessou também (julho de 1959).[214] E de acordo com o biógrafo guevarista Jon Lee Anderson, "para ele, tudo era preto ou branco [...], ele considerava a maioria das pessoas amigas ou inimigas. Qualquer um que ocupasse uma posição intermediária merecia sua desconfiança".[215]

Para Guevara, a ideologia era um pretexto para sair a combate. O que prevalecia em Che era o desejo de "fazer com que os outros morram", como dizia em seus escritos. A guerra não era um meio lamentável para um fim mais nobre, mas um fim agradável em si mesmo: "Todos nós esperávamos o combate como uma libertação... todos anseiam pela chegada desse momento estelar da guerra que é o combate. O que leva ao paroxismo da alegria é o combate, o clímax da vida guerrilheira", escreveu.[216] Vale observar que, com base em seus escritos, a guerra não é uma circunstância infeliz, embora necessária em situações extremas, mas "o paroxismo da alegria", confissão que Che ratificou em carta dirigida ao escritor argentino Ernesto Sábato (datada de 12 de abril de 1960): "Não há experiência mais profunda para um revolucionário do que o ato da guerra".[217]

Notamos que a relação de Che com a guerra parece ter uma conotação estranhamente erótica e mórbida: ele fala de "clímax", de "experiência profunda", de "paroxismo", de "alegria". Em carta à sua segunda esposa, Aleida March, chegou a elaborar uma inusitada alusão "romântica" ao narrar que se lembrava dela "sob a renovada carícia das balas".[218] Juan José Sebreli afirma que "a embriaguez pelo cheiro de pólvora, armas, uniformes e combates o aproximaram daqueles intelectuais fascistas. A redução dos homens a amigos e inimigos, por outro lado, pode ser atribuída ao modelo nacional-socialista de Carl Schmit".[219] Esta última reflexão do sociólogo argentino não pode ser subscrita como um livro fechado, porque na psicologia atormentada do Che há uma infinidade de detalhes que obviamente desconhecemos. Porém, há um fato que resgatamos e que achamos inquestionável: Guevara era um sujeito entristecido, torturado, sofrido, notavelmente

ressentido. Seus escritos sempre se referem ao ódio, à morte, ao êxtase pela pólvora, à sede de sangue, ao extermínio do próximo. As únicas notas de alegria e descontração que podemos resgatar de suas intermináveis epístolas datam de quando ele se envolveu em um combate ou quando foi testemunha em um bombardeio. É o caso de sua carta na Guatemala, um fragmento que já expusemos, mas que vale a pena repetir: "Eu me diverti à beça esses dias. Aquela sensação mágica de invulnerabilidade [...]. Dava-me um prazer danado ver as pessoas correndo desesperadas assim que os aviões chegavam [...]. Tudo muito legal, com direito a tiros, bombas, discursos e outros detalhes".

Pelo que foi exposto até agora, tudo indica que Che era uma espécie de homem temerário que deliberadamente saía em busca do risco e... da morte? Mesmo em um tiroteio na Sierra Maestra, no qual Guevara se viu encurralado pelos inimigos, ele relatou o episódio da seguinte forma: "A posição era ruim e eles vinham nos cercando [...]. Pessoalmente, notei algo que nunca havia sentido: a necessidade de viver. Isso deve ser corrigido na próxima oportunidade".[220] Guevara não se imolou sem motivo, nem atirou em si mesmo para escapar do mundo, mas envolveu-se em aventuras imprudentes ou absurdas, onde morrer era mais do que provável.

E embora seja claro que Che talvez tenha buscado inconscientemente a morte, também é verdade que a morte deveria ter um véu romântico, estóico e heróico: "A aventura pode ser louca, mas o aventureiro há de ser são", disse Gilbert Chesterton. Quão são era o aventureiro Guevara?

Atirador estreante

Com o passar dos dias agitados na Sierra Maestra, ocorreu um episódio macabro que marcará o batismo de Che Guevara como fuzilador: "A situação não estava muito boa naqueles dias; a coluna, ainda sem o espírito forjado na luta e sem uma clara consciência ideológica, ainda não tinha se consolidado", lamentou Che, acrescentando: "Um dia um, um dia outro, os camaradas ausentavam-se", e, para evitar o aumento de deserções, insubordinação ou derrotismo , a pena de morte foi imposta como regra interna do grupo.[221] É neste tenso contexto de convivência interna que o guerrilheiro Eutimio Guerra perdeu a confiança de Che, que o acusava de ser um delator do exército. Sem mais delongas, baseando-se apenas em sua falível intuição, Guevara destroçou-lhe a cabeça com um tiro.

Terá sido um ato de legítima "justiça revolucionária"? Seu ex-companheiro Jaime Costa (participante do assalto ao quartel Moncada em 1953, expedicionário do iate Granma e, posteriormente, comandante do Exército Rebelde), a respeito do guerrilheiro assassinado por Guevara, afirma: "Não havia nenhuma prova específica [...]. Então, o tribunal foi formado e chegamos à conclusão de que não havia garantia de que ele fosse um delator, de modo que sua vida não poderia ser tirada. Nesse momento, o Che diz: 'Bem, se vocês não o matarem, mato eu', ao que todos retrucam: 'Por que você vai matá-lo? Se você nem é cubano. Ele é cubano e não confessou que é delator'. O Ramiro, então, como presidente

daquele tribunal, diz que ele não pode ser fuzilado, e naquele momento ele é o que tem a posição mais alta. O Che sacou a pistola e matou-o na hora".[222] Outra testemunha privilegiada, o guerrilheiro Universo Sánchez, assim recorda o homicídio: "Eu estava com uma espingarda, e, então, o Che sacou uma pistola 22, PAC , e lhe deu um tiro aqui. Porra, Che. Você o matou! Ele caiu de barriga para cima, estrebuchando. Uma cena pavorosa!".[223] Mas Che ofereceu uma versão menos dramática e mais técnica do assunto: "A situação era incômoda para nós e para ele, então acabei com o problema dando-lhe um tiro de pistola na têmpora direita. Ele se debateu por um tempo e morreu",[224] observou o médico argentino, exibindo sua formação em anatomia não para salvar uma vida, mas para tirá-la. Guevara, então, apropriou-se dos pertences de sua vítima. Ele estava extremamente interessado no relógio, que estava fortemente amarrado à corrente do cinto do sacrificado. Segundo o próprio Che, o moribundo, "com uma voz firme, sem medo", disse-lhe: "'Arranque-o, rapaz, pode levar' [...]. Foi o que eu fiz, e seus pertences passaram para minha posse".[225]

Esse episódio estarrecedor não foi um evento isolado. A partir de então, foram constantes as execuções indiscriminadas de pessoas de suas próprias tropas por Guevara, fosse por mera antipatia, indisciplina ou desconfiança.

CAPÍTULO V:
O MITO DA REVOLUÇÃO CUBANA

A guerrilha rural como fator decorativo da revolução

Ao contrário do que propagava a lenda castro-comunista, Fidel, naquela época, não só não se manifestava como comunista como afirmava lutar para reinstalar "a democracia e a Constituição de 1940". Esta proclamação comedida de cunho institucionalista rendeu aos rebeldes o apoio da maior parte da população cubana e da comunidade internacional, além do respaldo do governo dos Estados Unidos.

Mesmo nos mais importantes meios de comunicação norte-americanos, uma profusa campanha foi realizada em favor dos "democratas da Sierra Maestra", que queriam derrubar o esgotado governo de Batista, tanto que os rebeldes que atuavam em El Llano conseguiram que o conhecido jornalista norte-americano Herbert Matthews, do influente New York Times, viajasse à Sierra para entrevistar Fidel. A impactante matéria apareceu no final de março de 1957, representando um duro golpe para Batista. Com a manchete "Fidel está vivo", o jornal informou ao mundo que o presidente cubano estava mentindo ao falar do extermínio rebelde, mas ele não foi o único a mentir: quando o jornalista perguntou sobre o número de tropas rebeldes, Fidel apontou para os que estavam ao seu redor e disse: "Este é o meu Estado-Maior", sem esclarecer que aquele era todo o seu

exército.[226] Essa não foi a única artimanha para simular um maior número de combatentes: soldados iam e vinham, fingindo agitação, para entregar "mensagens urgentes" a Fidel de uma segunda coluna inexistente. A peça de teatro dirigida por Castro foi extremamente bem-sucedida, e o cronista norte-americano acreditou no cenário belicista exagerado, escrevendo uma crônica jornalística apologética aos insurgentes, com sucesso mundial. O consenso internacional começou a balançar abertamente em favor dos "rebeldes da liberdade".

Os países da região começaram a enviar armas, dinheiro e suprimentos a toda velocidade para apoiar as forças guerrilheiras. A tal ponto os poderes anticomunistas apoiaram Castro e seu suposto plano de restauração republicana, que Pablo Giussani, escritor marxista e assessor de imprensa do terrorismo montonero, observou que "a primeira proposta de enviar armas aos bravos jovens que lutavam na Sierra Maestra contra a ditadura de Batista não partiu de nenhum grupo que se pudesse chamar de revolucionário, esquerdista ou mesmo popular, mas do almirante (argentino) Isaac Rojas, um conservador considerado o arquétipo do 'gorilismo'".[227]

E em março de 1957, o emblemático comandante rebelde Huber Matos empreendeu uma viagem fundamental à Costa Rica, justamente com o objetivo de encontrar-se com o presidente desse país, o Dr. José Figueres Ferrer, que já lhe havia prometido armamento em grande escala (note-se a escala do apoio externo). Matos relembra o encontro e o diálogo com Figueres em suas memórias da seguinte forma: "'Matos', Figueres me diz, 'vou entregar as armas, mas lembre a seus homens que essas armas fazem parte do pequeno arsenal da Costa Rica e que as estou cedendo a vocês porque amo o povo de Cuba. Não pode haver infidelidade em minha atitude, porque me tornaria irresponsável perante os costa-riquenhos e poderia até me custar a presidência [...]. As armas estão esperando por você, em um depósito bem debaixo de nossos pés. Quanto mais cedo levá-las, melhor'. Confie em nós, senhor presidente".[228]

Então, na noite de 29 para 30 de março, foram transportadas as armas e munições prometidas, sendo a logística da transferência tão sofisticada que os pilotos do avião que levaram os suprimentos da Costa Rica para Cuba (onde os rebeldes improvisaram uma pista de pouso nas áreas rurais) vieram do México por ordem de Castro. Mas esse apoio não seria o único que os rebeldes cubanos receberiam da Costa Rica. O proeminente dirigente sindical Luis Alberto Monje (futuro presidente da Costa Rica entre 1982 e 1986) também financiou a revista Cuba Libre, órgão de divulgação do Movimento 26 de Julho na América Central. Por fim, Matos menciona que, além disso, o costa-riquenho Frank Marshall lhes forneceu generosamente um bom número de fuzis com munição.[229]

Enquanto isso, em 13 de março de 1957, os grupos de El Llano atacaram o palácio presidencial de Havana, onde Batista morava, a fim de fuzilá-lo. O ataque foi realizado por um grupo de jovens do Diretório Revolucionário, grupo aliado a um setor do Partido Autêntico. O país esperava as rixas que aconteciam continuamente nas cidades, enquanto Fidel e seus seguidores agiam como espectadores nas montanhas.

É interessante destacar a ação insurgente dos que lutaram em El Llano (a ala urbana e ideologicamente mais moderada da reação antibatista), pois o futuro mito vendido pelo Estado castro-comunista reduziu toda a história da Revolução Cubana à equação rural e seus exóticos barbudos, independente de qualquer outro elemento, quando, na verdade, a série de episódios fora da Sierra Maestra que fizeram parte do processo revolucionário foi muito mais importante e decisiva do que as escaramuças esporádicas ocorridas na periférica selva cubana, embora esta última fosse esteticamente mais romântica ou ficcional para fins mitológicos e propagandísticos.

Em meados de maio, os guerrilheiros receberam outras duas notícias auspiciosas, uma vinda do mundo do marketing americano e outra relacionada a uma temática estritamente militar: a transmissão nos canais de televisão norte-americanos do filme rodado por Bob Taber na Sierra Maestra no âmbito da primeira e a chegada iminente de um carregamento reforçado de armas em relação à segunda. Da referida remessa, Che recebeu uma metralhadora Madsen: “A alegria foi estampada em seu rosto”, observou seu hagiógrafo Hugo Gambini.[230]

Nesse ínterim, o coronel Bayo enviava mensagens a Castro de Nova York (observe o local de residência e conspiração do principal instrutor militar de Fidel). Nessa altura, Batista observava com grande preocupação que os norte-americanos começavam a afeiçoar-se à figura do chefe barbudo, e dois episódios concomitantes pareciam ser mais do que sintomáticos desse idílio: a revista Visión de 5 de julho trazia uma fotografia do líder rebelde na capa. Ao mesmo tempo, o The New York Times afirmava que “o desenlace cubano estava chegando ao fim”.[231]

Em maio de 1957, os rebeldes desceram das montanhas e atacaram uma pequena serraria isolada perto da costa, composta por duas construções de madeira e três pequenos postos de guarda. Ao todo, havia cinqüenta e três homens no acampamento, vários trabalhadores desarmados e alguns militares de Batista. Castro deu o sinal para atacar disparando seu fuzil com mira telescópica de um cume distante. Na luta que se seguiu, os poucos soldados lutaram ferozmente, matando seis dos rebeldes e ferindo nove. Do grupo do acampamento, quatorze foram mortos, dezenove ficaram feridos, seis fugiram e quatorze foram capturados.[232] E embora a escaramuça tenha tido sua importância, a propaganda castrista vendeu o tiroteio como uma das maiores epopéias rurais da revolução: “Esse combate provou-nos a pouca preparação combativa das nossas tropas, incapazes de disparar com segurança contra inimigos que se moviam à uma distância tão curta como a que havia nesse caso”, confessou Che. Ainda assim, a falta de preparação militar não impediu que o argentino acertasse no alvo: “Um dos soldados ergueu a cabeça como se estivesse surpreendido; abri fogo imediatamente, e o sexto homem caiu”.[233]

Outra informação incontestável, que mostra mais uma vez o quão deficiente era o grupo de guerrilheiros, é confirmada pelo próprio Guevara em seu diário, quando ele diz (em 23 de maio de 1957) que, naquele momento, a tropa estava “reduzida a cento e vinte e sete homens, a maioria armados; destes, cerca de oitenta tinham boas armas”.[234]

Batista, contudo, não podia cruzar os braços diante das más notícias e lançou uma ofensiva urbana na qual Frank País, o renomado líder da oposição de El Llano, foi morto. A morte do líder popular produziu grande indignação nas cidades e a população reagiu com uma greve espontânea que paralisou o comércio. O funeral de Frank País atraiu uma multidão impressionante, fato que constituiu um forte alerta para um governo cujos problemas começavam a fazer parte da preocupante habitualidade. Mas os contratempos para Batista não param por aí: o novíssimo embaixador americano Earl Smith deixou de lado todas as formalidades diplomáticas e compareceu ao velório para depositar uma coroa de flores no túmulo do líder falecido, em um ato de inequívoca solidariedade à rebelião e de desprezo pela atitude do governo.

Quanto a Castro, vale notar que ele via Frank País como um concorrente, de modo que ele viveu sua morte sem qualquer pesar, já que, embora tanto El Llano quanto o Movimento 26 de Julho lutassem contra Batista, eram mais do que evidentes as profundas diferenças ideológicas e políticas entre as duas facções revolucionárias (El Llano era de tendência moderada e Fidel Castro escondia dentro de si uma intenção comunista que ainda não havia sido expressa). Menos especulativa e mais nobre foi a reação de Guevara, que escreveu em seu diário: "Com Frank País, perdemos um dos lutadores mais valiosos, mas a reação ao seu assassinato mostrou que novas forças se juntavam à luta e que o espírito combativo do povo crescia".[235]

No dia seguinte à morte de Frank País, Che viu-se em novo tiroteio contra uma dezena de guardas das forças de Batista, ocasião em que foi obrigado a realizar uma "retirada estratégica": "Corri com uma velocidade que nunca mais voltei a alcançar", acrescentando: "Minha participação no combate foi irrisória e nem um pouco heróica".[236]

Interessa-nos esta digressão, que consiste na opinião de um espião de Batista (Richard Tullis), que, na época, se infiltrara na Sierra Maestra e redigiu o seguinte relatório, comparando as personalidades de Che e Fidel: "(O Che) é elegante, brilhante, muito mais inteligente do que Fidel. O Che é comunista, ou em meus dois anos estudando personalidades comunistas, nunca vi um. Seu comando tem todos os luxos da cidade: uma geladeira a querosene, um fogareiro a querosene, comidas especiais, charutos Uhpman, Coca-Cola, vinhos e uma grande variedade de mate. Ele dorme em uma cama confortável [...]. Che ama a autoridade [...] ao contrário de Fidel, Che é um homem fraco. Castro caminha quilômetros todos os dias. Che nunca anda, usando um jipe ou uma mula. Castro é um homem de grande coragem. Che tem pouca coragem, mas é um grande ator e estudou bravatas. Finge ler enquanto os aviões metralham sua casa".[237]

Voltando à situação, a realidade é que a solidão de Batista tornou-se inversamente proporcional ao crescente apoio a uma guerrilha que, desde o início, foi vendida por Castro como uma firme insurgência republicana e anticomunista. Basta acrescentar que o The New York Times, por meio de seu jornalista Tad Szulc, assegurou que o então agente da CIA , Robert Wiecha, forneceu cinqüenta mil dólares ao Movimento 26 de Julho em outubro de 1957 para fortalecer o financiamento da revolução.[238] E foi também por esses

dias que o comandante Huber Matos registrou o incrível fato de que marinheiros norte-americanos da base naval de Guantánamo uniram-se a seu grupo em ajuda e solidariedade à causa antibatista.[239]

De fato, embora a historiografia castrista de exportação tenha enfatizado posteriormente o contrário, essa pequena guerrilha selvática liderada por Fidel Castro nunca deixou de ser um aspecto subordinado ou decorativo em toda essa história revolucionária, a tal ponto que o próprio Matos volta a ilustrar que, "em 5 de setembro de 1957, uma semana após o assassinato de Frank, a rádio noticiou um levante contra Batista na base naval de Cienfuegos, província central de Las Villas. Segundo as informações, os marinheiros da base, atuando em coordenação com elementos civis do Movimento 26 de Julho e outro grupo revolucionário de origem autêntica, tomaram o controle da instalação militar e algumas outras posições dentro do perímetro urbano".[240] Mesmo um devoto da revolução, como Jon Lee Anderson, observa que a maioria dos funcionários do governo "não estava propondo um mero 'ataque', mas uma insurreição total para derrubar Batista",[241] acrescentando que "altos funcionários da camarilha de Batista tramaram conspirações para derrubá-lo e garantir seus próprios cargos".[242]

Ou seja: Batista não só não conseguiu que suas forças armadas combatessem o inimigo, como também elas se rebelaram contra ele mesmo. Para mais informações sobre a indiferença das forças do governo em relação aos guerrilheiros rurais, Che Guevara observou: "No final do ano (1957), as tropas inimigas retiraram-se mais uma vez das montanhas e ficamos donos do território existente".[243]

E por que as forças de Batista sofriam com tamanha falta de moral, lealdade, organização e profissionalismo? Aqui vale uma brevíssima digressão relacionada a um precedente determinante na história militar de Cuba. E para isso nos valeremos da pena de Vicente Massot, que, em sua análise da Revolução Cubana apresentada na obra El cielo por asalto, recorda e destaca: "Em 4 de setembro de 1933, (Batista) sendo um jovem sargento estenógrafo, chefiou um golpe de Estado que o colocou no poder e mudou a estrutura hierárquica do exército de forma inédita na América Latina", já que esse golpe interno na instituição militar forjou "a ascensão repentina de um grupo de suboficiais, cabos e sargentos, a generais, com todas as prerrogativas do caso, embora sem a formação, que lhes faltava devido ao posto subalterno", e, com isso, "o generalato foi varrido e substituído pelo corpo de sargentos", razão pela qual "Batista garantiu que os guerrilheiros estavam em retirada e seriam derrotados a curto prazo. Por isso, não deu atenção aos poucos oficiais capazes que tinha e confiou a gestão das operações a ex-sargentos medíocres, que se davam mal e tinham a mesma ganância crematística do presidente que os havia transformado, da noite para o dia, em generais cheios de bordados ridículos e medalhas de bronze". E conclui Massot: "Dos únicos dados registrados pelo caso cubano, este é um dos mais notáveis".[244]

Ou seja, os militares subalternos, que partilhavam da moral duvidosa do caudilho que, em seu momento, os revoltou, que tinham pouca disciplina e que também não tinham o

preparo profissional dos oficiais, foram os que substituíram de fato os oficiais superiores e passaram a chefiar as Forças Armadas de Cuba, que, por sua vez, estavam subordinadas a um sargento.

As conseqüências de tal roque? Eles estavam à vista e o custo estava sendo pago pelo principal responsável e mentor dessa jogada: Fulgencio Batista.

A revolução multimídia

Já haviam passado vários meses desde o desembarque do Granma e os guerrilheiros contavam com o apoio esmagador da imprensa internacional. Correspondentes e cronistas de todo o mundo elogiavam Che, Castro e sua alegada nobre causa. Tanto o The New York Times, o Le Monde, o Il Corriere della Sera quanto os principais jornais latino-americanos os apoiavam, enquanto a CBS divulgava o movimento com um documentário veiculado nos Estados Unidos em horário nobre: "Aguardamos a oportunidade em que nosso povo possa prestar uma grande homenagem nacional a todos os bravos jornalistas que, com suas generosas e nobres penas, os estão ajudando a recuperar sua liberdade", escreveu Fidel Castro em uma carta de agradecimento enviada a seu inefável publicitário Herbert Matthews.[245] Mas, além da amável cobertura que tinham os barbudos da selva, os líderes que operavam em El Llano, embora não tivessem a mesma espetacularidade midiática de seus colegas das montanhas, tinham bons contatos na CIA , que não só lhes forneciam todas as informações necessárias, mas também viviam desembolsando dólares para sustentar a rebelião.

Comandante Guevara

O dia 21 de julho de 1957 foi um dia de alegria para o médico Ernesto Guevara, uma vez que ele foi nomeado por Fidel Castro para o cargo de comandante da Segunda Coluna, cujo território de combate era a parte leste da Sierra Maestra (cerca de 20 km), dando-lhe carta branca: "Fui nomeado comandante da segunda coluna do exército guerrilheiro", observou, acrescentando que "a dose de vaidade que todos temos dentro de nós fez-me sentir o homem mais orgulhoso da Terra naquele dia".[246]

A nova posição hierárquica de Che, todavia, apenas acentuou os aspectos mais negativos de sua personalidade em detrimento dos integrantes de sua tropa, muitos dos quais começaram a cogitar a possibilidade de partir: "Que saiam os fraquinhos, os covardes, os babacas!", provocou Guevara, referindo-se a um grupo que procurava pretextos para desertar.[247] Ainda naqueles dias ocorreu a primeira deserção efetiva da coluna, e Che mandou dois emissários (Baldo e Ibrahim) perseguirem o desertor com a ordem de fuzilá-lo onde o encontrassem. Pouco depois, Baldo voltou e relatou que Ibrahim também quis desertar e por isso ele o havia matado com três tiros. Em seu diário, Che registrou sua reação: "Reuni todas as tropas no morro antes da cena do macabro acontecimento, explicando aos nossos guerrilheiros o que iam ver e o que isso significava, por que a

deserção seria punida com a morte e o motivo da condenação contra quem traía a revolução".[248]

Mais tarde, quando outro de seus homens (o guerrilheiro chinês Wong) ousou desertar, Guevara mandou dois subordinados seqüestrarem o traidor, mas um deles foi imediatamente fuzilado por se recusar a capturar o amigo. Então, Che fez novamente suas tropas desfilarem em fila indiana diante do cadáver: "Um humilde camponês [...]. Naturalmente, os tempos eram difíceis, e a sanção foi ditada como exemplar", escreveu.[249]

Todos os suspeitos de covardia ou possível deserção eram submetidos a humilhações degradantes ou riscos enormes por Guevara. Nessa época, houve o caso de um camponês chamado Aristidio, que se juntou à guerrilha, mas aparentemente se arrependeu, pois se desconfiava de sua intenção de desertar assim que as forças insurgentes se deslocassem.

Sem mais delongas, Guevara ordenou que ele fosse fuzilado: "Na minha qualidade de chefe do setor, fizemos uma investigação muito sumária e Aristidio foi executado".[250] No entanto, em relação a este último homicídio, o próprio Che parece duvidar ou ter um leve remorso, conforme registrado em seu diário: "Hoje nos perguntamos se ele era realmente tão culpado a ponto de merecer a morte e se uma vida não poderia ter sido salva para a etapa da construção revolucionária".[251]

Para Guevara, a prática do fuzilamento começou a se tornar uma espécie de hobby com conotações sombrias. De fato, há pouquíssimos registros em seu diário na Sierra Maestra em que ele confessa ter matado inimigos em combate, mas, por outro lado, ele admite ter atirado ou mandado fuzilar mais de uma dezena de homens que brigavam em seu grupo, os quais, por algum motivo, não lhe inspiravam confiança nem simpatia.[252] A esse respeito, outro de seus ex-companheiros, Roberto Bismark (capitão do Exército Rebelde), relatou: "Guevara chega em Las Villas [...] para falar conosco [...] fomos àquela reunião [...] ele não tinha nenhuma intenção nem remotamente idealista [...] fato que me causou muita rejeição. Houve uma pequena operação militar em que algumas pessoas foram presas, camponeses que supostamente haviam colaborado (não me constava nada, mas era disso que eles eram acusados) com o regime de Batista. Arbitrariamente, fui testemunha de que Che Guevara [...] sem julgamento prévio (inclusive contra nosso julgamento de que nenhuma medida deveria ser tomada contra a pessoa porque não havia provas que confirmassem as acusações), Che Guevara disse que não, que eles tinham que ser mortos. Em relação a dois deles, fui testemunha ocular de que ele os matou com sua arma".[253]

Outro testemunho doloroso é prestado por Luciano Medina, capitão do Exército Rebelde, sob o comando do comandante Camilo Cienfuegos: "Não comíamos há três dias e acampamos na fazenda La Otilia. O Che nos mandou trazer um porco, e fui falar com o Carlos Socolombo, que tinha um sítio ali perto, e comprei um porco que me custou setenta pesos. Então, todos os soldados estavam comendo, quando aparece um homem e diz a Che Guevara que tem um delator, que precisamos ver como nos livrar daquele

homem chamado Juan Pérez, dono da fazenda Rancho Claro, cafeicultor. Eles foram buscar o homem e o fuzilaram. Lembro que ele tinha três filhos pequenos, de quatro, cinco e seis anos, o que incomodou toda a tropa".[254]

Por outro lado, quando o rancor para com o eventual infeliz não era muito significativo, Che entretinha sua morbidez realizando pelotões de fuzilamento simulados: "Esse sistema, usado pela primeira vez ali, pode parecer agora um sistema bárbaro, só que não havia sanção possível para aqueles homens cujas vidas poderiam ser salvas, mas que tinham uma série de faltas bastante graves em seu histórico", justificou.[255]

A realidade é que Guevara não via nada de dignificante nos indivíduos, que só valiam na medida em que serviam ao todo, observando o sujeito particular como "a peça mais insignificante do mecanismo".[256] Na verdade, ele considerava os trabalhadores cubanos "engrenagens de uma roda" e descreveu seus guerrilheiros como "abelhas de um apiário", argumentando que "pouco importa se o guerrilheiro individual sai vivo ou não".[257] E a tal ponto era esse o seu verdadeiro pensamento, que ele mesmo narrou episódios em que, embora não mandasse matar um subordinado, o expunha a situações de risco em que ele acabava morrendo. Che conta que, depois da batalha de Santa Clara, ele foi a um hospital, onde um moribundo toca em seu braço, perguntando-lhe se ele se lembrava dele. Era um combatente de sua própria tropa que Guevara havia desarmado alguns dias antes, como punição por ter disparado acidentalmente sua arma. Foi então que, em retaliação, Che ordenou que ele pegasse outro fuzil, devendo tirá-lo de um soldado inimigo. O jovem guerrilheiro havia sido encorajado a cumprir a arriscada ordem, mas, na tentativa, ficou gravemente ferido. "Ele morreu alguns minutos depois", observou Guevara, acrescentando: "Acho que ele ficou feliz por ter mostrado sua coragem".[258] Mais uma vez, em seus escritos, aparece a aparente "alegria" que ele atribui à sua vítima por morrer bravamente, neste caso por causa de uma ordem absurda que o próprio Guevara deu a um subordinado.

Outro fato bastante oculto sobre a personalidade do médico Ernesto Guevara é que ele era particularmente fascinado por armas, fascínio que, em princípio, não tem nada de errado, exceto pelo fato de que contrasta radicalmente com a atitude pacifista atribuída a ele por muitos de seus paroquianos e filmes lisonjeiros. Em maio de 1957, quando um carregamento de armas que reforçava as milícias rurais chegou à Sierra Maestra, Guevara escreveu: "As armas chegaram à noite. Para nós, aquele foi o espetáculo mais maravilhoso do mundo: estavam como que expostos, aos olhos cobiçosos de todos os combatentes, os instrumentos da morte".[259]

Do uso do "espetáculo mais maravilhoso do mundo" nem mesmo os animais domésticos escaparam. Nessa ocasião, Che ordenou a seu subordinado Félix que matasse um cachorrinho que rondava a região e cujos uivos poderiam levantar suspeitas de sua presença perante o inimigo: "Félix olhou para mim com olhos que não diziam nada. Lentamente, tirou uma corda, enrolou-a no pescoço do animal e começou a apertá-la. Os movimentos alegres do rabo do cachorro tornaram-se abruptamente convulsivos antes da

morte gradual, com um lamento contínuo que saía de sua garganta apesar do aperto firme [...]. Após um espasmo nervoso final, o bicho parou de se mexer. Ficou lá deitado, com a cabeça sobre os galhos". O que é realmente curioso sobre o caso é que a pessoa que nunca demonstrou a menor angústia ou remorso diante de cada homicídio seu praticado ou ordenado a um ser humano expressou estes sentimentos diante da morte do cachorro: "Entre nós houve uma comoção imperceptível".[260]

Outro infeliz exemplo de "justiça revolucionária" testemunhado pelos homens da coluna de Che é trazido pelo guerrilheiro Enrique Acevedo: "Na madrugada trazem um sujeito grandão vestido de verde, com a cabeça coberta como os militares, com bigodes largos: é (René) Cuervo, que está causando problemas na área de San Pablo de Yao e Vega la Yua. Ele cometeu abusos contra os camponeses, dizendo que pertence ao Movimento 26 de Julho [...]. Che o recebe em sua rede [...]. No final, ele o afasta com um aceno de mão desdenhoso. Os homens o levam para um buraco e o executam com um rifle 22, motivo pelo qual devem atirar três vezes nele. O lugar foi batizado como Hoyo del Cuervo".[261]

Ao conjunto de episódios macabros que estamos revisando para ilustrar ao amigo leitor vale acrescentar o protagonizado pelo jovem guerrilheiro Echevarría, cujo irmão navegou com Che no Granma. Ao ser acusado de um suposto crime, Guevara ordenou sua execução imediata e observou: "Echevarría poderia ter sido um herói da revolução [...] mas teve o azar de cometer crimes naquela época e teve que pagar assim [...]. Serviu de exemplo, trágico, é verdade, mas valioso por mostrar a necessidade de fazer de nossa revolução um fato puro e não contaminá-lo".[262]

Devido às características indelicadas de seu comandante, os guerrilheiros viviam em clima permanente de tensão psíquica, embora também seja verdade que essa atmosfera hostil era alimentada pela dura vida na selva e pelo enorme esforço físico que cada um precisava realizar: "As marchas eram cansativas e incrivelmente curtas; os feridos têm que ser transportados um a um, pois precisavam ser carregados em redes penduradas em um tronco forte, o que literalmente destroça os ombros dos carregadores, os quais devem revezar-se a cada dez ou quinze minutos, de forma que precisamos de seis a oito homens para transportar um ferido nessas condições", observou Guevara, lamentando também que, face a um ritmo de vida tão pouco atraente, as deserções estivessem em voga: "As deserções não paravam" pois "era muito difícil manter o moral das tropas, sem armas, sem contato direto com o líder da revolução, praticamente no escuro, sem qualquer experiência", situação que foi agravada pela "falta de disposição dos novos recrutas", que "foi causando crises contínuas no espírito da guerrilha".[263]

Entre essas "crises contínuas no espírito da guerrilha", há uma que é particularmente digna de nota. Devido às conseqüências do tratamento e da personalidade de Che, as pessoas viviam com tal grau de nervosismo que os diferentes escalões da coluna começaram a adotar medidas muito severas, emulando ou mimetizando as práticas de seu comandante. Todos começaram a interagir em estado de ansiedade exacerbada e violência

mal contida. Aconteceu, então, que o guerrilheiro Lalo Sardiñas (considerado um combatente de elite), ameaçou um indisciplinado com seu revólver e atirou nele, matando-o. Os amigos da vítima ficaram indignados e exigiram a execução imediata do oficial. A revolta foi tamanha que Guevara não conseguiu controlar o motim, e Fidel veio em seu auxílio, propondo que fosse votada a eventual execução de Sardiñas.

Os duzentos e quarenta e seis guerrilheiros amotinados depositaram suas folhas de papel em um capacete. Houve um empate tenso de votos a favor da morte e contra (123 a 123). À luz das tochas, o prolixo Castro lançou uma arenga em forma de súplica por mais de uma hora a favor da preservação da vida de Sardiñas, e obteve uma segunda votação, muito apertada, que salvou o guerrilheiro.[264]

Dizem as más línguas que esta foi a primeira e única vez em sua vida que Fidel Castro convocou eleições consultando a vontade popular.

A natureza ideológica da guerrilha rebelde

A guerrilha antibatista, ou seja, o Exército Rebelde, como se dizia, dividia-se basicamente em duas: El Llano (com uma ideologia moderada que atuava em áreas urbanas) e a guerrilha rural (cujo maior expoente era o Movimento 26 de Julho, sob o comando de Castro). Destes últimos, os principais comunistas eram Raúl e Fidel Castro, além de Che Guevara. Mas Fidel, que normalmente dava declarações à imprensa, não se cansava de esclarecer que não tinha nada a ver com o comunismo, para continuar recebendo o apoio da comunidade internacional e do povo cubano. Segundo observação de Castañeda, naquela época o discurso desideologizado de Castro "não atingia o grau de radicalismo do populismo clássico latino-americano de Perón, Cárdenas e Vargas ou do próprio Batista em 1940".[265] E o resto dos homens de Castro, com as já mencionadas exceções de Che e Raúl, ou não tinham a menor idéia do que é comunismo, ou (se tinham) não a compartilhavam. A estratégia castro-guevarista consistia em enganar a todos e, uma vez no poder, levar adiante seu projeto totalitário.

Fidel já era um comunista convicto naquela época? Ou sofreu de um marxismo sobrevivente? A data de sua "conversão" ao marxismo tem sido objeto de disputa entre biógrafos e pesquisadores. Uma namorada de Fidel, que também era amiga de Che e de sua esposa, afirma que "sem Ernesto Guevara, Fidel Castro talvez jamais tivesse se tornado comunista. Sem Fidel Castro, Ernesto Guevara talvez jamais tivesse passado de um teórico marxista".[266]

No entanto, ensaístas como Mario Lazo extraem alguns antecedentes do jovem Castro que confirmariam um marxismo pré-existente à revolução de 1959, pois, embora na época do assalto ao quartel Moncada Fidel pertencesse ao Partido Ortodoxo (não-comunista), pouco tempo antes, quando tinha apenas vinte e um anos, Castro pertencia à organização terrorista de viés trotskista União Insurrecional Revolucionária, chegando a ser detido por um tempo por sua ligação com um assassinato perpetrado pelo grupo. Da

mesma forma, Fidel participou ativamente do famoso “Bogotazo”,[267] massacre na Colômbia em 1948: “Algumas pessoas me perguntaram se eu pensava, na ocasião do Moncada (1953), como penso hoje. Eu lhes respondi que pensava muito parecido a como penso hoje. Essa é a verdade [...]. Digo-o aqui com total satisfação e segurança: sou marxista-leninista e serei marxista-leninista até o último dia da minha vida”, declarou Castro em 2 de dezembro de 1961 com a revolução totalmente consumada.[268] Fidel disse a verdade naquele dia? Impossível saber, especialmente vindo tal confissão de alguém conhecido por ter sido um mentiroso crônico durante toda a sua vida. O que podemos afirmar é que a formação marxista de Castro nunca foi academicamente sólida, insuficiência ideológica sempre notada, embora isso não signifique que ele não fosse um comunista convicto.

Os antecedentes de Castro mencionados aqui não são insignificantes. Em plena Guerra Fria, a CIA não podia se dar ao luxo de ignorar tais “detalhes”, mas o fez e pagou caro pelas conseqüências de tal descuido (seja culposo ou doloso). Lembremo-nos de que, nessa época, os Estados Unidos foram governados primeiro pela administração de Eisenhower e, depois, de Kennedy, a cujas responsabilidades no tema nos referiremos mais adiante.

Quanto a Che Guevara, vale notar que, embora fosse um marxista entusiasta, não se caracterizava precisamente como um pensador do marxismo, mas, sim, como um leitor apressado que manejava conceitos assistemáticos (quando não panfletários) que radicalizava ao extremo e cujos dogmas fechados forneceram uma direção ou fundamento psicológico à guerra que ele travou consigo contra o mundo. Em carta à mãe, ele confessou: “Antes, eu me dedicava, como podia, à medicina, e meu tempo livre era voltado para o estudo informal de São Carlos (Marx). A nova etapa da minha vida exige também uma mudança de ordenação; agora São Carlos é primordial, o eixo”.[269] É impossível não notarmos que quando Che falava de “ordenação” (sacerdotal?) e se referia a Marx como São Carlos, consciente ou inconscientemente via no marxismo não um conjunto de idéias plausíveis, mas uma religião, à qual seria necessário dedicar uma vida de entrega catequética marcada pela mortificação e pelo martírio, se necessário. Além disso, na medida em que as leituras de Marx davam sentido a uma vida até então à deriva, ele próprio confidenciou à mãe (em carta datada de julho de 1959) o seguinte: “Continuo sendo o mesmo solitário em busca do seu caminho sem ajuda pessoal, mas agora tenho o senso do meu dever histórico... Sinto algo na vida, não só uma poderosa força interior, que sempre senti, mas também uma capacidade de injetar ânimo nos outros e um absoluto sentido fatalista da minha missão, que tira de mim qualquer medo”.[270] Em outras palavras, Guevara teria localizado no marxismo elementar não apenas um punhado de slogans que davam sentido à sua existência, mas também sua “missão fatalista” que tanto o preocupava: “Fidel, como todo político, aspirava a perdurar; Che, como todo aventureiro, escolheu extinguir-se em seu momento mais glorioso, consumar-se no ato absoluto de lutar até a morte [...]. Essa intransigência de ideais escondia a busca existencial de ‘ser você mesmo’, a construção da própria estátua”, observou Juan José Sebreli, em mais uma daquelas suas agudas interpretações sobre Guevara, que sempre

devem ser levadas em conta.[271]

E apesar do discurso indefinido de Fidel e do sigilo tático com que Raúl e Che ocultavam seu marxismo (note-se que Guevara não era muito habilidoso em simulá-lo), os que lutavam em El Llano desconfiavam das tendências ideológicas do argentino, tanto que isso lhe rendeu acalorada polêmica com René Latour, alto dirigente de El Llano. Fato é que Che tratava com desdém e difamação os que lutavam na cidade, minimizando ou desvalorizando suas ações e atribuindo todo o valor aos que estavam na Sierra Maestra. Ramos Latour, por sua vez, repreendeu Che em carta pelo injusto desprezo com que se referia ao material que lhe era enviado, enfatizando que, "embora a cidade careça das condições de heroísmo que prevalecem nas montanhas, aqueles que levantam o dinheiro, compram as armas e os alimentos e transportam-nos para as montanhas não são menos revolucionários ou valentes do que os combatentes de alta patente", acrescentando: "Aqueles que têm o seu preparo ideológico pensam que a solução para os nossos males está em libertarmo-nos da nociva dominação ianque por meio da não menos nociva dominação soviética".[272] Por ora, Guevara mordia os lábios, para evitar continuar a despertar desconfiança ideológica.

Acrescente-se que Guevara desvalorizava o papel do guerrilheiro urbano não só por sua total falta de realismo e talento como guerrilheiro, mas também porque ele não fazia a menor idéia das condições em que atuavam em El Llano, visto que até então ele nunca havia descido da Sierra e não conhecia nenhuma cidade de Cuba, de modo que seu desprezo pela resistência urbana não se baseava em um juízo, mas em um preconceito agravado por sua ignorância.

Além da luta entre El Llano e o Movimento 26 de Julho, parágrafo à parte merecem os guerrilheiros antibatistas que atuavam em El Escambray, uma cordilheira menor que a Sierra Maestra, com oitenta quilômetros de extensão e cerca de mil metros de altura, formada por anticomunistas que, embora não dependessem de Castro, lutavam ao lado dele. Lá estava lutando o Diretório Revolucionário, comandado por De Faure Chomón e De Cubela. Ambos os líderes também desconfiavam de Fidel, e um segmento dessa mesma Frente, sob a liderança de um furioso anticomunista espanhol (Eloy Gutiérrez Menoyo) recebeu subsídios de Miami do ex-presidente cubano Prío Socarrás.[273] Como podemos ver, a maior parte da subversão antibatista caracterizou-se pela tendência despojada de todo marxismo.

Além do fato de Batista ser o inimigo comum das insurreições cubanas, os conflitos políticos e ideológicos entre Guevara, El Llano e todos os setores revolucionários não-comunistas acentuaram-se à medida que se aproximava a possibilidade de vitória. Um dos pontos de discórdia antes do triunfo da revolução foi o projeto do que seria a reforma agrária. Che havia elaborado um anteprojeto, de inequívoca inspiração marxista, no qual previa a estatização de empresas cubanas e estrangeiras, sem nenhuma indenização a seus donos. Para acalmar as coisas, Fidel, sempre fazendo uso de suas habilidades de malabarismo, encarregou-se de frear e moderar o extremismo de Guevara. É por isso que, em primeira instância, Castro procurava contemporizar com a ala moderada do

Movimento 26 de Julho, chefiada por Humberto Sori Marín, advogado conservador que alguns anos depois seria fuzilado pelo castrismo, quando a revolução mostrou sua verdadeira face, massacrando qualquer dissidente que fosse identificado.[274]

Che aceitava essas decisões de Castro como um remédio amargo, embora advertisse que constituíam medidas táticas temporárias, para depois arrastar gradativamente o objetivo para o comunismo. Em suma, por enquanto, todos tinham que se unir para vencer a revolução, mas o que está absolutamente claro e comprovado (e isso, inclusive, foi confessado anos depois pelo comandante rebelde Huber Matos[275]) é que mais de 90% de todos os que compunham o exército rebelde contra Batista eram anticomunistas, assim como os imensos setores (tanto em Cuba como internacionalmente) que os apoiavam com generosos recursos monetários e materiais.

O macarthismo de Fidel

As declarações públicas feitas por Fidel Castro entre 1956 e 1958 foram caracterizadas por sua moderação e apoio insistente à Constituição de 1940. E para consolidar o apoio conquistado no mundo livre, em 12 de julho de 1957, emitiu o difundido “Manifesto da Sierra Maestra”, que, entre outras coisas, declarava que “os rebeldes lutavam pela instauração de um regime que garantisse a realização de eleições verdadeiramente livres, democráticas e justas” e “que criasse as condições para dirigir o país no caminho da legalidade democrática e constitucional”, acrescentando que “o grande ideal dos rebeldes era o de uma Cuba livre, democrática e justa”.[276] O próprio Guevara, analisando o texto, escreveu com resignação em seu diário: “Não ficamos satisfeitos com o compromisso, mas foi necessário; era progressista naquela época [...], mas também sabíamos que não era possível estabelecer nossa vontade a partir da Sierra Maestra e que teríamos que contar com toda uma série de ‘amigos’ por um longo período”.[277]

Esse tipo de discurso com verniz institucionalista permitiu que a imprensa internacional ocidental continuasse fascinada com os atraentes guerrilheiros, que supostamente defendiam ideais relativos de liberdade. Em 1958, o The New York Times chegou a escrever como título de uma matéria: “Será que o Che poderá mudar o destino da América?”, enquanto o trapaceiro Castro aproveitava cada reportagem para afastar qualquer suspeita de comunismo que atrapalhasse suas ambições: em um artigo publicado na revista Coronet com sua assinatura, o futuro ditador comunista declarou-se refratário à estatização e favorável ao investimento estrangeiro.[278]

Para mais informações, em março de 1958, o jornalista Agustín Alles Soberón subiu à Sierra Maestra por alguns dias e conseguiu entrevistar longamente Che Guevara e Fidel Castro (notas publicadas posteriormente na revista Bohemia). De sua entrevista ao Che, cabe destacar o seguinte fragmento: “— As simpatias pelo comunismo que lhe são atribuídas são verdadeiras? — De jeito nenhum. Não temos nenhuma ligação com o comunismo. Eu sou militar, nada mais. Sigo a linha do Movimento 26 de Julho.

— Você lê? — Sou um leitor incansável. Tirando os de medicina [...], todos os livros”.[279]

Sobre o que foi expresso por Fidel na mesma reportagem, aparecem inestimáveis afirmações suas: “Nosso movimento defende o critério de que o governo provisório deve ser o mais breve possível. O tempo estritamente necessário para normalizar o país [...] e convocar eleições para todos os cargos no estado, províncias e municípios [...]. Devemos fazer todo o possível para que esse período provisório não ultrapasse dois anos”, e acrescentou que “este governo deve obedecer a um programa de dez pontos”, dos quais os três primeiros são: “1) Liberdade para todos os presos políticos e militares. 2) Absoluta liberdade de informação na rádio e na imprensa escrita. 3) Respeito a todos os direitos individuais e políticos consagrados na Constituição”.[280]

Continuando com essas artimanhas discursivas, em maio de 1958, em entrevista concedida a Jules Dubois, Castro insistiu com a seguinte mentira: “Nunca fui nem sou a favor do comunismo [...]. O Movimento 26 de Julho nunca falou em socializar ou estatizar indústrias. Esse medo da nossa revolução é simplesmente estúpido [...]. Pessoalmente, não estou concorrendo a nenhum cargo e considero que há evidências suficientes de que estou lutando pelo bem-estar do meu povo, sem nenhuma ambição pessoal ou egoísta obscurecendo minha conduta”.[281]

E como se faltasse alguma ratificação redundante do espírito antimarxista que Fidel vendia, na Venezuela, em 20 de julho de 1958, tanto Castro (representando o Movimento 26 de Julho) quanto o resto das principais organizações de oposição a Batista assinaram “O Pacto de Caracas”, um compromisso detalhado para o retorno da democracia a Cuba. Ironicamente, os comunistas foram excluídos da participação no acordo, devido a seus vínculos históricos com Batista.

Castro não era “macarthista” só quando falava à imprensa local e internacional, mas também dentro de suas forças militares, exagerando no papel de anticomunista inveterado: “Os comunistas me preocupam muito. Tenha cuidado ao escolher os oficiais que nos apoiarão na coluna, muito cuidado”, ordenou ao comandante Huber Matos.[282]

Enquanto isso, a imprensa americana continuava fazendo apologia aos rebeldes. Naquele ano, um correspondente do The New York Times (Homer Bigart) também foi enviado à Sierra para promover os insurgentes, e seus constantes artigos levaram uma equipe de televisão do Columbia Broadcasting System a filmar os guerrilheiros diariamente, de modo que a televisão americana registrará e compartilhará em tom laudatório a vida dos guerrilheiros por quase dois meses.

Fidel Castro, agora uma estrela de Hollywood, em reiterativa entrevista concedida a seu complacente repórter Herbert Matthews declarou: “Você pode ter certeza de que não nutrimos a menor animosidade contra os Estados Unidos ou contra o povo norte-americano”. E Matthews teve o prazer de caracterizar seu famoso Fidel como “um idealista, animado por firmes convicções sobre liberdade, democracia, injustiça social e a necessidade de restaurar a Constituição e realizar eleições”. Em outra coluna sua no

mesmo jornal, o repetitivo bajulador não hesitou em celebrar o fato de que o programa de Castro traria uma reforma "democrática e, portanto, anticomunista" a Cuba.[283]

Melhor marqueteiro não podia haver: "Os artigos sobre Fidel Castro e a situação cubana que escrevi em fevereiro literalmente mudaram o curso da história do país", gabou-se Matthews. E ele estava certo.[284]

A conspiração continua

No final do verão de 1958, as ações contra Batista multiplicaram-se por todo o país: Havana foi sacudida em 15 de março pelo que ficou conhecido como "a noite das cem bombas", mas o golpe de efeito mais espetacular foi o seqüestro do campeão mundial de automobilismo, o argentino Juan Manuel Fangio. Seqüestrado à mão armada em 23 de fevereiro de 1958 no Lincoln Hotel e de lá transferido para um esconderijo, foi solto vinte e sete horas depois.[285] O episódio teve repercussão mundial e constituiu outra brilhante conquista publicitária para os guerrilheiros.

Para fortalecer o apoio dos antibatistas que atuavam nos Estados Unidos, Haydée Santamaría (veterana do Moncada) foi enviada ao aliado país do norte (que depois de 1959 passaria a ser chamado de "imperialismo"), onde foi recebida com todas as honras para coordenar e organizar uma arrecadação a fim de obter fundos da colônia cubana e de várias organizações norte-americanas que conspiravam contra Batista de diferentes cidades do país amigo vizinho. E era tão amigo que Washington decidiu dar o golpe de misericórdia em Batista em março de 1958, decretando um embargo de armas a Cuba para esvaziá-lo completamente e deixá-lo sem munições a curto prazo.

No final de junho, em meio a um bombardeio aéreo das forças de Batista contra as tropas rebeldes sob o comando de Raúl Castro (na Segunda Frente da Serra de Cristal), Raúl realizou engenhosa artimanha, detendo amavelmente quarenta e nove cidadãos americanos. Com que objetivo? Que os Estados Unidos pressionassem Batista a parar o bombardeio em troca da libertação dos americanos confortavelmente seqüestrados. Conclusão: os Estados Unidos exigiram imediatamente que Batista (que obedeceu sem mais escrúpulos) interrompesse os bombardeios até que os reféns fossem totalmente libertados.

Note-se o absurdo da situação: o agente comunista Raúl Castro realizou uma ação injuriosa contra cidadãos norte-americanos, e os Estados Unidos, em vez de retaliar os agressores, agiram contra Batista. Esta, e nenhuma outra, foi a posição do "imperialismo ianque" e da comunidade internacional contra o cada vez mais solitário presidente cubano.

Além disso, com honestidade intelectual, mesmo um autor socialista como Kalfon reconheceu, em sua extensa biografia sobre o Che, que as tropas "repressivas" do general Cantilo (o homem "mais temido" das milícias de Batista) estavam no seguinte estado: "O

moral das suas tropas é desastroso. A maioria, antes do combate, vai fumar maconha, tão fácil de encontrar nas montanhas. Alguns desertaram, aderindo à causa fidelista. Outros, presos, só saem com a Cruz Vermelha depois de obterem... um autógrafo de Fidel Castro, cujo carisma faz estragos. De resto, um ex-oficial de Batista, de nome bem francês, Coroneaux, depois de ter entrado na rebelião no tempo de Frank País, realiza um truque usando a radiofreqüência de um tanque inimigo, imobilizado pelos guerrilheiros, para que a aeronave bombardeasse os soldados de Batista".[286]

Enquanto meses turbulentos se passavam tanto na parte urbana de Cuba quanto na Sierra Maestra, à diferença dos relatos da maior parte dos combatentes neste e em qualquer outro conflito militar prolongado, Che Guevara nunca se lembrava ou se importava com a esposa ou bebê. Além de marido ausente, como pai também agia com desapego e total desinteresse. Desde sua chegada à Sierra, o próprio Che havia recebido várias cartas de sua esposa, às quais raramente respondia. Em 15 de fevereiro de 1958, no mesmo dia em que sua filha Hildita completou dois anos, sua esposa lhe escreveu mais uma vez pedindo permissão para ir a Cuba e acompanhá-lo, mas Guevara demorou quatro meses para responder, e sua resposta foi tão inexpressiva quanto breve: "Não".[287] Agustín Alles Soberón (jornalista citado da revista Bohemia), conta, depois de passar dois meses na Sierra Maestra como correspondente e entrevistar Guevara em seu acampamento (março de 58): "Entre as coisas que observei é que ele tinha um personalidade despótica, dura, cruel. Por exemplo, quando lhe perguntei sobre sua primeira esposa, Gadea, ele me respondeu: 'Não tenho notícias e não estou interessado'".[288] Apatia e indiferença marital a que se deve acrescentar uma informação-chave obtida pelo biógrafo Jon Lee Anderson, que explicava por que a presença de Hilda não seria bem recebida pelo esquivo marido: Che tinha uma amante, a jovem Zoila Rodríguez.[289]

No dia 5 de maio daquele ano, o presidente cubano anunciou um plano de ataque para erradicar definitivamente a guerrilha. Gambini observa que essa ação era para Batista "uma vitória certa, segundo o que foi calculado, porque eles chegaram à conclusão de que trezentos guerrilheiros jamais ofereceriam resistência a um exército".[290] Parece que o solitário Batista ainda não havia percebido que seu exército não o apoiava, que se sublevava juntando-se aos rebeldes ou, no melhor dos casos, rendia-se ante a possibilidade de qualquer confronto armado. Além disso, sua guerra não era contra trezentos guerrilheiros, mas contra toda a comunidade internacional: nesse mesmo mês (dia 28), Carlos Franqui chegou de Miami com um pequeno avião carregando vinte mil balas, espoletas elétricas para minas e carabinas italianas.[291] O problema de Batista não era militar, mas político: os "combates" da guerrilha cubana com as forças regulares eram, em grande parte, escaramuças esporádicas e, sobretudo, espetaculares campanhas de relações públicas na imprensa internacional. As entrevistas do The New York Times, Time, Life, Paris Match, Le Monde, Corriere della Sera e até o documentário apologético da CBS espalharam a notoriedade dos guerrilheiros, que contavam com a simpatia descontraída das famílias do mundo ocidental e capitalistas que os viam na televisão como quem assiste a um thriller noturno divertido e motivador.

E que a "guerra revolucionária" em Cuba foi muito mais paródia do que real é confirmado pelo fato de que, quando Castro assumiu o poder, o semanário Bohemia, órgão marcadamente antibatista, publicou uma lista do total de mortes sofridas por ambos os lados durante os mais de dois anos de conflito armado: 869,[292] dado aos quais se deve acrescentar que, das baixas guerrilheiras, 80% pertenciam à guerrilha urbana (omitidas na historiografia oficial castrista) e apenas 20% aos guerrilheiros rurais da Sierra:[293] "A ditadura (de Batista) caiu não tanto por uma derrota militar como por uma derrota política, já que o exército, milhares e milhares de soldados, rendeu-se sem luta",[294] concluiu o citado Carlos Franqui, escriba de Castro e diretor da chamada publicação de oposição ao governo vacilante.

Voltando para o indefeso Batista, em um esforço desesperado, ele tentou persuadir os Estados Unidos de que os guerrilheiros eram comunistas e solicitou com urgência o apoio do Pentágono. Os americanos não acreditaram nele e continuaram a ajudar os "libertários da Sierra Maestra". Já fazia algum tempo que Batista era a pessoa menos indicada para estimular acusações "macarthistas": tanto na atual presidência quanto na anterior, ele teve o apoio explícito do partido comunista cubano. E os Estados Unidos não só simpatizavam com os guerrilheiros mitológicos há algum tempo, como já haviam tomado a decisão irrevogável de deixar o caudilho populista à sua sorte.

Ao mesmo tempo, as acusações de marxismo que Batista fazia aos guerrilheiros contrastavam com as permanentes declarações anticomunistas de Fidel. E quanto ao marxismo de Guevara (que, ao contrário de seu chefe, não podia escondê-lo), a CIA não o levou a sério de qualquer maneira e, em um relatório datado de 13 de fevereiro de 1958, afirmou que Che, mais do que um agente marxista, "é um aventureiro, não um político profissional [...]. Sempre procurou algo que desse sentido à sua vida e, no momento, encontrou-o em Castro, não no Castro político, mas no Castro perseguido, um Castro que luta contra a tirania".[295] As advertências solitárias de Batista caíram no abstrato e sua pregação foi ignorada até pelos militares cubanos, que desrespeitavam suas ordens e sua autoridade.

Enquanto isso, no final de junho, Guevara enfrentou uma nova escaramuça e novamente incorreu em uma de suas "retiradas estratégicas": "Em frente a uma casa nos pararam e quando percebemos era o exército, que começou a atirar. Corremos, eles continuaram atirando, corremos mais rápido, até que conseguimos sair. Acho que essa foi a vez em que o Che mais correu na vida, porque aquilo parecia uma competição de atletismo", detalhou o guerrilheiro Villegas.[296]

Essas "retiradas" do Che não significam que, a partir de agora, o consideraremos um covarde. Ao contrário, sustentamos que Guevara, mais do que corajoso, foi temerário, expondo-se com freqüência a riscos impensados e desnecessários. E justamente por seus rompantes e falta de inteligência estratégica, foi obrigado a recuar abruptamente em muitas ocasiões.

Enquanto isso, os dias passavam e a situação política de Batista se complicava com a progressiva perda de apoio. Em agosto, Che se viu sem munição e esperava que ela chegasse de Miami: "Já são mais de cem armas sem uso por falta de munição", lamentou.[297] Mas, na verdade, a falta ou não de armas não era fator determinante para que a insurgência ganhasse "a guerra" contra a guarda batistiana: "Tudo indica que os guardas não querem guerra e nós também não", escreveu Guevara em 7 de setembro.[298] Em diversas ocasiões, Che insiste, por um lado, na relutância dos soldados inimigos em lutar e, por outro, na desconfiança camponesa que existia em relação aos guerrilheiros: "Em cada camponês víamos o suposto delator".[299]

O golpe contra Batista estava na sua fase final, e os guerrilheiros avançavam cada vez mais para as zonas urbanas com muito voluntarismo, mas lutando muito mais contra as inclemências geográficas ou logísticas do que contra um exército inimigo: "A cada dia pioravam as condições físicas das nossas tropas e as refeições esporádicas não melhoravam em nada o nível de miséria que vivíamos", queixava-se Che no final de setembro, e às 23h do dia 2 de outubro, depois de atravessar ruidosamente com suas tropas uma lagoa com água até o pescoço, acrescentou: "Os ruídos da água, impossíveis de evitar totalmente, e a lua clara, me fazem concluir que o inimigo notou nossa presença, mas o baixo nível combativo que os soldados da ditadura sempre demonstravam os tornou surdos a todo rumor suspeito": contra quem a guerrilha lutava então?[300]

Independentemente do protagonismo ou não da guerrilha na Revolução Cubana, o que era constitucionalmente certo é que Batista estava com os dias contados, visto que seu mandato estava prestes a terminar e ele mesmo havia decretado eleições presidenciais para 3 de novembro de 1958, nas quais não participaria como candidato, pois a legislação não permitia a reeleição. No entanto, esse contexto sufragista foi ignorado pelos rebeldes, e as palavras de ordem da guerrilha eram no sentido de sabotar o processo eleitoral, acusando-o de "farsa". Mas se os guerrilheiros lutavam contra "uma ditadura" e essa "ditadura" pedia eleições porque assim definia a própria constituição que eles queriam "restaurar", por que eles se opunham às eleições? O próprio Guevara conta em seu diário que "os dias anteriores a 3 de novembro foram de atividade extraordinária: nossas colunas se mobilizaram em todas as direções, impedindo quase completamente que os eleitores fossem às urnas nessas áreas".[301] O ataque antieleitoral foi forjado em um plano ambicioso muito bem detalhado por Kalfon, que consistia em "atacar três pontos: cada extremidade da ilha e o centro. O próprio Castro, com seu irmão Raúl e Almeida, está no comando da província de Oriente e Santiago de Cuba. Camilo Cienfuegos deve chegar à província de Pinar del Río, no extremo oeste. E o Che recebe a ordem de dividir a ilha em duas, atacando a região central de Las Villas, onde já existem, na Sierra del Escambray, vários bolsões de resistência e não apenas o do M 26 [...]. O objetivo final é derrubar a ditadura, mas no momento é impedir as eleições presidenciais de novembro".[302]

Insistimos e continuamos a perguntar: como é que existe uma insurgência "democrática" cuja ambição é tomar o poder para convocar eleições quando se realizavam eleições em Cuba e ela própria as sabotava com violência? A realidade é que, além dos

objetivos de Castro (que nada tinham a ver com o estabelecimento de um sistema democrático-eleitoral), muitos cubanos não confiavam na transparência das eleições, já que Batista estava altamente desacreditado por suas artimanhas arbitrárias e pelo golpe que deu em 1952. As conquistas econômicas de Cuba não foram suficientes para acalmar uma sociedade que exigia uma reforma institucional modernizada, condizente com o perfil das potências credenciadas do hemisfério ocidental.

Apesar da tentativa de boicote, as eleições foram realizadas, embora com um impacto modesto, já que o clima rarefeito que prevalecia diminuiu bastante o fluxo de eleitores: os dois candidatos das forças de oposição eram o ex-presidente Grau San Martín e o Dr. Marquez Sterling. O candidato apoiado pelo governo era o Dr. Andrés Rivero Agüero.

Antes da meia-noite, o partido no poder anunciou que havia conquistado uma vitória retumbante, mas o plano de sabotar as eleições teve sua parcela de sucesso. Embora as eleições tenham sido realizadas, os rebeldes conseguiram paralisar parte da circulação, explodir as pontes, dividir a ilha em duas e assim manter a população assustada em suas casas. Cerca de 30% dos registrados votaram e, por enquanto, embora com um discreto consenso eleitoral, Rivero Agüero (o candidato vencedor) substituiria Batista em fevereiro de 1959.

O prefeito conservador

Tanto o Movimento 26 de Julho quanto as já mencionadas guerrilhas não-castristas foram avançando posições e começaram a tomar os povoados. Em uma das ocupações, Guevara nomeou-se prefeito ad hoc do povoado de Sancti Spiritus. Foi ali que tentou, às pressas, impor códigos de convivência que regulavam inclusive a vida sexual dos habitantes. A essa medida ascética, Che acrescentou a proibição de consumir álcool e cancelou a loteria. A resistência no povoado ante a nova moral imposta foi imediata, e Che foi forçado a recuar. O argentino percebeu que, até tomar o poder de forma absoluta, deveria continuar fabricando (na medida em que sua personalidade frontal o permitisse) uma imagem de simpatia e tolerância para com os habitantes.

E ainda que Guevara tenha reconsiderado e autorizado as relações que cada um julgasse oportunas, sacerdotalmente preparou um sermão exortando os locais “a evitar todo tipo de excessos que possam minar o moral”.[303] Conselhos de vida um tanto “reacionários” para o progressismo do século XXI , sempre disposto a erguer a bandeira da “diversidade sexual” ou da legalização das drogas junto com a fotogênica camiseta do Che.

O último apaga a luz

Embora nas semanas anteriores ao final de 1958 tivessem ocorrido algumas batalhas de alguma importância, a maior parte das tropas de Batista mantinha uma inalterável relutância em lutar: “Os soldados rendem-se mesmo em condições de superioridade militar”, descreve Castañeda.[304] Nesse sentido, o comandante rebelde Huber Matos, em

suas memórias, lembra que em 2 de novembro de 1958, "cercamos o quartel da usina Algodonal [...] e por meio de conversas chegamos a um acordo: os onze entregaram o quartel e as armas, com direito a ir para Santiago ou juntar-se às nossas tropas, quem assim o desejasse. O chefe deles, um sargento, insistiu que não pactuavam uma derrota, porque entendiam que a Revolução poderia ser benéfica para Cuba e nos pediu, a militares e rebeldes, para que cantássemos o Hino Nacional. Foi o que fizemos".[305]

Naquelas horas, sem a menor preocupação com os modos, dos aeródromos e portos dos Estados Unidos, mais precisamente da cidade da Flórida, inúmeros aviões e navios carregados de armas partiram para os guerrilheiros de Castro,[306] e ninguém menos do que Jon Lee Anderson acrescenta que "o Departamento de Estado queria a queda de Batista e, portanto, apoiava de maneira ativa, ainda que secreta, os esforços de Castro para tomar o poder. Tanto o subsecretário para assuntos latino-americanos, Roy Rubottom, quanto o novo chefe do escritório do Caribe, William Wieland, opunham-se a Batista, assim como o especialista da CIA em assuntos cubanos, J. C. Rei. A CIA já buscava contatos com o movimento rebelde de Fidel através de seus agentes em Santiago e Havana", detalhando que os guerrilheiros que atuavam em El Llano obtiveram "fundos e talvez outros tipos de ajuda" da CIA .[307]

Terminando o mês com algumas escaramuças que feriram vários guerrilheiros de Castro, Huber Matos continua contando: "Em visita aos feridos em nosso hospital de campanha, recentemente instalado em Dos Bocas, um oficial me informa: 'Comandante, está acontecendo algo estranho nas posições fortificadas do quartel El Cristo. Há um movimento estranho ao anoitecer'. Não espero mais e vou nessa direção [...]. O que encontro? Uma verdadeira debandada [...]. Os soldados estão abandonando suas posições, inclusive o quartel. Eles fogem, escondendo-se nos canaviais e no mato". O comandante rebelde conclui comentando que os prisioneiros tomados do exército "estão em atitude de cooperação e trabalham como auxiliares de nossas tropas".[308]

Ao clima otimista que prevalece, Matos acrescenta mais uma boa notícia, desta vez do estrangeiro: "No dia 9 de dezembro, depois de várias horas em um jipe, encontro o nosso patrão [...]. Fidel está eufórico [...]. Mostra-me, por outra parte, as armas que acaba de receber da Venezuela. Uma boa carga trazida de avião por Díaz Lanz, o mesmo piloto que nos trouxe da Costa Rica. Aparentemente, o presidente venezuelano Wolfgang Larrazábal, com o apoio do ex-presidente Rómulo Betancourt, é quem forneceu os suprimentos. Fidel me dá um bom presente desse armamento: uma metralhadora brasileira".[309]

Mas o apoio militar do exterior era supérfluo, pois não havia muita necessidade de usar armas contra um inimigo que relutava em combater: "Na noite de 14 de dezembro, o exército, derrotado e em retirada, acampou junto a um quartel situado em Melgarejo, na entrada de El Cobre, onde está localizado o santuário da Virgen de la Caridad, padroeira de Cuba. Oficiais da Coluna 10 persuadiram os soldados a entregar as armas e recuar para Santiago. Foi o que eles fizeram... O inimigo está entrincheirado, sem o menor indício de planos ofensivos", voltou a escrever Matos.[310]

Em outras latitudes da ilha, os poucos soldados de Batista que parodiavam "apresentar batalha" nem checavam as armas dilapidadas: jogavam bombas que não explodiam. Outros soldados de Batista também aproveitaram a ocasião para vender suas pistolas ao exército rebelde em troca de algumas moedas (note-se a crueldade dos "repressores"): "É incrível que muitas bombas não explodam e que isso se repita sem que as forças aéreas de Batista tomem medidas", espanta-se Matos, acrescentando que, nessa caricatura bélica, "ocorrem situações curiosas: há marinheiros que roubam mantimentos, como as cobiçadas balas de calibre 50, e vendem por pouco dinheiro. Esse mercado negro também existe no exército e aproveitamos negociando com alguns cabos e sargentos": dava a impressão de que as forças rebeldes lutavam contra um fantasma imaginário.[311]

Mas quem teve que lutar em várias frentes foi Batista: ele teve que lutar contra os Estados Unidos (que bloquearam seu apoio em armas e financiaram os rebeldes); contra as revoltas de seus próprios homens; contra a rendição do resto de seus soldados; contra a imprensa internacional e contra o apoio militar recebido pelos rebeldes de países como México, Costa Rica, Venezuela ou zonas latinas dos Estados Unidos. Suas chances de sucesso eram nulas.

Em 12 de dezembro, Guevara ocupou a região de Las Villas (área adjacente às grandes cidades) e deu uma entrevista de rádio para a 6VF , que retransmitia o áudio da Rádio Rebelde da Sierra Maestra, e ali ocorreu o seguinte diálogo: — O que você pode nos contar sobre a grande ofensiva do governo corajosamente rejeitada por vocês? — Pois bem, não só foi rejeitada pelos homens sob o meu comando, como também foi humilhantemente perdida pelo Exército da Ditadura, que não lutou, que se retirou, deixando armas e outros equipamentos na nossa posse.[312]

Em 14 de dezembro de 1958, o secretário de Estado dos EUA decidiu pegar o touro pelos chifres e interveio oficialmente para eliminar politicamente Batista e substituir Castro. Ele instruiu o embaixador em Cuba, Earl Smith, a notificar o presidente de que ele deveria deixar a ilha. Imediatamente, o embaixador dos EUA teve um encontro com Batista, no qual deliberadamente o "convidou" a renunciar: "Batista ainda exalava um ar de força ao sentar-se no final do seu gabinete sem demonstrar o menor sinal de emoção [...]. Ele perguntou se poderia se mudar com sua família para sua casa em Daytona Beach e foi informado de que primeiro deveria passar algum tempo na Espanha ou em algum outro país estrangeiro. Ele perguntou quanto tempo tinha e foi informado de que não deveria atrasar sua partida desnecessariamente", detalhou Smith.[313]

Em 22 de dezembro, no território atribuído a Huber Matos, ainda faltava atacar o quartel de La Microonda. As tropas rebeldes aproximaram-se do local e houve algumas trocas de tiros, mas do quartel "gritam por tréguas para voltarmos a conversar [...]. Quando os nossos homens param de atirar, vemos os soldados descendo a ladeira, abandonando as trincheiras em grupos. É uma fuga espetacular. Eles procuram ir pelo lado de Santiago de Cuba. A trégua foi um estratagema para iniciar a fuga. Outra debandada, como a de El Cristo, ao anoitecer", narrou Matos.[314]

O último batistiano a sair teria sido encarregado de apagar a luz.

O "imperialismo" derruba Batista

A entrega de Cuba ao comunismo, promovida pelos governos dos Estados Unidos nas mãos de Dwight David Eisenhower (1953–1961), primeiro, e John F. Kennedy (1961–63), depois, não é mera teoria, mas uma realidade concreta e exaustivamente confessada por quem quer que tenha sido o embaixador em Cuba encarregado de informar Batista da sua expulsão. Terminada a revolução, o já citado Earl E. T. Smith chegou a discursar perante o Subcomitê de Segurança Interna do Senado, revelando dados extraordinários que ratificaram cabalmente o papel determinante dos Estados Unidos para a chegada de Castro ao poder. Entre os anteriores, Smith confirmou: "O regime do Presidente Eisenhower empenhou-se para que Castro Ruz chegasse ao poder [...]. É difícil compreender essa política do ponto de vista americano [...]. Demonstrei que várias vezes, quando a ocasião era propícia e havia chances de encontrar uma solução sem Batista ou Castro, nosso Departamento de Estado recusou-se a dar seu apoio [...]. Admitindo que Batista não servia mais, a alternativa certamente não deveria ser Castro, nosso inimigo. E é preciso observar que Castro não teria se encontrado na situação de chegar ao poder e não teria conseguido criar os meios para tomá-lo sem a boa vontade do Quarto Andar (onde ficam os escritórios de assuntos latino-americanos do Departamento de Estado americano) [...]. Era impossível que o subsecretário de Estado Roy Rubottom, seu parceiro William Wieland e o Quarto Andar não estivessem a par das tendências comunistas de Fidel Castro. Não há possibilidade de que a CIA não soubesse disso", e Smith completa seu argumento lembrando que "soldados, munições e armas em um fluxo incessante saíram da Flórida, para serem entregues aos revolucionários que se encontravam nas montanhas da Sierra Maestra".[315]

Mesmo essa decisão política não foi uma especulação de última hora do governo dos EUA , mas algo que já vinha sendo pensado há algum tempo. Além disso, o antecessor de Earl Smith na Embaixada dos Estados Unidos em Cuba, Robert C. Hill (que completou seu mandato diplomático em julho de 1957), ao entregar o cargo a Smith, previu seu pesar, dizendo: "Earl, sinto muito que você precise ir para Cuba [...]. Eles mandam você para Cuba para presidir a queda de Batista. Está tomada a decisão de que Batista deve desaparecer. Você precisa ter muito cuidado" (declaração do Embaixador Robert C. Hill no Senado, 12 de junho de 1961).[316]

Se a CIA tinha conhecimento expresso da filiação comunista de Castro, mas não reparou nem se alarmou com o "detalhe", seria uma informação que não podemos confirmar ou rejeitar. Também não podemos saber se, devido à ineficácia ou inexperiência investigativa, a CIA foi efetivamente enganada por Castro e suas declamações "macarthistas". Mas o certo é que Batista foi derrubado pelos Estados Unidos e não por um punhado de camponeses analfabetos.

Nem é preciso dizer que não é isso que se ensina nas escolas cubanas desde 1959 até

hoje. Caso contrário, deveriam trocar a efígie dos ícones idolatrados da revolução (Cienfuegos, Guevara, Castro e alguns outros barbudos) pela dos presidentes americanos Eisenhower e Kennedy, respectivamente, mas isso tiraria o caráter épico da enganosa mitologia revolucionária, tão freqüentemente encoberta pelos progressistas transnacionais e pela imprensa bem-pensante.

O último passeio

Enquanto os americanos expulsavam o presidente cubano, um dos "feitos" guerrilheiros mais espetaculares que a lenda de Castro vendeu sobre a revolução foi a captura de Santiago de Cuba, a segunda cidade do país em importância estrutural e a primeira em importância militar.

Porém, muito longe da "batalha heróica", a tomada de Santiago pareceu mais um alegre passeio desportivo. A polícia e as Forças Armadas de Batista não apenas não lutaram, mas concordaram com os rebeldes em se levantar contra Batista. Assim relatou Matos, que era precisamente o comandante encarregado de tomar a cidade: "O comandante Bonifácio Haza, chefe da polícia da cidade, enviou-me uma mensagem [...] garantindo que suas forças se colocarão ao nosso comando com todas as viaturas assim que eu lhe der o sinal [...]. A base naval da Marinha em Punta Blanca tem grande capacidade defensiva, mas não estamos preocupados. Fomos informados de que a marinha se juntará a nós quando as ações se intensificarem [...]. Duas fragatas operam na baía, a Antonio Maceo e a Máximo Gómez. A maioria dos oficiais desta última simpatiza conosco. Há uma conspiração generalizada entre eles. Um desses oficiais, o capitão Trujillo, ingressou na Coluna 9. Também temos vários de seus marinheiros. Estou promovendo o levante, contando com a intervenção inteligente dos líderes do Movimento 26 de Julho em Santiago. Eles estão cientes das garantias que Fidel lhes deu. Os oficiais da Máximo Gómez podem começar a trabalhar na deserção dos oficiais da Antonio Maceo. Temos estocado grandes quantidades de gasolina que nos são entregues pela refinaria da Texaco durante a noite".[317] Até as petrolíferas multinacionais conspiravam a favor do projeto castro-guevarista! Nem mesmo o passeio por Santiago poderia ser impedido pela infantaria de fuzileiros navais cubana (provavelmente o setor militar mais profissional que Batista teve), pois, como observa Matos, "seus integrantes sempre tentaram mostrar que a hostilidade contra as forças revolucionárias é forçada pelas circunstâncias e que existe uma corrente de coincidência entre eles e os barbudos".[318]

Toda a situação para a tomada da cidade que abrigava o mais importante distrito militar da ilha parecia mais um passeio tranqüilo do que uma batalha decisiva. A parada amistosa seria encabeçada pelo comandante Huber Matos. No entanto, a peregrinação foi adiada por alguns dias. As coisas foram ainda mais fáceis. O próprio Matos conta que, no dia 28 de dezembro, "haverá um encontro muito sério e secreto entre Fidel e o general Eulogio Cantillo, chefe de operações do exército (Batista) [...]. Com a mais absoluta reserva, ele e Fidel trocaram mensagens, notas e cortesias [...]. A reunião será realizada no centro-leste. Os poucos que sabem a respeito vivem momentos de tensão. O resultado é um pacto para

acabar com a guerra em 1º de janeiro, com o reconhecimento do triunfo da revolução e uma aliança entre militares e rebeldes.

Três horas depois de concluído o acordo, Raúl Castro chegou à sede da Coluna 9. Veio feliz, com uma mensagem verbal de Fidel: 'Huber, estou aqui para te buscar' — disse-me entusiasmado — 'Um acordo foi alcançado hoje com Cantillo pelo qual a guerra termina definitivamente em 1º de janeiro de 1959. Na execução do plano, você tem uma participação importante. Fidel precisa falar com você, está esperando por você perto de Palma Soriano' [...]. Fidel, Raúl e eu conversamos em particular.

'Huber, como você já sabe, chegamos a um acordo com Cantillo [...]. Dia 1º de janeiro, às três da tarde, você estará no quartel Moncada representando a mim e ao Exército Rebelde. Você irá com trezentos homens escolhidos da sua coluna [...]. Haverá um pronunciamento conjunto do Exército Rebelde e do Exército Nacional, pondo fim à ditadura e à guerra e proclamando o triunfo da Revolução, a unificação do exército e o estabelecimento de um governo civil [...]. De Santiago será dito à nação que o Exército Rebelde e o Exército Nacional se tornaram uma única força. Além disso, leremos os principais pontos em que se baseia o acordo'".[319]

Por fim, Cantilo atrasou o evento por mais cinco dias. Por quê?... Bem, para dar tempo a Batista de preparar os detalhes da retirada marcada para 1º de janeiro, que os Estados Unidos haviam ordenado. Quanto ao referido comandante Bonifacio Haza Grasso (chefe da Polícia de Santiago de Cuba, que ofereceu seus homens a serviço dos rebeldes), ele foi executado após a revolução de 1959, quando se constatou que não simpatizava com as idéias comunistas .[320]

O massacre de Santa Clara

E, nesse cenário, como era a vida de Che Guevara? Segundo a lenda castrista, Che liderou "o golpe final", que foi "a batalha" de Santa Clara, entre 29 e 31 de dezembro de 1958. Outra história que vale a pena rever.

A realidade é que os guerrilheiros da Segunda Frente Nacional de Escambray (setor rebelde, mas não castrista, que lutava nas Sierras del Escambray) já haviam conversado com os soldados de Batista e eles haviam declarado (como na maioria das unidades e quartéis militares) a total vontade de não lutar em Santa Clara. Tão baixo estava o moral de combate das forças de Batista que um relatório da inteligência militar do governo, datado de 27 de dezembro, informava o seguinte: "As tropas em geral naquela província (Santa Clara) são vistas com grande pessimismo, e reclamam que em nenhum caso, onde lutaram com os rebeldes, sendo estes mais numerosos, foram enviados os reforços de homens e munições solicitados".[321]

Os soldados de Batista, então, avisaram com antecedência aos rebeldes que chegariam de trem a Santa Clara e entregariam as armas no local. Os louros iriam para a Segunda Frente

Nacional de Escambray e não para as tropas de Guevara, que tinham a mesma área de atuação. Além disso, eles ficariam com uma melhor imagem e posição política para gerir ou influenciar uma transição em linha com o que foi prometido: normalizar as instituições de Cuba em modo republicano. Mas essa pretensão cívica impedia os herméticos planos castro-guevaristas de tomar o poder e impor o comunismo.

Diante disso, Guevara foi mais longe e ofereceu dinheiro aos já rendidos soldados de Batista, que aceitaram de bom grado (entre se render de graça e se entregar com pagamento não havia muita dúvida). Após o pacto de rendição e suborno, Che, sabendo que os soldados não iriam disparar uma única bala nem estariam em posição de combate, quando o trem chegou com as tropas dentro, ordenou a seus guerrilheiros que atirassem contra eles, aproveitando o fato de que o adversário estava totalmente despreparado.

Lázaro Asencio (que era comandante do Exército Rebelde) lembra que "o trem blindado foi uma ação traiçoeira de Che Guevara [...]. O famoso trem blindado estava disposto a se render à Segunda Frente Nacional de Escambray, as condições eram muito simples: os soldados do trem blindado iam entrar pela zona do aqueduto de Santa Clara e lá iam dar-nos as suas armas, com a promessa de que lá ficariam, sem lutar [...]. Che descobriu essa possibilidade, e, então, o que eles fazem? Eles atacam o trem blindado, antes que ele se rendesse a nós".[322]

Embora os filmes de Hollywood tentem transmitir esse episódio como um épico típico dos filmes de Sylvester Stallone, o que aconteceu foi um incidente vergonhoso.[323] Em primeiro lugar, a Segunda Frente de Escambray havia combinado com os batistianos a rendição: não haveria derramamento de sangue nem dinheiro em jogo. Guevara executa um suborno desnecessário e, logo em seguida, assassina traiçoeiramente os soldados rendidos de Batista, que, segundo o acordo, nem mesmo estavam em posição de combate, mas distraídos e apenas empolgados para a entrega combinada de armas.

O episódio do trem blindado não é menor nesta história, pois, com as armas recuperadas da ferrovia, a coluna de Guevara entraria em Havana dias depois com um poder de fogo muito superior ao de qualquer outro grupo de oposição, poder de fogo que serviria para pressionar em favor das reivindicações ocultas de Fidel Castro.

Na verdade, quem fez as primeiras negociações para a rendição do trem foi Eloy Gutiérrez Menoyo (comandante da Segunda Frente de Escambray). O trem estava sob o comando do tenente Florentino Rossel. Menoyo lembra que os militares se reuniram com ele para contemplar a possibilidade de rendição. Então, Menoyo ofereceu garantias para as tropas e uma promoção para o tenente Rossel. Dessa forma, o triunfo político (mais as armas obtidas) ficaria à mercê de uma ala rebelde não-castrista. Mas aconteceu que depois, segundo Menoyo, "o irmão do tenente Rossel falou com Che Guevara, não sei o que Guevara lhe ofereceu que eu não ofereci, mas o fato é que o trem foi entregue a eles. Eles sempre comemoram isso como o assalto heróico ao trem blindado, mas foi um trem entregue [...]. Em duas ou três ocasiões, discuti isso com Guevara, dizendo: 'Guevara, o que você ofereceu a ele que eu não ofereci?'. Ele riu e nunca me confessou".[324]

Mais tarde, o próprio Fulgencio Batista reconheceu que o trem foi de fato cedido pelo coronel Rosell, que "desertou, depois de ter recebido trezentos e cinqüenta mil dólares, ou um milhão de dólares, de Che Guevara", pacto que também foi posteriormente confirmado por Ramón Barquín, o único alto funcionário de Batista preso por conspirar contra o próprio Batista.[325]

Por seu lado, Jaime Costa (participante do assalto ao quartel Moncada, expedicionário do iate Granma e comandante do Exército Rebelde) recorda que "o primeiro a entrar na cidade de Santa Clara é Che, e Félix Torres, comunista de Las Villas, lhe diz: 'Che, eles têm os informantes de Batista'; e o Che, sem mais nem menos, os mata, sem questionar. Nisso, o segundo que entra em Santa Clara é Camilo, que exclama: 'Caramba, aqui se banharam não com água, mas com sangue, porque há um morto em cada esquina. Eles acabaram com esse povo!'".[326]

Em outras palavras, Che cometeu uma dupla traição: com seus camaradas do Exército Rebelde (da Segunda Frente Nacional de Escambray) e com os militares de Batista, que já haviam concordado em se render, mas foram assassinados mesmo assim. Conclusão: em um pacto de paz e rendição em que não haveria derramamento de sangue, o "feito" de Guevara consistiu em intervir para realizar um suborno seguido de uma traição, atacando, sem perdão e de surpresa. Isso explica por que a coluna de Guevara sofreu apenas um saldo de seis baixas, em contraste com os mais de trezentos mortos do lado oposto.[327] Nesse gigantesco massacre, Guevara participou com entusiasmo pessoal na execução de vinte e três soldados.[328]

E detalhando aspectos de seu traiçoeiro massacre, Guevara contou que jogaram "garrafas de gasolina em chamas" e que "o trem se tornou uma verdadeira fornalha para os soldados".[329] E das pouquíssimas coisas que Che anota em seu diário relacionadas com Santa Clara, destaca-se uma história cuja desnecessária crueldade disfarçada de coragem revolucionária vale a pena transcrever: "Recordo-me de um episódio representativo do espírito das nossas forças naqueles dias finais. Eu havia repreendido um soldado por dormir no meio do combate e ele respondeu que o desarmaram porque havia lhe escapado um tiro. Respondi-lhe com a minha frieza habitual: 'Consiga outra espingarda indo desarmado para a linha da frente [...]. Se você for capaz'. Em Santa Clara, encorajando os feridos no hospital de sangue, um moribundo tocou minha mão e disse: 'Lembra-se, comandante? O senhor me mandou buscar uma arma em Remedios [...] e a consegui aqui'. Era o combatente do tiro escapado, que morreu minutos depois, e parecia feliz por ter demonstrado sua coragem".[330] Tratava-se de um adolescente chamado Miguel Arguin, que Guevara enviara em vão ao matadouro. Como se não bastasse, ele registrou o assunto com orgulho, concedendo à sua vítima e subordinado uma "morte feliz".

Esta e nenhuma outra foi a "façanha" final de Che na Revolução Cubana, tão ficcionalmente retratada por simpatizantes e hagiógrafos. E entre esses últimos aplaudentes, quem lidera o pódio é o escriba espanhol/mexicano Paco Ignacio Taibo II , que além de entoar elogios da primeira à última linha de sua biografia apologética,

reclama que seus colegas, também guevaristas, em suas respectivas obras, não destacaram o papel do Che em Santa Clara: Pierre Kalfon dedica "duas páginas e meia" e Castañeda apenas "três páginas",[331] enfurece-se o senhor Paco, que, por sua vez, dedica quarenta das novecentos e dezoito páginas que compõem seu livro quilométrico às proezas imaginárias de seu venerado homem do trem blindado, embora seja o próprio Guevara que parece contradizer a esforçada bajulação, visto que alguém como Che, que passou a vida escrevendo sobre si mesmo, à sua "façanha" em Santa Clara não dedicou um única linha em seu diário de campanha, omissão em que incorreu expressamente pela provável vergonha de saber que lhe faltava toda grandeza em tão tenebrosa conspiração: há indivíduos que são mais guevaristas do que o próprio Guevara, e o oficioso Taibo II parece ser o arquétipo mais representativo dentro desse grande fã-clube.

Mas a verdade é que, com ou sem traição, com ou sem caráter épico, com ou sem suborno, a revolução já estava praticamente consumada, de modo triunfante.

Capítulo VI:
A revolução traída

A foto da revolução

Além da "façanha" do trem, em Santa Clara havia um quartel batistiano com mil e trezentos homens. Como era de praxe em todas as escaramuças em Cuba, o quartel entregou-se sem grandes problemas e houve apenas uma pálida e fugaz resistência no posto policial da cidade, cujas tropas se renderam momentos depois. E enquanto Guevara traía os soldados subornados, Huber Matos, sem disparar uma única bala, fazia um passeio turístico com seus homens por Santiago de Cuba.

Enquanto ocorria o avanço para Havana, os militares do já exilado Batista formaram uma junta militar, declarando que disponibilizariam suas tropas em apoio aos rebeldes. O chefe do Distrito Militar de Santiago de Cuba era o coronel José Rego Rubido, que, sem hesitar, também ficou do lado dos rebeldes. Recorda Matos: "Peço ao Coronel Rego que liberte imediatamente todos os presos políticos. 'Hoje mesmo, todos da minha jurisdição serão soltos', me diz ele".[332]

Os oficiais do exército que fingiam lutar a favor do emigrante Batista, cheios de alegria, reuniram-se com Fidel, que os convocou "a uma franca união de militares, com ou sem comando, para formar, com os rebeldes, um único exército a serviço da pátria e não de interesses mesquinhos". Animado pelas expressões de afeto de seus interlocutores, Fidel disse ainda: "Vocês estarão conosco, lado a lado, industrializando o país e acabando com a monocultura".[333] Acrescentou promessas e encerrou seu discurso saudando a revolução, a

democracia e a liberdade de Cuba. Da mencionada reunião saiu o acordo de que Rego assumiria o novo quartel-general do Estado-Maior das Forças Armadas, e este, por sua vez, reconheceria Fidel como comandante-chefe: todos felizes.

Em Santiago de Cuba, uma multidão encheu as ruas e um ato político foi preparado com vários oradores. O principal deles, obviamente, seria Castro. Na arenga eufórica, sua frase mais aplaudida foi justamente uma de suas mentiras mais lembradas: "Não se trata de substituir um ditador por outro!".[334]

Enquanto os rebeldes subiam à glória, os Estados Unidos, a fim de reorganizar e consolidar relações carnais com a nova administração que havia apoiado e ajudado a tomar o poder, substituíram o embaixador Earl Smith por Philip W. Bonsal, que segundo o The New York Times era "um distinto diplomata de carreira" com "todas as qualificações necessárias para a difícil e gratificante tarefa que está assumindo".[335]

Os homens mais conhecidos ou significativos da guerrilha rural foram cinco: Huber Matos, Camilo Cienfuegos e, claro, Che, Fidel e Raúl. No entanto, Fidel, ao conduzir o avanço teatral em direção à capital, ordenou que Che e Raúl não entrassem triunfantes em Havana. Só ele, Huber Matos e Camilo Cienfuegos entrariam. Por que não Guevara nem Raúl Castro? Simples: tanto seu irmão Raúl quanto Guevara eram suspeitos de serem comunistas. Por outro lado, Camilo Cienfuegos e Huber Matos eram conhecidos por seu anticomunismo. Dessa forma, Fidel, entrando em Havana escoltado por dois emblemáticos comandantes insuspeitos de marxismo, apresentaria ao mundo a imagem de líder de uma revolução com propósitos antagônicos em relação às suas verdadeiras intenções.

Esse foi o enganoso retrato da revolução que esteve na capa de todos os jornais em janeiro de 1959.

Historinha e revolução

A lenda dos trezentos bravos que derrotaram um exército de quarenta mil soldados profissionais foi divulgada (tanto internamente quanto externamente) por vários irresponsáveis, mas, sem dúvida, Che Guevara, com seus escritos, foi o mais influente promotor dessa ficção: "Mostramos que um pequeno grupo de homens armados, apoiados pelo povo e sem medo de morrer se necessário, pode enfrentar um exército regular disciplinado e derrotá-lo. Esta é uma lição fundamental".[336] Da mesma forma, em seu conhecido livrinho intitulado Guerra de guerrilhas, a quimera mais reproduzida consistia na seguinte afirmação: "Primeiro, as forças populares podem vencer uma guerra contra o exército; em segundo lugar, nem sempre é necessário esperar que todas as condições para a revolução sejam reunidas, pois o foco insurrecional pode criá-las; terceiro, na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo".[337] Tal absurdo não foi defendido nem mesmo por Pierre Kalfon, que, desvencilhando-se da afirmação delirante de seu biografado, afirmou: "Che

baseia sua teoria revolucionária no modelo matricial de uma guerrilha camponesa que prevalece sobre um exército profissional, mas, como não foram os guerrilheiros que venceram, mas o podre regime de Batista que desmoronou, o mal-entendido é imenso e a espantosa façanha de trezentos camponeses analfabetos derrotando um exército de cinqüenta mil homens reduz-se a um acidente histórico".[338]

Mesmo logo após a revolução, não foram poucos os intelectuais marxistas ao redor do mundo que começaram a questionar as simplificações guevarianas, pois alertavam que a tese do Che constituía um alegre voluntarismo em dissonância com a realidade. Foi então que Guevara acusou o golpe, publicando, em abril de 1961, uma cartilha intitulada "Cuba: Caso excepcional ou vanguarda na luta contra o colonialismo?", onde atacava: "Alguns setores, por interesse próprio ou de boa-fé, pretenderam ver nela (na Revolução Cubana) uma série de raízes e características excepcionais, cuja relativa importância diante do profundo fenômeno histórico e social elevam artificialmente até torná-la determinante". E acrescenta que sempre há condições objetivas para fazer uma revolução e que apenas "faltaram na América condições subjetivas, das quais uma das mais importantes é a consciência da possibilidade de vitória por meios violentos". E propondo-se como exemplo, continua: "Agora conhecemos perfeitamente a capacidade de coroar com sucesso um plano como o empreendido por aquele grupo de iludidos expedicionários do Granma".

Então, ele se apega ao determinismo histórico e acrescenta: "As massas não apenas conhecem a possibilidade de triunfo: elas já conhecem seu destino [...], quaisquer que sejam as tribulações da história".[339] Além da história, sua própria experiência pessoal mostrou mais tarde a Guevara que ele estava completamente equivocado (equívoco que ele nunca teve a hombridade de reconhecer).

Quando Che teve que comandar a guerrilha em outras latitudes, sem o apoio do povo (porque já sabia de sua afiliação comunista), sem os elogios de seu assessor de imprensa virtual Herbert Matthews e seus agentes multimídia associados, sem os desembolsos monetários da CIA e o apoio político do Departamento de Estado e sem o caloroso apoio de muitos países da região que forneciam logística, retaguarda, armas e dinheiro, seu destino foi bem diferente: tanto em Salta quanto no Congo e na Bolívia, ratifica-se o absurdo de sua teoria, reduzida inteiramente a um imaginário voluntarismo camponês que, aliás, foi justamente o setor social que não só nunca apoiou Guevara em suas aventuras, como acabou denunciando-o. Mas tudo isso veremos mais adiante.

Chantagem ideológica

Seja pelo desgaste progressivo e pelo descrédito de Batista, seja pelo halo mítico e carismático que os rebeldes conseguiram conquistar, a maior parte de Cuba estava comemorando. As pessoas pensavam que aqueles jovens irreverentes tinham vindo para fazer um governo de transição, seguido de convocação imediata de eleições, com a conseqüente mudança geracional na liderança política do país.

Em meio ao alvoroço popular, Castro chegou a Havana em 8 de janeiro, acompanhado de Huber Matos e Camilo Cienfuegos. À noite, Fidel fez um discurso televisionado no qual enfatizou que a revolução era nacionalista, banindo completamente qualquer suspeita de comunismo e evitando virar a população contra ele (ele também mencionou os Estados Unidos, que tanto os haviam apoiado).

Além disso, na tentativa de consolidar o estratagema, em 22 de janeiro, Fidel Castro deu uma grande entrevista para quatrocentos jornalistas de todo o mundo. Ali, propagou inúmeras mentiras, explicando que se dispunha a "assegurar ao povo um regime de justiça social, baseado na democracia popular e na soberania política e econômica". Ele também anunciou que "seriam realizadas eleições livres" e que um dos objetivos também era "salvaguardar a democracia e evitar golpes de Estado".[340]

Enquanto o carismático trio subia à glória, Guevara, rebaixado à força, assinava a ordem de fuzilar uma dúzia de policiais a quem acusava de não aderir à revolução: "Fiz apenas o que exigia a situação: a sentença de morte daqueles doze", observou ele.[341]

Uma curiosidade nesta história é o fato de que, quando Che chegou a Havana (uma cidade que ele nunca tinha visto até então), ele ficou impressionado: "Ele não havia imaginado que Havana era uma cidade tão moderna", escreveu Paco Ignacio Taibo II .[342] Mas Cuba não era uma aldeia miserável explorada pelo polvo capitalista? Ou essa imagem representava apenas os setores camponeses marginais que constituíam a única coisa que Guevara conhecia de Cuba até então e que, ainda por cima, representavam um setor muito minoritário da população? Enquanto Che deslumbrava-se com o conforto da capital cubana, Fidel Castro nomeava um presidente fantoche, Manuel Urrutia, e, para dissipar os receios de uma guinada para o comunismo, o político mais pró-americano da ilha, José Miró Cardona, foi nomeado primeiro-ministro. O biógrafo guevarista Jon Lee Anderson conta que "os títulos oficiais eram enganosos. Enquanto Fidel se ocupava em criar uma fachada moderada para a revolução, rejeitando com indignação qualquer acusação de 'influência comunista', na esperança de evitar um confronto prematuro com os Estados Unidos, Raúl e Che cimentavam secretamente os laços com o PSP ".[343] Enquanto isso, o enganado povo cubano transbordava de alegria: "O que significava fazer a revolução? Para muitos era simplesmente destituir Batista, estabelecer um regime provisório e convocar eleições livres [...]. Não era isso, afinal, o que Fidel havia prometido na Sierra?", perguntou sabiamente o primeiro biógrafo argentino de Guevara, o socialista Hugo Gambini.[344]

Apenas um punhado de guerrilheiros lutou secretamente contra Batista pelo estabelecimento do comunismo. Mais de 90% dos rebeldes só queriam uma vida normal, ao estilo ocidental: "Em conversas isoladas, descobri a óbvia filiação anticomunista da maioria deles", comentou Che, referindo-se a seus companheiros do Movimento 26 de Julho.[345]

Essa política de engano, na qual inicialmente os comunistas estavam ausentes, não era

apenas uma tática para atrair a simpatia internacional, mas também mostrava que em Cuba os marxistas eram uma ínfima minoria. Isso é muito bem explicado por Kalfon: “Castro, que até agora não tem outro cargo senão o de comandante-chefe de um exército que está reestruturando, deu ao presidente Urrutia a tarefa de constituir um governo competente e moderado. Os membros do Movimento 26 de Julho são uma minoria dentro de uma maioria de notáveis liberais, reformistas, capazes de tranqüilizar uma população cheia de desconfiança em relação aos comunistas”.[346]

No entanto, sabe-se que muitas vezes o poder real e o poder formal coexistem. No caso em questão, o poder formal era encabeçado por liberais e moderados aceitos com alegria pelo povo cubano. O real era composto por Castro e sua gangue de agentes comunistas, mas eram eles que realmente tomavam as decisões. E essa duplicação no exercício do poder começou a ficar tão evidente que, em 13 de fevereiro, Miró Cardona, o primeiro-ministro em exercício, preferiu renunciar a continuar com a paródia. Fidel Castro, então, foi colocado formalmente à frente do gabinete, assumindo publicamente o poder que já exercia desde o primeiro minuto da revolução, e Urrutia, por sua vez, continuaria sendo o “presidente” submisso e decorativo do novo governo.

O primeiro objetivo de enganar a população local e estrangeiros já havia sido alcançado. E nessa nova etapa, Fidel ordenou a Urrutia, em vez de sugerir, que elaborasse um decreto para declarar o comandante Ernesto Guevara de la Serna cubano de nascimento, de modo que o argentino ficou habilitado a exercer qualquer função pública que lhe fosse confiada.

Na distribuição de cargos, Fidel encarregou Guevara de dirigir “La Cabaña”, uma fortaleza militar (a qual, na época, abrigava três mil soldados do regime de Batista que se renderam sem lutar) que agora, sob o jugo do Che, se tornaria um campo de extermínio: foi a partir de então que, a mando de Ernesto Guevara, dissidentes seriam executados em quantidades industriais durante os dramáticos dias de stalinismo caribenho.

No entanto, antes que se espalhasse a notícia de que um sistema de extermínio estava sendo estabelecido em Cuba, a CIA analisou o triunfo da revolução em termos ainda cautelosos e imprecisos: “Cuba continua desfrutando de relativa prosperidade econômica, e boa parte da população, provavelmente temerosa de que a revolução coloque em risco seu bem-estar, parece esperar uma transição pacífica do autoritarismo para um governo constitucional”.[347]

Agora que o poder estava instalado, uma tarefa não menos difícil estava por vir: consolidá-lo. Embora o marxismo possa ser imposto à base de tiros e repressão, a realidade é que se faz necessário certo consenso ideológico, e Fidel só tinha consenso político, de modo que não explicitava suas verdadeiras pretensões. Para compensar essa considerável deficiência doutrinária, Che pretendia realizar uma ideologização em massa, mas não dispunha de quadros acadêmicos para tão ambicioso projeto. Foi quando recorreu ao PSP [Partido Socialista Popular] (o Partido Comunista de Cuba dependente da URSS). O biógrafo Enrique Díaz Araujo conta que “Che já estava preocupado com a falta de conteúdo ideológico (ou seja, marxista-leninista) da revolução e havia concluído que

era necessário atrair o PSP para que o fornecesse, apesar de sua história ser tão corrupta e suja quanto a de qualquer um dos outros partidos burgueses [...]. Não lhe importava que este fosse o partido que durante anos colaborou com Fulgencio Batista e de cujas fileiras saíram dois membros de seu gabinete. O que importava para Che era que eles doutrinassem seus barbudos na dialética do marxismo-leninismo, que era a sua, e, mais tarde [...] que eles prestassem sua experiência de organização e administração ao novo Estado".[348]

Embora a CIA e a comunidade internacional ainda não estivessem totalmente cientes do incipiente processo comunista, uma das organizações que começou logo a expressar preocupação a esse respeito foi a embaixada dos Estados Unidos em Cuba, a qual, em março de 1959, elaborou o seguinte documento: "A embaixada tem recebido relatórios cada vez mais freqüentes nas últimas semanas sobre a penetração comunista em La Cabaña. Esses relatórios referem-se ao pessoal que o comandante Ernesto Che Guevara incorporou, à orientação dos cursos de educação que são ministrados e ao funcionamento dos tribunais revolucionários".[349]

Da mesma forma, no mês seguinte, em 14 de abril, a embaixada dos Estados Unidos insistiu e alertou sobre a iminente lavagem cerebral e infiltração marxista: "Boa parte do esforço comunista em Cuba é direcionado para a infiltração das Forças Armadas. La Cabaña parece ser o principal reduto comunista, e seu homem, Che Guevara, é a principal figura cujo nome aparece ligado ao comunismo. Cursos de doutrinação política foram estabelecidos entre as tropas sob seu comando em La Cabaña".[350]

Diante do alarme sobre a virada comunista e o conseqüente acúmulo de denúncias de violações de direitos humanos que começaram a ser ignoradas, Castro acusou o golpe e, para amenizar as acusações, expôs-se a uma reportagem moderada na televisão em 2 de abril de 1959, onde comentou: "Esse medo que as minorias parecem ter de que o comunismo se desenvolva em Cuba não corresponde a nada real", enfatizou. "Honestamente, eu não entendo esse medo".[351]

A palavra de ordem de Castro era que, nas primeiras etapas, era preciso continuar acalmando os ânimos e tranqüilizando as suspeitas. Com esse propósito, em abril ele iniciou um memorável tour pelos Estados Unidos, que teve como objetivo persuadir a opinião pública e o establishment americano de suas "boas intenções".

Lá, Fidel realizou várias reuniões. Entre elas, ele se reuniu com a Sociedade de Diretores de Jornais da América do Norte. Em 15 de abril, reuniu-se também com deputados e senadores, reiterando sua oposição ao comunismo. No domingo seguinte, no programa de televisão Meet the Press, declarou: "Não concordo com o comunismo". Um dia depois, apareceu no almoço do Círculo Nacional de Jornalistas e mais uma vez denunciou o comunismo. Referindo-se a Kruschev, afirmou: "Seja qual for a natureza da ditadura (classista, militarista ou oligárquica), nós nos opomos a ela. É por isso que somos contra o comunismo".[352] Como parte de sua extravagante mostra "macarthista", ele incluiu em sua

jornada uma conferência, realizada no dia 23 de abril em Nova York. Nela, Castro, usando e abusando de seus poderes de atuação, afirmou: "Queremos instaurar em Cuba uma verdadeira democracia, sem qualquer vestígio de fascismo, peronismo ou comunismo. Somos contra qualquer forma de totalitarismo".[353] E caso seu anticomunismo não tenha sido totalmente claro, em 28 de abril ele soltou esta: "O comunismo mata o homem ao privá-lo de sua liberdade".[354] Dias depois, voltou a atacar o comunismo, explicando que "é um sistema que anula as liberdades públicas e sacrifica o homem".[355]

Desfazendo o futuro mito popular de que os Estados Unidos "empurraram Cuba para o comunismo", para receber Fidel nessa etapa de sua viagem, os norte-americanos prepararam a melhor das recepções, que incluiu a oferta de empréstimos bonificados para impulsionar o novo governo. Mas o curioso é que Castro não pediu nada. Os círculos oficiais e financeiros nos Estados Unidos ficaram surpresos. Não podiam ou não queriam imaginar que o aplaudido peregrino tivesse a intenção de recorrer a meios alternativos para obter bens e propriedades norte-americanos de forma muito mais vantajosa do que os procedimentos bilaterais lhe teriam trazido.

Dentro da viagem descontraída pelas terras "imperialistas", Fidel se sentiu bem menos à vontade no duro encontro realizado no Capitólio em 19 de abril com o vice-presidente Richard Nixon (o presidente Eisenhower queria evitar receber Castro porque já vazavam as execuções realizadas em Cuba contra dissidentes), e na assembléia surgiu o seguinte diálogo: "FC — Não entendo por que neste país me criticam por matar criminosos de guerra.

RN — Escute, se o senhor prende pessoas às onze da manhã, julga-as ao meio-dia e fuzila-as às duas da tarde, necessariamente será criticado. FC — A opinião cubana aprova essas execuções — respondeu Fidel, nervoso.

RN — A opinião pública alemã apoiou Hitler quase até o último momento, e isso não significa que as ações de Hitler sejam justificadas. Temos que pensar na justiça.

FC — Acusam-me de genocídio, quando na verdade estou matando miseráveis fascistas. É absurdo! RN — O senhor processou recentemente um grupo de aviadores que serviu nas forças armadas de Batista, acusando-os de genocídio por terem bombardeado suas forças na Sierra Maestra. O tribunal os absolveu. O senhor anulou a sentença, convocou outro tribunal que os condenou à morte e os executou. Enquanto fizer coisas desse tipo, o senhor será criticado, se não em Cuba, pelo menos em nosso país", retrucou Nixon, sem perder a compostura. [356]

Mas tirando esse mau momento em que Castro ficou sem ter o que dizer, a verdade é que o tour pelos Estados Unidos pode ser considerado um sucesso. Depois, o caudilho cubano continuou a excursão "anticomunista" pela América Latina e foi em Montevidéu que ele fez uso de outro de seus artifícios orais, exclamando que o que Cuba quer é "pão e liberdade, pão sem terror; nem ditadura de direita, nem ditadura de esquerda, mas uma

revolução humanista”.[357]

Muitos defensores do comunismo castrista justificam as mentiras de Fidel, alegando que, em todo caso, eram escárnios ou armadilhas cometidas à custa do “imperialismo”. No entanto, o problema não é o embuste direcionado aos Estados Unidos, mas o golpe contra o povo cubano, que sempre foi anticomunista. É por isso que a sociedade deste país apoiou Castro e sua camarilha desde o início. Se esses bandidos tivessem sido sinceros sobre seus verdadeiros propósitos ideológicos, não teriam tido o apoio de um único camponês: “Se gritássemos do alto do pico Turquino (o mais alto de Cuba, localizado na Sierra Maestra) que éramos marxistas-leninistas, quando éramos ‘quatro gatos-pingados’, possivelmente não poderíamos descer de lá. Então, adotamos outra designação”, reconheceu Fidel em dezembro de 1961.[358] Ou seja, se eles tivessem se apresentado como comunistas desde o início, Castro e seus seguidores teriam contado apenas com o apoio de alguns militantes do PSP , o que era algo tão insignificante em termos de votos que, tanto em 1940 (com Batista) quanto nas eleições de 1944, 1948 e nas que viriam em 1952, eles nem apresentaram candidatura própria (observe o apoio eleitoral nulo), mas formaram aliança com candidatos moderados em troca de algum mísero cargo de vereador ou posição burocrática marginal.

Portanto, o golpe comunista não deve ser visto como “uma burla à CIA ”, mas ao povo cubano (eles foram os afetados diretamente). Claro, Cuba também constituía uma séria ameaça para a região (ali foram treinados os terroristas que na década de 1970 ensangüentaram e desestabilizaram a América Latina e parte da África), além de ter representado uma intimidação mundial ao portar mísseis soviéticos apontados para Washington, episódio ao qual nos referiremos mais adiante.

Mas a política de engano não era exclusividade de Castro. Mesmo Guevara, que sempre causou problemas com suas declarações radicais e sua falta de tato, quando perguntado especificamente se era comunista, em 4 de janeiro de 1959, mente ao jornal portenho La Nación ao responder: “Acho que sou uma vítima da campanha internacional que sempre ataca aqueles que defendem a liberdade da América”.[359]

Enquanto prevalecia o exagero democrático, Castro acumulava cargos no poder político. Já era primeiro-ministro, chefe do Exército, autoridade máxima do INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária), ao mesmo tempo que proclamava aos quatro ventos que sua revolução era “verde oliva como as palmeiras cubanas”. Guevara, quando questionado sobre essa definição, em seus círculos íntimos acrescentou que a revolução assemelhava-se a uma melancia: “Verde na superfície e vermelha em sua verdade mais profunda”.

Mas, para além das farsas, histórias, fuzilamentos e múltiplos bastidores, a Revolução Cubana constituiu a derrota mais contundente para o Ocidente e o mundo livre em toda a Guerra Fria: pela primeira vez um país não contíguo à Rússia ou à China (bem na cara dos Estados Unidos) virava comunista, ou seja, a revolução castrista abria as portas de um continente de valor inestimável ao marxismo.

Divórcio simples e sem publicidade

No calor da revolução e da aventura, Guevara já havia rompido relações com Hilda Gadea, pois já vivia por muito tempo com a docente Aleida March, uma jovem professora de feições européias, ligada ao Movimento 26 de Julho em El Llano, de posição política moderada em suas origens. Para dar um corte "formal" ao casamento ameaçado e oficializar o novo vínculo, em 8 de janeiro de 1959 (dia em que Castro entrou triunfalmente na capital cubana), Che escreveu uma carta fria e enfática dirigida a Hilda (que estava no Peru esperando ansiosamente notícias do triunfante marido), expulsando-a de sua vida sentimental com termos bastante grosseiros: "Querida Hilda: A magnitude das coisas que precisavam ser resolvidas me impediu de escrever para você antes e faço isso hoje, dia da entrada de Fidel que virou toda Havana sobre ele", acrescentando: "Você sempre ignorou minha resolução de terminar nossa relação, mas isso estava firme em meu espírito e nunca me considerei ligado a você depois da saída do Granma". Sem eufemismos, apresenta à destinatária a desagradável notícia: "Agora, vamos ao que interessa: considerando-me livre, estabeleci relações com uma cubana e vivo com ela enquanto espero poder formalizar nossa situação". Em seguida, tentando amortecer qualquer eventual tentativa de Hilda de aparecer na ilha, Guevara acrescenta: "Sua presença aqui só vai trazer conflitos e problemas pessoais para mim". Em seguida, pediu "um divórcio simples, sem publicidade" e expressou uma única e concisa linha de afeto ao dizer: "O que mais quero neste momento é ver a Hildita". Por fim, já cansado, conclui, dizendo: "Hilda, não quero mais escrever, pois não tenho mais o que dizer. Um abraço, com todo o amor, do companheiro e pai da nossa filha, Ernesto".[360]

Vale esclarecer que a nova relação entre Ernesto e Aleida não se caracterizou por um encanto instantâneo. Aleida lembra que, na primeira vez que viu Che de perto, não o considerou particularmente atraente. Sua impressão era de um homem que parecia "velho" e também "magro e sujo".[361] Evidentemente, essa impressão sombria foi melhorando, e, em 2 de junho de 1959, Ernesto legalizou o novo vínculo amoroso casando-se. Aleida, para a ocasião, estreou um vestido branco. Che, incapaz de controlar seu gênio, apareceu no casamento com seu inevitável traje de guerrilheiro. Claro, dada a importância do evento, ele fez um grande esforço pessoal, cuidando para que seu uniforme estivesse limpo e passado.

Ainda que sua nova esposa, de feições refinadas, não tenha sofrido o desprezo que Che dirigira à sua ex-esposa, Hilda, uma peruana de fisionomia aborígene, Aleida não foi poupada dos maus-tratos. Pelo menos, é o que revela o guerrilheiro cubano Dariel Alarcón (nome de guerra Benigno): "Quando ela dava uma opinião que não agradava o marido, ele mandava que ela calasse a boca, humilhando-a". Para Guevara, as mulheres "eram como um objeto que ele usava", acrescenta.[362]

Infortúnios conjugais à parte, quatro filhos surgirão da nova união: Aleida, Camilo, Celia e Ernesto.

Volta ao turismo

Enquanto Fidel continuava com suas acrobacias para amortecer o impacto das primeiras medidas de governo de inspiração marxista, Guevara enfraquecia toda cautela em uma entrevista durante a qual se produziu o seguinte diálogo: "—Você é comunista? — Os fatos falam por si. Nossa forma de pensar é clara, nossa conduta é transparente. O fato de eu não ser um comunista filiado ao PC não tem importância. Somos acusados de comunistas pelo que fazemos, não pelo que somos ou dizemos. Se você acredita que o que estamos fazendo é comunismo, então somos comunistas".[363]

O radicalismo de Guevara em relação a Castro não se devia apenas ao fato de Che ser antipolítico e fanático, mas também a uma questão de natureza doutrinária, já que Guevara tinha uma bagagem ideológica desordenada, porém muito mais sólida que seu chefe. Fidel, por outro lado, admitiria não ter conseguido passar da página 370 de O capital, de Karl Marx.[364]

Castro não podia evitar suas explosões de raiva diante das declarações imprudentes de seu camarada, porque depois tinha que dedicar muita energia esclarecendo o que Che afirmava publicamente. O biógrafo argentino Pacho O'Donnell resgata em sua obra uma forte explosão de raiva de Fidel, na qual disparou: "Sabe o que vou fazer com Che Guevara? Vou mandá-lo para Santo Domingo, para ver se o Trujillo o mata".[365]

Cansado de explicar, desmentir ou suavizar as declarações escandalosas resultantes da incontinência verbal de Che, Fidel decidiu pegar o touro pelos chifres e, conhecendo a paixão de seu camarada argentino por viagens, enviou-o a uma jornada interminável pelo Oriente Médio, decretada em 5 de junho, com o objetivo inusitado de "estreitar as relações diplomáticas" (mesmo que Guevara não fosse funcionário diplomático nem tivesse talento para isso). Esse recurso, o de confiar a Guevara viagens intermináveis ao exterior, será usado com freqüência por Castro. Era uma maneira elegante de manter o Che longe de declarações perigosas. E ele, aventureiro hormonal e turista vocacional, sempre aceitou de bom grado suas eternas "missões" transnacionais. Em seus seis anos como funcionário público em Cuba, Che passou quase um ano (um sexto do tempo) em longos roteiros de turismo revolucionário. Como uma criança inquieta que precisa ser entretida para acalmar sua ansiedade, Castro deu a Che um passatempo para que ele se divertisse fazendo uma peregrinação pelo planeta e não atrapalhasse, com seus ditos precipitados, o notável golpe (político e ideológico) que, com dedicação, Fidel vinha elaborando desde os tempos do Granma e da Sierra Maestra.

Sebreli observa que essa notável diferença de caráter entre Fidel e Che (e que os encherá de conflitos ao longo de sua convivência política) se explica pelo fato de que "a tarefa do político é lenta, discreta e paciente, é realizada todos os dias, ao longo dos anos, requer esforço, obstinação, perseverança, além da capacidade de transigir, negociar, ceder, saber retirar-se, estabelecer alianças. Fidel tinha essas qualidades; Che, ao contrário, considerava qualquer compromisso como uma traição ao ideal revolucionário: ele encarnava o

sectário esquerdista infantil ridicularizado por Lênin, que negava, por princípio, qualquer acordo”,[366] acrescentando que, embora Guevara repudiasse corromper-se em transações políticas impuras, “sua mão não tremia com o fuzil, justiçando seus próprios companheiros ou ordenando centenas de execuções em massa de seus adversários. Ele não queria sujar as mãos, mas não se importava em se manchar de sangue”.[367]

No âmbito da viagem transatlântica que Castro havia preparado para Che, ele escreveu uma significativa epístola à sua mãe (datada de 2 de julho de 1959): “Querida velha: Um antigo sonho de visitar todos os países torna-se hoje realidade [...]. Também, sem a Aleida, que não pude trazer por causa de uma complicação mental daquelas que eu tenho [...]. O sentido do coletivo, em oposição ao pessoal, desenvolveu-se muito em mim: continuo sendo o mesmo solitário em busca do seu caminho sem ajuda pessoal, mas agora tenho o senso do meu dever histórico. Não tenho casa, nem esposa, nem filhos, nem irmãos; meus amigos são amigos desde que pensem politicamente como eu e, mesmo assim, estou feliz, sinto algo na vida, não só uma poderosa força interior, que sempre senti, mas também uma capacidade de injetar ânimo nos outros e um absoluto sentido fatalista da minha missão, que tira de mim qualquer medo”.[368]

Novamente, aparecem nesta observação imperdível (“meus amigos são amigos desde que pensem politicamente como eu”) sua inegável mentalidade totalitária, seu absoluto desinteresse pela nova esposa (“não tenho casa, nem esposa”, disse, embora fosse recém-casado e tivesse se recusado a fazer uma viagem com ela, mesmo não tendo saído de lua-de-mel), sua essência de vagabundo incurável (manifestava a alegria de viajar pelo mundo, mas nada dizia sobre suas obrigações diplomáticas), sua obsessão pela morte (aludindo ao “sentido fatalista da sua missão”). E é nessa mesma carta que Guevara lamenta que sua viagem fosse ofuscada por fatídicas obrigações diplomáticas: “Meu sonho de visitar todos esses países realiza-se hoje de uma forma que cerceia toda a minha alegria, falando de problemas econômicos e políticos, dando festas onde só falta eu ter que vestir fraque e deixando de lado um dos meus mais puros prazeres, que é sonhar à sombra de uma pirâmide ou sobre o sarcófago de Tutancâmon”.[369]

A prioridade turística da viagem “diplomática” de Che não era nem mesmo dissimulada pelos jornais cubanos (já subservientes ao despotismo ascendente), como evidencia a cobertura de seus passeios descontraídos pelo jornal oficial Revolución: “Ontem, visitou as pirâmides e o museu egípcio, e passou o dia visitando várias mesquitas e pontos turísticos da capital [...]. Amanhã, irão até a Faixa de Gaza e no dia seguinte irão para Damasco. No sábado, visitarão Alexandria e, no domingo, a área do Canal de Suez”.[370]

Foi durante essa peculiar peregrinação que Guevara conheceu Gamal Abdel Nasser, o mítico presidente egípcio. Na reunião, Che o provocou com a seguinte pergunta: “Quantos refugiados tiveram que deixar o país?”. Quando o presidente Nasser respondeu que poucos, Che ficou incomodado: “Isso significa que não aconteceu muita coisa em sua revolução. Eu meço a profundidade da transformação pelo número de pessoas afetadas por ela e que sentem que não cabem na nova sociedade”. Nasser explicou que pretendia

“liquidar os privilégios de uma classe, mas não os indivíduos dessa classe”.[371]

Observe que, no diálogo, surge novamente a composição mental de Guevara: “[...] pessoas que sentem que não cabem na nova sociedade”. Che defendia posições extremistas, em parte por causa de sua prepotência inerente e em parte porque ele adorava conflitos e se sentia muito desconfortável em tempos de paz ou harmonia: “A presença de um inimigo estimula a euforia revolucionária” era uma de suas frases de cabeceira. [372]

A foto esburacada

Ao retornar a Cuba, Che encontrou, para sua alegria, um governo que guinava rapidamente para a esquerda. Castro acabara de derrubar o presidente Urrutia, que, embora agisse como um fantoche, era de tendência moderada. Ele foi substituído por Dorticós Torrado, subserviente a Castro, à semelhança do anterior, mas com a vantagem de ser um antigo militante do Partido Comunista (PSP) e, portanto, de uma ideologia que coincidia com o rumo das coisas naquele momento. Em meio ao casamento, à viagem turística solitária e à euforia revolucionária, o inefável Matthews, em despacho datado de 16 de julho em Havana e publicado pelo The New York Times, afirmou: “Em nenhum sentido da palavra pode-se afirmar que esta seja uma revolução comunista, e não há comunistas em postos de comando [...]. Castro não só não é comunista, como é decididamente anticomunista”.[373] E apesar das constantes advertências da embaixada dos Estados Unidos, em 5 de novembro de 1959, o vice-diretor da CIA , general C. P. Cabell, após profusa análise referente a Castro, sentenciou: “Nossa conclusão, portanto, é que Fidel Castro não é comunista”.[374]

No entanto, o clima comunista que reinava na ilha era tão evidente que começou a ser repelido não só pelos próprios funcionários nomeados por Castro, mas fundamentalmente por aqueles que compunham o exército rebelde: os guerrilheiros antibatistas não tinham lutado com Castro nem arriscado a vida para impor o comunismo.

Em meados de outubro de 1959, o comandante Huber Matos (um ícone tão representativo da revolução que foi escolhido por Castro para a famosa entrada em Havana em janeiro de 1959), então governador da província de Camagüey, opôs-se aos confiscos à custa de pequenos e médios proprietários, ao mesmo tempo em que reagiu negativamente quando Raúl Castro foi nomeado ministro de guerra (ambos os episódios significaram um importante avanço para o totalitarismo marxista). Matos, percebendo o golpe ideológico que estava por vir, enviou a Castro uma carta de renúncia.

Mas o ego de Fidel não aceitou ser rejeitado publicamente e ele negou a renúncia. Matos insistiu e Castro dobrou a aposta: ordenou que o comandante Camilo Cienfuegos (o outro líder revolucionário escolhido por Fidel para liderar a entrada em Havana) o prendesse. Camilo, que também não era marxista e compartilhava a abordagem de Matos, vacilou

diante de tal diretriz e questionou Fidel. Este insistiu e Camilo não teve escolha a não ser subordinar-se e viajar para Camagüey. Ao chegar e não encontrar acusações para prender Matos, Cienfuegos comunicou suas considerações a Castro. Fidel não deu ouvidos às explicações e ordenou categoricamente a Cienfuegos que o prendesse sem mais delongas. Com grande conflito interno, Cienfuegos prendeu Matos.

O comandante Huber Matos foi condenado a vinte anos de prisão em condições muito precárias (que cumpriu até o último dia), pelo crime de desacordo com Castro. Cienfuegos, por hesitar e questionar, foi assassinado dias depois (em um misterioso "acidente" de avião), tornando-se um dos primeiros desaparecidos do governo castrista.

Cienfuegos, contudo, não foi assassinado apenas por questionar a ordem de Castro. Numerosos testemunhos revelam que Camilo ofuscava a popularidade de Fidel e este foi outro ingrediente que entrou na decisão de matá-lo. Agustín Alles (correspondente de guerra da revista Bohemia) lembra que Cienfuegos "era tão aplaudido que uma vez eu lhe disse: 'Camilo: você é tão popular quanto Fidel'. Ele se levantou, parou e disse: 'Sim, esse é um grande problema que eu tenho'".[375]

Matos relembra o terrível episódio, contando que, quando Camilo chegou para prendê-lo, ele "deixa seus homens do lado de fora e vamos conversar a sós [...]. A primeira coisa que ele faz é me pedir desculpas porque tem ordem de me prender. Para isso ele tinha sido enviado. Seu rosto reflete preocupação e confusão: — Huber, entenda que isso não é nada agradável para mim. Você sabe que temos a mesma posição em relação ao comunismo. Acho que Fidel está agindo de maneira equivocada, mas quero que você me entenda.

Depois acrescenta: — Sinto-me constrangido neste momento, mas tenho que cumprir a ordem.

Silêncio novamente. Camilo está tenso, intrigado. De repente, exclama: — Ei, não podemos tomar um café? Fidel liga para Camilo, que está sentado na cadeira do meu escritório, a pouco mais de um metro de onde estou. Ao que parece, Fidel pergunta-lhe como vão as coisas e Camilo responde: — Está tudo em ordem no quartel, mas os oficiais estão muito chateados. Nós criamos o mal-estar [...]. Aqui não há traição nem sedição, nada do que dizem. Deveríamos ter lidado com isso de maneira diferente. Os capitães estavam incomodados, mas calmos; agora eles estão indignados e querem renunciar. O que foi feito é um erro.

Certamente, Fidel o interrompe com alguma reprovação insolente, pelo olhar de Camilo [...]. Ao que parece, depois dos insultos, Fidel ordena-lhe que prossiga cumprindo rigorosamente suas instruções [...]: — Será feito como diz, mas o que fizemos foi uma mancada".[376]

Trinta e quatro dos oficiais sob o comando de Matos solidarizaram-se com o chefe preso, mas ele pediu que eles não renunciassem. Eles não o fizeram, mas todos foram detidos com ele. Logo depois, em 30 de outubro, o governo divulgou oficialmente a

notícia de que Camilo Cienfuegos havia desaparecido enquanto viajava em seu avião.

Foram dias de glória para Raúl e Che. Entre a prisão de Matos e o assassinato de Cienfuegos, eles conseguiram erradicar dois ícones populares anticomunistas da revolução.

A respeito de Matos, Fidel mandou fazer uma campanha na imprensa acusando-o de "contra-revolucionário", explicando que, por isso, ele foi mantido seqüestrado por vinte anos nos campos de concentração da ilha. Quanto a Camilo Cienfuegos, Fidel fez um teatro sentimental de glórias e honrarias, "lamentando" que Camilo "tivesse morrido em um acidente aeronáutico": nunca foi encontrada nenhuma aeronave, muito menos o corpo de Camilo.

Segundo o guerrilheiro Dariel Alarcón (Benigno), que será companheiro de Che até suas últimas horas na Bolívia: "O desaparecimento de Camilo havia sido planejado por Fidel e Raúl, porque Camilo já era mais popular em Cuba do que o próprio Fidel".[377] Juan Vives (agente secreto de Castro), por sua vez, acrescenta que "a nomeação de Raúl Castro para a Defesa foi muito mal recebida pelo exército, que queria Camilo Cienfuegos como ministro [...]. Aproveitando o caso Huber Matos, eliminaram Camilo, matando assim dois coelhos com uma cajadada".[378]

Che muito raramente mencionava Matos em seus escritos e com seu silêncio nada mais fazia do que validar os vinte anos de reclusão impostos por Fidel. Quanto ao desaparecido Camilo Cienfuegos, embora muitos garantam que Guevara era muito próximo do comandante desgraçado,[379] essa suposta amizade não é tão evidente: "Entrávamos em conflito por questões disciplinares, devido a problemas de concepção de uma série de atitudes dentro da guerrilha. Camilo, naquela época, era um guerrilheiro muito indisciplinado", afirmou Che em seu diário.[380]

O guerrilheiro Enrique Acevedo, por sua vez, testemunha que Che e Camilo "tinham um relacionamento delicioso. Acho que às vezes chegava a ser desconfortável para o Che [...]. Quando víamos como Camilo o tratava, ficávamos chocados. Lembro que, em uma ocasião, ele começou a irritá-lo. Che olhou para ele e disse: Camilo, lembre-se que meus homens estão presentes. Então, eles saíram abraçados".[381]

Horas antes da prisão de Matos e do desaparecimento de Cienfuegos, para não sofrer destino semelhante, o comandante e aviador Díaz Lanz (que arriscara o pescoço no tempo de Batista, pilotando aviões que traziam armas para Castro da Costa Rica e da Venezuela), percebendo o rumo sombrio que a revolução estava tomando, fugiu de avião a toda velocidade para Miami: a força aérea cubana enviou aviões para interceptá-lo e o campo de concentração de La Cabaña abriu fogo com suas baterias antiaéreas, mas Díaz Lanz escapou ileso.[382]

Neste ponto, por mais lealdade e coragem revolucionária demonstradas poucas semanas

antes na Sierra, exceto por Fidel Castro e alguns outros asseclas, ninguém se sentia seguro ou protegido na rarefeita Cuba de 1959.

A foto da revolução triunfante entrando em Havana, com Castro, Matos e Cienfuegos, um punhado de meses depois ficou com buracos em seus dois terços (Matos preso e Cienfuegos ferido/desaparecido). Apenas Castro permaneceu com a liderança absoluta. Mas os buracos naquela foto seriam preenchidos com imagens de Guevara e Raúl como novos tenentes. O golpe já estava consumado e uma foto retocada foi imposta em Cuba.

Capítulo VII: A máquina de matar

As aspirinas do Dr. Guevara

Como novo comandante do campo de extermínio de La Cabaña, Che inaugurou uma maquinaria homicida como nunca antes lembrada em Cuba. Mesmo um apologista de Che, como seu biógrafo argentino Pacho O'Donnell, reconheceu em seu livro complacente: "Em La Cabaña, foram estabelecidos os tribunais revolucionários [...]. Como comandante da guarnição, [Che] revisava os apelos e tinha a palavra final [...]. Esse homem, que se horrorizava com as deserções humanas, implacável com as fraquezas, ganâncias e vulgaridades próprias e alheias, inapto para as artimanhas políticas por razões éticas, não teve objeções em se tornar um anjo exterminador que governava a vida e a morte de outras pessoas".[383]

Os "julgamentos" guevaristas revelaram-se uma verdadeira paródia, um protocolo expedito para disfarçar legalmente as execuções em massa de dissidentes: os julgamentos contra ex-colaboradores (ou não) do regime de Batista duravam cinco ou dez minutos, e assim as pessoas eram enviadas ao paredão de fuzilamento, sendo Guevara presidente do tribunal, promotor, presidente da comissão depuradora, presidente do tribunal de apelações e comandante-chefe do quartel. Ou seja: a única garantia de vida do réu era a vontade ou não do próprio Ernesto Guevara de la Serna. O citado jornalista Agustín Alles Soberón recorda que a máxima que seguia em La Cabaña era: "Na dúvida, mate e dê-lhe aspirinas (balas)".[384]

Recordemos que o Che já não estava em guerra, contexto em que essa palavra de ordem poderia ser cruel, mas talvez compreensível. Aqui, estamos falando de detidos sem julgamento e sem qualquer certeza ou indicação de culpa; mas, "por via das dúvidas", havia ordem para matar, e Guevara assim decretava aos carrascos que matavam sob seu comando: "Não se demorem nas causas, isto é uma revolução, não usem métodos jurídicos burgueses [...]. Devemos proceder por convicção".[385] Este hábito distorcido de

matar acriticamente também foi repetido por Che no início de 1959: “Temos que criar a pedagogia dos pelotões de fuzilamento e não precisamos de provas para matar um homem”.[386] E em uma carta particular, o rigoroso médico das aspirinas também justificava os massacres, mas agora com argumentos democráticos: “As execuções não são apenas uma necessidade do povo de Cuba, mas também uma imposição desse povo”.[387]

Esse papel ignóbil de serial killer rendeu a Guevara o apelido apropriado de “carniceiro de La Cabaña”. Ali, quem hoje é apresentado pelos progressistas mundiais como um emblema pacífico do “ecumenismo multiculturalista” pôde descarregar seu confesso “ódio à civilização”, e com relativo sucesso: apenas nos primeiros dias de “trabalho”, os fuzilamentos dirigidos pelo carniceiro argentino atingiriam a incipiente cifra de quinhentos e cinqüenta executados.[388]

Qual era o parâmetro guevariano para decidir quem vivia e quem não? É difícil responder ao enigma com precisão, mas vale lembrar o fragmento sincero de uma de suas epístolas já citadas: “Meus amigos são amigos desde que pensem politicamente como eu”. Talvez aí tenhamos alguma orientação sobre a base criteriológica à qual o Che recorria para ordenar a vida e a morte dos outros.

Enquanto isso, com fiel assistência, o propagandista oficial do castro-guevarismo nos Estados Unidos, Herbert Matthews, nas páginas do The New York Times, reconhecia a existência de seiscentos fuzilados, mas o solícito escrivão anglófono da revolução justificava o extermínio assim: “Não conheço nenhum caso de um inocente sendo executado”.[389] Como Matthews sabe que os executados não eram inocentes se o próprio Che ordenava explicitamente que eles fossem fuzilados sem provas? A verdade é que as execuções de dissidentes tornaram-se quantitativamente tão escandalosas, que o então presidente paródico Urrutia procurou se desvencilhar do massacre tentando acabar com aqueles diligentes procedimentos mortuários. Mas Castro se opôs e ordenou a publicação de um decreto que estabelecia oficialmente a pena de morte (proibida na época de Batista), a fim de dar um ornamento legal às eliminações. Guevara, por sua vez, defendeu o extermínio que dirigia, alegando que “a justiça revolucionária é a verdadeira justiça”, e acrescentando que “quando aplicamos a pena de morte, o fazemos corretamente”.[390] E em 5 de fevereiro de 1959 voltou com outro argumento, mas baseado na “soberania popular” que dizia representar: “As execuções por pelotões de fuzilamento não são apenas uma necessidade do povo cubano, mas também uma imposição do povo”.[391]

Buscando “coletivizar” hábitos e responsabilidades, Che exigiu que todos os funcionários de La Cabaña se revezassem na ingrata prática das execuções: “O Che vinha, sutilmente, em várias ocasiões, subia naquele muro parede, o que não era difícil, porque havia uma escada. Ele se deitava de costas para fumar um charuto enquanto assistia às execuções. Isso era comentado entre todos os soldados de La Cabaña. Meus soldados me diziam: ‘Quando estávamos no paredão de fuzilamento, víamos o Che fumando charuto no muro’. Isso dava força para quem ia atirar. Para aqueles soldados que nunca tinham visto o Che antes, era algo importante, que lhes dava valor”, testemunhou Dariel Alarcón

(Benigno).[392]

Segundo o padre Bustos Argañaraz (que estava encarregado de dar alívio espiritual às vítimas antes da execução), a crueldade de Che "chega ao ponto de obrigar os familiares que iam recolher os cadáveres dos fuzilados a atravessar o famoso paredão manchado com o sangue fresco das vítimas".[393]

Como se fosse uma comédia de humor negro, enquanto dirigia as execuções de 13 de janeiro de 1959, Guevara, que repetidamente confessou não ter conhecimentos suficientes de medicina (e cujo título sempre foi questionado entre seus biógrafos), foi nomeado "Médico Honorário Cubano", e assim o jornal Revolución noticiou a condecoração acadêmica: "Reunidos em sessão solene, a diretoria do Colégio Nacional de Medicina recebeu ontem o comandante Ernesto Guevara, prestigioso médico argentino que assumiu a causa da revolução".[394]

A obstinação ideológica de Guevara começou a atingir tal magnitude que ele afirmou, em carta amplamente divulgada, que pais, esposas, filhos e amigos devem ser levados em consideração enquanto estiverem a serviço da revolução: "Não há vida fora dela", escreveu ele; e em seu pequeno livro Guerra de guerrillas definia o revolucionário como um "verdadeiro sacerdote" e "asceta". Che não se diferenciava muito de um terrorista religioso, sempre disposto a matar e se matar para impor sua visão arbitrária e maniqueísta do mundo, embora houvesse uma grande diferença: o terrorista religioso sustenta que, com a execução dos "infiéis" ou com a mera imolação, o indivíduo passa à vida eterna; Guevara, profundamente ateu, acreditava que a vida terminava com a morte. Por que se imolar, então (como fez na Bolívia)? Qual era o benefício de assassinar a torto e a direito em nome de uma superstição revolucionária inerentemente falível e com a qual Che só se tornou precariamente familiarizado nos últimos anos? É possível afirmar o seguinte: Guevara voltou-se para a política já adulto e depois de formar-se em medicina, pois durante os tempos de estudante não teve participação nenhuma nessa área e recebeu apenas uma vaga influência familiar na infância. Além disso, das três grandes correntes do pensamento político moderno, a marxista, a nacionalista e a liberal (com suas respectivas derivadas e nuances), ele só leu, mal e parcamente, as de tendência marxista, de modo que nunca foi capaz de confrontar ou contrastar suas leituras com autores opostos. Ou seja, tornou-se fanático, de fuzil a tiracolo, pelo primeiro dogma que encontrou e incorporou-o como fundamento mortífero, dando sentido à sua infeliz existência.

Mas, além da especulação sobre as causas psicológicas e emocionais que poderiam ter levado Guevara a esses extremos, a verdade é que as vítimas das execuções que ele liderou chegam às centenas, assim como os depoimentos de testemunhas diretas.

O ex-membro do Movimento 26 de Julho, Napoleón Vilaboa, recorda: "Estava trabalhando na fortaleza de La Cabaña sob as ordens de Che Guevara (que era o chefe militar daquela fortaleza), na 'comissão depuradora', que era uma organização criada pelo governo de Fidel Castro [...]. O objetivo era implantar o terror revolucionário em Cuba por meio de execuções. Essas execuções eram arbitrárias, porque os infelizes que ali

estavam já haviam sido condenados à morte, como é o caso, por exemplo, do primeiro-tenente José Castaño, que havia chefiado o BRAC [395] e foi assassinado pessoalmente por Che Guevara em seu próprio escritório, e contra quem não havia nenhum tipo de pretexto legal para executar, porque esse homem não havia matado nem torturado ninguém durante o regime de Fulgencio Batista".[396] Além disso, Rolando Castaño (filho do referido tenente executado) conta: "Meu pai foi assassinado por Ernesto Guevara em 7 de março de 1959 [...]. E ele o interrogou primeiro em seu escritório. Eles o maltrataram fisicamente e como não chegaram a um acordo, Che Guevara, andando pelo escritório com sua pistola, deu dois tiros na cabeça dele".[397]

Não menos chocante é esta outra história também contada por Vilaboa, que se refere a outro preso que estava em La Cabaña, mas que tinha apenas quinze anos: "Eles o pegaram enquanto pintava um muro com palavras de ordem contra Fidel. O ex-assessor de Che lembra que o comandante ficou muito preocupado, porque a mãe do menor parecia desesperada, e garantiu que quando um soldado se aproximou dele para informar que o jovem seria executado em poucos dias, Guevara ordenou que ele o fizesse imediatamente para que a mãe não passasse pela angústia de uma longa espera".[398]

A velocidade dos "julgamentos" era tamanha que José Vilasuso, advogado que trabalhou desde janeiro de 1959 sob as ordens do Che como instrutor de expedientes da obscura "comissão depuradora", explica como funcionava internamente o plano sistemático de extermínio: "Che tinha apenas um lema: 'Vocês estão aqui para aprovar logo os expedientes, a comissão está trabalhando muito devagar e temos que julgar esses criminosos o mais rápido possível [...]'. Ele me diz: 'Olha, este é um tribunal muito simples, basta examinar os autos, o investigador sempre tem razão, sempre diz a verdade. Ou seja, só temos que aceitar o que ele diz no relatório. E você tem que instruir, organizar os autos e depois passar para o Ministério Público [...]'. Essas foram mais ou menos suas palavras. E ele me diz: 'Claro que você vai ver coisas muito gostosas'. Fiquei calado e no dia seguinte comecei a trabalhar [...]. Eu preparava as sentenças e ele dirigia o paredão. Fui até o paredão, me aproximei do local, parei próximo aos postes, olhei bem o local onde colocavam os presos, o paredão ficava atrás deles, e dava para saber a altura do peito ou da cabeça, porque se viam as marcas das balas. Era mais ou menos uma linha reta. O sangue coagulava, pois o corpo era retirado logo após a execução, mas o sangue permanecia".[399]

Diante da escandalosa carnificina desencadeada, numerosos camaradas e funcionários sugeriram ao Che moderação ao ordenar as execuções, pressão à qual ele não cedeu, respondendo: "'Moderação' é outra das palavras que os agentes da colônia gostam de usar: todos aqueles que têm medo ou todos os que pensam em trair de alguma forma são moderados".[400]

Em La Cabaña, quem atuou como "presidente judicial" foi Orlando Borrego, de vinte e poucos anos, que revela que "havia fiscais de extrema-esquerda" e "não deveria impor moderação a quem sempre pedia a pena de morte".[401] A perfídia desses crimes foi tal que

até Frank Niess, em sua hagiografia, reconhece que “eram sempre processos muito curtos, que decidiam em pouco tempo a vida e a morte de seres humanos [...]. Julgamentos rápidos e numerosas execuções pesam nas costas dos revolucionários e do próprio Guevara”.[402]

Para mais detalhes sobre as “garantias” dos executados, Eduardo Pérez (primeiro-tenente do Exército Rebelde), que estava sob as ordens de Che, explica: “Estou no gabinete do chefe do regimento de Santa Clara, que era o Ramiro, mas o Ramiro não estava [...]. Quem estava era o Olo Pantoja, com quem tinha uma boa relação [...]. Aí, entra um soldado e lhe entrega um papel, dizendo: ‘Esses com as cruzinhas são os que vão ser fuzilados amanhã’. Vou para trás dele, porque havia confiança, e lhe pergunto: ‘Essas pessoas já foram julgadas?’, ao que ele me responde: ‘Não, elas vão ser julgadas hoje à noite’. ‘Mas como vão julgá-las se já sabem que elas vão ser fuziladas amanhã?’, exclamo. ‘Pois é, fazer o quê?’, limita-se a dizer ele”.[403]

Outro testemunho perturbador é apresentado por Sergio García Muñiz, irmão de Rafael García, também executado por Che Guevara: “Nos esforços que estávamos fazendo para tentar salvar meu irmão, antes do julgamento final, eu tinha ido a La Cabaña com o engenheiro Viamonte, que trabalhava comigo na companhia de eletricidade, para ver Ernesto Guevara, já que ele estivera na Sierra. Ali, Guevara nos recebeu [...] descalço, com os pés em cima da mesa, coçando-se com os chicotes [...]. Ele me causou uma péssima impressão. Vi sua cara de hipócrita, sem vergonha. Então, o engenheiro começou a explicar-lhe, e ele disse: ‘Não, aqui não tem alívio para ninguém’”.[404]

Mas diante de casos duvidosos, delitos improváveis ou acusações difusas, Che também aplicou o paredão de fuzilamento simulado em La Cabaña, técnica sinistra que, como vimos, já usava na Sierra Maestra: “Eles me amarraram a um poste, me vendaram, e depois houve uma saraivada de tiros. Então, eles vieram me dar o que pensei ser o golpe de misericórdia. Senti um barulho monstruoso na têmpora. Na verdade, foi um golpe com a coronha do rifle. Desmaiei. Achei que estivesse morto até que, depois de me trazerem de volta para a cela, ouvi um galo cantar. Ali percebi que estava vivo”, recorda Fausto Menocal, que acabou exilando-se na Espanha (vindo a falecer em Madri, em 2007).[405]

Mas se Che queria poupar a vida de alguém por algum fator atenuante de favoritismo ou qualquer elemento subjetivo, nem é preciso dizer que ele também o fazia. É o caso de Roberto Martín Pérez, que na infância tinha sido amigo de Aleida March (segunda mulher de Guevara) e que nos conta: “Enquanto estive preso cerca de quinze dias em La Cabaña, chamaram-me pelos alto-falantes da prisão para o escritório. Lá, encontro Aleida March e Ernesto Guevara. Ernesto Guevara fica andando por aquele corredor com as mãos atrás das costas, e eu, sentado com Aleida March. De repente, o sujeito fica na minha frente e me diz: ‘Você precisa ser executado’. Eu sabia que, em muitas ocasiões, Ernesto Guevara havia libertado homens da prisão e atirado neles, sem julgamento prévio. Portanto, essa bravata não me surpreendeu”.[406] Por fim, como Roberto Pérez tinha sido amigo de sua esposa, Che, em um revolucionário gesto de compaixão, renunciou à

decisão de assassiná-lo, favorecendo o prisioneiro com uma "sentença" de vinte e oito anos de prisão.

Sem eufemismos ou evasivas, Guevara defendia e argumentava seu sangüinário expurgo em coletivas de imprensa, como a concedida em 27 de janeiro de 1959 na sociedade Nuestro Tiempo, onde, textualmente, afirmou: "O extermínio não é realizado por vingança ou apenas por espírito de justiça, mas pela necessidade de fazer com que todas as conquistas do povo ocorram no menor tempo possível".[407]

Muitas vezes, os julgamentos transformaram-se em escandalosos espetáculos públicos, ao estilo dos antigos circos romanos. O mais divulgado deles foi o do major Jesús Sosa Blanco, condenado no Palacio de los Deportes construído por Batista, diante de uma multidão de dezessete mil pessoas. A obscenidade do stalinismo tropical chegou a tal ponto que uma testemunha ocular desses assassinatos, a jornalista americana Hart Phillips (correspondente do complacente The New York Times) observou: "Todo procedimento dava nojo".[408]

Número estimado de vítimas de Che Guevara

A Revolução Cubana dura quase sessenta anos, e Che esteve em Cuba de 1956 a 1959 como guerrilheiro e de 1959 a 1965 como funcionário público. Nos últimos dois anos de sua vida (1966 e 1967), ele praticamente dividiu seu tempo entre o Congo, Praga e a Bolívia (permanecendo em Cuba em breves e esporádicos intervalos). Dos seis anos que permaneceu na ilha de forma estável, cinco anos trabalhou como burocrata e nessa função passou um ano inteiro viajando para o exterior (como veremos mais adiante).[409]

Cabe, então, fazer a seguinte diferenciação: de um lado, os assassinatos diretos de Che Guevara (autor material do homicídio) e, de outro, os assassinatos produzidos por ordem de Guevara (autor intelectual ou instigador do crime). Dentro da primeira categoria, temos o seguinte registro (ordenado no formato de data usado em inglês: mês, dia e ano) que transcrevemos a seguir, não sem acrescentar a reflexão de que os muitos homens que ele fuzilou não gozaram da mesma glória póstuma que o carrasco popular em questão.

Executados por Che em Sierra Maestra:

Aristidio 10-57; Manuel Capitán 1957; Juan Chang 9-57; Bisco Echevarría Martínez 8-57; Eutimio Guerra 2-18-57; Dionisio Lebrigio 9-57; Juan Lebrigio 9-57; El Negro Nápoles 2-18-57; Chicho Osorio 17-1-57; um professor não-identificado (El Maestro) 9-57; 11-12. Dois irmãos, espiões do grupo de Masferrer 9-57; dois camponeses não-identificados 4-57.

Executados por Che em Santa Clara:

Ramón Alba 1-3-59; José Barroso 1-59; Joaquín Casillas Lumpuy 1-2-59; Félix Cruz 1-1-59; Alejandro García Olayón 1-31-59; Héctor Mirabal 1-59; J. Mirabal 1-59; Félix Montano 1-59; Cornelio Rojas 1-7-59; Villalla 1-59; Domingo Álvarez Martínez 1-4-59; Cano del Prieto 1-7-59; José Fernández Martínez 1-2-59; José Grizel Segura (Manacas) 1-7-59; Arturo Pérez Pérez 1-24-59; Ricardo Rodríguez Pérez 1-11-59; Francisco Rosell 11-1-59; Ignacio Rosell Leyva 11-1-59; Antonio Ruíz Beltrán 1-11-59; Ramón Santos García 1-12-59; Pedro Socarrás 1-12-59; Manuel Valdés 1-59; Tace José Velásquez 12-59.

Executados por Che em La Cabaña:

Vilau Abreu 7-3-59; Humberto Aguiar 1959; Germán Aguirre 1959; Pelayo Alayón 2-59; José Luis Alfaro Sierra 7-1-59; Pedro Alfaro 7-25-59; Mariano Alonso 7-1-59; José Alvaro 3-1-59; Alvaro Anguieira Suárez 1-4-59; Aniella 1959; Mario Ares Polo 1-2-59; José Ramón Bacallao 12-23-59; Severino Barrios 12-9-59; Eugenio Bécquer 9-29-59; Francisco Bécquer 7-2-59; Ramón Biscet 7-5-59; Roberto Calzadilla 1959; Eufemio Cano 4-59; Juan Capote Fiallo 5-1-59; Antonio Carralero 2-4-59; Gertrudis Castellanos 5-7-59; José Castaño Quevedo 3-6-59; Raúl Castaño 5-30-59; Eufemio Chala 12-16-59; José Chamace 10-15-59; José Chamizo 3-59; Raúl Clausell 1-28-59; Angel Clausell 1-18-59; Demetrio Clausell 1-2-59; José Clausell 1-29-59; Eloy Contreras 1-18-59; Alberto Corbo 12-7-59; Emilio Cruz Pérez 12-7-59; Orestes Cruz 1959; Adalberto Cuevas 7-2-59; Cuni 1959; Antonio de Beche 1-5-59; Mateo Delgado 12-4-59; Armando Delgado 1-29-59; Ramón Despaigne 1959; José Díaz Cabezas 7-30-59; Fidel Díaz Marquina 4-9-59; Antonio Duarte 7-2-59; Ramón Fernández Ojeda 5-29-59; Rudy Fernández 7-30-59; Ferrán Alfonso 1-12-59; Salvador Ferrero 6-29-59; Víctor Figueredo 1-59; Eduardo Forte 3-20-59; Ugarde Galán 1959; Rafael García Muñiz 1-20-59; Adalberto García 6-6-59; Alberto García 6-6-59; Jacinto García 9-8-59; Evelio Gaspar 12-4-59; Armada Gil y Diez y Diez Cabezas 12-4-59; José González Malagón 7-2-59; Evaristo Benerio González 11-14-59; Ezequiel González 59; Secundino González 1959; Ricardo Luis Grao 2-3-59; Ricardo José Grau 7-59; Óscar Guerra 3-9-59; Julián Hernández 2-9-59; Francisco Hernández Leyva 4-15-59; Antonio Hernández 2-14-59; Gerardo Hernández 7-26-59; Olegario Hernández 4-23-59; Secundino Hernández 1-59; Rodolfo Hernández Falcón 1-9-59; Raúl Herrera 2-18-59; Jesús Insúa 7-30-59; Enrique Izquierdo 7-3-59; Silvino Junco 11-15-59; Enrique La Rosa 1959; Bonifacio Lasaparla 1959; Jesús Lazo Otaño 1959; Ariel Lima Lago 8-1-59 (menor de idade); René López Vidal 7-3-59; Armando Mas 2-17-59; Ornelio Mata 1-30-59; Evelio Mata Rodríguez 2-8-59; Elpidio Mederos 1-9-59; José Medina 5-17-59; José Mesa 7-23-59; Fidel Mesquía Díaz 7-11-59; Juan Manuel Milián 1959; José Milián Pérez 4-3-59; Francisco Mirabal 5-29-59; Luis Mirabal 1959; Ernesto Morales 1959; Pedro Morejón 3-59; Carlos Muñoz M.D. 1959; César Nicolardes Rojas 1-7-59; Víctor Nicolardes Rojas 1-7-59; José Núñez 3-59; Viterbo O'Reilly 2-27-59; Félix Oviedo 7-21-59; Manuel Paneque 8-16-59; Pedro Pedroso 12-1-59; Diego Pérez Cuesta 1959; Juan Pérez Hernández 5-29-59; Diego Pérez Crela 4-3-59; José Pozo 1-59; Emilio Puebla 4-30-59; Alfredo Pupo 5-29-59; Secundino Ramírez 4-2-59; Ramón Ramos 4-23-59; Pablo Ravelo Jr. 9-15-59; Rubén Rey Alberola 2-27-59; Mario Riquelme 1-29-59; Fernando Rivera 10-8-59; Pablo Rivero 5-59; Manuel Rodríguez 3-1-59; Marcos Rodríguez 7-31-59; Nemesio Rodríguez 7-30-59; Pablo

Rodríguez 10-1-59; Ricardo Rodríguez 5-29-59; Olegario Rodríguez Fernández 4-23-59; José Saldara 11-9-59; Pedro Santana 2-59; Sergio Sierra 1-9-59; Juan Silva 8-59; Fausto Silva 1-29-59; Elpidio Soler 11-8-59; Jesús Sosa Blanco 2-8-59; Renato Sosa 6-28-59; Sergio Sosa 8-20-59; Pedro Soto 3-20-59; Oscar Suárez 4-30-59; Rafael Tarragó 2-18-59; Teodoro Téllez Cisneros 1-3-59; Francisco Téllez 1-3-59. O The New York Times relatou ainda quinze execuções de Guevara (edições de 2-6-59, 2-8-59, 3-16-59 e 4-2-59).

Sintetizando, encontramos 14 assassinatos de Che na Sierra Maestra (Guevara confessa as execuções em seus diários); 23 homicídios cometidos na traição de Santa Clara e 175 no campo de concentração de La Cabaña. Esses crimes teriam sido cometidos no espaço de três anos (entre 1957 e 1959) e o número final subiria para 216. É importante ressaltar que esses homicídios não ocorreram em confrontos armados, sendo execuções a sangue-frio, muitas delas realizadas sem o trâmite protocolar do julgamento sumário e muitas outras contra vítimas de suas próprias tropas. Vale esclarecer que a lista exposta é incompleta e aproximada. Em relação à lista dos fuzilados em La Cabaña, há alguns casos mencionados em que não há certeza absoluta se Guevara atirou pessoalmente ou se deu ordem de atirar. No entanto, este formidável compêndio expõe mais uma vez a grande distorção que existe em torno da imagem popular que se tem do personagem a quem dedicamos esta obra.

A esses dados expostos deve ser adicionado o volume das execuções realizadas não por Guevara pessoalmente, mas por ordem dele, das quais também não há um número definitivo (muitos biógrafos amigos de Guevara afirmam que foram 600), embora, como o Che teria reconhecido ao agente Félix Rodríguez na Bolívia, a cifra chegaria a mil e quinhentos executados sob sua gestão.[410]

Lembre-se que esse número de homicídios ocorreu em um país que, em 1959, mal contava com seis milhões e meio de habitantes e que, no momento em que escrevo, somam cerca de doze milhões.

Acrescente-se o agravante de que esses assassinatos não faziam parte do contexto naturalmente cruel de uma guerra, caso em que, obviamente, haveria algum tipo de desculpa ou atenuante. Mas não é o caso. Tanto que até Juanita Castro Ruz (irmã de Fidel e Raúl), que conheceu e compartilhou os bastidores mais íntimos do castrismo e da agitação do próprio Che Guevara, quando entrevistada pela imprensa mexicana em 2009, declarou o seguinte: “É uma pena que o Che não tenha ficado aqui no México em vez de ter feito todo o mal que nos fez em Cuba [...]. Ele era um sujeito detestável, que foi colocado em um pedestal, e não sei por que não querem ver o verdadeiro Che em sua dimensão real [...]. O Che chegou a Havana em 2 de janeiro de 1959 [...], tomou posse daquela fortaleza (La Cabaña) e imediatamente começou a executar pessoas; não havia julgamentos, processos sumários, não havia nada lá. A única coisa que existia era a voz do Che, a ordem do Che, para matar os supostos inimigos, porque havia muitos inocentes que não deveriam ter sido fuzilados, como foram, por ordem do Che. O terror começou a ser estabelecido em Cuba pelo próprio Che”.[411]

Ante a confissão das partes, provas são irrelevantes: antes de deixar o serviço público em

Cuba e partir para o Congo visando continuar a exportar sua revolução, em 11 de dezembro de 1964, perante a Assembléia da ONU e sendo ainda Ministro da Indústria, o queridinho estampado nas camisetas de todo bom progressista ocidental confessou diante das câmeras do mundo inteiro, em tom de ostentação: “Fuzilamentos, sim, fizemos, fazemos e continuaremos a fazer”.[412]

CAPÍTULO VIII: O HOMEM NOVO SOCIALISTA

O Homem Novo segundo Guevara

Embora uma das obsessões do regime castrista fosse silenciar, seja por prisão ou execução, qualquer manifestação escrita ou oral que não fosse complacente com ele, os comandantes também sabiam que as balas e a tortura eram instrumentos necessários, mas não suficientes, para disciplinar a enganada e infeliz comunidade cubana. Tornou-se imprescindível realizar uma profusa tarefa de lavagem cerebral via Estado, para domar psicologicamente e domesticar os cubanos por meio da persuasão propagandística, com o conseqüente assédio de slogans

e mantras revolucionários.

Uma das alternativas previstas para alcançar tal homogeneidade era estruturar aquele grande golpe unificador, chamado graciosamente de “partido único” e, assim, coibir qualquer pensamento alternativo ou colateral. E Guevara já havia advertido que o “partido único” prevaleceria quando “as massas tivessem alcançado o nível de desenvolvimento da vanguarda, isto é, quando fossem educadas para o comunismo”.[413]

É por isso que, como prelúdio, foram criadas as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), em 1961, e depois o “Partido Único” foi imposto na Constituição Nacional de Cuba que a tirania castrista elaborou para si. Vale dizer que a fusão do Partido com o Estado foi oficializada, e qualquer criação de outro partido político seria ilegal, e vale esclarecer que a pena para tal heresia (a de incorrer em dissidência) atualmente continua prevendo uma pena mínima de vinte anos de prisão, um crime eufemisticamente definido na legislação de Castro como “propaganda oral inimiga”.

Então, Guevara pensava que, combinando a doutrinação, de um lado, com o terror repressivo, de outro, de modo gradual, mas sustentado ao longo do tempo, poderiam ser alcançados o controle perfeito e a submissão social, o que, no final, transformaria a natureza humana e fabricaria essa ilusão ideológica chamada de Homem Novo. O sistema funcionaria assim: aplicando medidas repressivas brutais, um temperamento submisso

seria forjado na população. Além disso, o assédio ideológico seria incorporado para imprimir uma mentalidade uniforme.

Guevara tinha tanta fé nos resultados dessa maquinaria hegemônica que em 1960 publicou um texto que veio a se chamar Notas para el Estudio de la Ideología de la Revolución Cubana, em cujos fragmentos, além de especificar a maneira como mecanismos totalitários seriam instituídos, podemos ver declarações disparatadas, comparando a superstição marxista com as ciências físicas e biológicas: "Quando nos perguntam se somos marxistas ou não, nossa postura é a de um físico diante da pergunta se é newtoniano ou de um biólogo se é pasteuriano. Há verdades tão óbvias, tão incorporadas ao conhecimento do povo, que é inútil discuti-las. É preciso ser marxista com a mesma naturalidade com que se é newtoniano na física ou pasteuriano na biologia, considerando que, se novos fatos determinam novos conceitos, sua parcela de verdade jamais será retirada daqueles que já passaram. É o caso, por exemplo, da relatividade einsteiniana ou da teoria quântica de Planck [...]. Nós, revolucionários práticos, iniciando nossa luta, simplesmente cumpríamos as leis fornecidas pelo cientista Marx e [...] tendo a felicidade deste povo como base de nossa luta, estamos simplesmente nos ajustando às previsões do cientista Marx [...]. As leis do marxismo estão presentes nos acontecimentos da Revolução Cubana, independentemente de seus dirigentes professarem ou conhecerem plenamente, do ponto de vista teórico, essas leis".[414]

Logo em seguida, entusiasmado com seu desejo de ser um "pensador", em outro folheto de sua autoria intitulado El Socialismo y el Hombre en Cuba, Guevara escreveu que o cubano comum, a partir de então, deveria deixar de ser um cidadão com vida própria e tornar-se um simples fantoche do Estado: "No nosso caso, a educação direta adquire uma importância muito maior. A explicação é convincente porque é verdadeira" (observe o fundamentalismo). E acrescenta: "Ela não precisa de subterfúgios, sendo exercida através do aparato educacional do Estado [...]. A educação pega nas massas e a nova atitude preconizada tende a se tornar um hábito; as massas apropriam-se dela e pressionam aqueles que ainda não foram educados. Essa é a forma indireta de educar as massas, tão poderosa quanto aquela outra [...]. O indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está totalmente adequado a ele. Sob a influência da pressão da educação indireta, ele tenta se ajustar a uma situação [...] ele se educa. Nesse período de construção do socialismo, podemos ver nascer o homem novo". E acrescenta que, a partir de então, os homens "não marcham mais completamente sozinhos por veredas extraviadas" (isto é, por caminhos não-sujeitos à vontade do Estado socialista), mas "eles seguem sua vanguarda, constituída pelo Partido [...]. O grupo de vanguarda (os condutores do processo de ideologização) é ideologicamente mais avançado do que as massas que conhecem os novos valores, mas de maneira insuficiente. Enquanto nos primeiros há uma mudança qualitativa [...], os últimos enxergam apenas pela metade e devem ser submetidos a estímulos e pressões de certa intensidade. Trata-se da ditadura do proletariado, que se exerce não só sobre a classe derrotada, mas também, individualmente, sobre a classe vitoriosa". Mas as "teorias científicas" do aforista improvisado não se esgotam aqui: o homem novo imaginado por Guevara deveria também apresentar um culto obsessivo à personalidade do ditador, a quem Che parecia

atribuir uma série de poderes telepáticos capazes de informar a ele, por obra e graça da magia, o sentimento da vontade popular (embora tal vontade nunca tenha sido expressada verbalmente ou emitido um único voto desde a Revolução de 1959): "A iniciativa geralmente vem de Fidel ou do alto comando da Revolução e é explicada ao povo, que a toma como sua" (e se não "a toma como sua", tem como alternativa a prisão, ele deixou de acrescentar). E continua: "No momento, usamos o método quase intuitivo de auscultar as reações gerais aos problemas levantados. Fidel é mestre nisso [...]. Fidel e o povo começam a vibrar em um diálogo cada vez mais intenso até chegar ao clímax". Em outras palavras, os longos monólogos de várias horas com os quais Castro atormentava a multidão domesticada e subjugada que tinha que ouvi-lo eram para Che "um diálogo intenso", em que o ditador "adivinhava" o sentimento da multidão com um método "quase intuitivo". Esse disparate, de supor a existência de um "diálogo entre Fidel e as massas", devia-se ao fato de Che não ter percebido que as perguntas retóricas que o orador fazia ao público eram um recurso comum usado pelos grandes sofistas e manipuladores de massas, como Benito Mussolini, Juan Perón e outros charlatões da primeira metade do século XX , ou como o estridente Hugo Chávez na Venezuela, no século seguinte, um demagogo que Fidel soube influenciar bastante.

Não contente com o exposto, no texto que estamos examinando, Che continua suas divagações com uma arenga primitiva em que destila a violência e, como não poderia deixar de ser, a morte: "Em um final abrupto coroado por nosso grito de luta e vitória [...], nós, socialistas, somos mais livres porque somos mais plenos, somos mais plenos porque somos mais livres [...]. Nossa liberdade e nosso sustento cotidiano têm cor de sangue e estão inchados de sacrifício!". E com uma psicologia típica de um fundamentalista de manual, ele proíbe seus pares e súditos de terem vida familiar, amizades ou qualquer atividade alheia à revolução: "Os líderes da revolução têm filhos que, nos primeiros balbucios, não dizem o nome do pai, e mulheres que devem fazer parte do sacrifício geral de sua vida para levar a revolução a seu destino; o contexto dos amigos corresponde estritamente ao contexto dos companheiros de revolução", e atente o leitor para a seguinte conclusão: "Não há vida fora dela [...]. O revolucionário [...] se consome nessa tarefa ininterrupta que não tem outro fim senão a morte". Não tem outro fim senão a morte? O propósito de todo homem de ação política (revolucionária ou não) não deveria ser justamente viver para tentar melhorar a qualidade de vida de seus governados ou semelhantes? E para atingir tal desígnio, Ernesto Guevara apresenta uma série de mecanismos denominados "instituições revolucionárias", que não são nada menos do que uma brutal maquinaria repressiva, como ele mesmo explica: "Na imagem das multidões em marcha para o futuro, o conceito de institucionalização se encaixa como o de um conjunto harmônico de canais [...] de dispositivos bem lubrificados que permitem essa marcha, que permitem a seleção natural daqueles destinados a caminhar na vanguarda e atribuir recompensa e punição a quem colabore ou atente contra a sociedade em construção". Depois, com verticalismo social ortodoxo (que, aliás, é contrário ao igualitarismo marxista), ele alega: "Assim vamos marchando. À frente da imensa coluna. Não nos envergonhamos nem nos intimidamos de dizê-lo: vai Fidel, depois os melhores quadros do Partido e, imediatamente, tão perto que se sente a sua enorme força, o povo

como um todo”.[415]

Mas a digressão não termina aqui, pois uma vez colocado este andaime coercitivo, Che assegura que, com o socialismo, “os homens terão características diferentes”, pois “as novas gerações virão livres do pecado original”,[416] a juventude, então, será “o barro maleável com o qual o homem novo pode ser construído sem nenhum dos defeitos anteriores” e a revolução será capaz de corrigir as fraquezas humanas: “Tenho um caráter explosivo e isso é um defeito que vai se corrigindo com a revolução”.[417] “Se cada um for o arquiteto desse novo tipo humano, será muito mais fácil para todos criá-lo”, sugere.[418]

Exceto por apologistas ridiculamente cegos, como é o caso de Paco Ignacio Taibo II , os desatinos “científicos” expostos por Guevara não foram levados a sério nem mesmo por seus mais exaltados panegiristas: “Che Guevara nunca quis admitir: o ‘homem novo’ que ele proclamava era um ser ambivalente. Uma cabeça com uma psicologia em que coexistiam qualidades secundárias tradicionais, típicas de sociedades autoritárias, e uma sensibilidade social, um exemplar feito a partir de um padrão, um ser artificial, criado artificialmente, com uma imagem abstrata de si mesmo, que também iria falhar na realidade”, ponderou Frank Niess.[419]

Mas ainda mais certeiro nos parece o julgamento lapidar de Díaz Araujo, que por não estar próximo de Che ideológica ou emocionalmente, em suas obras se permite disparar críticas sem a menor gentileza ou postura politicamente correta: “Guevara acreditava piamente nos benefícios da ‘ciência’ marxista e é por isso que tropeçava... Ele dizia que uma revolução pode ser feita mesmo sem conhecer a teoria marxista, mas, é claro, acrescentava que ‘o conhecimento adequado dela simplifica a tarefa e evita cair em erros perigosos, desde que a teoria enunciada corresponda à verdade’. Esse era o problema! ‘Desde que corresponda à verdade! [...]’. Como isso era algo que ele tinha como certo, tendo aprendido com sua mãe, e tendo transitado toda a sua vida dentro da órbita intelectual do marxismo, nunca lhe ocorreu que essa teoria poderia não corresponder à realidade. Por isso ele confiava nos russos, nos chineses, nos africanos, em Castro [...]. Por isso acreditava que os camponeses bolivianos iam juntar-se prontamente à sua empreitada. Por esquecer a natureza humana, por querer ver as coisas pelo prisma deformado do marxismo, as coisas se vingaram dele e, como disse Pascal, pularam em seu pescoço”, concluindo que Che “não foi, de forma alguma, um grande pensador; ele era apenas um leitor com pressa de concretizar suas teorias. Mas, como sabemos, esse é um problema do marxismo. A partir da Tese XI de Marx sobre Feuerbach, todos os marxistas que se sentem filósofos querem transformar o mundo e, normalmente, não têm tempo nem para filosofar nem para transformar nada. Mas (e isto é mais grave) eles permanecem sempre obcecados em teorizar todas as suas ações e, vice-versa, em colocar em prática seus pensamentos ainda não totalmente elaborados”.[420] Muito correto o julgamento desse biógrafo argentino, cujas múltiplas obras sobre assuntos políticos não gozam da notoriedade que merecem, pois o experiente autor que citamos sempre cometeu o erro comercial de não ser de esquerda.

A educação do Homem Novo

Em 2 de janeiro de 1961, em uma ensolarada Plaza de la Revolución lotada de súditos, o ditador Fidel Castro arengava: "Uma revolução é como destruir um edifício velho para construir um edifício novo, e o novo edifício não é construído sobre as fundações do edifício velho. Por isso, um processo revolucionário tem que destruir para poder construir. E é isso o que estamos fazendo há dois anos: destruir os alicerces desse edifício".[421] Com efeito, destruir o antigo edifício implicava, entre outras coisas, erradicar a cultura, a tradição e a educação vigentes em Cuba até janeiro de 1959 e impor outro paradigma com braço de ferro, conforme as ordens telecomandadas de Moscou.

Então, o tão divulgado "sistema educacional" da Revolução Cubana não só passou a "educar" segundo os princípios marxistas, como também impôs o culto à personalidade nas escolas primárias, com a seguinte reverência pedagógica: R escreve-se como em Revolução, F , como em Fidel, e CH pronuncia-se "Che", ensinavam os livros escolares.[422] E com o passar dos anos, esses ensinamentos não só não mudaram em Cuba, como também nas aulas da segunda série se ensinava: "Meu CDR ... o Comitê de Defesa da Revolução do meu quarteirão leva o nome de Camilo Cienfuegos e todos da minha casa pertencem a ele. Apesar de pequeno, também colaboro em muitas tarefas do CDR ".[423]

O que são, afinal, os "Comitês de Defesa da Revolução"? Vejamos a definição de Manuel Sánchez Pérez, ex-vice-ministro de Fidel Castro: "Existem formas de repressão em Cuba que são muito mais cruéis e eficientes do que a típica repressão policial. É o caso das funções desempenhadas pelos Comitês de Defesa da Revolução",[424] que são organizações de espionagem compostas por agentes do regime, os quais controlam a vida dos moradores e cuja jurisdição de vigilância é dividida por bairros ou quarteirões. Entre outras atividades, os espiões de cada "CDR " obrigavam os residentes a preencher o seguinte questionário delator:

> Ficha de Verificação. Informante:
>
> Você tem relações com pessoas descontentes com a revolução? Explique.
>
> Você sabe se elas têm crenças religiosas? Explique.
>
> Você tem relacionamentos com pessoas no exterior? De que país? Você tem familiares presos ou condenados? Tipo de crime, parentesco.
>
> Como é seu relacionamento com os vizinhos do quarteirão? Explique.
>
> Você tem relações com elementos anti-sociais? Explique.
>
> O espaço final do formulário é reservado para registrar os nomes do CDR , do informante e do verificador.[425]

O referido texto infantil, convidando com simpatia o menino de sete anos a colaborar com um órgão de espionagem comunista, serve de prelúdio para que, ao chegar à quarta série, a criança leia e seja doutrinada desta forma: "Quero ser militar [...]. Quero ser militar como meu pai [...]. Meu pai lutou no Exército Rebelde quando era muito jovem.

Ele queria ser barbudo, mas como era jovem demais, ainda não tinha barba. Seus companheiros lhe disseram: Que importa, rapaz! O importante é que você saiba lutar! [...] Quando a revolução triunfou, papai continuou no serviço militar [...]. Uma vez, papai foi para outro país que lutava contra o imperialismo. Quando voltou, parecia muito feliz [...]. Quero ser militar como meu pai. Terei um uniforme verde-oliva e um fuzil".[426]

E com esta leitura didática com um tom marcial estudado, os alunos supostamente estão preparados para cursar a quinta série e aprender no texto da escola estatal que "Vladimir Ilich Lênin sempre deu atenção especial às crianças. Ele conversava com elas com muito carinho. Assim conquistava a confiança dos pequenos": pedagogicamente enternecedor.[427]

No entanto, no ensino superior (principalmente nos primeiros tempos da revolução), os alunos não eram tão fáceis de manipular e domesticar, pois vinham de outra tradição, e também, devido à idade, já carregavam consigo critérios próprios. Iniciou-se, então, a intervenção nas universidades, onde professores suspeitos de não serem comunistas foram expulsos e confinados: professores tradicionais e com critérios independentes foram forçados a deixar o país e as cadeiras foram confiscadas por comissários políticos do Partido Comunista.[428]

O descontentamento entre os estudantes universitários não demorou a chegar, pois não só a liberdade acadêmica foi proibida, mas também a liberdade de estudo, e cada cubano só podia cursar a profissão que o Estado ordenasse. Por exemplo, alguém que tinha grandes habilidades e paixão pela literatura poderia ser levado a estudar química, sem grandes explicações (porque "assim exige a revolução"), ou alguém que tinha vocação para engenharia poderia ser levado a estudar música, farmacologia ou a profissão de cabeleireiro, sem distinção. Esse absurdo obviamente provocou um enorme descontentamento estudantil: "É fatal que as universidades se tornem fatores de atraso, quase fontes de contra-revolução",[429] lamentou Che, chegando a manter atritos públicos não só com os universitários cubanos, mas também com os estudantes negros dos Estados Unidos, que foram convidados a Cuba para as festividades de 26 de julho de 1963: "Por que a história das culturas e civilizações africanas não é ensinada nas escolas de Cuba? Por que há tão poucos negros nas universidades?", questionaram os visitantes, ao que o comandante Guevara retrucou sem pestanejar: "O que vocês querem dizer com história africana? A história africana não existe!", declarando: "O que os negros de Cuba devem estudar é o marxismo-leninismo".[430]

E no calor do descontentamento, Che apareceu na Universidade de Santiago de Cuba, onde fez um discurso patético, que indignou a platéia presente (a revolução tinha poucos meses e ainda era permitido manifestar alguma raiva pública). Foi então que Guevara mostrou ao que veio, arengando de forma auto-referencial: "Não temos o direito de dizer que apenas dez advogados devem se formar a cada ano e que, por outro lado, esperamos que cem químicos industriais se formem? [...] Alguns dirão que isso é ditadura e, se vocês concordam, eu concordo também: é uma ditadura. Mas isso é bom para Cuba [...]. Se eu, que sou médico, pude me tornar um guerrilheiro e depois me dedicar à indústria porque

assim exige a revolução, por que vocês não poderiam?”.[431]

É verdade, Guevara atuou como diletante esporádico em sucessivas circunstâncias de sua vida: mochileiro, arqueólogo, médico, fotógrafo, guerrilheiro, banqueiro, planejador industrial, embaixador itinerante, operário voluntário, enxadrista, poeta, contador de histórias, além de querer dar uma de filósofo. Claro, Che não deixou claro para os estudantes que ele era um agente polivalente por prazer, paixão e vontade, os mesmos elementos que ele castrava no corpo discente cubano. E que para intimidar os estudantes e domá-los, a ditadura seqüestrou o líder estudantil oposicionista Pedro Luis Boitel, condenado a dez anos de prisão, que não cumpriu, porque, nesse ínterim, morreu durante uma angustiante greve de fome na cadeia.[432]

Desnecessário dizer que nas quatro principais “profissões” apresentadas com orgulho por Guevara aos alunos (médico, guerrilheiro, banqueiro e ministro), ele teve um desempenho notoriamente desastroso. Ele era um improvisador vocacional que encarava qualquer projeto sem tomar nenhuma precaução e, por isso, em quase tudo, teve que lamentar as conseqüências, exceto como pai de família, área em que Che cometeu pouquíssimos erros, porque nunca estava em casa e nunca via os filhos. Só se comunicava com eles por meio de cartas esporádicas, enquanto vagava pelo mundo. Ele mesmo reconhecia sua deserção como marido e pai ao confessar: “Não tenho casa, nem esposa, nem filhos”.[433]

A rigor, seu absenteísmo como marido é um problema de adultos. No entanto, no caso dos filhos (na época todos muito pequenos), o afastamento ou abandono dos pais pode causar transtornos psicoafetivos irreparáveis. Hilda Guevara, a primeira filha que Che teve com a desprezada peruana, acabou alcoólatra e deprimida devido à marginalização sofrida, enquanto um dos vários filhos naturais não-reconhecidos de Guevara acabou preso em um campo de concentração. E em relação ao resto de seus filhos (os quatro que teve com sua segunda esposa, Aleida March), nenhum teve grande destaque pessoal, exceto por dar esporádicas entrevistas para falar bem do pai, que só conhecem através de histórias contadas pela mãe ou por terceiros, não por lembranças pessoais, pois o popular progenitor sempre os abandonou, preferindo sempre dedicar seu tempo a viagens promovidas por devaneios ideológicos.[434]

Voltando ao conflito de Guevara com os estudantes universitários, vale observar que, paradoxalmente, no mundo contemporâneo, são geralmente estes últimos que, iludidos pela propaganda e pela ingenuidade, o idolatram; são justamente os militantes estudantis que hasteiam a bandeira daquele que censurava a liberdade e o conforto de que gozam hoje seus acólitos desinformados. A ignorância sobre quem foi Che Guevara na Argentina (país natal do personagem em questão) é quase absoluta. No resto do mundo também. E, provavelmente, o lugar do planeta onde menos se sabe sobre o Che é precisamente Cuba, já que a propaganda do Estado construiu uma imagem sacrossanta e artificial, cujo questionamento é motivo de sanção e repressão.

Mas, além da lupa alterada com que os adolescentes olham para o abnegado

"combatente internacional", devemos admitir que ele se encarregou de ministrar diferentes lições aos jovens, como é o caso de seu ilustrativo discurso proferido no Primer Congreso Latinoamericano de Juventudes (28 de julho de 1960), onde os instruiu com a seguinte erudição a imitar: "Muito mais forte e mais positivo do que a mais forte e positiva das manifestações pacíficas é um tiro bem dado a quem deve ser dado".[435]

A cultura do Homem Novo

Não bastava impor o partido único, controlar a educação e estatizar os cérebros. Como corolário, era necessário fazer valer a mais estrita vigilância em relação à cultura e à imprensa livre, que imediatamente deixou de o ser. Alguns meses depois da revolução, sob o lema pronunciado por Guevara, "nós, os membros da Revolução Cubana, que somos o povo de Cuba, não aceitamos meios-termos: ou você é amigo, ou é inimigo",[436] identificou-se que, dentro do lado "inimigo", estava a imprensa intransigente. Quevedo, amigo de Castro e diretor do Bohemia, o semanário mais importante de Cuba, foi obrigado a refugiar-se em uma embaixada: "Devemos acabar com os jornais, porque não se pode fazer uma revolução com liberdade de imprensa", disse Che ao jornalista José Pardo Llada (que mais tarde teve que fugir para o exterior).[437] Outros diretores que também tentaram resistir à censura tiveram que se exilar: as próximas vítimas seriam os irmãos Abel e Goar Mestre (donos do canal CMQ), forçados a fugir para o exterior. Depois foi a vez de Jorge Zayas (diretor do jornal antibatista Avance), que se exilou em 20 de janeiro de 1960.[438] As publicações Prensa Libre, El País, a revista Carteles, o suplemento literário Lunes de Revolución (dirigido por Carlos Franqui) e muitos outros jornais e periódicos desapareceram. O Diario de la Marina, de tendência conservadora (heresia indesculpável), foi tomado por ordem de Guevara (René Depestre foi nomeado comissário político), e nessas oficinas gráficas começaram a ser impressas edições de Marx, Engels, Lênin, Mao e Kim Il Sung.[439]

Tornava-se cada vez mais difícil para o cubano médio ler qualquer coisa que não fosse a propaganda elaborada pelo regime. E, nesse cenário de intensa repressão e censura, no dia 15 de julho de 1960, em ato público, o ditador Fidel Castro comemorava o Dia da Liberdade de Imprensa com alarde revolucionário e discursos bombásticos.

Fechados todos os jornais de Cuba, foi criada a agência Prensa Latina, órgão originalmente dirigido pelo castrista Gabriel García Márquez e pelo conhecido escritor colombiano Plinio Apuleyo Mendoza, que comentou com este autor que, logo após a criação da agência, ele se viu obrigado a renunciar, porque os militantes do Partido Comunista logo ocuparam o lugar, impondo ponto e vírgula em cada nota ou informação que deveria ser publicada: "A existência de autoridade no reino cultural não significa que haja motivos para preocupar-se com o abuso dessa autoridade", comentou Castro com proverbial cinismo perante o Conselho Nacional de Cultura, em 30 de junho de 1961.[440]

Procedeu-se então a uma drástica incursão contra os intelectuais que não bajulavam

suficientemente os que detinham o poder, e um caso paradigmático disso foi o do produtor de cinema Néstor Almendros, proeminente cubano galardoado com um Oscar em 1978, autor do filme Lunes, que foi banido por ousar mostrar a vida noturna nos bares populares de Havana, em vez de se concentrar em exaltar os virtuosos e imaculados "valores da revolução".

Mas, apesar das inúmeras proibições, entre 1959 e 1960 o totalitarismo estava apenas na fase de construção e, portanto, ainda havia alguns espaços relativamente permitidos para dissensão, o que provocou a reação do meio intelectual cubano à censura de Lunes. No entanto, o filme foi proibido e um dos fundamentos para legitimar a perseguição às empresas culturais foi apresentado mais precisamente por Che Guevara: "A culpa de muitos de nossos intelectuais e artistas reside em seu pecado original: eles não são revolucionários autênticos [...]. Nossa tarefa é evitar que a geração atual, deslocada por seus conflitos, perverta a si mesma e às novas".[441] E para determinar os parâmetros da liberdade de expressão, Fidel Castro fez um extenso discurso dirigido justamente aos homens da cultura, no qual impôs o seguinte critério: "Dentro da revolução, tudo; contra a revolução, nada".[442]

Paradoxalmente, desde 1959 e até hoje, a maior parte dos intelectuais contemporâneos na América Latina ou na Europa que proclamam o "espírito crítico" são precisamente os mais ferrenhos defensores do Che e da revolução em Cuba, um país aonde jamais iriam viver nem poderiam exercer tal "espírito crítico".

A moral do Homem Novo

Quanto aos usos e costumes, para levantar a "moral revolucionária", em 1961 tornaram-se famosas as batidas conhecidas como "As noites dos três P 's" (pedófilos, prostitutas, proxenetas), em que detinham e depois transferiam os acusados para campos de concentração. Che defendia essas perseguições, alegando: "Toda revolução envolve, queira ou não, goste ou não, uma parte inevitável de stalinismo":[443] Josef Stálin, tirano da União Soviética que em meados da década de 1920 tornou-se o sucessor de Lênin, foi o maior criminoso do século XX (depois do líder comunista chinês Mao Tsé-Tung), em cujo currículo ostenta o mérito revolucionário de ter massacrado cerca de vinte e cinco milhões de camponeses.

Na nova sociedade que Castro e sua turma estavam criando, não havia espaço para a menor discordância. Os dissidentes eram exterminados e os "desviados" tinham a oportunidade de "reabilitar-se" em longas estadias nos campos de concentração. É o Che quem cria a superlotação prisional em Cuba, localizada na Península de Guanahacabibes, para internar dissidentes, religiosos e, sobretudo, homossexuais. Guevara justificava a criação da propriedade degradante, alegando: "Para Guanahacabibes enviamos pessoas que não deveriam ir para a cadeia, pessoas que cometeram violações à moral revolucionária em maior ou menor grau [...] como uma espécie de reeducação pelo trabalho",[444] e minimiza o assunto, argumentando: "É trabalho árduo, não trabalho

bestial", pois "as pessoas que vi não saem amarguradas".[445]

Vale esclarecer que a práxis de confinamento aos homossexuais e a rigidez em termos de política de moralidade pública não eram algo exclusivo da Cuba castro-guevarista, mas um mecanismo repressivo inerente ao mundo socialista da época. Na URSS e à medida que Stálin eclipsava o poder de Lênin até assumir completamente a revolução,[446] a sodomia passou a ser não só desprezada pela doutrina, mas também combatida pela legislação: "Na sociedade soviética, com seus costumes saudáveis, a homossexualidade é vista como uma perversão sexual e é considerada algo vergonhoso e criminoso. A legislação penal soviética considera a homossexualidade punível, com exceção dos casos em que é uma manifestação de um profundo distúrbio psíquico", sentenciava a Grande Enciclopédia Soviética,[447] em linha com o Código Penal Soviético, que penalizava a homossexualidade em seu artigo 121 com pelo menos cinco anos de confinamento nos Gulags: entre 1934 e 1980, cerca de cinqüenta mil homossexuais foram condenados.

Uma das biografias modernas mais completas publicadas sobre o déspota soviético é a do historiador italiano Álvaro Lozano, em cuja obra Stálin, el tirano rojo, fornece muitos detalhes sobre o homem "virtuoso e viril" que o Estado socialista se propunha a construir à força: "Os camponeses, considerados ignorantes e sujos, foram objetos de campanha para convertê-los em 'cultos'. Eles aprenderam a lavar-se e vestir-se elegantemente à moda soviética, e houve até uma campanha para que os homens fizessem a barba. Uma das instruções do Komsomol[448] dizia: 'Escovar os dentes é um ato revolucionário'. Fumar era considerado prejudicial ao 'corpo soviético'. Um professor, Nikolai Gredeskul, anunciou a criação de Homens Novos: eles seriam 'o homem belo do futuro', parte trabalhador e parte pensador [...]. A ordem de Stálin de que vinte e oito milhões de homens tomassem um copo de vodca por dia durante quatro anos para aumentar o moral garantiu que a próxima geração de russos tivesse um claro padrão alcoólico. [...] O regime impôs um novo rigor moral, como expressão da ética do trabalho proletário, e proibiu-se a homossexualidade".[449] Dentro desta última perseguição, houve um caso particularmente divulgado (na medida em que esse sistema totalitário permitia divulgar), no qual foi preso o cineasta Sergio Paradjanov, condenado em 1974 e recentemente libertado depois de cumprir vários anos de prisão em campos de concentração. Devido à sua provação, o deputado italiano Angelo Pezzana organizou uma coletiva de imprensa em sua defesa em 29 de novembro de 1977 em Moscou, a fim de protestar contra o tratamento cruel infligido aos sodomitas.[450] Essa regulamentação repressiva vigorou por décadas e só foi retirada na Rússia em 1993, durante os tempos abrandados de Boris Yelstin, quando a URSS , vítima de seu fracasso, já havia sido formalmente desmantelada no ano anterior.

Quanto ao outro grande aparato do totalitarismo comunista, aquele nascido em 1949 na autodenominada República Popular da China após a revolução do ditador Mao Tsé-Tung (outro energúmeno admirado por Che Guevara), a homossexualidade não foi privada de perseguições e punições: os sodomitas eram condenados não apenas à prisão e castração, mas também à morte nos casos em que essa prática havia sido repetida. Somente em 1997, a homossexualidade foi descriminalizada na China, quando, diante da escassez e da fome

causadas pelo coletivismo, o país asiático começou a fazer méritos para "ocidentalizar-se" e, assim, abrir caminho para a economia de mercado.

O Homem Novo não precisa de cabeleireiros

De regresso a Cuba, sob o lema generalizado "a revolução não precisa de cabeleireiros",[451] foi Fidel Castro quem deu luz verde a seu solícito fuzileiro subordinado, para que, além de La Cabaña, projetasse e comandasse um campo de concentração para punição de desviados sexuais em Guanahacabibes, precursor do que pouco depois o próprio castrismo massificou na ilha com numerosos assentamentos sob o programa UMAP,[452] aquela política de repressão estatal que consistia em seqüestrar homossexuais, amontoá-los e sujeitá-los a todo tipo de vexames e servidão, buscando, assim, sua reabilitação: "Nunca acreditamos que um homossexual pudesse personificar as condições e requisitos de conduta que nos permitissem considerá-lo um verdadeiro revolucionário, um verdadeiro comunista. Um desvio dessa natureza destoa do conceito que temos do que deve ser um militante comunista [...]. Serei sincero e direi que não se deve admitir homossexuais em cargos onde possam influenciar os jovens",[453] declarou Castro, que também em 1968 ditou a seguinte disposição no Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura em Havana: "Os meios culturais não podem servir de marco para a proliferação de falsos intelectuais, que tentam transformar o esnobismo, a extravagância, a homossexualidade e outras aberrações em manifestações de arte revolucionária, distantes das massas e do espírito de nossa revolução".[454]

Foi assim que em 1965, e sob a já referida denominação de UMAP (Unidades de Auxílio à Produção), foram forjando-se, de forma institucionalizada e organizada, inúmeros estabelecimentos afins, que tinham por finalidade encerrar e submeter a trabalhos árduos por não menos que um ano a todo aquele que se desviasse dos estereótipos impostos pela revolução.

Para isso, o regime contou com a assessoria de especialistas soviéticos e, juntamente com o "Departamento de Doenças Sociais do Ministério do Interior" (MININT), numerosos campos de concentração foram criados, a maioria deles na província de Camagüey.[455] Essa necessidade de aperfeiçoar e ampliar a práxis criada por Guevara surgiu quando Raúl Castro, ministro das Forças Armadas, notou, com grande preocupação, a presença nas ruas de jovens que, por hábitos ou aparência, não estavam "incorporados ao processo revolucionário". O que fazer com esses desviados? A resposta foi dada por Fidel: "Esses jovens [...] para não se perderem, devem entrar em uma instituição que, além de instruí-los, os obrigue a colaborar com a produção".[456]

Nos primeiros dias de 1965, chegou a Havana o primeiro grupo de agentes soviéticos encarregados de instruir os cubanos sobre as formas de controlar a crescente onda de prostituição, homossexualidade e outras desordens: "Nossa sociedade não pode acomodar esta degeneração",[457] ordenou Castro. O contingente russo encarregado de corrigir esses

vícios e debilidades era formado por doze assessores chefiados pelo coronel Iván Micharov, que permaneceu em Cuba por mais de três anos dirigindo e transmitindo a experiência aplicada da URSS . O jornal Revolución, na quinta-feira, 11 de março de 1965, assim celebrou a iniciativa do programa da UMAP : "O plano de Reeducação, batizado pelo Ministério do Interior e diretamente orientado por Fidel, soma-se às grandes conquistas humanas da revolução".[458] Os benefícios dessa política revolucionária também eram divulgados pelo jornal Granma, que, em sua edição de 14 de abril de 1966, transcreveu as seguintes declarações do ditador: "A missão fundamental da UMAP é fazer com que esses jovens mudem de atitude, educando-se, formando-se, salvando-se".[459]

A primeira operação foi feita em 19 de novembro de 1965. Começaram as batidas brutais, e, por exemplo, o então jovem Emilio Izquierdo foi confinado no campo de concentração com as seguintes acusações transcritas em seu arquivo: "Ele é católico ativo, sendo, portanto, nocivo ao processo revolucionário [...]. O referido sujeito encontra-se com elementos negativos da sua própria classe, visitando com muita freqüência a igreja depois de terminar o seu trabalho".[460]

As detenções ocorriam por escalonamentos cronológicos e eram geridas pelo já mencionado Departamento de Doenças Sociais do Ministério do Interior (MININT), onde os elementos a reabilitar eram submetidos a trabalho escravo cujo expediente oscilava entre doze e catorze horas diárias. Dentro do grupo dos "doentes sociais" (como oficialmente o Estado socialista os qualificava), o setor que liderava era o dos homossexuais.

Os campos de punição foram armados para a posteridade e transcenderam Guevara. Já em março de 1971, quatrocentos mil jovens haviam sido condenados a "internação".[461] Várias dezenas deles morreram devido ao esforço excessivo a que foram submetidos, sem receber assistência médica, e quinhentos e sete foram hospitalizados para receber tratamento psiquiátrico.[462] Jorge Ronet (preso em 29 de novembro de 1965, no Cinódromo de Marianao) conta a seguinte experiência: "Depois de carregar cinqüenta caminhões, partimos para a Estação Central de Havana, cada caminhão escoltado por uma perseguidora e alguns jipes cheios de militares portando metralhadoras russas, em posição de atirar [...]. Eles nos mandaram descer dos vagões e nos levaram a um estádio esportivo próximo, pertencente à usina de açúcar Lugareño. Nesse momento, enormes refletores iluminavam a escuridão, revelando os rostos de exaustão e fadiga, que se destacavam monstruosamente quando iluminados pela luz intensa. Começam as ofensas, os xingamentos, os impropérios: "Suas bichas! Acabaram os passeiozinhos e a veadagem pelo Prado". Começaram a passar o refletor na cara de cada um: "Este parece viado, e é, e este, e aquele ali", diziam os cabos e sargentos distribuídos pelo estádio".[463]

Existem milhares de depoimentos, mas o mais contundente é o argumento do próprio Fidel: "Cuba precisava da UMAP para absorver homens em idade militar que, politicamente, não se enquadravam no serviço militar regular devido a um número considerável de deficiências políticas: falta de integração na revolução, ex-filiação a

qualquer religião, preguiça, homossexualidade ou antecedentes criminais". E o objetivo, segundo o ditador, não era necessariamente punir, mas proporcionar "um processo de reabilitação ideológica".[464] Em seguida, em entrevista concedida por Castro ao jornalista Luis Báez (publicada no jornal Granma em 14 de abril de 1966), ele acrescenta que "a UMAP não é um lugar de punição. Ali, os jovens que entram não são menosprezados; pelo contrário, são bem recebidos [...]. Procuramos uma forma de ajudá-los a superar sua atitude, a mudar, a aprender; trata-se de transformá-los em homens úteis à sociedade".[465]

A propaganda revolucionária para consumo cubano sobre as atividades e funções da UMAP não escapou de aspectos ridículos: a revista Bohemia (edição de 27 de novembro de 1965) apresenta um quadro tragicômico da situação, ao relatar, de forma alegre, amorosa e jubilosa, a transferência compulsiva, em trem, de centenas de jovens para os campos de concentração: "Os viajantes vestem uniformes cinzentos e carregam mochilas pesadas... De repente, um frenesi atravessa os vagões, acordando os passageiros e fazendo-os vibrar de emoção e tensão. O que aconteceu? Fidel está no trem! Ele embarcou em Santo Domingo.

Passa de vagão em vagão [...] distribuindo sorrisos, piadas, palavras de incentivo, fala da viagem e preocupa-se com o ânimo de todos. Ainda não recuperado dessa grande emoção, Miguel Martín, secretário-geral do Sindicato dos Jovens Comunistas, ficou feliz com a presença de sua doce mãe, que havia entrado furtivamente e trazido uma garrafa de café quente, que distribui, com bondade comunista, entre seus camaradas mais próximos".[466]

Algumas passagens meramente ilustrativas sobre o que aconteceu por décadas com a sodomia na Cuba castrista (o paraíso humanitário do bom progressista ocidental) podem ser vistas no filme, baseado em fatos, Antes do anoitecer,[467] que narra a vida do escritor homossexual Reinaldo Arenas, brutalmente encarcerado e torturado durante anos pelo castrismo. O próprio escritor lembrou que, logo após a chegada de Castro ao poder, "começou a perseguição, e os campos de concentração foram abertos [...] o ato sexual tornou-se tabu, enquanto o 'Homem Novo' era proclamado, e a masculinidade, exaltada".[468]

Reinaldo Arenas foi preso e torturado até 1980, ano em que conseguiu reconquistar a liberdade ao ser autorizado a emigrar para os Estados Unidos, país onde o sofrido escritor passou seus últimos dias, vindo a falecer em 1990, de HIV . Outro filme ilustrativo (que pode até ser consultado e visto na internet) é Conduta imprópria, documentário de Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal, rodado em 1983, que trata da perseguição dos homossexuais em Cuba desde o início da revolução até o início da década de 1980. Além de contar com inúmeros depoimentos de vítimas, este audiovisual mostra o funcionamento dos campos de concentração.[469]

E embora não sejam poucos os hagiógrafos de Castro ou do Che que tentam justificar esse desrespeito aos homossexuais alegando a existência de um conceito de "machismo"

ou “preconceito” típico de uma época, a realidade é que, naquela época, no resto dos países latino-americanos, não existiam campos superlotados ou penalidades semelhantes para homossexuais. Aliás, a única referência histórica em todo o continente americano de tão exagerado destrato não foi outra senão a Cuba castrista e sua imposição forçada do “Homem Novo socialista”, arquétipo humano que só existe na fantasia dogmática dos implacáveis burocratas de um regime que, por cegueira ideológica, eram incapazes de tolerar a falibilidade da natureza humana e, por isso, a puniam com espancamentos brutais e prisão prolongada.

É de se supor que, nos últimos anos, o tratamento dos homossexuais em Cuba não tenha mantido o mesmo nível de crueldade de outrora: Fidel Castro, pouco antes de sua morte e em sintonia com a nova pirueta estratégica da esquerda (hoje reconvertida à farsa nociva da ideologia de gênero), em 2010 (cinqüenta e um anos após a revolução), reconheceu o erro de ter perseguido e punido os homossexuais, admitindo: “Se alguém é responsável, sou eu”.[470] O eterno ditador nunca se caracterizou por ser muito rápido na autocrítica.

O marketing castro-comunista não tem limites quando se trata de gerar confusão: atualmente, no Ocidente, não há “Marcha do Orgulho Gay” que não tenha, em seu habitual desfile, os inevitáveis cartazes de Che Guevara. Vale dizer que a flexibilidade quanto ao uso do fotogênico fuzilador argentino serve para tudo, até para ser defendido por quem seria humilhado ou preso por ele.

A religião do Homem Novo

Os regimes autoritários diferem dos totalitários, entre outras coisas, porque os primeiros buscam a obediência da comunidade, enquanto os segundos, além da obediência, buscam sua adesão. Guevara e outros carrascos dirigiram seus respectivos campos de extermínio para disciplinar a população e reduzir conjuntamente o número de dissidentes. Mas este massacre jamais terminaria se não fosse atacada cabalmente a idiossincrasia cubana, cuja tradição cristã e ocidental se encontrava nos antípodas do materialismo marxista que o novo regime tentava impor. Além disso, Cuba tinha uma sociedade cuja religiosidade estava muito mais enraizada do que na maioria dos países da América espanhola. Então, a fé católica ou a adesão a outras religiões de inspiração cristã constituíam, como advertiu Guevara, sérios obstáculos para fabricar o tão almejado Homem Novo: “Acredite ou não, o povo cubano é religioso. Esta é uma força que não podemos destruir em vinte e quatro horas”,[471] Fidel alertou Che em 8 de janeiro de 1959.

Mas a implacável perseguição religiosa que se formava não se devia apenas ao fato de os princípios cristãos, por definição, estarem nos antípodas do comunismo, mas também porque a comunidade cristã começava a reagir à perigosa virada do regime. Tanto que, em 9 de novembro de 1959, a Igreja Católica conseguiu reunir um milhão de pessoas em Havana (o equivalente à população da cidade) para pedir respeito às liberdades e à propriedade[472] e, em 7 de agosto de 1960, com a assinatura de todo o episcopado, denunciava-se “o crescente avanço do comunismo em nossa nação”.[473] Além disso, em

outubro daquele ano, a nova tirania já havia proibido as procissões e o uso dos campanários das igrejas. Meses depois, o jornal católico La Quincena foi fechado; escolas e universidades católicas, nacionalizadas, e uma centena de padres, expulsos.[474] Em 4 de dezembro, foi divulgada uma "Carta Aberta do Episcopado de Cuba ao primeiro-ministro Dr. Fidel Castro", que denunciava que "no mesmo dia em que foi publicada (a Circular Coletiva), vários padres foram presos pelo crime de tê-la lido nas Igrejas, e outros foram ameaçados com represálias populares caso se atrevessem a lê-la", acrescentando que "quase todas as horas católicas de rádio e televisão foram fechadas" e que, além disso, "prestigiadas instituições católicas e os bispos foram insultados e caluniados em jornais e estações de rádio, hoje quase totalmente sob controle do governo, e, ao mesmo tempo, impediram a publicação ou divulgação dos documentos que as organizações seculares assinaram em defesa da Igreja".[475]

O conflito intensificava-se a tal ponto que Carlos Franqui conta que, em 1961, "Fidel Castro expulsou quase todos os padres e freiras católicos de Cuba, fechou a Universidade Católica, as escolas religiosas e a maioria das igrejas".[476] Em suma, cerca de seiscentos eclesiásticos, de um total de oitocentos, abandonaram a ilha nessa altura.[477]

A perseguição religiosa do regime foi coerente com a tradição castrista, que consistia em punir aqueles que os ajudaram a tomar o poder em 1959 (quando ninguém suspeitava que Fidel escondia um plano comunista). Huber Matos lembra que, durante a luta contra Batista, os padres foram "muito atenciosos com todos e, de maneira especial, afetuosos com Fidel".[478] Um carinho que o próprio Castro agradeceu e reconheceu: "Os católicos cubanos ofereceram a mais decidida cooperação à causa da liberdade".[479]

Precisamente, muitos padres atuaram como tesoureiros do Movimento 26 de Julho e não foram poucos os leigos católicos que acolheram a revolução de 1959. A Igreja não suspeitava que Fidel, educado desde criança por pais jesuítas e de cujo pescoço pendia inevitavelmente uma corrente com a imagem da Virgen de la Caridad del Cobre (padroeira de Cuba), era marxista e ateu e que, uma vez no poder, levaria a cabo uma feroz repressão religiosa. Jon Lee Anderson observa que "Fidel usava aquele medalhão como forma de manter as aparências",[480] mas acrescenta que, depois que Fidel chegou ao poder, "os tribunais revolucionários horrorizaram o clero, encarregado de administrar a extrema-unção a muitos condenados, e a virada à esquerda da revolução preocupou os militantes católicos que haviam apoiado ativamente a derrubada de Batista".[481]

A partir de então, dentro dos massivos expurgos de dissidentes, um dos setores mais afetados pela crueldade seriam justamente os católicos, que eram fuzilados diariamente, em grandes quantidades. Huber Matos, durante os intermináveis dias detido nos campos de concentração, recorda: "Quase todas as noites, entre as nove e as dez, temos de viver uma experiência difícil: é a hora das execuções [...]. São as melhores pessoas do nosso país [...]. Na luta contra Batista, nunca tivemos tanta gente assim [...]. Das nossas masmorras, não podemos ver as execuções, mas seguimos o ritual macabro passo a passo, com base nos sons que o acompanham. A proximidade obriga-nos a ouvir as ordens, as tentativas

dos reclusos de dizer algo, os disparos das espingardas, o barulho dos corpos quando são atirados em um grande tabuleiro de lata. Embalam-nos em um saco de plástico para que não pingue sangue no caminho e colocam-nos em uma carroça, como se fossem mercadorias [...]. Fuzilam jovens cristãos que, no paredão, antes do disparo, gritam: Viva Cristo Rei!”.[482]

Depoimento em consonância com o que expressou o poeta Armando Valladares (que cumpriu vinte e dois anos de prisão, oito dos quais permaneceu em cadeira de rodas devido à total ausência de assistência médica), sobre quando foi detido em La Cabaña, em 1961: “Todas as noites havia execuções. Os gritos dos patriotas de ‘Viva Cristo Rei!’, ‘Abaixo o comunismo!’, sacudiam os fossos centenários daquela fortaleza”. E ele acrescenta: “Já em 1963, os condenados à morte desciam ao paredão amordaçados. Os carcereiros temiam aqueles gritos. Não toleraram sequer uma última exclamação viril daqueles que iam morrer”.[483]

Se alguma característica adicional deveria ser impressa no Homem Novo, era abraçar o comunismo como um substituto secular para sua religião tradicional. Como dados complementares, vale a pena observar que, antes de Castro chegar ao poder, havia mil padres e duas mil e setecentas freiras em Cuba. Em 1970, havia menos de 125 padres e apenas 100 freiras.[484]

Capítulo IX: Humor negro da repressão comunista

Expurgando os compatriotas

Os expurgos não terminaram com os dissidentes. Embora pareça uma contradição (e este é mais um dos elementos “impuros” e silenciados pela caricatura oficial da revolução), muitos ex-batistas aderiram às novas autoridades e, em sentido contrário, muitos membros do Exército Rebelde, diante da surpreendente virada comunista do novo governo que ajudaram a criar, começaram a distanciar-se, sendo, portanto, crivados de balas, presos por décadas ou, nas melhores hipóteses, forçados ao ostracismo e ao exílio.

Apenas passando em revista os castro-guevaristas mais notáveis que caíram em desgraça, encontramos os seguintes episódios por ordem cronológica: a renúncia de José Miró Cardona (13-2-1959) à presidência do Conselho de Ministros (substituído por Fidel Castro); 17 de maio, o ministro da Agricultura, Humberto Sori Marín, autor da Lei de Reforma Agrária promulgada por Castro na Sierra Maestra, renunciou e foi para o paredão em março de 1961, acusado de ser anticomunista; 30 de junho, renúncia e fuga do major Pedro Díaz Lanz, chefe da Força Aérea cubana do novo governo; 17 de julho, o

presidente Manuel Urrutia, que havia denunciado o perigo comunista, é forçado a renunciar e refugia-se na embaixada venezuelana (substituído pelo ex-secretário do ministro de Batista, chefe do PC , Juan Martinello, o Dr. Osvaldo Dorticós Torrado); Huber Matos, comandante da coluna do Movimento 26 de Julho que tomou a província de Santiago, renunciou em outubro por não aceitar a influência comunista no Exército Rebelde e permaneceu preso por vinte anos. Ao mesmo tempo, em 28 de outubro, o avião em que viajava Camilo Cienfuegos "desapareceu", sem que seus restos mortais fossem encontrados. Em novembro, os líderes antibatistas José Pellón, Octavio Louit e Reinol González são eliminados. O secretário-geral, David Salvador, permaneceu no cargo até 5 de abril de 1960, quando foi detido e encarcerado. Em 26 de novembro, Felipe Pazos foi substituído na presidência do Banco Nacional de Cuba por Che Guevara. Em 11 de março de 1961, o comandante William A. Morgan, que havia liderado a expedição de Castro contra Santo Domingo, foi executado em La Cabaña, porque, como ele observou em sua carta de despedida: "Sou o último anticomunista com o posto de comandante do Exército Rebelde". Só naquele ano (1961), as execuções de "ex-amigos" atingiriam a cifra de 995 casos.[485]

Ironicamente, verificamos que um grande número de homens que acompanharam Fidel Castro e Che Guevara, arriscando a vida, na aventura que os levou à tomada do poder absoluto, foram posteriormente assassinados e/ou presos por ordem destes, enquanto, paradoxalmente, o novo governo colocou em lugares importantes como funcionários muitos dos inimigos de outrora, que depois da revolução passaram a lisonjear e bajular os homens da nova direção para desfrutar de algumas migalhas de um poder que não ajudaram a conquistar.

No entanto, as execuções dos guerrilheiros do Exército Rebelde não se deram apenas pelo estranhamento que ocorreu ao perceberem a fraude comunista de seus ex-patrões, mas, às vezes, o padrão utilizado, por exemplo, por Guevara para acabar com seus ex-companheiros de luta também obedecia à relação mantida com eles durante suas andanças na Sierra. Ou seja, entravam na lista os camaradas com quem Che havia tido atritos verbais ou conflitos de interesse (algo absolutamente normal em meio a tanta tensão e pela convivência prolongada nos acampamentos). A esse respeito, o capitão do Exército Rebelde Elías Nazario conta que, no calor da luta pela revolução, na província de Las Villas, houve um acalorado desentendimento entre Guevara e o comandante rebelde Jesús Carreras: "Quando Che Guevara entrou na província de Las Villas, nós o encontramos lá, onde ele estava acampado com o Diretório Revolucionário, junto com o comandante Cubelas [...]. Ele e o comandante tiveram uma boa discussão sobre a área que disputavam [...]. E a discussão foi dura [...] porque Jesús Carreras disse: 'Sua área é sua e minha área é minha. Se você entrar na minha área, teremos problemas'. Guevara nunca respondeu, limitando-se a baixar a cabeça".[486] A vingança não demorou a chegar: uma vez realizada a revolução, Jesús Carreras foi fuzilado por ordem de Che em La Cabaña.

Em suma, a nova oligarquia dominante em Cuba ficou reduzida ao bando formado por Fidel, Raúl e Che, auxiliados por carreiristas de plantão (sobretudo ex-batistas) e os velhos dirigentes comunistas (PSP), que não só não lutaram contra Batista, como, ao contrário,

estiveram ao lado dele nas eleições, ocupando secretarias e ministérios do demonizado governo deposto.

Como exemplo do que foi dito acima, basta mencionar que absolutamente todos os guerrilheiros que arriscaram suas vidas viajando no Granma em apoio a Castro e que conseguiram permanecer de pé após o combate imediatamente posterior ao desembarque (no qual morreram cerca de 70 guerrilheiros e apenas 12 sobreviveram), dessa dúzia sobrevivente, descontando Raúl, Che, o domesticado Juan Almeida (mais tarde vice-ditador de Cuba até sua morte em 2009) e, obviamente, Fidel, os oito restantes receberam as seguintes “condecorações”:

Chanes, Mário. Esteve na prisão de 1965 a 1985 (ou seja, vinte anos de prisão).

Diaz Torres, Raul. Comandante do Exército Revolucionário. Refugiou-se na embaixada do Equador em Havana em março de 1962.

Gómez Calzadilla, Jesús. Comandante do Exército Revolucionário. Refugiou-se em outubro de 1963.

Gómez Hernández, César. Subsecretário de Trabalho do Governo Revolucionário. Refugiou-se na embaixada venezuelana em Havana em 1961.

Rodríguez Moya, Armando. Refugiou-se quando estava no México em missão oficial.

Sanchez Amaya, Fernando. Funcionário do Ministério do Trabalho do Governo Revolucionário. Delegado em 1959 à Conferência Internacional da OIT . Foi preso no final de 1959.

Santaya Reyes, Rolando. Encarregado de negócios do Governo Revolucionário em Varsóvia em 1960 e em Montevidéu em 1963. Obteve asilo em 1963.[487]

Como podemos ver, nessa lista há sete que caíram em desgraça e, portanto, falta um. Claro, o sobrevivente do Granma Camilo Cienfuegos está desaparecido, “acidentado” em 1959, após questionar a prisão de Huber Matos.

A guerrilha anticastrista dos ex-castristas

Não foram poucos os cubanos que começaram a sentir saudades dos tempos de Batista, e é compreensível. Além do bem-estar econômico que se desfrutava até pouco tempo antes e que agora diminuía consideravelmente, nos tempos do governo anterior algumas liberdades foram restringidas, é verdade, mas na época de Castro todas as liberdades foram sumamente anuladas: em apenas um ano do regime castro-guevarista, mataram mais do que o dobro de pessoas em comparação com os dezessete anos em que Batista esteve no poder.[488]

Mais uma vez, porém, a lenda revolucionária difundiu o mito do “oligarca” Batista deslocado pelo “proletariado triunfante”: Fidel Castro era filho de um rico proprietário de terras, fora educado pelos jesuítas e tinha formação universitária. Por outro lado, Fulgencio Batista era um mulato descendente de camponeses modestos que, ainda por cima, permitia aos comunistas controlar ministérios e sindicatos: “Essa complexidade da sociedade cubana inviabiliza a explicação da revolução castrista do ponto de vista estritamente classista do marxismo-leninismo, como se pretenderia fazer anos depois”,

relata Sebreli.[489]

Aos poucos, os desatinos de Batista foram reduzidos à categoria de travessura subalterna se os compararmos com o empobrecido e repressivo Estado policial imposto por Castro a partir de 1959. Vale lembrar que Fidel e sua família, quando foram presos após tentarem tomar um quartel em 1953 para derrubar o governo, foram perdoados por Batista e ficaram presos por apenas alguns meses. Castro no poder, ao contrário, não apenas fuzilou milhares de camponeses, simples dissidentes, barqueiros desnutridos ou "inimigos" imaginários, mas também prendeu ou executou seus próprios camaradas do Exército Rebelde quando eles não eram mais úteis para ele.

Como resposta desesperada ao clima adverso reinante, seja por razões políticas, econômicas, religiosas ou, em muitos outros casos, por rebelar-se contra a perda de liberdades fundamentais, um fenômeno notável foi observado na Cuba de Fidel a partir de 1960: uma brava guerrilha anticastrista formada por cubanos que, depois de terem apoiado Castro desde o início, reagiram à fraude marxista, apresentando batalha e defendendo os mesmos ideais pelos quais haviam lutado ao lado de Castro, mas contra Batista.

Ou seja: numerosos cubanos de todas as classes sociais reagiram a partir de março de 1960 e apareceram em cena agrupados em organizações guerrilheiras que questionavam o novo governo. Ainda que sem coordenação, elas atuaram em diversas frentes, refugiando-se na Sierra del Escambray. Segundo a inteligência que informava Fidel Castro, os grupos rebeldes eram um total de 179 e seu irmão Raúl acrescentou que o número total de "bandidos" revoltados somava pelo menos três mil e quinhentos homens.[490]

Levará vários anos para que as "operações de limpeza" consigam conter essa resistência. Naquela época, além de grupos rebeldes como o "30 de novembro", o "Diretório Estudantil Revolucionário", o "Alpha 66", o "Grupo Montecristi" ou o "Movimento de Recuperação Revolucionária", a maior parte da insurreição anticastrista foi caracterizada por um forte conteúdo religioso, pois, das organizações que atuavam, duas das mais destacadas eram de raízes católicas: o MRR (Movimiento de Recuperación Revolucionaria) e a ACU (Agrupación Católica Universitaria).

Segundo o cientista político e escritor cubano Carlos Montaner, esse ousado impulso insurgente "vem do caráter apostólico que certos grupos orientados pelos jesuítas quiseram dar à conspiração [...]. Nas lutas internas cubanas, as pessoas morriam com um grito um tanto heróico de 'Viva Cristo Rei' [...]. Aqueles jovens católicos demonstraram uma enorme coragem, enfrentando a morte ou a prisão com total integridade".[491]

Vítimas do desespero e da inferioridade de condições perante o impiedoso inimigo comum, os rebeldes anticastristas decidiram unir-se em 1960, formando um corpo de combate conjunto que ficou conhecido como "Frente Revolucionária Democrática" (FRD). A nota distintiva dessa resistência é que ela foi, em sua maioria, dirigida e composta por ex-castristas que haviam sido enganados. Seus líderes mais conhecidos foram Tony

Varona (ex-primeiro-ministro de Prío); Manuel Artime (líder do grupo de sabotagem MRR , católico tradicionalista); e Justo Carrillo, o primeiro presidente do Banco de Desenvolvimento durante a ditadura incipiente de Fidel. E em novembro juntou-se a eles Manuel Ray, ex-líder da resistência urbana contra Batista.

Essa reação foi acompanhada por uma dura repressão comunista, executada por meio de forças-tarefa encarregadas de seqüestrar e exterminar os rebeldes, que ficaram conhecidas como LCB (Luta Contra Bandidos), operando efetivamente por cinco anos: apenas na prisão La Loma de los Coches, mil "contra-revolucionários" de Escambray foram fuzilados.[492] Da mesma forma, a categórica represália marxista foi disfarçada sob a fachada legal sancionada em julho de 1959 com a Lei 425 (ainda em vigor), que condena como "contra-revolucionário todo aquele que luta contra o partido comunista ou discorda de um ato de governo", e a Lei 988 (também vigente) de 26 de novembro de 1961, que impôs a pena de morte e cuja elástica penalidade estende-se a situações diversas, como a norma que terminou com a execução de três barqueiros que tentaram fugir de Cuba no final de 2003, notícia que, em meio ao boom das comunicações, chocou o mundo livre, enquanto o establishment transnacional dos direitos humanos olhava para o lado.[493]

Huber Matos lembra que "as revoltas camponesas contra o comunismo nos primeiros anos da década, particularmente na zona montanhosa de El Escambray, foram persistentes e numerosas. O regime dominou-os implacavelmente, na base de operações em que participaram milhares de soldados, vasculhando montanhas e florestas metro a metro. Eles realizaram fuzilamentos em massa, aplicaram longas penas de prisão aos suspeitos e expulsaram populações inteiras [...]. Milhares de famílias camponesas na província central de Las Villas foram desenraizadas e até dissolvidas, seguindo os padrões bárbaros do stalinismo [...]. Ricardo Olmedo, que, após ser preso por suas atividades contra o regime, foi ameaçado de ser levado ao paredão, a menos que aparecesse diante das câmeras de televisão incitando os cubanos a abandonar a resistência contra o regime, respondeu: 'Não sou ator'. Ele preferiu a morte a prestar-se a tal espetáculo. Olmedo era veterano do assalto ao palácio presidencial durante a luta contra Batista".[494] Jorge Gutiérrez Izaguirre, membro dos grupos anticastristas do MRR em Matanzas e que depois foi condenado a trinta anos de prisão, conta: "As tropas antiguerrilheiras exerceram uma repressão implacável contra os camponeses da área. Eles assassinavam uma família inteira para obter informações valiosas".[495]

O citado poeta Armando Valladares (que sofreu vinte e dois anos de tortura e confinamento), por sua vez, lembra que, para a repressão, "foram usados helicópteros trazidos da Rússia e cães da Alemanha Oriental. Os rebeldes capturados eram rapidamente fuzilados [...]. Buscando seu extermínio, fuzilavam não só os guerrilheiros, mas também os camponeses que serviam de guias, mensageiros e contatos [...]. Todas as famílias assentadas no Escambray e seus sopés foram despejadas [...]. As mulheres e crianças foram separadas dos homens e levadas para Havana [...]. Essa situação durou anos, e em todo esse tempo eles nunca viram suas esposas ou seus irmãos. Crianças em idade escolar foram separadas de suas mães e receberam 'bolsas de estudo' em escolas

públicas para ‘reeducá-las’ e assim anular a influência ‘nociva’ dos mais velhos”, enquanto “os homens foram levados para a península de Guanahacabibes”.[496]

A guerrilha anticastrista poderia ter tido mais sucesso não fosse o rumor persistente de que contingentes armados de exilados cubanos de Miami viriam em breve, o que relaxou ou travou grande parte das ações planejadas: “A palavra de ordem era esperar, que eles seriam apoiados por uma invasão, que o momento chegaria muito em breve. Assim, paralisaram boa parte das guerrilhas e levaram os guerrilheiros à derrota, prisão e morte. Guerrilha que não se move, não atira, não luta, não ganha experiência e não amplia seu campo de ação perece. E foi o que aconteceu”, disse Franqui.[497]

Ao final, após prolongadas campanhas de extermínio, a rebelião foi liquidada em 1965. Em maio de 1970, o jornal Granma (órgão oficial do Partido Comunista) publicou um balanço feito por Raúl Castro sobre o ocorrido naqueles anos, em que ele admitiu que “a perda de vidas do exército ultrapassou 500 e custou cerca de 800 milhões de pesos”.[498] E quanto ao número de organizações guerrilheiras existentes, confirmou-se que chegavam a 179.

Quanto aos autores intelectuais da repressão comunista, ela estava sob a liderança soviética, e foi desenhado um megaplano para a construção de unidades prisionais,[499] projetadas para abrigar exatamente 79.850 detentos, embora a repressão tenha prendido e encarcerado dissidentes em número muito maior.[500]

O balneário da revolução

Desde 1959, o que mais se desenvolveu em Cuba não foi o setor industrial, mas o sistema prisional. Em uma comunidade muito pequena como Cuba, em 1980, entre prisões e campos de concentração, o número de estabelecimentos chegava a 93, cujos internos eram submetidos a trabalhos forçados: “Os presos constituem a principal força de trabalho da ilha”,[501] exclamou com orgulho Papito Struch[502] em 1974. Vale acrescentar que, dada a natureza dos ataques e seqüestros, esses estabelecimentos eram escassos. Por exemplo, o Reclusorio Nacional de la Cárcel Modelo na Isla de Pino, planejado para receber duas mil pessoas, abrigava entre seis e oito mil dissidentes.[503] E entre os órgãos de espionagem e repressão que coordenavam tarefas de controle, punição e execuções, havia um total de dezessete instituições estatais que operavam em rede.[504]

A repressão obviamente não se limitou à zona rural e passou por passagens tão drásticas quanto avassaladoras, como o caso das jornadas realizadas entre 15 e 17 de abril de 1961, nas quais mais de cem mil pessoas foram presas em Havana: o Teatro Blanquita, La Cabaña, o campo de beisebol de Matanzas e o Castillo del Príncipe estavam cheios de dissidentes reais ou suspeitos. Dezenas de líderes rebeldes foram executados naqueles dias, extremos que foram verificados e apontados não pela “propaganda da CIA ”, mas pelo apologista de Guevara, Jorge Castañeda.[505] Entre as execuções mais emblemáticas

desses dramáticos momentos, encontramos muitos indivíduos declaradamente leais a Castro, como o caso do comandante William Morgan (batizado, meses antes, pelo próprio Fidel como "Herói da Revolução Cubana") ou o ex-ministro da agricultura de Castro, Sorí Marín: "Tanta gente era fuzilada que não havia caixão suficiente e as pessoas eram enterradas em sacos de náilon",[506] recorda Valladares. Enquanto isso, os tribunais revolucionários, inexoravelmente formados por comunistas confessos, deveriam emitir uma sentença dentro de setenta e duas horas a partir do início da audiência.[507]

Só na década de 1960, e de acordo com estimativas de social-democratas franceses documentadas na exaustiva obra intitulada O Livro Negro do Comunismo, cerca de dez mil pessoas foram fuziladas, e outras trinta mil, condenadas à prisão por dissidência política.[508] Com mais um agravante: em Cuba, a responsabilidade é considerada coletiva e a punição também. Os familiares do detido pagavam socialmente pelo "desvio" de seu parente: seus filhos não podiam ingressar na universidade e seu cônjuge perdia o emprego.[509]

A revolução em números: as mortes de Castro

É impossível determinar com exatidão o número total de mortos vítimas do regime castrista, pois Cuba nunca forneceu dados oficiais e o regime impedia a entrada de comissões de direitos humanos ou da Cruz Vermelha para realizar relatórios pertinentes. Convenhamos que as organizações da comunidade internacional também não se empenharam muito para denunciar esses crimes, já que, por serem execuções não de uma ditadura de direita, mas de esquerda, havia a desculpa, negação ou conivência da hipocrisia global.

Portanto, podemos nos basear somente nas diferentes fontes e trabalhos de pesquisa elaborados de forma independente, embora notemos uma disparidade de critérios entre eles em termos dos números fornecidos. Por exemplo, por volta de 1970, os números totais levantados pela embaixada espanhola, considerada a mais confiável (por ter acesso às estatísticas dos cemitérios), calculou posteriormente que vinte e dois mil cubanos haviam sido mortos ou haviam morrido na prisão e 2 mil se afogaram tentando fugir.[510]

Bem mais tarde, em 1997, a minuciosa obra francesa já mencionada (O Livro Negro do Comunismo), no capítulo dedicado a Cuba, indicava que até aquela data cerca de dezessete mil cubanos haviam sido executados desde 1959, e mais de cem mil, enviados para os campos de concentração,[511] cifra posteriormente complementada ou ampliada em outro relatório elaborado em um audiovisual, cujo detalhamento também foi publicado em 23 de abril de 2006 no jornal Miami Herald, que apresentou uma lista discriminada por categoria (execuções com sentença, execuções sem sentença, desaparecidos etc.). Número total de mortos: 31.173.[512]

Também foram divulgadas na época as cifras elaboradas pelo Archivo Cubano,[513]

paciente trabalho dirigido pelo professor Armando Lago,[514] (economista doutorado pela Universidade de Harvard), que, juntamente com a analista política María Werlau,[515] identificou 41.695 homicídios por causas políticas desde 1959, embora o número fosse aumentar drasticamente se incluíssemos os barqueiros desaparecidos ou assassinados no mar enquanto tentavam fugir. Nessa categoria, o número de emigrantes que caíram em desgraça chegaria a 77.879 vítimas. Se os somarmos aos diferentes números de executados mencionados anteriormente, o número final de mortos teria proporções industriais. Algum dia, quando cair a cruel dinastia dos Castro, talvez tenhamos acesso a um número definitivo e materialmente verificável.

Por ora, vale dizer que enquanto esse feroz sistema se impunha na ilha, a URSS concedia a Fidel Castro o "Prêmio Lênin da Paz": o comunismo internacional não perdia a crueldade, nem o humor (negro).

Capítulo X: O banqueiro Guevara

De fuzilador a burocrata

Em 29 de novembro de 1959, Che Guevara foi promovido: de fuzilador em La Cabaña a presidente do Banco Nacional de Cuba. Ele nunca havia tido conta em banco, não sabia o que era cheque e não tinha o mais rudimentar conhecimento de assuntos financeiros. Mais tarde, Fidel contaria a anedota difundida (talvez exagerada) de que, em uma reunião da direção revolucionária cubana, ele havia perguntado à platéia se havia algum economista entre os presentes, e Che, que cochilava, levantou a mão. Fidel imediatamente o nomeou presidente do Banco Nacional de Cuba. Depois, em particular, Guevara esclareceu a Fidel: "Achei que você tinha dito comunista, não economista".

O pai de Che, ao saber do novo cargo do filho mais velho, não pôde ocultar o espanto: "Meu filho Ernesto administrando os fundos da República de Cuba? Fidel é louco. Toda vez que um Guevara abre um negócio, ele vai à falência".[516] Não foi só o pai de Che que ficou surpreso com a nomeação impensável: "Ernesto Guevara tem um conhecimento mínimo de economia", dizia um relatório interno da CIA logo após a desconcertante nomeação.[517]

Em um país cada vez mais apoiado no bloco soviético, o banqueiro Guevara, em sua nova função, foi singular em todos os sentidos. Disfarçado de guerrilheiro rural (contra quem lutava em seu escritório?), recebia as pessoas em sua sala jogado para trás em sua cadeira, com os malcheirosos pés descalços sobre a mesa.

Sua falta de conhecimento em questões financeiras o fez cair no ridículo, por dar ordens absurdas aos profissionais da área, o que provocou um êxodo de especialistas, que pediram demissão pela insensatez de receber diretrizes em desacordo com o bom senso. O primeiro a renunciar foi Ernesto Betancourt, vice-diretor do banco, que fugiu aterrorizado após três semanas: “Encontrei em Che uma ignorância absoluta dos princípios mais elementares da economia”, alegou.[518]

Qual foi a reação de Che ao êxodo de especialistas? Sua resposta diz muito: “Não estou nem aí. Eles podem ir embora. Vamos trazer estivadores ou cortadores de cana para fazer o serviço”.[519]

No fundo, para Guevara, deixar de ser um temido fuzilador para se tornar um entediante funcionário de escritório era, de certa forma, um tormento. Che não queria perder seu ar intimidador e isso provavelmente explicaria o exagero estético que se encarregou de preservar: “Onde já se viu um banqueiro com essa aparência? O presidente do Banco Nacional de Cuba [...] chega de uniforme verde-oliva, com a camisa aberta, a pistola na cintura e as botas de pára-quedista mal amarradas, como sempre. Está rodeado de escoltas armadas, iguais a ele, capazes de assustar qualquer visitante”, retrata Kalfon.[520] Os ex-funcionários não davam crédito às ordens que recebiam nem ao espetáculo que viam: “A ante-sala do gabinete do presidente está cheia de babacas armados com armas longas”,[521] era o comentário que prevalecia no prédio. O então Vice-ministro da Fazenda, José Illán González, conta: “A maioria dos funcionários de diferentes níveis que ocuparam posições importantes nos primeiros dezoito meses da revolução deixaram seus cargos. Por que isso aconteceu? Porque, no fundo, tratava-se de uma gangue, não de uma equipe de trabalho, um grupo de indivíduos que se formou e se desenvolveu em um ambiente de guerrilha paramilitar”.[522]

Nicolás Quintana, arquiteto, nomeado para projetar o edifício do Banco Nacional de Cuba, recorda: “Conheci Ernesto Guevara em 1959 [...]. Quando Ernesto Guevara substitui Pasos (Felipe) no Banco Nacional, a primeira coisa que faz é convidar os arquitetos do edifício, meu sócio Miguel Ángel Moite e eu. Eu encontro esse cavalheiro no escritório. Ela estava com os pés em cima da mesa, sem uma das botas, as meias rasgadas. Lembro-me, como se fosse hoje, dos dedos dele se mexendo. Aquilo me pareceu algo kafkiano, porque era inacreditável que o presidente do Banco Nacional de Cuba fosse aquela figura que estava sentada ali. A primeira frase dele foi: ‘Você é burguês’ (não sei por que ele implicou comigo). Eu lhe respondo: ‘Não, comandante, não sou burguês’. ‘Ah! Agora você é revolucionário!’. ‘Não, não sou revolucionário! Burguês era meu bodegueiro. Eu sou um grande burguês. Nasci em berço de ouro e passei metade da minha vida trabalhando para ajudar aqueles que não nasceram. Portanto, tenho moral para falar’. A resposta foi: ‘Você tem três opções: uma é sair de Cuba. A segunda é trinta anos de prisão (veja a facilidade com que esse homem controlava a vida das pessoas) e a terceira, como você é um grande burguês, é o paredão de fuzilamento’”.[523]

No papel descontente de guerrilheiro sem guerrilha e banqueiro com revólver, no final

de maio de 1960, Che dirigiu-se às três empresas petrolíferas estabelecidas em Cuba: Standard Oil e Texaco (Estados Unidos) e Shell (anglo-holandesa). Elas foram informadas de que, a partir de então, teriam de refinar o petróleo bruto soviético e não aquele que extraíam e importavam do subsolo venezuelano. Além disso, na qualidade de presidente do Banco Nacional, Che anunciou que o Estado cubano não tinha condições de pagar uma dívida anterior de cinqüenta milhões de dólares. As empresas recusaram-se a aceitar a arbitrariedade, e, em 29 de junho, Castro ordenou sua intervenção, enquanto chegava o primeiro petroleiro soviético. As empresas lesadas contestaram a medida e, perante o desrespeito, o regime limitou-se a confiscá-las: elas foram avaliadas em cerca de 140 milhões de dólares. Posteriormente, Fidel antecipou que privaria todos os norte-americanos de suas propriedades "até o último prego de seus sapatos".[524]

Os Estados Unidos, em legítima defesa de suas empresas furtadas e roubadas (entre elas a Texaco, que havia financiado as tropas castristas quando lutavam na Sierra Maestra e que agora era pirateada pela ditadura triunfante), anunciaram, em 6 de julho, a suspensão das compras de açúcar de Cuba para o ano corrente, sem descartar suspensão para os próximos anos. Três dias depois, a URSS fez o seguinte anúncio, prometendo a Cuba fornecer petróleo em troca de açúcar por vários anos; o conjunto dos países socialistas dispôs-se a comprar imediatamente quatro milhões de toneladas do principal produto cubano, a dois centavos o quilo, ou seja, a um preço artificialmente superior ao acordado com as duas grandes bolsas de valores de Nova York e Londres.[525]

Imediatamente depois, o governo cubano confiscou praticamente todas as empresas que estavam em mãos de empresários cubanos (em 13 de outubro, apropriou-se de 376 empresas) e, obviamente, também aquelas com capital norte-americano (em 24 de outubro, apoderou-se de 166 propriedades).[526] Como podemos ver, um quarto do que foi roubado pelo Estado foi contra empresas norte-americanas e 75% dos saques ocorreram contra os próprios cubanos.

E quem administraria essas quase quatrocentas empresas que, forçosamente, acabavam de passar para as mãos do Estado? Che recrutou várias centenas de jovens que viviam na Sierra Maestra juntamente com oficiais do Exército Rebelde, cuja idade variava entre quinze e vinte anos: os escolhidos tinham uma escolaridade média de sexta série.[527]

Com alegria e a cara mais lavada do mundo, Guevara de la Serna afirmou, bombasticamente: "Os trezentos mil hectares que expropriamos dos ianques não vamos devolver".[528] A retaliação norte-americana pela desapropriação de suas empresas não demorou a chegar. Os Estados Unidos impuseram um embargo a Cuba, proibindo o intercâmbio comercial com a ilha, um embargo legítimo e não um bloqueio (como muitas vezes é falsamente apresentado à opinião pública). Qual a diferença? Bem, o embargo é a proibição aos norte-americanos de fazer comércio com Cuba. O bloqueio, por outro lado, seria cercar a ilha de navios e impedir que Cuba fizesse comércio com o mundo inteiro.

Vale acrescentar que o embargo estadunidense não afetou em nada Cuba, já que, a partir

de então, e por trinta anos consecutivos, ela desfrutaria de magníficos subsídios soviéticos no valor de cem bilhões de dólares: quatro vezes o que foi o Plano Marshall para toda a Europa e mais de três vezes a quantia dedicada por Washington à Aliança para o Progresso para toda a América Latina,[529] ainda por cima para abastecer uma população numericamente insignificante e uma área geográfica de apenas 110.860 km2.

E enquanto os teimosos defensores da tirania castrista atribuíram, mais tarde, o retumbante fracasso da eterna revolução na ilha ao inexistente "bloqueio", Fidel, naquele momento, qualificou o embargo como uma "bênção que faria de Cuba o mestre indiscutível do 'mercado mundial de açúcar'". E o outro gênio das finanças, Ernesto Guevara (que esperava por essa medida há meses, desafiando os Estados Unidos a ousar adotá-la), comemorou: "Quanto mais cedo, melhor".[530] De fato, nunca se ouviu Che dizer ou escrever qualquer calúnia contra o "bloqueio", já que esse pretexto não passou de um slogan panfletário promovido anos depois por seus devotos. Também deve ser repetido que o que especificamente impedia o embargo era o livre-comércio entre Cuba e os Estados Unidos (não de Cuba com o resto do mundo). Então, se levarmos em conta que o comunismo é contra o livre-comércio (especialmente quando envolve negociações com o "imperialismo norte-americano"), perguntamos: como pode ser que o castro-comunismo reclamou depois de não conseguir manter um livre mercado com os Estados Unidos? Além disso, no final de 1960, o exaltado regime comunista de Castro já havia confiscado mais de US$ 25 bilhões em bens privados cubanos e quase US$ 1 bilhão em propriedades norte-americanas,[531] números consideráveis, que nos mostram mais uma vez que as principais vítimas das estatizações foram os próprios cubanos e não o "imperialismo": para cada dólar roubado pelo Estado de Castro dos investidores americanos, 25 dólares foram roubados de seus compatriotas: "Talvez lhes pareça muito estranho que [o presidente do Banco Nacional] venha a lutar por propriedade... mas sou muito mais guerrilheiro do que presidente de banco", justificou-se Che.[532]

Em meio ao júbilo confiscatório, Guevara, por mais títulos hierárquicos de "banqueiro oficial" que lhe foram concedidos, não deixou de almejar a vida de peregrino. Aproveitando-se de sua disposição turística e no esforço de afastá-lo do Banco Nacional para evitar que continuasse causando estragos, Fidel concedeu a Che outra viagem diplomática de caráter não-oficial. Em 21 de outubro de 1960, partiu Che, passeando pela Tchecoslováquia, União Soviética, China continental, República "Democrática"Alemã, Hungria e República Popular da Coréia. Da passagem pela URSS , Che voltou eufórico: a única surpresa desagradável foi o hábito de dar beijos na boca entre os homens quando era recebido, momento ingrato que ele soube evitar mantendo o charuto entre os dentes na hora dos cumprimentos.

Ao retornar, Guevara enfatizou, deslumbrado, a "enorme liberdade individual" e a "enorme liberdade de pensamento"[533] que se respirava no bloco soviético: "Em sua primeira viagem à União Soviética, ele teve que ser dissuadido quando tentou depositar uma coroa de flores na campa de Stálin... Pela primeira vez na vida, entrou em uma fábrica, deslumbrando-se com os supostos avanços técnicos. Ficou sabendo tarde demais

que a indústria russa era ineficiente e obsoleta, quando Cuba passou a padecer das deficiências tanto do maquinário de má qualidade que lhe vendiam quanto dos terríveis planos de seus especialistas. Além disso, nessa viagem, ele mostrou a ingenuidade típica dos turistas de esquerda [...]. Atitudes como essa mostravam que seu habitual ar de ceticismo irônico era uma pose que escondia um idiota político", resumiu Sebreli.[534]

Quanto à já mencionada ênfase que Guevara colocou na URSS para homenagear Stálin (em pleno revisionismo russo), era uma afirmação condizente com a devoção que sentia por ele, já que Che chegou a assinar suas cartas pessoais com o pseudônimo "Stálin II ",[535] em reverente cortesia epistolar: "Quem não leu os quatorze volumes de Stálin não pode ser considerado totalmente comunista", observou.[536]

Che ficou tão encantado com a URSS que, com pretensões de ser um "pensador" marxista, escreveu um pequeno (e paupérrimo) ensaio na revista Verde Olivo, intitulado "Notas para o estudo da ideologia da Revolução Cubana", que tentava explicar a revolução na ilha em suposta concordância com o marxismo clássico: "Com o entusiasmo de um neófito, retomou os estudos do marxismo [...] sob a influência direta dos manuais [...] com complexos de inferioridade em relação aos teóricos quadros do velho PSP stalinista e à miragem da URSS como pátria do socialismo", comentou o filósofo marxista Roberto Massari.[537]

Encantado com o mundo moscovita, ao retornar à ilha, Guevara conheceu sua nova filha, chamada Aleida (como a mãe), nascida em 24 de novembro de 1960. Devido ao novíssimo "sovietismo", porém, Che viria a apelidá-la com a versão russa desse nome: "Aliosha".

O ano chegava ao fim e o primeiro Natal castro-guevarista já impunha sua marca, ficando conhecido como "Natal Revolucionário". Papai Noel havia sido banido por ser "imperialista". Em frente ao hotel Habana Libre (antigo Habana Hilton), agora nas mãos do Estado, foi erguida uma enorme cerca que representava o nascimento do Redentor em uma choça cubana. Os três Reis Magos assemelhavam-se a Castro, Guevara e Juan Almeida. Os presentes que traziam eram a Reforma Agrária, a Reforma Urbana e o Ano da Educação. A outra marca menos atraente do "Natal Revolucionário" foi a escassez absoluta: ausência total de pêras, nozes, tâmaras e outras frutas tradicionais nas festividades cubanas. As pessoas competiam acirradamente em filas intermináveis pelo pouco de comida que sobrava.

Capítulo XI:
Cuba no foco do mundo

Abandonados em Playa Girón

Em 10 de julho de 1960, em Havana, Che Guevara arengava a uma multidão convocada artificialmente: "Cuba, hoje, é uma gloriosa ilha no centro do Caribe, defendida pelos foguetes da maior potência militar da história".[538] A bravata tinha algum motivo. Embora o realinhamento com o bloco soviético em 1960 ainda não fosse oficialmente reconhecido, a verdade é que, entre 1º de agosto e os últimos dias de outubro, enquanto Castro se gabava de ter 250 mil milicianos equipados com armas soviéticas, chegaram a Cuba cerca de 22 mil toneladas de armas.[539] Desde então, a militarização indiscriminada da Rússia não cessou e apenas um ano após a revolução, em 2 de janeiro de 1961, Castro mostrou pela primeira vez seu novíssimo Estado policial em construção, com um desfile que durou das onze da manhã até o anoitecer. Havia tanques soviéticos pesados e médios, artilharia de campanha movida a caminhões, lançadores de foguetes, canhões antiaéreos e antitanques. Os soldados do novo totalitarismo comunista carregavam metralhadoras, lança-foguetes e arrastavam morteiros de fabricação russa.

E enquanto Cuba era erotizada com seu incremento militarista, em 12 de setembro de 1960, os Estados Unidos estavam em plena campanha eleitoral presidencial, e o liberal John F. Kennedy (candidato pelo Partido Democrata) fazia um esforço para denunciar o perigo castro-comunista e a falta de resolução sobre a questão do então presidente conservador Dwight D. Eisenhower. É por isso que, em um comício no Texas, Kennedy fez um discurso inflamado, afirmando que a questão mais crítica a ser tratada era "a disseminação da influência comunista, cujo veneno encontra-se agora a menos de 150 quilômetros da costa da Flórida, a maneira humilhante de tratar nosso presidente e vice-presidente por parte daqueles que já não respeitam nosso poder".[540] Vigoroso alarde proselitista que destoaria completamente da pusilanimidade demonstrada pelo próprio Kennedy perante o referido problema, quando semanas depois se consagrava presidente.

No início de janeiro de 1961, com o aceno da nova administração dos Estados Unidos, exilados cubanos residentes nos Estados Unidos, que conseguiram escapar a tempo, planejavam desde o ano anterior invadir a ilha para derrubar a ditadura de Castro e recuperar seus parentes, praticamente seqüestrados em Cuba.

Para tanto, foi criada em Miami a "Junta Revolucionária Cubana", presidida pelo ex-primeiro-ministro de Castro, José Miró Cardona. Os preparativos foram totalmente artesanais e caseiros: um guatemalteco, Roberto Alejo, cedeu uma plantação de café em Helvetia de Retalhuleu, na costa do Pacífico, para que a recém-formada Brigada de Assalto 2506 cubana, milícia que comandaria a operação, treinasse ali.[541]

Segundo a biógrafa de Fidel Castro, Georgie Anne Geyer: "No final de 1959, exilados cubanos estavam sendo recrutados para treinamento pela CIA em campos estabelecidos na Guatemala e na Nicarágua. Essa estrutura amadora era insuficiente para dar combate ao exército castrista sovietizado, constituído por 25 mil homens bem treinados e reforçado por outros duzentos mil milicianos de apoio".[542]

Comosesabe, emqualquerguerra(independentementedesuamagnitude), um dos pilares

fundamentais é o sigilo, para não fornecer informações ao inimigo. No entanto, em outubro de 1960 (seis meses antes da invasão), a Hispanic-American Report, revista publicada pela Universidade de Stanford, na Califórnia, noticiou que os cubanos recebiam treinamento militar em acampamentos na Guatemala. Artigos semelhantes apareceram no La Hora (jornal guatemalteco) e, em novembro do mesmo ano, o mesmo foi noticiado no The Nation. Em 22 de dezembro de 1960, o Mirror de Los Angeles também detalhou a seus leitores as atividades ocorridas na Guatemala. Um representante do Post-Dispatch, de St. Louis, Missouri, visitou a Guatemala e confirmou a existência dos "acampamentos secretos".

Finalmente, em 10 de janeiro de 1961, três meses antes da invasão, o The New York Times prestou outro infeliz serviço à causa comunista de Castro. Publicou uma crônica datada na Guatemala na qual se afirmava que um contingente anticastrista estava sendo treinado em um aeródromo parcialmente escondido no sopé das montanhas e a poucos quilômetros do Pacífico. Naquele momento, não havia informação mais valiosa para Castro.[543]

Portanto, Fidel e a inteligência cubana não precisavam se esforçar muito para saber sobre as atividades dos exilados cubanos: era só abrir o The New York Times e outras publicações de consumo de massa para saber todos os detalhes e notícias de seus inimigos. A matéria não só apareceu na capa do referido jornal, como também foi publicada com um mapa, indicando o local exato onde os cubanos treinavam e o percurso que tomariam! Assim era a desleixada inteligência norte-americana durante a Guerra Fria, sob a administração do governo democrata: "Não acredito no que estou lendo! Castro nem precisa de espiões neste país. Basta ler nossos jornais. Tudo está exposto ali!", disse Kennedy, furioso, repreendendo seu conselheiro e confidente Pierre Salinger.[544]

Para completar, o presidente dos Estados Unidos, em 12 de abril (três dias antes da invasão) declarou, em coletiva de imprensa, que "em nenhum caso haverá intervenção em Cuba por parte das forças armadas dos Estados Unidos",[545] traição que cumpriu sem hesitar, deixando os mil e quatrocentos expedicionários cubanos semidesarmados que invadiriam a ilha em situação de total abandono e desamparo.

Finalmente, em 15 de abril de 1961, Fidel Castro acordou ao amanhecer ao som de bombardeiros B -26 sobrevoando Havana. Nesse momento, chegou a nova mensagem oficial que Castro havia preparado para exibir na ocasião oportuna. "O que os imperialistas não podem perdoar é termos feito uma revolução socialista debaixo do nariz dos Estados Unidos". O assessor de Castro, Norberto Fuentes, lembra-se de ter pensado: "Ótimo, agora sabemos o que somos".[546] De fato, foi a primeira vez que Fidel reconheceu seu marxismo-leninismo, posteriormente ratificado sem eufemismos em 1º de dezembro de 1961: "Sou marxista-leninista. Sempre fui e serei por toda a minha vida".[547]

Guevara estava encarregado de dirigir as operações na parte ocidental da ilha e estava exultante, porque supunha que esse clima de guerra geraria maior produtividade diante

da preguiça e apatia social que vinha denunciando: “Quando o país utilizava suas forças para resistir ao ataque inimigo, a produção industrial não caía, o absentismo desaparecia, os problemas resolviam-se com uma rapidez insuspeitada”, sustentou, acrescentando: “O motor ideológico funcionava com base no estímulo da agressão estrangeira”.[548] A parte oriental da defesa de Cuba foi confiada a Raúl Castro, e a região central, a Juan Almeida. Enquanto isso, Fidel dirigia a peça de sua sede, Punto Uno, em Havana.

De qualquer maneira, como se temia que os expedicionários fossem recebidos em Cuba com grande apoio da população, Castro, que já havia montado um drástico sistema de espionagem, dedicou-se a efetuar prisões em massa de cubanos suspeitos de não simpatizar com o governo. Nos dias 15 e 16 de abril, foi muito intensa a participação dos “Comitês de Defesa da Revolução”, que, casa a casa, e com base em denúncias, facilitaram a prisão de cem mil pessoas: “Os cárceres ficaram lotados. Qualquer coisa servia de prisão [...]. Repressão total [...]. Uma histeria coletiva. Denúncia simples, suspeita, todos presos... Uma operação de terror cego e total [...]. Os detidos de antes, os que eram considerados perigosos, daquela época, são fuzilados [...]. As penas não são menores do que vinte anos [...]. Pelo menos vinte mil são condenados [...]. O paredão em pleno funcionamento [...] o terror vermelho [...] Terror coletivo”, recorda com tristeza Carlos Franqui.[549]

Finalmente, no dia 17, as forças anticastristas conseguiram desembarcar na baía de Cochinos. Jon Lee Anderson conta que, horas depois, “Fidel mobilizou suas forças para atacar os invasores. Em vez de avançarem para o interior, entrincheiraram-se na praia à espera de reforços. Não houve. No meio da manhã, começou o embate, mas, na madrugada do dia seguinte, Dulles[550] informou a Kennedy que os exilados estavam atolados nos pântanos; sem a intervenção dos Estados Unidos, eles os aniquilariam. Kennedy recusou-se a dar a ordem e apenas autorizou o apoio aéreo reduzido”.[551]

O já consolidado exército cubano teve poucas dificuldades para repelir a invasão com as poderosas armas recebidas da União Soviética e da Tchecoslováquia. Da mesma forma, o hesitante Kennedy neutralizou a todo vapor os cubanos que buscavam a liberdade, e dos quarenta e oito vôos que haviam programado para invadir o castrismo e que sairiam da Nicarágua, o presidente norte-americano deu a ordem enfática àquele governo de que não saíssem mais de oito (ele cortou quarenta vôos!).[552] Como se não bastasse a traição de Kennedy, a esquadra aérea cubana anticastrista era formada por aeronaves remanescentes da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coréia; os B -26 tiveram suas armas de cauda removidas para permitir que eles carregassem o combustível necessário para o vôo de ida e volta entre a Nicarágua e Cuba.[553]

Tão precária era a situação dos contra-revolucionários que os navios de desembarque (bombardeiros lentos e pouco manobráveis) nem mesmo carregavam canhões antiaéreos, e ainda por cima as tropas destinadas ao desembarque eram compostas apenas por cubanos, em sua maioria civis (que nem tinham formação militar). Inversamente, Castro contava com a aviação herdada de Batista, à qual se juntaram alguns “Migs” russos, que bombardearam os cargueiros (os quais careciam de armas antiaéreas) e afundaram o

Houston e o Río Escondido (que detinham a maior parte do armamento). Esse evento constituiu o primeiro grande impacto das forças de Castro à custa dos dissidentes cubanos. O próximo golpe do castrismo foi o envio de oitenta tanques para as praias. Além de tudo isso, o denso nevoeiro impediu que os pilotos dos B -26 invasores vissem a coluna de tanques na costa. E como se não bastassem esses contratempos, a inferioridade numérica das forças anticomunistas era devastadora: lutavam na proporção de um para vinte.[554]

Diante do cenário angustiante e da inércia do irresoluto Kennedy, eclodiram internalismos dentro do governo americano e houve até quem perdesse o respeito pelo próprio poder presidencial: o vice-diretor da CIA , Richard Bissell, repreendeu o presidente, solicitando a intervenção americana, e o almirante Arleigh Burke (comandante-chefe da Marinha dos Estados Unidos) exigiu o envio urgente de duas aeronaves de última geração e um contratorpedeiro para "mandar os tanques de Castro para o inferno". Mas Kennedy interrompeu o pedido, respondendo com negação cautelosa: "Burke, não quero os Estados Unidos envolvidos nisso". Foi então que o chefe da Marinha perdeu a paciência e disparou: "Presidente, já estamos envolvidos. Porra, senhor presidente, não podemos permitir que nossos meninos sejam degolados".[555]

Depois de muita hesitação, Kennedy finalmente decidiu limitar o envolvimento americano a propósitos "humanitários". Em outras palavras, ele concordou em permitir que vários aviões da Marinha, com seus emblemas americanos apagados, fizessem vôos de reconhecimento sobre as praias. Mas eles não deveriam participar do combate e só poderiam voar por uma hora, das 6h30 às 7h30 da manhã.[556]

Então, em que consistia esse apoio? Ora, acabou sendo um "apoio" simbólico ou meramente testemunhal. Ou seja, Kennedy estava "disposto a correr mais riscos para tirar os homens das praias cubanas do que para colocá-los nelas", observou Anne Geyer.[557]

Não sem indignação, o advogado e ex-combatente da expedição, Juan Antonio Figueras, lembra: "O regime cubano precisou mobilizar mais de cinqüenta mil militares, seus aviões de guerra e sua artilharia pesada para silenciar as armas leves de pouco mais de mil cubanos abandonados à sua sorte".[558]

Depois dos acontecimentos, a propaganda castrista-comunista vendeu esses acontecimentos como "um triunfo de Cuba contra as Forças Armadas americanas", o que constitui mais um dos infindáveis mitos existentes sobre o assunto: dos 1.180 prisioneiros que os castristas fizeram, nenhum era norte-americano. Absolutamente todos os expedicionários eram cubanos e, como já foi dito, civis. Apenas 10% tinham formação militar de carreira. Então, os números objetivos produzidos pelo combate mostram que o triunfalismo de Castro teve muito mais de autopropaganda do que realidade: as brigadas cubanas exiladas tiveram uma perda de 40 homens e 80 feridos e os castristas tiveram 1.250 mortos, mais outros 400 que morreram em conseqüência das feridas (1.650 mortos no total) e 2.000 feridos.[559] Com mais uma agravante: segundo a doutrina militar, o

atacante (neste caso os expedicionários) costuma ter três baixas para cada baixa do lado defensor, de modo que o triunfo militar de Cuba reduz-se, sem exagero, ao mais puro teatro caribenho, área que Castro sempre administrou com maestria.

Os 1.180 expedicionários cubanos presos foram amontoados no Palacio de los Deportes, em Havana. Ali permaneceram várias semanas submetidos a um regime muito rígido: durante 21 horas por dia eram obrigados a ficar sentados em cadeirinhas e só das 3 às 6 da manhã podiam deitar-se no chão.[560]

Conhecendo Castro, alguém poderia pensar que os prisioneiros seriam fuzilados sem mais delongas. Mas, mesmo indiretamente, por trás dos presos estava o governo Kennedy, e então Castro aproveitou a ocasião para oferecer a venda em dinheiro dos presos em troca de serem entregues vivos. Pelo menos por um tempo, Castro acreditou na propriedade privada (de seres humanos) e deu a cada expedicionário um preço de "mercado" diferente, dependendo do grau de hierarquia: US$ 500.000 por cada um dos três chefes. O restante da brigada foi dividido em três grupos; no primeiro, a liberdade de cada homem poderia ser comprada por US$ 25.000; no segundo, por US$ 50.000; e no terceiro, por US$ 100.000. O preço total do resgate era de 62 milhões de dólares.[561]

Para conseguir o dinheiro, os exilados organizaram um "Comitê de Famílias Cubanas" encarregado das arrecadações. Finalmente, depois de mais de um ano e meio de múltiplas negociações e sacrifícios para levantar a quantia, em dezembro de 1962, os prisioneiros foram trocados pelo preço indicado.

O responsável pelas negociações para a libertação dos presos foi o advogado James Brito Donovan, descendente de irlandeses, que conta que "foi como uma venda de escravos [...]. Só faltou que eles estivessem acorrentados". Donovan lembra que quando o último prisioneiro foi colocado a bordo do último avião, ele se virou para Fidel Castro e disse: "'Sabe, senhor primeiro-ministro? Tenho pensado em todo o bem que tenho feito ao povo de Cuba nestas últimas semanas. Aliviei-o do fardo de quase 1.200 homens para sustentar. Também ajudei as crianças, os doentes, os pobres e os idosos do povo cubano. Acho que nas próximas eleições voltarei para me apresentar como seu adversário. Acho que posso ganhar'. Castro sorriu [...]. 'Sabe, doutor? Acho que talvez você tenha razão', respondeu com um meio sorriso. 'Então não haverá eleições'".[562]

Che em Punta del Este

Em agosto de 1961, no elegante balneário de Punta del Este, no Uruguai, foi realizada a Conferência Interamericana de Ministros da Economia, na qual seria analisada a ajuda norte-americana aos países emergentes, conhecida como Aliança para o Progresso. Em representação de Cuba, esteve presente o habitual turista Ernesto Guevara. Havia grande expectativa para seu discurso, não só pela curiosidade despertada por seu visual selvagem, mas também porque o encontro aconteceria após os episódios da baía de Cochinos.

Quando chegou sua vez de falar, Che fez um discurso hilário, prevendo um futuro para Cuba que era tão róseo quanto fictício: "A taxa de crescimento, apresentada como uma coisa bonita para toda a América, é de 2,5% de crescimento líquido. Falamos de 10% de desenvolvimento sem quaisquer meios. É o que Cuba prevê para os próximos anos. O que Cuba pretende ter em 1980? Ora, um rendimento líquido per capita de três mil dólares, mais do que nos Estados Unidos".[563] Lembremos que se tratava de um congresso de economistas, assunto do qual Guevara não fazia a menor idéia. Mas seu discurso não se limitou a seu otimismo mágico, acrescentando que Cuba queria alcançar uma coexistência pacífica com Washington, e para isso estaria disposta a tomar uma série de medidas, como pagar os bens expropriados de cidadãos norte-americanos, não estabelecer alianças militares ou políticas com o bloco socialista e realizar eleições livres em Cuba no curto prazo. Finalmente, ele disse: "O que damos é uma garantia de que nem um único fuzil sairá de Cuba, nem uma única arma sairá de Cuba para lutar em qualquer outro país das Américas".[564]

Sem contar a posterior intervenção pessoal do Che na Bolívia (em 1966), apenas dois anos após esse discurso, Guevara comandava um contingente guerrilheiro cubano na província argentina de Salta, a fim de realizar um golpe contra o governo constitucional do Dr. Arturo Illia (episódios aos quais nos referiremos mais adiante).

Além disso, é de conhecimento público que Cuba foi o quartel-general de treinamento de todos os guerrilheiros da América Latina na década de 1970 e havia mais de vinte campos de treinamento espalhados por lá para preparar a invasão da guerrilha continental: "O único lugar (na América Latina) onde não tentamos promover a revolução foi o México. No resto, sem exceção, tentamos",[565] reconheceu Fidel Castro em 3 de julho de 1998 em Havana, em discurso proferido perante a Associação de Economistas da América Latina e do Caribe.

Resumindo: tudo o que Che disse que ia ser feito não foi feito e o que ele disse que não ia ser feito foi feito.

Mais relaxada e menos delirante foi outra manifestação sua durante a estada no Uruguai, na cidade de Montevidéu, quando, no dia 8 de agosto, concedeu entrevista coletiva e respondeu a uma série de perguntas sobre assuntos fúteis e pessoais: "Eu deixaria de ser homem se não gostasse de mulheres". "Trabalho dezesseis, dezoito horas por dia, durmo seis horas". "Não bebo, mas fumo. Não procuro nenhum tipo de entretenimento e estou convencido de que tenho uma missão no mundo e que, por essa missão, devo sacrificar o lar" e "todos os prazeres da vida". Sentiu-se menos à vontade quando um repórter lhe perguntou sobre as eleições em Cuba e Che esboçou a resposta no ar como um populista profissional: "Quando o povo pedir em uma assembléia popular".[566]

Aproveitando a proximidade geográfica do Uruguai com a Argentina (e levando em consideração a nacionalidade de Che), o presidente Kennedy contatou seu então homólogo argentino, Arturo Frondizi, a fim de pedir-lhe que se encontrasse pessoalmente

com Guevara, Frondizi atuando como elo (entre Guevara e Kennedy), para aparar arestas e melhorar as relações entre os Estados Unidos e Cuba, especialmente quando o vínculo se tornou mais nebuloso do que o normal após o desembarque fracassado de cubanos anticastristas em Playa Girón.

Frondizi aceita ser o interlocutor e Guevara, por sua vez, aceita o convite para conversar com o presidente argentino. Do Uruguai foi transferido para seu país natal, para a residência presidencial em Olivos, em estrito sigilo e de forma muito fugaz. Frondizi lembra: "Propus que Cuba não insistisse em querer exportar sua revolução para outras nações do hemisfério. No entanto, ele me deu sua opinião sobre a América Latina, afirmando que, mesmo sem influência ou interferência cubana, a revolução era inevitável, pois os caminhos da evolução pacífica estavam fechados. Guevara me disse que não era um teórico marxista, que tinha leituras fragmentárias do marxismo, mas que se resolvia na prática [...]. Guevara me impressionou como um temperamento idealista, determinado e apaixonado, mas profundamente equivocado em sua análise da situação latino-americana. Sua tese da violência correspondia a um estado primitivo do pensamento revolucionário e não correspondia à situação mundial atual".[567]

A informação não demorou a vazar para a Argentina. O encontro secreto do presidente Frondizi com um reconhecido agente do comunismo internacional despertou o legítimo alarme de grande parte da classe política e, naturalmente, das Forças Armadas, que encararam o encontro de forma muito negativa. Não apenas pela entidade do personagem entrevistado, mas também pelo caráter oculto da reunião.

Quando, assoberbado pela pressão, Frondizi teve que renunciar à presidência em março de 1962 (sendo substituído pelo Dr. José María Guido, então presidente do Senado), entre as reprovações e acusações que pesavam contra o desgraçado presidente, sem dúvida, houve o referido encontro "clandestino" com o iconográfico fuzilador.[568]

O porta-aviões do Caribe

Enquanto a simbiose Cuba/URSS fortalecia seus laços, Raúl Castro, ministro da Guerra de Cuba, começou a fazer viagens freqüentes aos países do Bloco do Leste e a Moscou. Isso lhe permitiu ganhar a confiança e a amizade de Nikita Kruschev, que em uma reunião confidencial em julho de 1962, animado, disse a Raúl em tom promissor: "Vou dar-lhes armas ofensivas".[569]

Tanto Raúl quanto Che eram promotores entusiásticos da idéia de transformar Cuba em uma filial do império soviético. O projeto da URSS de fornecer armas ofensivas a Cuba contra os Estados Unidos fascinava a dupla radicalizada. E por que Kruschev encorajava a transferência para Cuba de mísseis que ameaçavam Washington? Pelo fato de que a URSS não podia, nem remotamente, competir militarmente com os Estados Unidos. As diferenças tecnológicas eram tão abismais que os Estados Unidos tinham 25.000 armas nucleares em seus depósitos, e a URSS , 2.500 (dez vezes menos); os EUA tinham uma frota

de 1.500 bombardeiros de longo alcance, enquanto a URSS mal tinha 192, e, ainda por cima, os Estados Unidos tinham 45 mísseis intercontinentais, e a URSS , apenas 4.[570] Em suma, os Estados Unidos poderiam, de sua localização, bombardear a URSS . A URSS não tinha tecnologia para enviar foguetes de sua posição geográfica. Logo, precisava de um país vizinho para tal, e Cuba era a peça exclusiva e excludente capaz de compensar tal disparidade.

Kruschev ficou satisfeito com sua aventura armamentista nos trópicos e ordenou a transferência e instalação de projéteis (que seriam acompanhados por 53 mil militares russos que se estabeleceriam na ilha), na esperança de multiplicar a capacidade soviética de nivelar forças com seus inimigos. Agora, o que levou o hierarca soviético à imprudente decisão de instalar foguetes nucleares em Cuba? Nikita Kruschev havia notado o papel desbotado e vergonhoso de Kennedy durante os eventos em Playa Girón e chegou à conclusão de que o presidente dos EUA era exatamente como o jornalista James Reston o havia definido no The New York Times: "Um líder jovem e inexperiente, que poderia ser intimidado e extorquido".[571]

No final de agosto, os navios soviéticos que transportavam sua carga mortal começaram a zarpar de enseadas secretas do Mar Negro. Eram mísseis R -12 e R -14, com alcance de 1.500 milhas e quase o dobro, respectivamente. O que isso significava em termos de danos? Para colocar em perspectiva, basta lembrar que Hiroshima foi devastada com o equivalente a quatorze mil toneladas de TNT . E agora uma única ogiva nuclear de um míssil R -12 representava um milhão de toneladas de TNT .[572]

Em 26 de julho, em Havana, durante o ato do nono aniversário do assalto ao quartel Moncada, Fidel Castro, em extenso discurso, começou a justificar o que estava por vir: "Que perigo resta para nossa revolução? Uma invasão direta. Temos que nos preparar contra essa invasão direta, precisamos organizar as defesas necessárias para repelir uma invasão direta dos imperialistas".[573]

A verdade é que, em meados de setembro, começaram a chegar a Washington notícias sobre movimentos inexplicáveis em Cuba, mais especificamente na zona montanhosa da província de Pinar del Río: "Castro estava imerso em um êxtase militar digno de Napoleão. O mundo dos superpoderes estava a seus pés. Ele planejava os movimentos dos grandes países, não estes por si mesmos", observa sua biógrafa Anne Geyer.[574]

Enquanto isso, o grupo de assessores do presidente Kennedy mantinha debates acalorados, criando uma cisão na tomada de decisões. De um lado estavam os "falcões" (a ala dura e belicista), e do outro, os "pombos" (o setor moderado ou aberto ao diálogo). No decorrer das sucessivas reuniões, surgiram cinco planos principais, cada um com diversas variantes. O primeiro consistia na eliminação dos projéteis por meio de um rápido ataque aéreo; o segundo contemplava a invasão por mar e ar; o terceiro, o bloqueio militar; o quarto, a realização de esforços por via diplomática e política, preferencialmente por meio das Nações Unidas; o quinto consistia em não fazer absolutamente nada.[575] Na noite de

quinta-feira, 18 de outubro, finalmente foi tomada uma decisão a favor do estabelecimento de um bloqueio militar em Cuba, ou seja, cercar a ilha de navios e controlar o trânsito. Uma solução bem ao estilo Kennedy, isto é, insuficiente, incompleta: assim se poderia impedir a entrada de novas armas nucleares em Cuba, mas [...] e as que já estavam na ilha? Era sabido que 42 projéteis de médio alcance estavam sendo montados em posição de tiro, e os bombardeiros soviéticos IL -28 estavam sendo montados.[576]

Para realizar o bloqueio, foi nomeado o almirante George W. Anderson, chefe de Operações Navais, que indicou como linha de bloqueio um grande arco que se estendia por quase mil e trezentos quilômetros da costa de Cuba, localizado fora do alcance dos caças Mig e dos referidos bombardeiros estacionados na ilha. Ele ordenou o fechamento dos cinco canais navegáveis através dos quais os navios poderiam se aproximar de Cuba vindos do Atlântico e designou uma força tática de dezenove cruzadores e contratorpedeiros para essa missão.

No dia 22 de outubro, para espanto de compatriotas e estrangeiros, Kennedy decidiu fazer um poderoso discurso, em rede nacional, redigido por seu colaborador, Ted Sorensen: "Caros cidadãos, boa noite. O governo, como prometido, manteve um olhar atento sobre as atividades militares soviéticas na ilha de Cuba. Há evidências inequívocas de que uma série de bases de foguetes ofensivos estão sendo instaladas nessa ilha escravizada. O objetivo dessas bases não pode ser outro senão montar uma força de ataque nuclear contra o hemisfério ocidental"; e depois de anunciar a quarentena militar, Kennedy acrescentou: "Por fim, quero dirigir algumas palavras ao povo cativo de Cuba [...]. Falo como amigo [...]. Observei, e o povo americano observou, com profundo pesar, a forma como sua revolução nacionalista foi traída e que sua pátria caiu sob domínio estrangeiro. Agora, seus líderes não são mais líderes cubanos inspirados nos ideais de Cuba, mas marionetes e agentes de uma conspiração internacional que fez com que Cuba se voltasse contra seus amigos e vizinhos da América, tornando-se o primeiro país latino-americano que pode ser alvo de uma guerra nuclear".[577]

Mas o escândalo chegou a um paroxismo cinco dias depois, porque enquanto Washington fervilhava, ocorreu um episódio que radicalizou a situação de uma forma inimaginável. No sábado, 27 de outubro de 1962, o avião americano U 2, pilotado pelo major Rudolph Anderson, que havia tirado e trazido para seu país as fotos originais das instalações de mísseis, foi derrubado: assim estourou a Crise dos Mísseis e começaram na Casa os preparativos para o que provavelmente culminaria na Terceira Guerra Mundial. E quem disparou o projétil que derrubou o avião U 2? Os mitos e lendas que cercam esse episódio ganharam contornos hollywoodianos ao longo dos anos. Segundo Carlos Franqui, foi o próprio Fidel Castro quem atirou e derrubou o avião para levar o mundo à beira da destruição, pois sentia que a disputa havia se tornado hegemonizada entre Kennedy e Kruschev e que, então, sua figura havia sido marginalizada, quando, na verdade, era ele quem afirmava ter criado ou inspirado tal crise internacional.

Franqui sustenta que naquele sábado Castro foi a uma das bases russas de foguetes, onde os generais soviéticos o levaram para conhecer suas instalações. Naquele exato momento,

o avião americano U 2 apareceu na tela do radar. Fidel perguntou como os soviéticos se protegeriam em guerra se fosse um avião de ataque em vez de um avião de reconhecimento. Os russos mostraram-lhe os projéteis de terra e ar e disseram que bastava apertar um botão que o avião explodiria.

— Que botão? — perguntou Fidel.

— Este — respondeu um dos russos.

Fidel apertou o botão e o foguete derrubou o U 2 [...]. Os russos ficaram consternados. Fidel limitou-se a dizer: 'Bem, agora vamos ver se há guerra ou não'".[578]

O que é certo é que, com ou sem o dedo de Castro, o avião U 2 foi, de fato, derrubado. A notícia caiu como um balde de água fria nos Estados Unidos: o grupo de assessores presidenciais conhecido como Excom havia decidido que se algum U 2 fosse derrubado sobre Cuba, a resposta americana seria a destruição da base do SAM , responsável pelo ataque. Se um segundo U 2 fosse derrubado, todas as instalações SA m existentes em Cuba seriam destruídas.[579] No entanto, quando se tratava de tomar decisões importantes, Kennedy não era a pessoa indicada.

Então, como muitos previam, o presidente voltou atrás em relação ao que foi decidido pelo comitê executivo (Excom) e ordenou que não respondessem: "Kruschev parecia desfrutar do enfrentamento e aproveitava sua vantagem como podia, enquanto zombava do inexperiente jovem ocupante da Casa Branca", observa Jon Lee Anderson.[580]

A hesitação de Kennedy diante da ameaça comunista já estava se tornando inaceitável. Não só a gestão predecessora dos Estados Unidos financiou o castrismo na época da luta antibatista, mas uma vez que o grave erro foi cometido, já com Kennedy no comando, os cubanos que foram libertar seu país em Playa Girón foram abandonados, quando os EUA tinham, no mínimo, uma obrigação moral de apoiá-los para reparar o erro de terem apoiado financeiramente, politicamente e militarmente o castrismo, derrubando Batista. Não satisfeito com esse novo descaramento, Kennedy permitiu que a URSS instalasse mísseis direcionados a Washington em Cuba e até tolerou a derrubada de um avião de reconhecimento de sua Força Aérea. O que mais era necessário para reagir? Enquanto isso, aviões de reconhecimento americanos descobriram vinte e oito navios soviéticos navegando para Cuba. A posição e a velocidade de cada um deles foram marcadas em um grande mapa pendurado na parede do centro de comando do exército no Pentágono, e a Casa Branca ia sendo informada. Naqueles dias, havia seis submarinos russos no Atlântico, também localizados pela marinha. O Serviço de Informações Navais dos Estados Unidos sabia quando cada submarino soviético deixava um porto do Mar Báltico ou do Mar Negro e quando passava pelo Mediterrâneo a caminho do Atlântico. A marinha também sabia a posição aproximada de cada submersível soviético no Atlântico. As forças anti-submarinas americanas estavam em posição de rastreá-los e trazê-los à tona, se necessário, e como nenhum submarino soviético carregava mísseis nucleares, eles não representavam ameaça aos centros populacionais americanos.

Enquanto isso, o embaixador britânico fez uma recomendação para modificar o plano tático de bloqueio da Marinha dos Estados Unidos: que o arco se aproximasse muito mais de Cuba. Kennedy aceitou e ordenou a aproximação. Quanto a Nikita Kruschev, Mario Lazo observa, em seu formidável ensaio a respeito, que "a ostentação habitual desapareceu para dar lugar a sintomas inconfundíveis de medo". No entanto, Lazo acrescenta que o pânico de Kruschev certamente era infundado, porque o indulgente Kennedy "não queria colocar Kruschev entre a cruz e a espada e, portanto, não queria que nenhum russo fosse morto; tampouco queria humilhá-los. O objetivo do bloqueio era persuadir Kruschev a retirar os foguetes sem retaliação".[581]

Em outras palavras, o "manso" Kennedy não quis "ofender" o líder da principal potência inimiga, que acabara de transferir armas nucleares para Cuba com o intuito de eventualmente destruir a população civil dos Estados Unidos.

Em todo caso, o bloqueio permaneceu inabalável enquanto o medo crescia na URSS : na quinta-feira, 25 de outubro, doze dos vinte e cinco navios russos haviam dado meia-volta em direção a Cuba (os navios que retornaram provavelmente eram os que carregavam foguetes).

O saldo da quarentena depois de 27 dias de vigência foi o seguinte: 57 navios foram autorizados a entrar no perímetro do bloqueio. Destes, 19 eram navios mercantes soviéticos; 6, navios de outros países do bloco comunista; 23 estavam registrados em outros países, mas navegavam em nome de nações do bloco comunista; e 7 eram de países amigos dos Estados Unidos.

Tudo estava controlado e o recuo soviético era evidente, mas havia um enigma não resolvido: e os foguetes já instalados em Cuba? A questão é interessante, porque os soviéticos continuaram avançando nas instalações dos que já estavam na ilha (dados confirmados pela meticulosa vigilância aérea americana). A ala dura do grupo consultivo de Kennedy clamava por um ataque aéreo, já que os mísseis poderiam ser lançados em questão de horas e precisavam ser removidos com urgência antes que pudessem ser disparados contra solo americano ou que o Kremlin tivesse a possibilidade de extorsão com a ameaça de um ataque.

E enquanto a política de Kennedy continuava oscilando entre a inação e medidas simples de controle, Kruschev ofereceu ao presidente americano a remoção efetiva dos mísseis, mas dentro da estrutura de um "acordo bilateral". Em seguida, ele propôs desativar os foguetes na ilha em troca do compromisso de Kennedy de que os Estados Unidos, por sua vez, se desfizessem de sua base de foguetes na Turquia e que também assumissem a promessa de jamais invadir Cuba, algo que também não estava nos planos do temeroso presidente.

E o que fazia Fidel enquanto evoluía a solução do conflito? Bem, a alegria de Castro durou pouco: seu ego foi ferido quando ele percebeu que, uma vez precipitada a crise, apenas Washington e Moscou entraram no ringue, e sua pessoa quase nunca mais foi

mencionada ou consultada nas discussões. Fidel havia entrado no jogo com as pretensões de ator principal e nem chegou ao papel de ator coadjuvante: acabou sendo um espectador.

Enquanto isso, os dias passavam, e o governo Kennedy mostrava sinais inequívocos de ansiedade e indecisão. Isso baixou os decibéis de medo em Kruschev e seus seguidores. No entanto, em 27 de outubro, ocorreu um incidente que elevou a temperatura em Moscou e levou ao fim da crise, mas esse episódio foi acidental e pareceu assustar tanto a Casa Branca quanto o Kremlin: um U 2 americano, em um vôo regular de amostragem atmosférica do Alasca ao Pólo Norte, escolheu a estrela errada para se orientar em seu caminho de volta e sobrevôou a península de Chokut,[582] na URSS . Aviões soviéticos saíram para encontrá-lo, e os americanos decolaram do Alasca para escoltá-lo de volta. O avião perdido pedia instruções e não houve confronto, mas tudo indica que o presidente soviético pensou que o misterioso vôo poderia ser o último reconhecimento antes de um ataque nuclear: "Alguns de seus assessores, porém, pensaram que o incidente tinha sido benéfico, porque levou os soviéticos a acreditar que o presidente dos Estados Unidos deveria ser levado a sério", ironizou Georgie Anne Geyer.[583]

Resultado? Kruschev retirou as armas e Kennedy assinou "o compromisso". Fidel, entre atônito e irascível, observou como os mesmos soldados soviéticos que haviam trazido os projéteis para Cuba agora os desmontavam para devolvê-los. Além disso, o ditador cubano nunca havia sido notificado ou consultado sobre nada: ele soube dessa retirada por um comunicado da Associated Press no domingo, 28 de outubro de 1962.

O hierarca soviético justificou a retirada dos mísseis reconhecendo e alegando que a permanência dos mesmos em Cuba "significaria uma guerra termonuclear mundial".[584] Castro, por sua vez, declarou: "Não ignorávamos que seríamos exterminados em caso de guerra nuclear [...]. Inúmeros cubanos e soviéticos choraram ao saber da decisão surpreendente, inesperada e praticamente incondicional de retirar as armas".[585] Castro queria uma guerra mundial, então? Muito provavelmente, a raiva de Castro não se devia ao cancelamento da guerra iminente, mas à marginalização a que foi submetido durante as negociações. No entanto, Nikita Kruschev, no terceiro volume de suas memórias lançadas no outono de 1990, observou: "Castro queria um ataque avassalador contra os Estados Unidos!".[586]

Sobre o papel indecoroso de Kennedy durante a luta, Lazo disparou uma análise dura, sustentando que "o poder dos Estados Unidos era incomparavelmente superior ao da URSS e que os governantes de ambas as nações sabiam que esse era o caso. Os Estados Unidos [...] poderiam ter arrasado em duas ou três horas todas as instalações e centros populacionais na Rússia, enquanto a capacidade de ataque da URSS era insignificante. Embora Kennedy tivesse as cartas do triunfo em suas mãos, concedeu ao império comunista um refúgio privilegiado em Cuba através do compromisso de não-invasão [...]. Sob a bandeira de um liberalismo hipócrita, o governo dos Estados Unidos fez uma série de opções políticas que poderiam muito bem ser chamadas de decisões destinadas ao

desastre”.[587] No entanto, pela boa aparência, pelo dom da atuação, por não ser de direita e por ter morrido jovem após um assassinato não-solucionado, muitos hoje se lembram de John F. Kennedy como um “grande estadista”.

E como estava Guevara no contexto de tal conflito? Bem, deprimido e envolto em uma grande decepção, porque os cubanos, em particular, e a humanidade, em geral, não explodiram em mil pedaços. De acordo com o principal chefe de inteligência de Castro, Manuel Piñeyro (nome de guerra: Barbarroja), Che “ficou terrivelmente desapontado com a decisão soviética de retirar os mísseis de Cuba”.[588]

O que Piñeyro disse é aceito pelo próprio Guevara, que, horrorizado com o “pacifismo” de Kruschev, escreveu: “Trata-se do exemplo arrepiante de um povo (o de Cuba) que está disposto a imolar-se atomicamente para que suas cinzas sirvam de base para novas sociedades, e que, diante de um pacto velado de retirada de foguetes atômicos, não suspira de alívio, não agradece a trégua; vem à frente para apresentar sua própria voz, única, sua posição de luta, sua decisão de lutar, mesmo que sozinho”,[589] acrescentando: “Temos que trilhar o caminho da iluminação, mesmo que o preço sejam milhões de vítimas atômicas”.[590] É evidente que Guevara, diante da possibilidade de uma guerra atômica, mostrou seu fervor belicista e sua falta de preocupação com o destino do povo cubano e, segundo Sam Russell, que entrevistou Che após o conflito, como correspondente do jornal britânico socialista Daily Worker: “Guevara disse que, se tivesse controlado os mísseis, Cuba os teria disparado” e acrescenta: “Che era uma figura cordial, de quem gostei muito desde o início [...]. Evidentemente, um homem de grande inteligência, mas, com seus delírios sobre os mísseis, pareceu-me que estava biruta”.[591]

Em um esforço para acalmar as coisas, em 5 de novembro, Che teve uma reunião com o alto funcionário soviético Anastás Mikoyán,[592] e no tenso encontro, o irritado argentino foi duro: “Acho que a política soviética tem dois pontos fracos. Vocês não entenderam o significado do fator psicológico para as condições cubanas. Fidel Castro disse de forma original: ‘Os Estados Unidos queriam nos destruir fisicamente, mas a União Soviética, com a carta de Kruschev, nos destruiu juridicamente’”.

Não sem espanto, Mikoyán respondeu: “Mas pensamos que vocês ficariam felizes com nossa decisão! Fizemos todo o necessário para que Cuba não fosse destruída. Vemos sua disposição de morrer lindamente, mas não acreditamos no valor de uma morte bela”, acrescentando: “Sim, que morram os nossos inimigos. Nós devemos viver, viver como comunistas. Estamos convencidos da nossa vitória. Uma manobra não é o mesmo que uma derrota”. E, em tom altivo, concluiu: “Estudem Lênin. Morrer heroicamente não basta”.[593]

Naquele interregno em Havana, diante da frustração da guerra atômica após o anúncio da retirada dos foguetes, uma multidão controlada remotamente invadiu as ruas repetindo um canto desagradável para o primeiro-ministro soviético: “Nikita, maricas, o que se dá não se tira!”.[594] Mas acontece que o “maricas” russo acabara de salvar a vida dos

habitantes da ilha, impedindo a eclosão do conflito.

É evidente que o grande problema que afligia os cubanos era que, até então, eles acreditavam que, por causa da "solidariedade comunista", Cuba e URSS eram parceiras, quando na verdade os primeiros eram seus súditos. Ou seja, entre a URSS e Cuba não havia uma relação horizontal, mas vertical.

Por fim, buscando apaziguar a tensão gerada entre os dois países, Kruschev reuniu-se com Carlos Rafael Rodríguez, delegado de Castro e chefe do INRA : NK : — Bem, o choque já passou? CRR : — O choque ainda não passou completamente [...]. Nós todos desejamos que essa questão das discrepâncias originadas entre nós não se repita em diferentes medidas [...].

NK : — Também nos sentimos muito mal. Nunca declaramos que os foguetes servirão para transformar Cuba em uma praça de armas contra o imperialismo. Só os tolos afirmariam que colocamos os foguetes lá com o propósito de mantê-los. Acreditamos que obtivemos uma vitória para Cuba e para a União Soviética, que os objetivos que nos propusemos ao levar os foguetes para lá foram alcançados. Quando Fidel declarou que era contra a medida, nos perguntamos: "Que diabos nos levou a levar os foguetes para Cuba? Por que fizemos isso, arriscando tantas coisas?" E a resposta foi: "Fizemos pensando em Cuba, e agora nos respondem dessa maneira". Estamos convencidos de que se não tivéssemos colocado foguetes em Cuba, Cuba já estaria destruída. Kennedy teria realizado esse ataque antes das eleições. Claro que vocês estão orgulhosos, podem "morrer como heróis", estão dispostos a fazê-lo, mas isso não resolve os problemas. Devemos pensar sobre isso. As pessoas não querem morrer, as pessoas querem viver. Não podemos lhes dar um programa para morrer — repreendeu o líder russo em seu duro sermão, e depois de justificar as vantagens obtidas com o ocorrido, argumentou: "Agora há um compromisso de não atacar Cuba, agora há Cuba", concluindo a surra com uma frase tão paternal quanto humilhante: "Encontramos mais dificuldades com vocês do que com Kennedy".[595]

Che contra a Argentina

Guevara sempre sonhou em trazer a revolução para seu país natal. Essa pretensão data de 1963, ano em que os contingentes cubanos liderados por Che e apoiados pelo argentino Jorge Ricardo Masetti (que já havia trabalhado como jornalista no órgão castrense Prensa Latina, juntamente com o colombiano Gabriel García Márquez) foram preparados. O objetivo de Guevara era montar um acampamento guerrilheiro no norte da Argentina, no monte de Orán, localizado na província serrana de Salta, para consolidar o foco. Uma vez estabelecido, Che chegaria pessoalmente para liderar uma guerrilha contra o governo, na época liderado pelo presidente constitucional Arturo Humberto Illia.

Guevara planejava ir a Salta e, conseqüentemente, enviou uma expedição liderada por homens em quem ele mais confiava. Da mesma forma, Jorge Masetti, chefe da expedição,

tinha o pseudônimo de "Comandante Segundo". Quem era o primeiro? Obviamente, Che, que esperava que o grupo se consolidasse para aterrissar: "Vou logo. Você vai esperar lá, formar o grupo de pessoas, que devem ficar lá até eu chegar",[596] ordenou Guevara a Masetti segundo o testemunho de Alberto Castellanos, um dos membros da expedição. O guerrilheiro Ciro Bustos (que fez parte da expedição em Salta e também participou junto com Che da guerrilha na Bolívia) lembra que, quando estava em Cuba, no marco dos preparativos para Salta, Che apareceu e disse às tropas: "O objetivo estratégico é a tomada do poder político na Argentina, porque o plano não é a Bolívia, mas a Argentina. Quero entrar com uma ou duas colunas de cem ou duzentos argentinos, e seu trabalho é me enviar as pessoas, você concorda? — Sim.

Na primeira conversa, ele apresentou um esboço do que estava pensando: queria começar um foco na Argentina para iniciar um processo que desencadearia uma guerra revolucionária ali, o que era uma tarefa longa, difícil e improvável na qual nenhum de nós certamente chegaria vivo. Vocês estão dispostos? Sim, a partir deste momento, façam de conta que vocês estão mortos e que o que vocês viverem daqui para frente é emprestado".[597]

A verdade é que Masetti primeiro teve que pisar na Bolívia e de lá cruzar para a Argentina. Um especialista em assuntos relacionados com terrorismo e subversão, como o jornalista argentino Carlos Manuel Acuña, assinalou, em seus grandes volumes publicados para esse fim, que, uma vez entrincheirados, os guerrilheiros de Masetti em Salta, "ele mesmo, o Che em pessoa, viria a dirigir a nova fase das operações para então instalar na Argentina o foco principal que provocaria o grande incêndio e permitiria que chegasse a Buenos Aires em meio aos aplausos e fuzilamentos justiceiros".[598]

O grupo invasor adotaria o nome de Ejército Guerrillero del Pueblo (EGP) e, além do nomeado Masetti (Segundo Comandante), era formado pelo cubano Hermes Peña (Capitão Hermes), Federico Evaristo Méndez (Basilio), Ciro Roberto Bustos (Laureano) e um desconhecido (Fabian).[599] A seguir, agregariam diversas incorporações e contingentes de outras províncias argentinas já contatados pelo agente castrista John William Cooke, argentino que originalmente foi um renomado líder peronista. O principal objetivo do comando instalado nas proximidades do monte de Orán era criar as condições que acelerassem o recrutamento entre ceifeiros e camponeses, que chegavam regularmente a cerca de 25 mil pessoas, o que era considerado um terreno fértil para seduzir e convocar para a causa revolucionária.

O núcleo duro do grupo terrorista treinou em Cuba e, antes de viajar para a Argentina, realizou uma viagem para esclarecer suspeitas ou despistar eventuais inimigos, o que os levou a passar alguns dias, em maio de 1963, na Argélia, país onde obviamente tinham contatos locais com boa logística. Foi nessa breve estada que se deu uma altercação dentro da seita com um certo "Miguel", que fazia parte do contingente, mas que, por aparente indisciplina, foi considerado um elemento de risco para o plano revolucionário, de modo que Masetti e seus capangas decidiram matá-lo: um paredão de fuzilamento acabou com o

desobediente “Martín”,[600] e o grupo saiu de Argel para a Argentina (depois de passar pela Bolívia) com uma baixa antes de começar o combate.[601]

Assim que chegaram à Província de Salta e estabeleceram o incipiente acampamento, em 9 de julho (dois dias depois das eleições democráticas que consagraram o Dr. Arturo Illia presidente da Argentina), Masetti deu-se ao luxo de não verificar os resultados das urnas (como se fosse um sujeito conhecido ou levado em consideração por alguém) e emitiu uma proclamação ao presidente eleito nestes termos: “Subimos à serra, armados e organizados, e daqui não sairemos, senão para travar batalha. Somos os únicos homens livres nesta república oprimida e nunca deixaremos de sê-lo”, e como se o orador fosse uma autoridade com peso político e vontade republicana, disparou: “O senhor, Dr. Illia, ainda pode retificar e fazer um grande bem à nossa nação. Desista de ser um presidente fraudulento, denuncie a fraude e exija eleições verdadeiras”: após a divulgação da carta, nenhum camponês juntou-se à guerrilha e absolutamente ninguém no país comentou ou deu a mínima atenção ao discurso “intimidador”.[602]

À flagrante falta de realismo reinante no grupo guerrilheiro, somou-se um obstáculo intransponível que, para variar, Che não previu: o apoio total do campesinato argentino às forças da ordem e a desconfiança instintiva em relação às idéias comunistas. Tanto que a gendarmaria local já havia sido alertada por meio de denúncias de moradores, que notaram a presença de elementos estranhos e movimentos anormais. As pessoas da região até agiam voluntariamente como guias e rastreadores para os gendarmes.

Masetti não estava à altura da tarefa, não tinha personalidade para comandar, e as diferentes células guerrilheiras que apareceram viviam em tensão e problemas internos. Para ganhar autoridade (que sua personalidade, per se, não tinha), Masetti ordenou a execução de dois de seus subordinados mais problemáticos, acusados de indisciplina (eles foram executados porque teriam sido descobertos praticando onanismo).[603] Outra versão, esboçada por Jon Lee Anderson, não descarta que essas execuções tenham ocorrido, além do que foi dito, devido ao fato de que os executados eram judeus, já que o próprio Masetti exerceu militância anti-semita no passado.[604] Anos depois, o jornalista e biógrafo cubano Enrique Ros entrevistou o filho de Masetti (chamado Jorge, como seu pai) e sobre esse episódio perguntou-lhe: “Como é possível que seu pai tenha assassinado dois jovens que ele mesmo havia incorporado à guerrilha?”, e Masetti respondeu: “É porque meu pai estava imbuído da mentalidade de Guevara, de que os mais fracos deveriam ser eliminados”.[605]

Alguns aprendizes de guerrilheiros recém-chegados, horrorizados com as medidas drásticas, imediatamente conseguiram desertar. Apesar do infortúnio, no sábado, 18 de abril de 1964, ocorreu o primeiro confronto com as forças legais, no qual morreram vários guerrilheiros e o suboficial da gendarmaria Juan Adolfo Romero. As escaramuças não pararam e, enquanto os guevaristas improvisados caíam sucessivamente, pouco depois o EGP assassinou Pascual Bailón Vázquez, um civil, capataz da região, alheio ao conflito, mas a quem o cubano Hermes Peña acusou de ser um “informante”. Horas depois, o

comando terrorista também assassinou um menino de seis anos chamado Froilán Vázquez (suposto filho do capataz morto), que havia sido feito refém.[606]

O ataque final das forças legais não demorou a chegar: "Semanas depois, patrulhas destinadas a encontrar Masetti e seu assistente Atílio descobriram vários túmulos com os corpos de guerrilheiros caídos e dos dois executados por seus próprios companheiros [...]. Por muito tempo, o fim do Segundo Comandante e seu colaborador imediato permaneceu um mistério. Várias versões foram apresentadas, como a que sustentou por meses que no sopé da Sierra Morada havia sido encontrado um esqueleto descansando em uma rede paraguaia e que ele provavelmente pertencia ao malfadado jornalista. Na realidade, era de César, enquanto se presume que Masetti e Atilio teriam caído no fundo de um dos inúmeras barrancos ou teriam sido arrastados pela corrente de algum rio ao tentar, fracos e doentes, vadear cursos d'água em busca de uma saída", detalha Carlos Manuel Acuña.[607]

O balanço final dessa desventura nos mostra que, além das baixas guerrilheiras caídas em combate, o destino do restante do contingente não foi feliz: quatorze foram processados e condenados, cinco fugiram, três desertaram e dois desapareceram.[608] A tentativa de golpe de Che contra um governo democrático em seu país natal tornou-se outro de seus contundentes fiascos.

O citado filho do jornalista e guerrilheiro desgraçado, Jorge Masetti (assim como o pai), nascido em Cuba, atuou como membro de organizações subversivas na Argentina e na Nicarágua e também como agente de Castro no México entre 1980 e 1983. Em 1998, ele concedeu uma entrevista histórica, da qual extraímos alguns fragmentos imperdíveis: J : Dada a estreita ligação de seu pai com Che Guevara, tanto profissional quanto íntima, há uma pergunta que deve ser feita. Você conheceu o Che na infância? Que impressão você tem dele? MASETTI: Bem, quando ele morreu, eu ainda era muito pequeno, ou seja, não tinha uma opinião formada sobre ele. Claro, a imagem dele me veio depois, na adolescência, de uma forma muito forte, porque a guerrilha argentina, na qual meu pai morreu, é a primeira que o Che liderou por controle remoto [...] de Cuba. Essa foi a primeira guerrilha que o Che implantou na América Latina. Mas, com toda a franqueza, talvez pelo meu espírito sempre anárquico, nunca idealizei os homens, sempre fugi de santos seculares [...]. Tive sempre uma clara rejeição à idealização dos homens. Portanto, Che não me seduzia como personalidade [...].

J : Poucas pessoas duvidam que um fator fundamental do poder é o culto à personalidade de Fidel Castro. Como essa circunstância se relaciona com seu desdém pelas personalidades? MASETTI: Com toda a franqueza, eu me divertia muito com isso em Cuba, parecia bastante ridículo para mim. Lembro que uma vez, ouvindo-o falar, pensei: Bom, esse cara na Argentina não chegaria nem a líder estudantil, com tanta besteira que fala...

J : Você não acha que ele fala bem? M : Acho que fala bem a um setor muito particular da população cubana. Ou pelo menos era assim, porque o discurso me parece tão vazio que

não prende a atenção. Mas, em todo caso, o discurso de Fidel Castro no meio intelectual ou estudantil é totalmente pobre [...]. De uma coisa eu tinha certeza: o modelo político para a América Latina não era o cubano. Cheguei a essa conclusão em 1986, quando fui a Cuba para me recuperar de um acidente e reencontrei antigos amigos. O que encontrei foi um monte de pessoas frustradas, castradas pelo sistema [...]. Precisamente, meu ódio por Fidel Castro deve-se, em essência, ao fato de considerá-lo um vigarista, um ladrão de ilusões".[609]

Capítulo XII: O ministro Guevara

Industrialismo mágico

Castro confiava em poucas pessoas e também não tinha muitos quadros apresentáveis ao seu redor. E embora Guevara tivesse sido um lamentável presidente do Banco Nacional, Fidel o destituiu de lá, mas criou para ele um ministério, o da indústria, nomeando-o Ministro da Indústria em 23 de fevereiro de 1961.

O novíssimo ministro Dr. Ernesto Guevara de la Serna instalou-se no edifício A da Plaza de la Revolución, em um gabinete que, segundo o jornalista Luis Pavón, "tinha ares de acampamento".[610] Foi a partir dessa insuspeitada hierarquia ministerial que Che, com seu habitual voluntarismo, previu ao jornal Revolución, em fevereiro de 1961, o seguinte: "O próximo qüinqüênio será o da industrialização de Cuba [...]. Queremos estabelecer, paralelamente, uma indústria leve e uma indústria pesada. A primeira será fruto do nosso esforço; a segunda, nós a criaremos graças aos créditos e ajudas dos países socialistas [...], minas, ferro e aço, petróleo e altos-fornos [...]. A industrialização é um dos grandes objetivos do governo revolucionário".[611]

Guevara tinha à sua disposição a gestão de um aparato burocrático de dimensões fabulosas, dada a composição socialista centralizada da economia: toda a indústria açucareira, as companhias telefônicas e elétricas, a indústria de mineração, a indústria leve; mais de 150 mil pessoas e 287 empresas no total, fábricas de chocolate e bebidas alcoólicas, gráficas e construtoras estavam sob seu controle.[612]

Qual foi a equipe de "profissionais" indicada pelo Che para administrar tal estrutura? Devido à sua constituição mental, Guevara achava incômodo comandar um ministério com subordinados ou auxiliares que soubessem mais do que ele, costume de fato perigoso, pois o próprio ministro não conhecia nada do assunto que lhe fora atribuído. A essa relutância irresponsável, devemos acrescentar o inconveniente do grande êxodo de pessoas formadas que emigraram para o exterior diante do avanço totalitário do sistema:

em fevereiro de 1961, mais de 60% dos engenheiros da indústria de petróleo haviam partido. O mesmo acontecia na indústria açucareira, e em relação aos engenheiros químicos e mecânicos, 75% do total já havia fugido de Cuba. Quanto à medicina, dos seis mil médicos que existiam em 1959, dois anos depois restavam apenas três mil.[613]

Assim, a primeira medida de Guevara foi nomear duzentos jovens inexperientes, com idade entre quinze e vinte anos, para chefiar cada indústria estatal. O colaborador mais confiante durante os quase cinco anos em que o improvisado argentino capitaneou o ministério, Enrique Oltuski, lembra: "Não queiram imaginar, quando cheguei ao Departamento de Industrialização, o caos que encontrei: um grupo de jovens inexperientes que administravam desde um engenho de açúcar até uma fábrica de calçados".[614] John Lee Anderson observa que a maioria era "semi-analfabeta ou com alguns rudimentos de educação; muitos mal haviam saído da adolescência. Portanto, era inevitável que suas primeiras armas como gerentes de fábrica causassem caos e desastre".[615]

Essa prática, de cercar-se de ignorantes e indivíduos desqualificados, já havia sido adotada por Che no comando do Banco Nacional, mas a baixa qualidade de seu quadro ministerial seria compensada, como Che sempre acreditava, pela vontade que supunha que seus homens teriam, à qual se somaria a ajuda material oferecida pelos soviéticos, que, em dezembro de 1960, anunciaram a instalação em Cuba de mais de cem fábricas, as quais prometiam aumentar a produção de aço de quarenta mil para duzentas mil toneladas por ano, além de investir na busca de jazidas de petróleo e ferro.[616] Desde então, e além de algumas oscilações com a URSS , a "libertação" de Cuba após a revolução de 1959 nada mais fez do que transformá-la em um país submetido política, cultural, militar e economicamente ao imperialismo russo.

Embora a prioridade máxima do ministro Guevara fosse fabricar o "Homem Novo socialista", ele alertou que precisava resolver outras questões não tão ambiciosas primeiro: "É bom dizê-lo com franqueza: houve escassez e nos próximos meses haverá outras", confessou aos trabalhadores açucareiros a 23 de março de 1961, uma previsão desesperante, que ele tentou minimizar com a seguinte abstração coletivista: "Tudo o que existe repartiremos entre todos nós", consolo pouco convincente, de inequívoca inspiração socialista, ao proclamar distribuir uma riqueza que não existe.[617]

De fato, Che começou a preocupar-se com os parcos resultados que a incipiente gestão revolucionária produzia, e, nos dias 26 e 27 de agosto de 1961, no grande Teatro Chaplin de Havana, três mil e quinhentos funcionários reuniram-se para analisar o estado da produção, cuja ineficiência era inerente ao sistema ideológico implantado. Foi aí que Che lamentou: "Quanto à qualidade do que se fabrica em Cuba, tudo deixa muito a desejar. A pasta de dentes endurece tão rápido que deve ser usada imediatamente; a Coca-Cola assemelha-se a um xarope para tosse, e, quando há com que enchê-las, não há garrafas de cerveja e refrigerantes, que também têm um sabor muito estranho",[618] enquanto "o fósforo é um dos maiores fiascos do Ministério da Indústria: não há quem não se lembre

do Ministério da Indústria várias vezes ao dia quando risca um fósforo", acrescentando: "Há empresas que relacionam a qualidade com a contra-revolução e que consideram a qualidade um vício capitalista, afirmando que, nesta era socialista, não devemos nos preocupar com a qualidade", esclarecendo, então, que "a beleza não se opõe à revolução. Fazer um artefato comum feio quando se pode fazer um bonito é um erro". Por fim, disparou contra o favoritismo: "Não é bom que haja sabão em Havana se não houver sabão no campo; se não houver sabão no campo, não deve haver em Havana".[619]

Execuções em massa, subsídios soviéticos, armas nucleares e tal propaganda transnacional para uma revolução que era incapaz de fornecer sabão ou produzir fósforos? Sobre este último produto (os malditos fósforos), seu colaborador Ángel Arcos Bergnes lembra: "Che disse com sarcasmo: 'Bem, acho que a solução é riscá-los na direção oposta, ou seja, para fora'. 'Olha, comandante, assim eles soltam faíscas da mesma forma'. 'Sim, camarada, porém assim você não se queima, mas o sujeito que está na sua frente".[620]

As preocupações de Guevara não eram em vão. Não havia área industrial que não tivesse sido afetada negativamente pelo sistema socialista: entre 1961 e 1963, a área de plantio diminuiu 14%, a moagem, 42%, e o rendimento por hectare, 33%. Em 1961, devido à inércia e ao corte prematuro, a safra atingiu o recorde de 6,8 milhões de toneladas; em 1962, caiu para 4,8 milhões e, em 1963, para 3,8 milhões. Entre 1961 e 1962, segundo estimativas de agrônomos favoráveis ao regime, metade da produção de frutas e verduras não foi aproveitada. Em março de 1962, Fidel Castro foi forçado a decretar o racionamento de uma ampla variedade de produtos de primeira necessidade: arroz, feijão, ovos, leite, peixe, frango, carne bovina, óleo, pasta de dente e detergentes.[621]

Che demorou a compreender que o voluntarismo e o entusiasmo fabril não eram as melhores receitas para industrializar um país: "Pegamos o Anuário do Comércio Exterior e dissemos, aqui se importam pás, vamos construir uma fábrica de pás. Importam-se facões, vamos construir uma fábrica de facões. Importam-se escovas, vamos construir uma fábrica de escovas (e bicicletas, fios de cobre etc.). Não percebemos uma coisa básica: para um país se desenvolver, por pouco que seja, ele tem que ter sua própria base de matérias-primas", explicou o ministro com espanto tardio, acrescentando: "Fizemos uma política de substituição de importações [...]. E a política de longo prazo foi mais desajeitada [...]. Fizemos cálculos felizes de que as fábricas seriam construídas nos tempos programados".[622]

Seu colaborador próximo, Jorge Sanguinetty, recorda: "A tecnologia vendida pelos burocratas tchecos na fábrica de utensílios domésticos (INPUD) era obsoleta", apontando que "a fábrica de lápis tinha sido comprada sob a hipótese" de que "a madeira viria das muitas árvores que havia nos campos de Cuba, até que se soube que ditas árvores [...] não serviam para fazer lápis".[623]

Por outro lado, o maquinário obtido do imperialismo soviético não estava preparado para operar em ambiente tropical e salgado, nem existia em Cuba a infra-estrutura para

fazê-lo funcionar, razão pela qual permaneceu abandonado em armazéns ao ar livre: "Há mais de um ano passei por Nuevitas, havia algumas máquinas a céu aberto a um quilômetro do mar, estragando. Um carregamento enorme. Trocou-se o administrador. Ele não as havia instalado porque não tinha guindaste", reclamou Che. "Com alguns rolos dava para pegar. Os egípcios fizeram as pirâmides com esse sistema, pedras enormes que eles moveram sabe-se lá quantos quilômetros. E acontece que agora Cuba, construindo o socialismo, não é capaz de mover uma pedra que não pesa nem uma tonelada" (reunião diretiva no Ministério da Indústria, 28 de setembro de 1962).[624]

Mas, além disso, não havia técnicos que soubessem operar o maquinário, e o pessoal enviado da Tchecoslováquia não sabia se comunicar com os cubanos, nem se esforçava muito para isso: "Foi um absurdo apressar tanto a industrialização", reconheceu Che ao escritor uruguaio Eduardo Galeano. "Não vimos as enormes complicações que traz a importação de produtos intermediários", resmungou.[625] Precisamente, às vezes, Che parecia ter intervalos de sinceridade ao se ver vencido pelos fatos. Abatido com o fracasso, em março de 1962, fez sua primeira autocrítica na televisão, reconhecendo ter traçado "um plano absurdo, desconectado da realidade, com objetivos disparatados e recursos fantasiosos".[626] Em outubro, voltou a confessar seu total distanciamento da realidade, acrescentando: "Não sei como vive o povo de Cuba, só conheço cifras, números ou esquemas. Nunca procurei saber sobre o indivíduo e seus problemas [...]. Eu via as pessoas como soldados em uma guerra amarga que precisava ser vencida".[627]

E diante desse tipo de autocrítica fugaz, como ensaio provisório, de tempos em tempos, Guevara entregava-se a práticas solidárias, como a medida que ordenava que cada vez que o trabalhador cubano produzisse um peso de mercadoria, ele receberia em média dois pesos como salário.[628] Sem dúvida, um pagamento muito gentil, mas totalmente antieconômico: os cubanos acabaram tendo que enfrentar longas filas muito cedo para conseguir obter um punhado de mercadorias como resultado da escassez.[629]

Mas, para além da improvisação permanente e do amadorismo administrativo que prevaleceu após a revolução, já havia algo no sistema soviético que colocava Guevara em estado de alerta, pois a falta de produtos básicos e essenciais (para não falar dos outros) não era apenas um drama cubano, mas também dos países patrocinadores e tutores que operavam com sede em Moscou, os quais sofriam uma fome generalizada após a queda retumbante da produção agrícola: "Não dá para entender que depois de quarenta e cinco anos da revolução, esses erros continuem acontecendo. Algo está muito errado",[630] disse Che sobre a URSS , cuja admiração diminuía a cada dia: "Por que a mesma fábrica de fermento, para produzir a mesma quantidade, emprega vinte e sete trabalhadores na França e duzentos na Polônia? [...]. Lembro que quando o camarada Abello, me parece, me disse que a engarrafadora alemã era um lixo, tomei isso como uma manifestação de anticomunismo, mas a triste realidade é que a fábrica alemã era muito ruim [...]. A fábrica norte-americana [...] era melhor, mais avançada, mais técnica, com maior produtividade [...]. Então compramos essa outra fabricazinha e realmente foi um mau investimento",[631]

exclamou publicamente. E Raúl Maldonado (na época vice-ministro de Comércio Exterior) lembra que, em Guevara, "começou a se notar um certo desespero pela qualidade dos produtos e maquinários que recebíamos do Leste Europeu, como um reflexo do que poderia acontecer em Cuba".[632] Mas foi em 1962, na Tchecoslováquia, que Che admitiu: "Cuba, em questões técnicas, estava muito melhor no passado", acrescentando, com certo constrangimento, para ele e (sobretudo) para os anfitriões, que "a técnica oferecida pelos países socialistas fica atrás da média mundial".[633]

Mas a lucidez tardia não perdoa. A ilha estava completamente carente de suprimentos e os "avanços tecnológicos" da Revolução Cubana subsidiada eram incapazes de produzir um simples apontador de lápis: "Em Cuba, faltavam até arroz e café. Quanto a este último, ocorreu a Fidel que essas sementes eram mais produtivas nas planícies e não nas montanhas, e o habanero ficou sem seu café habitual. O comandante não sabia que a valiosa commodity, para desenvolver-se, precisava do microclima que só prevalece nas alturas",[634] hilária anedota destacada por Juan Bautista Yofre em seu livro documentado Fue Cuba.

Mas a história não acaba aí. A queda da safra continuou, e os dados de 1963 tornaram-se os mais baixos dos últimos trinta anos.[635] Longe do que se esperava do "Homem Novo", na administração de Che, a produtividade por trabalhador industrial (como conseqüência dos desincentivos e da falta de concorrência) caiu 23% em apenas um ano.[636] . Em outras áreas, como a dos calçados, Carlos Franqui recorda que o plano traçado deu resultados tão calamitosos que foi "necessário enviar os sapatos usados para a capital provincial para trocar as solas, e eles demoram um mês para voltar, se não se perderem no caminho".[637] As filas para os itens mais básicos começavam a se formar do lado de fora dos supermercados às 4h00, horas antes de abrir, e os estoques geralmente acabavam bem antes do horário de fechamento, às 18h00.[638] E nem mesmo a hierarquia burocrática escapou da fome brutal, como recorda o economista argentino Néstor Lavergne (que colaborou com Guevara como funcionário): "A catástrofe [...] era quando o Che nos convidava para um almoço de trabalho no ministério, pois o cardápio era extremamente austero. Invariavelmente, arroz e macarrão. Sem tempero [...]. Certa vez, ele chegou com uma garrafa de vinho francês, mas bebeu sozinho. 'Sinto muito', disse, zombeteiramente, 'acabei de roubá-la de alguém que a recebeu de presente. Vocês teriam feito o mesmo' [...]. Não era muito democrático".[639]

Outro drama da economia cubana (em linha com a economia socialista global) é que não havia dimensão de quais deveriam ser os preços dos produtos de mercado. Como nos sistemas de planejamento centralizado, os preços não são regidos pela oferta e procura, mas pelos desígnios arbitrários da burocracia, reinavam na época o caos e o absurdo: "Quando o mundo inteiro se tornar comunista, devemos manter Andorra como capitalista para saber o valor real das mercadorias", disse Guevara a seu confidente Enrique Oltuski, meio sério, meio brincando.[640]

O que Guevara descobriu depois é que, na Cuba de Batista, mesmo com seus muitos defeitos, a vida era infinitamente melhor do que nos países socialistas. O teólogo comunista Ernesto Cardenal[641] conta: "Quando o Che disse na Rússia que Cuba carecia de certas matérias-primas para fabricar desodorantes, os russos disseram-lhe: 'Desodorantes? Vocês estão acostumados a muitos confortos'". Uma realidade que Che teve que reconhecer na televisão em 6 de janeiro de 1961, depois de falar em Cuba sobre o alcance comercial de sua viagem à Rússia: "Claro, para um cubano, vivendo no século XX, com todas as comodidades que o imperialismo (referindo-se aos EUA) habituou-nos a cercar-nos nas cidades [...] tivemos que levantar alguns problemas que nos deixaram um tanto envergonhados".[642] Como fica a questão? O "imperialismo" estadunidense explorava o povo cubano ou oferecia-lhe "todas as comodidades"? Já em 9 de maio de 1964, um Guevara esgotado e oprimido, em uma reunião com seus funcionários, mais uma vez reconheceu que os produtos produzidos em Cuba eram precários. Pierre Kalfon conta que, no encontro, Che "apresentou um número que merecia ser filmado. Para a contemplação da concorrência, ele expõe uma série de coisas que não passavam de lixo: zíperes chamados Camilo que não funcionam (cada vez que travam, o usuário xinga o tal Camilo), um triciclo que não anda direito, um par de sapatos cujo salto preso com dois pregos solta assim que a pessoa anda, um xampu que não faz espuma, tampas que não tampam, blushes (de maquiagem) vermelhos demais, bonecas que parecem bruxas [...]. Tudo isso insulta a revolução. Em suma, é inadmissível".[643] Mas o que era francamente inadmissível era que Guevara continuasse à frente do Ministério da Produção após cinco anos de fracassos consecutivos e vergonhosos.

E a gravidade do caso é que no quadro de um sistema tão piramidal e hegemônico como o que havia sido imposto, Guevara não poderia sequer ser desculpado por sua frustração, alegando que "não tinha espaço suficiente para ação" ou que ele foi incapaz de agir por "camarilhas internas" (como gestões malsucedidas muitas vezes são justificadas). O próprio Che reconheceu as vantagens de poder administrar um ministério em um sistema totalitário: "Somos um país pequeno, centralizado, com boas comunicações, com uma única língua, com uma unidade ideológica cada vez mais acentuada, com uma unidade de liderança, com absoluto respeito pelo líder máximo da revolução, onde não há discussões, com uma unidade de direção onde ninguém contesta o mínimo que seja sobre o poder".[644]

Na última fase do governo de Guevara, a economia já não se sustentava. Não havia área de produção que não tivesse sido reduzida à sua expressão mínima. A incapacidade ministerial de Che era tão notável que ele não teve outra escolha senão admitir o seguinte: "Durante o ano passado, a produção da indústria açucareira foi muito baixa. A safra de 1962 foi mais fraca do que a de 1961, e a de 1963 será ainda mais fraca [...]. Certas deficiências foram resultado da nossa má administração [...]. A produção por trabalhador, que era de US$ 11.200 em 1962, caiu em 1963 para US$ 9.500–9.600; uma queda, portanto, de 23%".[645]

Em 1965, o desastre já era tão visível que até seu biógrafo e devoto alemão Frank Niess escreveu: "O fato de que os economistas amadores que colaboravam com Che Guevara

agiam de acordo com o princípio de 'tentativa e erro' piorou bastante as coisas... Rapidamente, esgotaram-se as reservas. As greves tornaram-se um fenômeno de subemprego crônico. Os planos não renderam o resultado desejado [...]. Em contraste com as soluções revolucionárias que previam um impulso econômico imediato, a produção na 'ilha vermelha' ficou para trás em relação à era Batista'".[646]

Quando Guevara terminou sua administração ministerial em Cuba, não havia mais manteiga disponível, e até frango ou peixe era difícil de encontrar. Exceto para crianças e idosos, o leite só podia ser comprado com receita. O café ficou restrito a 50 gramas por semana, e o arroz, sempre abundante na dieta cubana, a 1.200 gramas (doze xícaras) por mês. A carne era distribuída com extrema parcimônia: 100 gramas por semana (o equivalente a um daqueles hambúrgueres que qualquer cubano exilado em Miami comia diariamente). A porção semanal de feijão era de 200 gramas, e cada pessoa recebia meio quilo de batata por semana.

Por fim, deve-se notar que a única luta que Guevara conseguiu vencer como Ministro da Indústria foi contra a injuriada "sociedade de consumo": após sua gestão, o consumo foi reduzido à pobreza mais desesperadora. E no que diz respeito a seu outro grande desejo, o de forjar a construção do Homem Novo, embora esta meta não tenha sido alcançada nos termos planejados, devemos reconhecer que, naquele período, ele foi capaz de criar um novo arquétipo humano: o homem desnutrido.

Voluntariado

O que fazer diante de tal calamidade? Uma medida sensata teria sido retificar o curso a tempo, mas tal decisão seria impensável na personalidade de quem era por natureza um presunçoso intransigente. É por isso que Guevara atribuiu a penosa situação não à ineficiência inerente ao sistema socialista ou a seu despreparo pessoal para dirigir um ministério dessa magnitude, mas aos cubanos, acusando-os de falta de vontade e propensão à preguiça.

E para combater tais fragilidades humanas (que evidentemente não cabiam na concepção do "Homem Novo"), Che incorreu em um regime disciplinar severo, com conotações escravizadoras, transformando seus inexperientes funcionários ministeriais em apêndices regulados do rígido mecanismo a que serviam.

O ministro sustentava, então, que deveria ser feita uma reconversão psicológica do ser humano. E em arengas frenéticas, exortava seus subordinados a "serem bons comunistas", exortando-os a "fazer horas extras, dar o exemplo, passar o tempo livre estudando, fazer trabalho voluntário no domingo, esquecer toda vaidade, pensar apenas no trabalho, participar de todos os movimentos de massa etc.".[647] Em suma, anular a si mesmo e todos os projetos de vida individuais para tornar-se uma peça anônima da logística impessoal do Estado: "Não somos homens, mas máquinas de trabalho",[648] observou Guevara em uma carta natalina que enviou aos pais.

Essa falta de "estímulo revolucionário" que prevalecia nos trabalhadores seria, segundo o raciocínio equivocado de Che, a causa do fracasso: "Relacionado ao problema do entusiasmo, da falta de entusiasmo, da necessidade de reavivar o entusiasmo revolucionário, há o campo da emulação. Abandonamos totalmente a emulação. Ela adormeceu completamente. Devemos acordá-la abruptamente. A emulação tem que ser a base que move constantemente as massas e deve haver pessoas pensando constantemente na maneira de reanimá-la". E lamentou: "Cuba é o primeiro país socialista da América, a vanguarda da América, e não há malanga, não há mandioca e não há nada; e aqui (em Havana), o racionamento ainda é regular. Vá para Santiago: a porção de carne é de cem gramas por semana; falta tudo; só tem banana, e quase não tem manteiga; tudo em Havana é o dobro. Todas essas coisas são difíceis de explicar e temos que explicar através de uma política de sacrifício.[649]

Em suma, para Guevara a explicação reduzia-se à existência de "problemas morais" e à "falta de preocupações revolucionárias", apatia que prevalecia nos círculos operários e camponeses, onde havia maior resistência às idéias comunistas. Mais tarde, a Confederação dos Trabalhadores Cubanos (CTC) sofreu intervenção de comissários políticos, e o descontentamento agravou-se em grande escala, quando, depois das estatizações, houve um colapso dos salários: as empresas norte-americanas pagavam com muito mais generosidade seus trabalhadores, que depois vieram a expressar seu desgosto em marchas de insubmissão (reprimidas duramente), nas quais entoavam: "Cuba sim, Rússia não!".[650] O secretário-geral da referida confederação trabalhista, o líder socialista David Salvador, foi responsabilizado por tal irreverência e foi condenado a doze anos de prisão.[651]

Mais uma vez, a realidade mostrava que o chamado "Homem Novo" não passava de mais uma das muitas ilusões de Che, fundada na superstição de que o socialismo construiria cidadãos de aço, imperturbáveis, desprovidos de toda paixão, sem fraquezas, incorruptíveis e que trabalhariam o dia inteiro com alegria, sem precisar ou merecer descanso ou qualquer recompensa. Em reiterado apoio a essa miragem, Guevara ensaiou a seguinte digressão: "A revolução é sacrifício, luta, confiança no futuro [...]. Por isso, é preciso condenar a lucratividade, o ganho individual, para alcançar uma consciência socialista [...]. É preciso mudar a mentalidade para obter um Homem Novo".[652]

Mas, novamente, além de suas fantasias altruístas e despreocupadas, na realidade cotidiana as contas do ministro Guevara não fechavam. Então, desesperado, incorreu em uma nova invenção, uma espécie de amuleto da "bondade comunista", que consistia em obrigar os pobres cubanos a trabalhar (sem remuneração), de forma forçada e exaustiva, nos fins de semana, em tarefas alternativas ao trabalho habitual. Ou seja, quem, através da revolução socialista, deveria ser poupado da "mais-valia", acabava sendo mandado trabalhar compulsivamente, de segunda a segunda, sem sequer receber por isso. Por mais insólito que possa parecer, esses dias foram batizados com o nome de "trabalho voluntário", embora, mais tarde, em linguagem popular, os cubanos falassem de trabalho "voluntório", um neologismo zombeteiro para descrever o caráter obrigatório daquelas

fatídicas horas não-remuneradas.

Para Guevara e seu mundo quimérico, o "trabalho voluntário" era uma atividade festiva, realizada com júbilo e camaradagem socialista ao som de canções revolucionárias. Mas como os honorários desse trabalho eram nulos e ninguém vinha para a colheita alegre ou motivado para suar em um domingo sob o sol impiedoso da América Central, Che apelava, então, aos "estímulos morais", outro de seus fetiches discursivos mais característicos. Do que se tratavam esses "estímulos"? Eram diplomas, bandeirinhas, aplausos ou elogios apresentados em assembléias aos trabalhadores mais esforçados. Sebreli adverte que esses elogios "não passavam de um disfarce para não pagar o trabalho aos domingos e feriados ou aumentar indiscriminadamente a jornada de trabalho; em suma, um renascimento do stakhanovismo russo dos tempos mais difíceis de Stálin. Além disso, o trabalho voluntário, como já havia sido verificado na União Soviética e na China, era ineficiente e afastava técnicos e profissionais que poderiam ser úteis em outros tipos de tarefa. A contrariedade causada pelo trabalho gratuito e o ritmo exaustivo exigido conduziram inevitavelmente ao descontentamento. Che não encontrou resposta exceto na repressão e no terrorismo de Estado".[653]

Em suma, o novo capricho de Guevara seria muito nobre, não fora o fato de que se alguém, depois de ter trabalhado a semana inteira em seu emprego (por um salário miserável), não tivesse "vontade" de ir aos sábados e domingos descascar cana de graça ou se submeter a qualquer atividade exaustiva no sufocante clima cubano, estava sujeito a sanções que iam desde ostracismo até a denúncia de "contra-revolucionário". E para este último "delito", cogitava-se a possibilidade de prisão ou "reabilitação" em um campo de concentração. E, a rigor, era mais aconselhável ter "vontade" de ir, para não pôr em risco a liberdade de circulação dentro da ilha, uma das únicas liberdades ainda vigentes.

A exploração do homem pelo Estado

Em 1960, outro presente do amável regime foi impor aos trabalhadores 4% de seus salários, sob a mira de uma arma, para financiar um "programa de industrialização", e, diante da raiva contida dos trabalhadores, Che saiu para disfarçar a questão respondendo que, "diante da acusação de que o governo pretende obrigar todos os trabalhadores a viverem em regime de escravidão", na verdade, isso não existe, pois "são os trabalhadores livres, reunidos em congresso sindical, que resolvem, por unanimidade, descontar 4% de seus salários para contribuir com a industrialização do país",[654] argumentou com insuperável audácia. Para piorar, arbitrariamente, o regime também arrebatou o direito de greve dos trabalhadores, direito que existia na época de Batista: "Os trabalhadores cubanos devem se acostumar gradualmente com um regime coletivista. De modo algum os trabalhadores têm direito a greve", determinou Che em outubro de 1961.[655]

Escusado será dizer que todas essas modificações em nome da "libertação proletária" oferecidas pelo castro-guevarismo fizeram imediatamente com que os benefícios que os trabalhadores cubanos tinham em governos anteriores (incluindo Batista) fossem

anulados: os 30 dias anuais de férias remuneradas, os 9 dias anuais de licença médica, os 26 dias anuais de salário extra, o subsídio de Natal, os 26 dias anuais de suplemento de fim de semana no verão e os 4 dias por ano de feriados nacionais. No total, esse declínio significou uma queda de 45% na receita anual dos trabalhadores.

Posteriormente, o monotemático congresso comunista cedeu (em novembro de 1961) duas horas extras de trabalho por dia, sem nenhum pagamento.[656] E nesse contexto revolucionário em que ironicamente se pretendia "libertar o trabalhador da exploração", Che exortou os cubanos a "trabalhar todos os dias do ano",[657] desejo que o Estado socialista foi impondo aos poucos e à força. Tanto que Guevara chegou a propor a substituição das férias pelo seu insistente "trabalho voluntário" em jornadas longas e contínuas, neste caso para mesclar e fomentar a camaradagem socialista entre o pessoal hierárquico e subalterno: "A idéia é, por isso, que todos os que ocupam cargos de direção, ministros, subsecretários, diretores, trabalhem um mês de férias em alguma atividade braçal", pois, com esse novo sistema, "criam-se novas relações com os trabalhadores".[658]

Porém, como os benefícios do comunismo são inclusivos e ninguém deveria ficar de fora, a revolução não pensou apenas em inventar o "Homem Novo", mas também, para não afetar as questões de gênero, outra de suas mais nobres façanhas foi "libertar" a mulher da exploração capitalista: 196 mil mulheres foram convocadas a trabalhos pesados ao ar livre, incorporando agora o uso do facão sob o sol escaldante e as chuvas repentinas e torrenciais que transformavam os canaviais em insalubres lamaçais.[659] Diante do exposto, vale destacar o avanço igualitário, que revela que, de 1959 a 1994, mais de 1.100 mulheres foram condenadas e encarceradas por crime de opinião[660] em condições desumanas: "Minha cela media seis metros por cinco. Éramos 22 e dormíamos em camas de dois ou três andares",[661] lembra a ex-amiga de Castro e representante de Cuba na UNESCO , Martha Frayde. Uma notável equalização da situação entre homens e mulheres que, sem dúvida, devemos considerar como mais uma das grandes conquistas da revolução humanitária, tão exaltada pelas ruidosas militantes feministas que enxameiam as ruas do mundo livre em pleno século XXI , em marchas nas quais misturam o emblema do punho feminista com o pôster do "Comandante Heróico" como bandeira libertadora.

Mas, apesar do aumento desenfreado das horas de trabalho escravo a que a população foi submetida, os problemas não só não foram resolvidos como se acentuaram, realidade incontestável que, em 6 de outubro (1961), Che teve que admitir, ao confessar que o novo regime havia imposto uma exploração do homem pelo Estado em tom militarista: "Há um trabalho que é avassalador" e compromissos que "consomem o dia inteiro, afetando até as horas de sono; não se faz nada além de pensar no trabalho. Tudo isso conduz gradualmente a uma abstração da realidade e do homem como indivíduo" (o marxismo não vinha para acabar com a "alienação"[662] capitalista?). Che continua dizendo que "as pessoas não são mais consideradas como pessoas, como um problema pessoal, mas como soldados, como números em uma guerra que deve ser vencida [...]. Posso dizer que não conheço um cabaré, nem um cinema, nem uma praia, não conheço uma casa em Havana,

não sei como vive o povo de Cuba”.[663]

A política do chicote, entretanto, não foi gerada espontaneamente, mas consolidando-se, fortalecendo-se e endurecendo de maneira gradual. Por exemplo, em 13 de outubro de 1963, o ministro Guevara promoveu uma nova lei radicalizando a reforma agrária. As vítimas dessa vez seriam os pequenos agricultores que ainda respeitavam certas parcelas de propriedade privada. Che defendeu o novo saque, alegando: “É verdade que o pequeno camponês tem sido um esteio da Revolução, Fidel disse uma vez, mas por mais pobre que seja, é um claro gerador de capitalismo [...]. Pouco a pouco, ele se transforma em um explorador que retarda o desenvolvimento da sociedade. Ou seja, temos que liquidá-lo”.[664]

Fora da órbita estrita do ministério comandado pelo empreendedor argentino, a vida não era muito melhor. Também por iniciativa do Che, em 3 de outubro de 1964, foi publicada a lei de justiça trabalhista: os crimes suscetíveis a punição incluíam falta de pontualidade, absenteísmo, delinqüência, desrespeito aos superiores, fraude e danos materiais. As penas iam desde a dedução dos salários até a privação permanente do direito a qualquer trabalho remunerado. Conselhos trabalhistas foram criados. Para ser candidato ao cargo, era preciso mostrar “uma boa postura socialista em relação ao trabalho”. Seis dias após a eleição dos conselhos trabalhistas, o Ministro do Trabalho atenta contra a própria vida:[665] a tensão e a pressão reinantes podiam subjugar ou desequilibrar qualquer membro da estrutura totalitária.

Vivia-se em uma atmosfera hostil marcada pela inquietação e pelo medo intenso. José Pekín Pujols (membro do Movimento 26 de Julho), chamado por Guevara para colaborar como supervisor da fábrica de níquel e cobalto de Moa e prático portuário, relembra o pânico que reinava no ministério: “Estive envolvido na luta contra Batista, e durante essa luta conheci o Che Guevara. [...] Como já nos conhecíamos, ele me encarregou de ir a Moa preparar o porto para receber os petroleiros, todos os navios. Em uma das reuniões que tivemos em Havana, um assistente do Che entrou com uma pilha de papéis e ficou ali, parado. Então, ele disse: ‘O que você quer?’ [...] e os papéis eram as execuções do dia seguinte. Ele pegou os papéis e assinou sem olhar para eles. Porque não importava quem eles fuzilavam, eles tinham que fuzilar para semear o terror [...]. Assim, muitos jovens engenheiros falavam com ele sob a intimidação que tinham, por causa daquela arrogância do Che de dizer: ‘A revolução não tem nenhum problema em fuzilar o melhor comandante, de modo que não nos custa nada fuzilar o melhor engenheiro’. Todo mundo trabalhava naquela pressão de não errar [...] todo mundo começa a trabalhar com medo”,[666] e acrescenta: “O resultado de viver constantemente sob uma ameaça determinava que não estávamos dispostos a correr riscos. Por exemplo, na minha qualidade de prático portuário, suspendi a entrada de navios à noite, não os recebia para supervisão à noite, só durante o dia. O medo de um erro de navegação que resultasse em danos ao navio ou às instalações poderia me levar ao paredão. Então, tomei aquela decisão, que obviamente afetava a economia, a lucratividade da empresa. O navio tinha que esperar mar afora, o que aumentava o custo por atrasos”.[667] Vale dizer que se um funcionário desatento cometesse um erro, não chamavam sua atenção, nem lhe era

imposta qualquer repreensão administrativa (como acontece em um país civilizado): ele era enviado diretamente para os campos de concentração. "Se ocorresse um erro administrativo, havia punições. Os mais graves enviavam o culpado para Guanahacabibes, um campo de trabalho no extremo oeste da ilha",[668] conta o Vice-ministro da Indústria de Che, Enrique Ostulki.

De nada adiantava que, prestes a terminar seu mandato ministerial, em dezembro de 1964, com uma tépida parcela de remorso, Guevara confessasse: "Os defeitos de nosso sistema tendem a transformar o homem em máquina".[669] Essas revelações esporádicas, a rigor, não refletiam um verdadeiro ato de contrição nem uma mudança interior, pois, em 8 de outubro de 1965, Che fez um discurso insistindo nos mesmos conceitos que o haviam levado ao desastre: "Socialismo sem moral marxista não me interessa [...]. Um dos objetivos fundamentais do marxismo é fazer desaparecer o interesse, o fator interesse individual e o lucro [...]. Se o comunismo não se preocupa com os fatos da consciência, pode ser um método de distribuição, mas nunca uma moral revolucionária".[670] Atribuem a Albert Einstein a frase que diz que "a loucura consiste em fazer a mesma coisa repetidamente esperando resultados diferentes". Che Guevara parecia insistir em dar razão a todo custo ao físico alemão.

A insistente abstração guevarista de que seus súditos trabalhassem dezoito horas por dia sem nenhum interesse monetário ainda era muito comovente, mas os cubanos, que também pertenciam à condição humana, não se sentiam muito à vontade com a idéia de padecer compulsivamente por um sistema de exploração em troca de uma xícara de arroz. Conclusão: desânimo, desinteresse, desmotivação e, por conseguinte, escassez assustadora como conseqüência da improdutividade generalizada. Isso é exatamente o que aconteceu em todos, absolutamente todos os países onde o experimento comunista (em suas diferentes variáveis e metástases) foi aplicado.

O escritor cubano Carlos Alberto Montaner firma, de maneira mordaz, que Guevara falhou como ministro, sobretudo, por causa de sua fé no sonho do Homem Novo: "Ele transformou seu tipo em um arquétipo. [...] Quase ninguém percebia o atropelo dos homens velhos, de todos aqueles bípedes que não podiam e não queriam ser iguais a Guevara, de todas aquelas pessoas que consideravam trabalhar algo incômodo, para quem o 'futuro da humanidade' é uma abstração muito mais frágil do que o futuro da família. Guevara era um herói e queria montar uma fábrica de heróis. A verdade é que o Homem Novo não produzia o suficiente. Che foi um dos piores funcionários da história da administração pública de Cuba. Se um ministro da Indústria ou um diretor do Banco Nacional de qualquer país civilizado cometesse os absurdos que Guevara cometeu, deveria suicidar-se".[671]

Mais ou menos o que ele fez depois, na Bolívia...

O "camarada" Che: o mais igual entre os iguais

Mas nem todos os habitantes da ilha nem todos os trabalhadores do Ministério eram penalizados se dedicassem parte de seu tempo de trabalho ao gozo ou à distração. O chefe da guarda pessoal de Che, Dariel Alarcón, depois promovido a coronel, lembrou que era comum "o comandante Guevara mandar chamar uma das duas amiguinhas que tinha em Havana (uma era mulata). Em seguida, trancava-se em seu escritório e dava ordens para não ser incomodado em hipótese alguma.".[672] Parafraseando George Orwell, na Cuba de Castro "somos todos iguais, mas alguns eram mais iguais do que outros".

Como conseqüência desses intervalos de recreação contra-revolucionária, em meio a tantas más notícias para o Che, em 19 de fevereiro de 1964 nasceria em Havana um de seus muitos filhos não-reconhecidos. Neste caso, o descendente chama-se Oscar Pérez.[673] E outro filho extraconjugal não-reconhecido de Guevara chama-se Mirko.[674] Parece que dentro da teimosia do Che em criar uma sucessão de "Homens Novos", um de seus lotes ficou desprovido de qualquer reconhecimento paterno.

CAPÍTULO XIII
O CONGO: A FUGA PARA FRENTE

A releitura de Salgari

Durante algum tempo, Fidel Castro não sabia mais o que fazer com Guevara. Quando falava, ele o comprometia politicamente; e quando atuava como ministro, comprometia os interesses econômicos da ilha. Sem mais delongas, Fidel começou a cortar o poder de Che, de modo que ele tivesse menos espaço para fazer besteira: durante o verão cubano de 1964, todo o setor açucareiro foi retirado do Ministério da Indústria, sessenta mil trabalhadores dos cento e cinqüenta mil que ele controlava (mais de um terço). Assim, foi criado o Ministério do Açúcar.[675]

A carência e a fome existentes em Cuba eram tais que em 1964 a ditadura não tinha outra alternativa a não ser renunciar aos seus anseios "industrialistas", limitar-se à monocultura do açúcar e apoiar-se definitivamente no bloco soviético, já operando sem maiores pretensões como país satélite do imperialismo de Moscou.

Perante a crise, o desespero da nomenklatura castrista por receber mais financiamento da URSS obrigou-a a procurar a todo o momento cair nas graças dela, ao mesmo tempo que precisou distanciar-se da China: "Os camaradas cubanos observam que, recentemente, há muito pouco material sobre Cuba na imprensa chinesa, e o nome de Fidel Castro não é mencionado", informava a Embaixada soviética em Cuba, acrescentando que, por sua vez, na imprensa cubana, "estão reduzindo a publicação de material sobre a China e dedicando mais atenção à URSS ". Foi o pior momento para Che

Guevara. Seu arrogante voluntarismo ministerial terminara em constrangimento e agora, sem poder e em meio ao descrédito, o comandante (que praticamente não comandava mais nada) também foi obrigado a sorrir para os russos, que ele detestava: "Ele está mais gentil do que antes",[676] foi acrescentado no mencionado relatório diplomático.

Mas no final de 1964, o imprevisível Guevara viajou a Nova York em nome de Cuba para falar perante a Assembléia Geral da ONU , e foi lá, em 11 de dezembro, que, desafiando as diretrizes de Moscou, declarou: "O caminho da libertação, que é o do socialismo, será alcançado à bala em quase todos os lugares" dado que "a coexistência pacífica não pode significar coexistência entre exploradores e explorados; entre opressores e oprimidos" e, com a obscura vanglória que entrou para a história, confessou: "Fuzilamentos, sim, fizemos, fazemos e continuaremos a fazer".[677]

Guevara "estava de volta" como oficial cubano. Ele alertou que suas perspectivas de vida no ministério estavam encurtando e talvez isso explique o teor do que foi vociferado na ONU , provavelmente visando apressar sua saída. Mas um homem vaidoso de seu calibre não aceitaria ser expulso pela porta de serviço, nem renunciaria diante de tão evidente fracasso. Tinha que ser uma retirada romântica, novelesca, heróica, à sua maneira: "Não nasci para presidir ministérios, nem para morrer como avô",[678] gabava-se o ainda ministro Guevara ao amigo Alberto Granado. Che procurava impacientemente escapar de si mesmo, fugir do fracasso e encontrar outros cenários para aterrissar e reinventar-se. Nada melhor do que vagar pelo mundo em busca de uma nova aventura guerrilheira onde quer que fosse: o cenário mais propício para seus desempoeirados gracejos parecia ser o Congo.

Foi então que, em 25 de dezembro de 1964, Guevara empreendeu mais uma de suas extensas viagens de férias disfarçado de diplomata, neste caso por países africanos, a fim de encontrar um local para lançar uma nova expedição. Nessa excursão, Che obteve a bênção do presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, para montar uma retaguarda nesse país, que fazia fronteira com o antigo Congo belga e era separado apenas pelo vasto lago Tanganica. Guevara vislumbrou, assim, a possibilidade de montar sua guerrilha em apoio às forças rebeldes que lutavam no Congo.

Durante a viagem, Che também encontrou-se com o presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser, visando entusiasmá-lo com a empreitada e também obter algum apoio dele. Na reunião, houve um diálogo hilário, no qual Guevara seguiu com seu monotemático discurso suicida: "Perón comportou-se como um covarde. Não teve coragem de enfrentar a morte e fugiu... O momento crítico na vida de um homem é aquele em que ele toma a decisão de enfrentar a morte. Se você decidir enfrentá-la, você é um herói, quer sua empresa termine em sucesso ou fracasso. Ele pode ser um bom político ou um mau político, mas se não puder enfrentar a morte, nunca passará de um político". Foi então que Nasser o repreendeu diplomaticamente por viver com "a morte na boca": "Por que falar sempre sobre a morte? Você é jovem. Se necessário, morreremos pela revolução, mas é preferível que vivamos por ela".[679]

Nasser encontrou Guevara em "profunda angústia pessoal", e Che lhe disse que havia

decidido ir ao Congo para liderar pessoalmente a ajuda cubana aos combatentes congoleses: “Acho que irei ao Congo porque é o lugar mais quente do mundo hoje. Com a ajuda dos africanos, por meio do Comitê na Tanzânia e com dois batalhões de cubanos, creio que podemos atingir os imperialistas no cerne de seus interesses em Katanga”. Nasser expressa seu espanto e tenta dissuadi-lo. Ele insiste que um líder branco estrangeiro comandando os negros na África era algo que só poderia ser visto nos filmes de Tarzan.[680]

Em seguida, Guevara participou da conferência de Argel, em 27 de fevereiro de 1965, na qual apresentou uma arenga intolerável contra os soviéticos: “Os países socialistas são, de certa forma, cúmplices da exploração imperialista”.[681] Essa definição causou não pouca indignação na hierarquia da URSS , que por sua vez pediu explicações a Castro perante tal pronunciamento. Fidel estava furioso e saturado de Che Guevara e de suas declarações, não só desnecessárias como beirando a infantilidade política. E Cuba, cuja economia desde 1959 não fazia mais do que regredir, dependia imperiosamente do dinheiro russo para continuar a subsistência de sua caricatura revolucionária e, portanto, explosões como a do imprevisível Guevara não podiam nem deviam ser toleradas. A propósito, o PSP cubano (a ala comunista pró-soviética liderada por Aníbal Escalante) fazia pressão para que Fidel Castro terminasse de uma vez com todos os vestígios de maoísmo em seu governo.

E como se não bastassem as muitas provocações de Guevara, seu roteiro incluiu uma parada na China para encontrar-se com Mao Tsé-Tung e pedir-lhe apoio em suas futuras incursões transnacionais. Porém, além de não se interessar pelo projeto africano, Mao pediu-lhe que ficasse em Cuba: “Precisamos de você lá. Você é o homem certo para defender nossa posição revolucionária contra o revisionismo soviético”, declarou o genocida chinês.[682]

Enquanto isso, na ilha, Castro continuava cortando o poder político de seu companheiro rebelde. O presidente do Banco Nacional, Salvador Vilaseca (homem de Guevara), foi afastado de seu cargo, e três ministros do Comitê Central foram separados: Luis Álvarez Rom (leal a Guevara), Orlando Borrego (amigo pessoal de Guevara) e Arturo Guzmán (também leal a Guevara).

Ao voltar de avião, Che encontrou Fidel impaciente, que o esperava no aeroporto de Havana com o irmão Raúl. Assim que Guevara desembarcou, os irmãos Castro o levaram, com prepotência, a uma reunião reservada cujo conteúdo exato nunca se soube; no entanto, fontes fidedignas garantem que houve uma longa discussão, como nunca antes, e que o duro encontro durou quarenta horas seguidas.

Guevara não tinha mais lugar em lugar nenhum. Embora os chineses o considerassem com simpatia, eles não apoiaram sua idéia de exportar a revolução para o Congo; os soviéticos o odiavam por seu flerte com os chineses e por suas declarações ultrajantes; e, em Cuba, Castro acabara de praticamente expulsá-lo do ministério, cortando-lhe todo o poder político e decisório. Che, confuso e refém de suas inabilidades, devia acelerar seus

novos lances o mais rápido possível, como uma “fuga para frente”. Encerrava-se um intenso ciclo de sucessivas falhas para o versátil andarilho argentino.

Como resultado de tudo isso, outra fraude deliberada foi produzida pelos apologistas guevarianos, que apresentaram a debandada de Che do ministério e seu conseqüente retorno à guerrilha como um prolongamento natural de sua “abnegada e justiceira luta universal”, como herói transnacional que se lança no mundo para “libertar os despossuídos da Terra”. Como uma piada de marketing, teve sucesso, mas não corresponde à realidade.

A que Guevara renunciou? Quando Che decidiu ir para o Congo em meados de 1965, não tinha mais nada a seu favor, exceto sua coleção de fracassos. Já não contava com o respaldo de Fidel e exilava-se secretamente, ao mesmo tempo em que seus camaradas o expatriavam. Ele havia trocado Emilio Salgari pela revolução comunista, mas agora os comunistas o obrigavam a reler romances de aventura.

Renúncia

“Sempre somos contra a guerra, mas quando a realizamos, não podemos viver sem guerra. Queremos sempre voltar a ela”, disse Guevara em uma carta dirigida a outro admirador desavergonhado de Stálin, o escritor chileno Pablo Neruda.[683]

Dito e feito, depois de fracassar como ministro, Che escreveu uma carta de despedida a Fidel, renunciando a todos os seus cargos, títulos e honras. A carta deveria ser divulgada publicamente se Che fosse morto em sua próxima guerrilha. A nota, entre outras coisas, dizia: “Renuncio formalmente aos meus cargos na direção do partido, ao meu cargo de ministro, ao meu posto de comandante, à minha condição de cubano [...]. Minha única falha grave é não ter confiado mais em você desde os primeiros momentos da Sierra Maestra e não ter compreendido, com suficiente rapidez, as suas qualidades de líder e revolucionário [...]. Outras terras do mundo reclamam a ajuda dos meus modestos esforços. Posso fazer o que lhe é negado por sua responsabilidade à frente de Cuba, e chegou a hora de nos separarmos [...]. Até a vitória, sempre. Pátria ou morte. Um abraço com todo o fervor revolucionário, Che”.[684]

Ernesto Guevara foi substituído no ministério por Arturo Guzmán e foi chamado para quartéis de inverno em absoluto segredo de Estado durante vários meses, preparando discretamente sua nova guerrilha na África.

Pouco antes de partir, no mês de março de 1965, escreveu outra carta reciclada de despedida aos pais, na qual sempre rondava a idéia dessa busca permanente da morte: “Queridos pais: [...] Há quase dez anos, escrevi-lhes outra carta de despedida. Pelo que me lembro, lamentei não ter sido melhor soldado e melhor médico; este último já não me interessa, soldado não sou assim tão mau [...]. Pode ser que esta seja a última carta. Não estou procurando isso, mas está dentro do cálculo lógico das probabilidades. Nesse caso,

aqui vai um último abraço".[685]

O paradeiro de Guevara permaneceu em segredo por meses, e as mais variadas conjeturas foram elaboradas no plano internacional: desde que ele estava em guerrilha em países diversos até a especulação de que Castro havia ordenado seu assassinato. Díaz Araujo conta que Che Guevara, "em 14 de março de 1965, estava de volta a Havana. Desde esse momento até o final de julho de 1965, não se sabe o lugar em Cuba onde esteve recluído por ordem de Fidel Castro, mas sabe-se que não atendeu às ligações urgentes de sua mãe moribunda (falecida em 19 de maio) ou de seus amigos argentinos", e enfatiza que "a única mulher realmente importante em sua vida foi sua mãe, mas, mesmo assim, de forma relativa, uma vez que não atendia as ligações telefônicas e telegráficas de Celia, ou de seus parentes e amigos na época em que o câncer consumia rapidamente sua mãe. Ricardo Rojo, que foi um dos que o instaram por telegrama, diz que Che não atendia porque se auto-impôs uma reclusão com regras tão rígidas que não as violaria nem por um motivo tão digno de atenção como a morte de sua mãe. Do ponto de vista marxista revolucionário, o que eles chamam de ato de disciplina política ou sessão de autocrítica pode ou não ser justificado, mas de um ângulo meramente humano, é absolutamente imperdoável".[686]

Nesse período, Guevara encarregou-se de deixar um bilhete aos filhos (os reconhecidos), condicionando e manipulando seu futuro: "Aos meus filhos Hildita, Aleidita, Camilo, Celia e Ernesto: cresçam como bons revolucionários. Estudem bastante para poder dominar a técnica que permite dominar a natureza. Lembrem-se de que a revolução é o que é importante".[687]

Seu amigo Alberto Granado lembra que, "em agosto de 1964, o Che quis se despedir de mim; achei que fosse uma daquelas viagens em que representava Cuba em assembléias internacionais, mas depois soube que tinha ido lutar no Congo. Nesse encontro, eu disse a ele que, de todos os vícios capitalistas, havia dois dos quais eu não conseguia me livrar: um era viajar e o outro era beber. Ele respondeu: 'Olha, querido, você sabe que beber nunca me interessou, e viajar, se não for com uma metralhadora, também não me atrai'".[688] Ele deixou também uma carta ao amigo, em que volta a aparecer sua obsessão suicida e o distorcido entusiasmo pela pólvora: "Não sei o que lhe deixar de lembrança [...]. Minha caravana voltará a ter duas pernas e meus sonhos não terão fronteiras, até que digam as balas, pelo menos [...]. Eu o esperarei, cigano sedentário, até que diminua o cheiro da pólvora".[689]

Fiel ao estilo de Guevara, o empreendimento no Congo carecia de qualquer realismo político. Castro não levava Che a sério há muito tempo: "Ele partiu para a África. Che pensa que a África é uma terra de ninguém, onde nem a Europa, nem a União Soviética, nem os Estados Unidos têm hegemonia", satirizou o ditador.[690]

Che Guevara ou o Tarzan frustrado

Em meados de 1965, Ernesto Guevara deixou Cuba irreconhecível, com cabelos curtos e penteados, roupas solenes, barba feita; e ele também havia tomado banho. O Che transformado tinha passaporte falso e não viajava sozinho. Ele foi escoltado por dois tenentes, também vestidos com cunho formal, Víctor Dreke e José María Tamayo: "Deixei para trás quase onze anos de trabalho para a Revolução Cubana ao lado de Fidel, um lar feliz, até onde se pode chamar de lar a casa de um revolucionário dedicado à sua tarefa, e muitos filhos, que mal sabiam do meu afeto",[691] observou o ex-cubano com evidente melancolia.

O avião partiu para Moscou, para, após várias escalas desconcertantes, finalmente chegar a seu destino, onde Guevara, usando o apelido afro "Tatu" como nome de guerra, comandaria mais de uma centena de guerrilheiros cubanos que chegariam aos poucos. Em Dar es Salaam,[692] a presença de Che teve que permanecer extremamente secreta: nem mesmo Julius Nyerere (presidente da Tanzânia), favorável à cooperação cubana, deveria saber da aparição de tão polêmico visitante.

Pouco depois de chegar, Che pôde verificar os maus hábitos atuais dos guerrilheiros locais, que conflitavam com a "moral revolucionária" que os combatentes deveriam ter: atravessavam constantemente o lago para ir a bordéis, bares e cassinos. O embaixador cubano em Dar es Salaam, Rivalta, posteriormente ratificou as preocupações de Guevara: "Minhas avaliações foram muito ruins. Essa gente vivia bebendo, saindo com mulheres. Sempre fora do Congo, em Kigoma e em Dar es Salaamm [...]. Não eram pessoas realmente determinadas a lutar pela libertação. O governo da Tanzânia me mostrou a lista de despesas dessa gente, de todo o movimento de libertação. A cifra era alta, em bebidas, em bordéis".[693]

Em 23 de abril, em um barco modesto, Che e seus asseclas partiram de Kigoma (um porto localizado na Tanzânia, na margem leste do lago Tanganica), em uma viagem muito movimentada. Às seis da manhã, depois de ter chovido toda a noite, desembarcam na costa congolesa, do lado de Kibamba. Com exceção de Guevara e alguns outros, todos os guerrilheiros cubanos escolhidos eram de cor, para não levantar suspeitas no continente negro. Che não estava indo como comandante (exceto do grupo cubano), mas em apoio aos insurgentes locais, que eram comandados pelo líder rebelde congolês Laurent Désiré Kabila, que raramente estava nos acampamentos e liderava seus homens de longe. Kabila aceitou o apoio de Guevara e suas tropas, mas não permitiu que Che lutasse pessoalmente, para evitar que fosse avistado pelo inimigo e levantasse suspeitas. Mas Che, que era um lutador impaciente, ficou notavelmente irritado com o papel passivo e marginal que lhe fora atribuído.

Na manhã seguinte à sua chegada, Guevara decidiu revelar sua identidade ao oficial congolês que os acompanhava e que lhe inspirava confiança: "A reação foi de aniquilação", escreve Guevara. Repetia as frases: "Escândalo internacional" e "que ninguém descubra, que ninguém descubra". O congolês voltou correndo para a Tanzânia para dar a notícia chocante a seu chefe Kabila. Esperando que a revelação fizesse efeito, Che organizou seu acampamento próximo à cidade de Kibamba, às margens do lago. Os

recrutas nativos não só eram indisciplinados como também se tornavam turistas transitórios ao atravessar o lago Tanganica e visitar, em Kigoma, do lado da Tanzânia, as prostitutas que ali não faltavam: "Desde o primeiro momento, tivemos contato com uma realidade que nos perseguiu durante a luta: a falta de organização", observou Che, reconhecendo: "Não só a organização congolesa era ruim, mas a nossa também".[694]

Entre doenças venéreas e excessos dos guerrilheiros vernaculares, Guevara retomou brevemente seu papel de médico amador, ajudando a curar outra praga: a intoxicação alcoólica causada por uma mistura conhecida como "el pombe", bebida feita com farinhas fermentadas e destiladas de forma tão rudimentar, que causava danos estomacais, aos quais se devem acrescentar as feridas de bala que apareciam entre os guerrilheiros, não como conseqüência da luta revolucionária, mas das brigas que aconteciam entre si em cada bebedeira. Ao que foi dito, somaram-se outras moléstias que acometeram os homens de Che: febre, malária e outros flagelos típicos de tão estranho ambiente de selva.

As tropas revolucionárias eram compostas por três contingentes: cubanos, ruandeses e congoleses. E embora Che tivesse chegado a seu destino há vários dias, não conseguia aclimatar-se ou deixar de surpreender-se com os usos e costumes nativos. Mas o maior choque ocorreu em um diálogo impressionante entre Guevara e o chefe da expedição congolesa: Che foi informado de que a defesa antiaérea havia sido assegurada, o que o surpreendeu, porque não tinha visto canhões apontados para o céu. O tenente-coronel Lambert (o líder congolês) explicou-lhe que o Exército de Libertação não tinha problemas com a aviação inimiga, pois tinha o "dawa" como defesa.

— O que é isso? — perguntou Guevara, surpreso.

— Um remédio natural preparado com o suco de certas ervas que, espalhado na pele dos combatentes, os tornam imunes às balas inimigas — explicou-lhe Lambert, esclarecendo: — Mas não a todas as balas, só as dos aviões.

A princípio, Che pensou que era uma brincadeira e sorriu para agradar seu interlocutor, mas imediatamente percebeu com horror que o "dawa" era levado a sério pelos guerrilheiros locais: "O dawa prejudicou muito a preparação militar. O princípio é o seguinte: um líquido, no qual se dissolvem sucos de ervas e outras substâncias mágicas, é derramado sobre o combatente, a quem são feitos alguns sinais cabalísticos e, quase sempre, uma mancha de carvão na testa; dessa forma, o combatente já está protegido contra todo tipo de arma inimiga, embora isso também dependa do poder do feiticeiro que o prepara. Para que o efeito dawa não se perca, o soldado deve cumprir três condições imprescindíveis: não tocar em nenhum objeto que não lhe pertence, não estar em contato com uma mulher e não sentir medo. Quando um homem morre sob fogo inimigo é porque teve medo, roubou ou dormiu com uma mulher",[695] conta Che em seu caderno.

O acúmulo de superstições, dialetos e costumes incompreensíveis fez com que Guevara jamais se adaptasse aos africanos. Uma das práticas locais que mais impressionou a ele e ao contingente cubano foi o banquete que os africanos faziam com seus inimigos: comiam

o fígado ou o coração de seus prisioneiros.

Da mesma forma, os habitantes da área tinham um sistema de propriedade da terra que se assemelhava mais ao coletivismo primitivo do que a um sistema de tipo feudal. Isso os deixava totalmente indiferentes à pregação a favor da "reforma agrária" com a qual Guevara tentava entusiasmar os habitantes: o mesmo erro que cometeu em sua subseqüente incursão na Bolívia.

Freddy Yunga, congolês que durante a experiência guerrilheira trabalhou como tradutor entre os cubanos e os africanos, confessou: "Eu não fui com a cara do Che; eu tinha a ordem de estar permanentemente junto dele. Não entendi o que ele estava fazendo ali, e também não gostei de seu olhar irônico. Por que eu tinha que aturar aquele homem branco? Não gostei nem um pouco dele".[696] No mesmo sentido, Alexis Salemani, outro integrante da forças guerrilheiras congolesas, lembra que a questão não estava clara para eles: "Não dava para entender que um branco tivesse vindo para ajudar os negros, quando nossa luta era justamente contra os brancos. Isso o tornava irremediavelmente não-confiável. Para nós, lutar pela nossa liberdade era lutar contra os brancos, e o Che era branco".[697]

Ninguém obedecia ou levava Che a sério, e ele próprio escreveu: "Falei com eles em francês, enfurecido, dizendo as coisas mais terríveis que pude encontrar no meu pobre vocabulário e, no auge da minha fúria, disse-lhes que os faria pôr saias e os obrigaria a carregar mandioca em um cesto (profissão feminina), porque eles eram inúteis, piores que as mulheres; preferia formar um exército de mulheres a ter indivíduos dessa categoria [...]. Todos os homens olhavam para mim e gargalhavam, com uma ingenuidade desconcertante".[698]

As advertências de Nasser a Guevara, ironizando sobre a idéia de que havia se tornado um Tarzan frustrado, não foram em vão, embora inócuas diante de um Che que, absorto em seus disparates, fazia ouvidos moucos às sugestões daqueles que sabiam mais do que ele.

As relações entre congoleses e cubanos deterioravam-se a cada dia. Os primeiros recusavam-se a carregar mochilas pesadas, alegando: "Não sou caminhão", ou: "Está me achando com cara de cubano?". E como clímax, uma estranha perda foi adicionada, quando o guerrilheiro Mitudidi afogou-se em circunstâncias extravagantes: atravessando de barco para Ruanda, Mitudidi caiu na água e seus dois tenentes, que pularam para salvá-lo, também morreram, apesar do fato de que era um dia de águas calmas. A explicação dada a Che é impressionante: "Quando Mitudidi caiu, paramos o motor para resgatá-lo, mas uma força mágica nos impedia a aproximação para salvá-lo".[699] Guevara, perplexo, anotou em seu diário: "Coisas estranhas acontecem, que não sei se devo atribuir diretamente à imbecilidade, à superstição extraordinária (já que o lago é habitado por todos os tipos de espíritos) ou a algo mais sério".[700]

Para piorar, Kabila não aparecia, os guerrilheiros locais eram indisciplinados, olhavam para ele com desconfiança, eram dados a feitiçarias, praticavam ritos tribais, e, além disso, Che tinha grandes dificuldades de comunicação, devido a seu desconhecimento dos dialetos autóctones. Apesar de tudo isso, diante de um clima hostil e anti-higiênico, Guevara manteve sua rotina habitual de não tomar banho: logo após caminhar, desmaiou vítima de um ataque feroz de malária.

Em meio a tantas esquisitices e infortúnios, o incansável turista argentino que se tornou revolucionário no exílio continuava sem permissão para intervir em combates e passava o abundante tempo livre jogando xadrez: "Tínhamos que fazer alguma coisa para evitar o ócio absoluto", observou Che.[701] Enquanto isso, Kabila continuava sem aparecer e nem sequer respondia às suas cartas, ou o fazia de forma demorada e imprecisa: "Todos os dias, era a mesma ladainha [...]. Kabila não vem hoje, mas amanhã ele vem sem falta, ou depois de amanhã [...]. Ele anunciou sua vinda diversas vezes e nunca veio; a desorganização é total", observou Guevara, acrescentando sobre a pessoa de Kabila: "Ele deixa passar os dias sem se interessar por nada além de discussões políticas. Além disso, tudo indica que é viciado em álcool e mulheres".[702]

Tomado de impaciência e confusão, Che tornou-se mais intransigente do que nunca. Em uma das muitas partidas de xadrez que jogava para passar o tempo, foi derrotado pelo camarada Dogna e quando este se recusou a conceder-lhe uma revanche, Guevara ameaçou matá-lo. Ele tinha viajado tantos quilômetros só para jogar jogos de tabuleiro?[703]

O estado de espírito de Che era evidente em cada uma de suas notas: "A característica do Exército Popular de Libertação era a de um exército parasita, que não funcionava, não treinava, não lutava, exigia suprimentos e trabalho da população, às vezes com extrema dureza [...]. Se a ordem existente das coisas não fosse mudada, a revolução congolesa estava inevitavelmente fadada ao fracasso".[704] Não havia sincronização e a falta de simpatia entre Che e os africanos era absoluta: "Além da arrogância, ele também demonstrava traços de racismo", observou Frank Niess.[705]

Finalmente, Che e Kabila concordaram (por carta, porque este último ainda não havia comparecido pessoalmente) em realizar um ataque à usina hidrelétrica Front de Force, protegida por centenas de soldados e localizada a cerca de quarenta quilômetros do acampamento cubano. O ataque estava marcado para o final de junho. Já havia muitos indícios de que a operação falharia. Dias antes, o sargento Torres, vulgo Nane, levou consigo alguns expedicionários locais para espionar o local onde ocorreria o ataque. Dois dias depois do início da marcha, Nane relembra: "Os congoleses ficaram morrendo de medo quando descobriram as sentinelas. Eles fugiram, repetindo: 'Askari Tshombé!' (os soldados de Tshombé)".[706]

Finalmente, a operação foi realizada com quarenta guerrilheiros cubanos e cento e sessenta ruandeses: o ataque ao Front de Force foi a mais importante das poucas operações militares nas quais os cubanos puderam participar.

Como saldo, as tropas rebeldes sofreram vinte e duas mortes (quatro delas de cubanos) e cerca de sessenta feridos. Che resume o episódio como uma "derrota completa" e anota em seu diário que "dos cento e sessenta congoleses, sessenta haviam desertado antes do início do combate e muitos não conseguiram disparar um tiro na hora combinada. Abriam fogo contra o quartel, quase sempre atirando para o ar, pois a maioria dos combatentes fechava os olhos e apertava o gatilho da arma automática até acabar a munição. O inimigo respondeu com tiros precisos de morteiro 60, causando várias baixas e provocando uma derrota instantânea. A princípio, a derrota foi atribuída ao fato de que o feiticeiro havia sido ineficiente e dado um dawa ruim [...]. O feiticeiro sofreu as conseqüências e acabou sendo substituído; a maior tarefa do comandante Calixto, chefe daquele grupo, era procurar um novo 'mubanda' (feiticeiro)".[707]

Diante de tantas notícias ruins, Guevara também sofreu o clamor de vários membros de sua tropa, que manifestaram formalmente o desejo de retornar a Cuba. Che, aos poucos, foi perdendo a paciência, e sua severidade no comando tornou-se cada vez mais dura, exigindo altas doses de sacrifício. Mas, além da surra militar, a partir desse combate ficou conhecida a presença cubana na África.

Mesmo assim, Guevara sempre conseguiu escapar da realidade e continuou com sua fantasia sobre o "Homem Novo", e a falta de tais exemplares foi o argumento que usou como desculpa para justificar-se a Fidel por meio de uma carta a respeito desse outro fracasso seu: "Posso assegurar que se não fosse por mim, este belo sonho se desintegraria em meio a uma catástrofe geral [...]. É preciso ter equilíbrio para agüentar as coisas que acontecem aqui; não se trata de bons homens, aqui são necessários super-homens".[708]

Este apelo obsessivo ao homem de aço, segundo o agudo prisma de Díaz Araujo, devia-se ao fato de "Guevara ter sido um aristocrata, mais do que um aristocratizante. E, por mais marxista que tenha sido, nunca desceu de sua posição social. A nobreza obriga. Ele, descendente de vice-reis, sentia-se mais obrigado a empreender a aventura (agora chamada de internacionalismo proletário) do que qualquer caipira comum. Aí está a chave das exigências e rigores com a sua própria pessoa (Homem Novo), cuja interpretação impressiona os especialistas. Ele extrapolou duas das suas categorias vitais: o aristocrata transformou-o no Homem Novo, e o aventureiro, no internacionalista".[709]

A questão é que o "Homem Novo" nunca apareceu, mas quem apareceu foi o esquivo Kabila, que a 7 de julho, acompanhado por seus tenentes, várias caixas de whisky e uma grotesca escolta de mulatas guineenses, finalmente deu as caras. Quando chegou o esperado líder, Guevara não deixou de registrar seu espanto perante a gestão política de Kabila e a atitude submissa dos africanos: "Ele fazia os camponeses falarem, dando respostas rápidas que satisfaziam o povo. Tudo terminou com uma pequena pachanga, dançada pelos mesmos participantes ao som de uma música cujo refrão dizia 'Kabila va, Kabila eh'".[710]

Para levantar o moral caído das tropas, Che propôs lançar operações menores em vez de realizar ataques bombásticos: "Relatos indicavam que um caminhão passava desprotegido

a cada dois dias na rota para Albertville, e esse objetivo simples foi definido como parte do treinamento. Cinqüenta homens atacaram o caminhão. Com uma granada abrimos fogo, paralisando o veículo, e depois, por alguns minutos, atiramos, crivando os dois motoristas de balas, embora apenas um deles portasse arma. Era um transporte de alimentos e bebidas. Quando o fogo começou contra o caminhão indefeso, os guerrilheiros ruandeses dispararam retrocedendo, e devido a esse descontrole, uma bala perdida feriu um cubano na mão, arrancando-lhe o dedo", escreveu Guevara em seu diário, acrescentando que "o capitão Zacarías, ao saber do ferimento causado pela explosão de um FM , examinou-o e determinou que dois dedos seriam perdidos, resolvendo aplicar a lei do talião ao culpado; ali mesmo sacou uma faca e teria decepado a extremidade do pobre diabo se não fosse a intervenção de Mbili, que, com muito tato, conseguiu que ele o perdoasse".[711] Mas "a tragicomédia dessa emboscada não termina aqui", escreve Che, e acrescenta: "No caminhão havia cerveja e uísque. Martínez Tamayo tentou carregar as compras e destruir a bebida, mas foi impossível; em poucas horas, todos os combatentes ruandeses estavam bêbados sob o olhar dos cubanos, que não podiam beber".[712]

É verdade que Che estava em um ambiente exótico, primitivo, supersticioso, com usos e costumes totalmente estranhos à cultura ocidental. Guevara não se preocupou em conhecer esses "detalhes domésticos" antes de embarcar em sua aventura em uma paisagem tão singular? Ele decidia tão levianamente ir à guerra em qualquer lugar do planeta sem tomar a menor precaução ou informar-se sobre a situação? Isso mais uma vez confirma seu status de viajante amador e péssimo estrategista militar. Até mesmo Frank Niess admite que Guevara "não calculou as conseqüências e não levou em conta as circunstâncias étnicas, culturais e políticas, que eram muito diferentes daquelas que ele conhecia".[713]

Em meio aos desentendimentos entre cubanos, ruandeses e congoleses, chegou outro grupo de estudantes congoleses formados na China e na Bulgária, que iniciaram seu corajoso "batismo de fogo", exigindo quinze dias de férias.[714] Che escreveu em seu caderno: "O trabalho organizacional é quase nulo, porque os quadros intermédios não trabalham; eles também não sabem como fazer. A falta de disciplina e a falta de espírito de sacrifício são as características predominantes de todas essas tropas guerrilheiras. Naturalmente, com estas tropas não se pode ganhar uma guerra",[715] e, em uma carta escrita a Fidel, ele resumiu: "Não podemos libertar sozinhos um país que não quer lutar".[716]

Tudo era um caos, ao qual se somava uma malária e uma gastroenterite devastadoras, das quais nem Guevara nem seus homens escaparam. A diarréia durou mais de um mês, causando perda de peso e força: "Mais de trinta defecações em vinte e quatro horas",[717] Guevara registrou meticulosamente em seu diário.

E se o dawa não servia para amortecer as balas inimigas, as trincheiras também não adiantavam muito: "Por algum medo supersticioso, os soldados congoleses evitam entrar em buracos que eles mesmos cavaram e não constroem defesas sólidas para resistir aos

ataques”,[718] voltou a lamentar um Ernesto Guevara de la Serna que não havia perdido completamente sua capacidade de assombro. Mas Che não era o único cubano desorientado: “Não entendíamos o que diabos estávamos fazendo ali”,[719] confessou o guerrilheiro Emilio Aragonés.

Para piorar a situação, Fidel Castro deu um golpe fulminante em Guevara. Em 3 de outubro de 1965, em Havana, o ditador divulgou publicamente o texto integral da já mencionada carta de despedida que Che entregou oportunamente a seu patrão, mas para ser lida em caso de sua morte (na qual Che renunciava a tudo, inclusive à cidadania cubana). Muitos afirmaram que essa leitura precipitada foi uma manobra de Fidel para livrar Cuba de toda a responsabilidade sobre as aventuras de Che no Congo e, aproveitando o ensejo, livrar-se dele definitivamente.

Guevara, ao saber, não escondeu sua mágoa contra Fidel e observou: “Essa carta era para ser lida depois de minha morte. Não tem graça ser enterrado vivo”,[720] e finalizou: “Intencionalmente ou não, (Fidel) me apagou do cenário internacional”.[721] Dariel Alarcón (Benigno) recorda: “Eu estava com Guevara no Congo quando Fidel tornou pública uma carta na qual Che renunciava a qualquer cargo e à nacionalidade cubana. Che começou a chutar o rádio enquanto gritava: ‘Olha aonde leva o culto à personalidade!’”.[722]

Segundo Che, a leitura da carta teve sérias conseqüências em suas relações com seus subordinados: “Fez com que os camaradas vissem em mim, como há muitos anos, quando comecei na serra, um estrangeiro em contato com os cubanos; naquele momento, aquele que estava chegando; agora, aquele que se despedia. A carta que provocou tantos comentários gloriosos em Cuba e fora de Cuba me separava dos combatentes”.[723] O descrédito em que caiu Guevara depois que a carta se tornou conhecida aumentou as deserções e o desejo dos cubanos de abandonar a luta e voltar: “Ficou para trás a época romântica em que os indisciplinados eram ameaçados de serem mandados de volta para Cuba; se o tivesse feito agora, ficaria reduzido à metade da força atual, com sorte [...]. Corria o boato de que vários iriam propor formalmente a saída do Congo”, escreveu um Che estupefato, cuja liderança foi reduzida à expressão mínima.[724]

Da mesma forma, Castro anunciou a composição do Partido Comunista sem que Che tivesse qualquer parte, influência ou opinião em sua composição, nem pudesse colocar pessoas de seu meio em seus cargos.

Enquanto isso, no Congo, ocorreram algumas escaramuças que continuaram a provocar sucessivas baixas nas tropas rebeldes e acabaram por esgotar a paciência dos expedicionários. Ninguém mais queria lutar, e os cubanos manifestavam seus desejos de retirada: “A atitude de nossos homens foi mais do que ruim”, escreveu Che, acrescentando “eles estavam simplesmente pensando em salvar suas vidas, assim como os congoleses”.[725]

Chovia todos os dias, a aviação perseguia-os, o moral das tropas estava no subsolo, e nas

sucessivas derrotas tinham perdido as armas e estavam cercados.

O escritor cubano Enrique Ros, um dos biógrafos mais críticos do Che, resume que, no Congo, "Castro abandonou Guevara; Kaliba o abandonou; os congoleses o abandonaram. Restou-lhe apenas, como remota esperança, Mulele, o insurgente pouco confiável que respondia aos interesses da China de Mao. Vã ilusão. Guevara não tinha a mínima chance de fazer contato com o distante Mulele" (que também tinha sua base de operações do outro lado do exótico e perigoso país).[726]

Em meio ao desespero, Guevara lançou um de seus últimos disparates, que consistia em percorrer o Congo de ponta a ponta, de leste a oeste, para tentar chegar à área onde o já citado líder Pierre Mulele (antigo ministro do ex-mandatário do Congo, Patrice Lumumba, assassinado em 1961) mantinha um grupo de insurgentes e alguns reforços na região de Kasai, nos arredores da cidade de Leopoldville (capital do Congo).

A empreitada incluía percorrer mais de mil e quinhentos quilômetros a pé, por território desconhecido e no coração da selva equatorial. Porém, diante de tal desvario, "quase ninguém estava disposto a continuar lutando",[727] escreveu um desanimado Ernesto Guevara, que, ao mesmo tempo, refletia: "Quem era eu agora? Pareceu-me que, depois de minha carta de despedida a Fidel, meus camaradas começaram a me ver como um homem de outras latitudes", e concluiu: "Passei as últimas horas sozinho e perplexo".[728]

A não ser os cansados cubanos, ninguém reparava em Guevara, e assim o recorda Mafú, tenente do exército cubano: "Os ruandeses já tinham abandonado a luta, só nos restavam os congoleses, e o Che me disse: 'Se não pudermos atravessar o lago Tanganyika, você, com seu grupo (que era formado por treze companheiros cubanos mais dez ou doze congoleses), sobe as montanhas e tenta sobreviver; nós faremos o mesmo. Você sobe, organiza uma guerrilha, começa a atacar o inimigo como você sabe; depois, se der certo, faremos a revolução no Congo'. Isso era por volta das cinco da tarde, e às sete da noite ele me chamou e me disse: 'Não existe essa guerrilha; o Movimento de Libertação decidiu que os cubanos devem abandonar a luta e ir para a Tanzânia, porque não dá mais para continuar'".[729]

A verdade é que nunca houve o menor ímpeto revolucionário no Congo (outro "detalhe" que Che não percebeu antes de embarcar em sua aventura quixotesca), pois ele mesmo observou: "Não podemos libertar um país que não está pronto para lutar",[730] revelando a total indiferença dos africanos para com ele: "Nas últimas horas que passei no Congo, senti-me completamente só, como nunca havia sentido antes".[731]

O comandante Ernesto Che Guevara, mais uma vez vencido pela realidade, decidiu, então, recuar.

A história de um fracasso

Para fugir, Guevara e seus homens precisavam atravessar o lago Tanganica, que os levaria à Tanzânia. No barco, levou os cubanos, mas deixou para trás os rebeldes soldados congoleses que, embora de modo deficiente, haviam decidido lutar a seu lado. O guerrilheiro Dreke recorda o episódio indecoroso: “A evacuação teve que ser feita em meio a um grande número de guerrilheiros congoleses e um grande número de civis, que ali tinham se concentrado, fugindo ante o avanço dos belgas, que vinham devastando tudo. Foi um espetáculo impressionante, porque no meio de toda aquela multidão havia feridos, doentes, mulheres e crianças, gente fugindo. Eram necessários alguns barcos para tirar todos, mas esses barcos não existiam”.[732] Então, para desviar a atenção, Guevara enviou os congoleses para “áreas de patrulha”, enquanto preparava a fuga com seu povo: “Nossa retirada foi, em poucas palavras, uma fuga e, pior, fomos cúmplices da fraude com que as pessoas foram deixadas em terra”.[733] Mas alguns congoleses perceberam o estratagema e pareceram tentar fazer parte daquela tripulação que fugia de forma tão desonrosa: “Um espetáculo doloroso, triste e inglório: tive de rejeitar homens que imploravam para serem levados embora; não houve um único traço de grandeza nessa retirada”, confessou Guevara.[734]

Porém, não só a retirada como tal teve aspectos tão pouco louváveis: o trânsito pelo lago naquele mês de novembro continha outros atributos pouco apresentáveis. Em várias ocasiões, ao vagar pelas trilhas que ligavam um povoado a outro, Che recebeu ameaças de frotas aéreas, sem nunca correr perigo. O contingente cubano conseguiu fugir ileso, mesmo cercado. E não são poucas as vozes que confirmam que os aviões da CIA deliberadamente fecharam os olhos para não afundar Guevara e seus seguidores. O motivo? Naquele exato momento estava sendo realizado um acordo migratório entre os Estados Unidos e Cuba (negociado através do embaixador da Suíça em Havana), que previa a saída, por vários meses, de dezenas de milhares de cubanos dispostos a partir da ilha. Ao longo do primeiro ano de vigência, mais de 45 mil cubanos aproveitaram suas disposições emigrando para a Flórida.

Como e por que Che saiu do Congo? “Havia muitos aspectos negociáveis nas relações entre Cuba e os Estados Unidos, e um deles poderia ter sido a sobrevivência de Che em troca de alguma reivindicação de Washington, como pode ter sido o caso da surpreendente fuga de Guevara e de seus cubanos no Congo, quando os aviões e as canhoneiras inimigas não dispararam, provavelmente para não perturbar o acordo pelo qual Castro permitiria a saída a muitos dos que queriam deixar a ilha”, sustenta O’Donnell, em sua apologia dedicada a Che.[735]

Tudo indica, portanto, que Guevara, no fracasso do Congo, sobreviveu pela vontade de seus adversários e não por mérito próprio: “Dava para ver as luzes dos barcos (inimigos). A viagem durou muito tempo, até o raiar do dia. Todos com fuzis nas mãos. A névoa dissipou-se por volta das seis da manhã. Vimos um primeiro avião. Vimos os barcos abrindo-se. Achei que iam acabar com a gente ali no lago. Eles não se aproximaram. Foram nos escoltando até Kigona”, detalha o guerrilheiro Dreke. [736]

Toda a estratégia de Che no Congo foi um desastre total. Até mesmo a retirada, em que abandonou deliberadamente os companheiros de armas e, segundo consta, salvou a própria vida por desígnio da CIA após um acordo sem participação sua. Che estava ciente dos fiascos acumulados e declarou em seu diário: "Pessoalmente, fiquei terrivelmente deprimido; sentia-me culpado em relação àquele desastre por falta de previsão e por fraqueza".[737]

Derrotado e cabisbaixo, Ernesto Guevara foi para Dar es Salaam e trancou-se na embaixada cubana, onde o embaixador Rivalta arranjou um dos quartos da legação para ele se confinar e se recuperar. Lá permaneceu por cerca de três meses, anotando reflexões que revelavam sua crise pessoal: "Quis aplicar coerção moral e falhei. Tentei fazer com que minhas tropas tivessem o mesmo ponto de vista que eu sobre a situação, e falhei [...]. Não ousei exigir o máximo de sacrifício no momento decisivo. Era um obstáculo interno, psíquico" e concluiu: "Tínhamos ido cubanizar os congoleses e, em vez disso, foram os congoleses que nos congolizaram".[738]

Na verdade, a angústia de Guevara não se reduzia apenas à frustração no Congo, mas era o prolegômeno de uma série de perdas pessoais iniciadas no exato momento em que ocorreu a revolução de 1959 em Cuba. E a Che não faltavam motivos para sentir tamanho desânimo. Ele fracassou em seu primeiro casamento. Seu segundo casamento havia sido caracterizado por sua ausência e ele mesmo confessou que seus filhos mal o conheciam. Tanto como presidente do Banco Nacional de Cuba quanto como chefe do Ministério da Indústria, teve uma gestão vergonhosa. Seu projeto de derrubar o presidente Illia na Argentina também foi um fiasco. Ele pressionou para envolver Cuba com a URSS , visando finalmente acabar brigando com os soviéticos. Tardiamente, tentou seduzir os chineses em sua aventura africana e estes negaram-lhe apoio militar. Castro, em Cuba, havia terminado de confiná-lo após ler antecipadamente sua carta de despedida. A única mulher importante de sua vida, Celia, sua mãe, acabara de falecer sem que ele pudesse expressar o menor gesto de afeto; e, como corolário, somava-se sua frustração na África, essa aventura no continente negro, planejada para durar cinco anos e que acabou sendo um vexame de sete meses, durante os quais a principal atividade de Che foi jogar xadrez.

No diário da viagem ao Congo, Ernesto Guevara começa o relato dizendo: "Esta é a história de um fracasso". Não era essa a história de sua vida?

CAPÍTULO XIV
SUICÍDIO NA BOLÍVIA

Retorno inglório

Farto de ter como paradeiro um Estado tribal, Guevara, com feições disfarçadas (sem barba, cabelos curtos, prótese maxilar para deformar fisionomias bucais e passaporte em nome de “Raúl Vázquez Rojas”), conseguiu ser transferido, em 28 de dezembro de 1965, e alojado em suntuosa casa em Praga, capital da Tchecoslováquia, país onde imperava o sistema comunista, mas cuja civilização tinha costumes europeus e melhores confortos.

Naquela época, Ernesto Guevara era a representação mais completa do não-ser: era conhecido como “Che”, mas era chamado de “Tatu”. Ele havia sido nacionalizado cubano, mas Fidel acabava de negar-lhe essa nacionalidade. Seu nome verdadeiro era Ernesto Guevara de la Serna e sua terra natal era a Argentina, mas segundo seu próximo passaporte ele se chamaria “Ramón Benítez” e seria uruguaio. Era para ser um comandante guerrilheiro, mas não tinha guerrilha para comandar. Ele se identificava com seu combativo visual agreste e agora parecia um trabalhador de escritório apagado.

O ensaísta argentino Juan Bautista Yofre, que, além de jornalista experiente em trabalhos como os que desenvolvemos, é um conhecido amante da música, conta que Guevara passou parte de seu tempo em Praga descobrindo e ouvindo continuamente os Beatles (que foram banidos de Cuba),[739] especificamente o álbum Rubber Soul, que contém justamente a emblemática música Nowhere Man (homem de lugar nenhum), cuja letra, levando em consideração o momento pessoal que ele estava passando, é um prato cheio para um bom psicólogo:

He’s a real nowhere man Sitting in his nowhere land
Making all his nowhere plans for nobody
Doesn’t have a point of view Knows not where he’s going to Isn’t he a bit like you and me? Nowhere man please listen
You don’t know what you’re missing Nowhere man, the world is at your command
He’s as blind as he can be Just sees what he wants to see
Nowhere man, can you see me at all Nowhere man don’t worry Take your time, don’t hurry
Leave it all ‘til somebody else
Lends you a hand

Ele é um verdadeiro homem de lugar nenhum sentado em sua terra de lugar nenhum fazendo todos os seus planos de lugar nenhum para ninguém
Ele não tem ponto de vista, não sabe para onde está indo.
Ele não é um pouco como você e eu?
Homem de lugar nenhum, ouça, por favor Você não sabe o que está perdendo
Homem de lugar nenhum, o mundo está sob seu comando
Ele é cego a mais não poder Vê apenas o que quer ver
Homem de lugar nenhum, acaso você consegue me ver?
Homem de lugar nenhum, não se preocupe Tome seu tempo, não se apresse,
largue tudo até que alguém lhe dê uma mão.

Che passou mais quatro meses em Praga fazendo catarse e tentando se recuperar de seu enorme buraco interior. E para aumentar a desilusão, o insatisfeito hóspede pôde constatar como era pouco atraente o cotidiano do socialismo avançado no Leste Europeu: “Aqui, tudo é sem graça, cinzento e sem vida. Isso não é socialismo, mas seu fracasso. Praga inteira é como um quarto do Titanic”, resmungou. [740]

Mas devido à angústia que o afligia e à depressão que o acometia, com seu natural

voluntarismo irrefletido, Che Guevara, em Praga, começou a planejar uma renovada tentativa de turismo aventureiro: instalar outro foco guerrilheiro, dessa vez na Bolívia...

Suas miragens não tinham limites. Declarando-se praticamente expulso de Cuba, Che pretendia, sem sair da Tchecoslováquia, preparar um grupo guerrilheiro que treinaria em Cuba, para depois se encontrar com ele na Bolívia.

E embora Castro já tivesse destruído politicamente seu "amigo", ao saber que esse incurável andarilho procurava realizar tal empreendimento, tentou convencê-lo a pelo menos regressar a Cuba, para de lá preparar as milícias que eventualmente combateriam na Bolívia. Dessa forma, Fidel tentava dar a seu "camarada" mais um colete salva-vidas (colete salva-vidas de chumbo?) e para tanto, enviou emissários a Praga para persuadir Che de que era um contra-senso preparar uma expedição de guerrilha remota e que ele deveria voltar a Cuba para organizá-la de lá. Inclusive, o texto da seguinte carta escrita por Fidel a Che pedindo seu retorno teria sido o elemento persuasivo mais decisivo: "Estou ciente de que você está particularmente relutante em considerar qualquer alternativa que agora inclua colocar os pés em Cuba [...]. Isso, porém, analisado de forma fria e objetiva, atrapalha seus propósitos; algo pior, coloca-os em risco [...]. Sua permanência no chamado ponto intermediário (Praga) aumenta os riscos; torna extraordinariamente difíceis as tarefas práticas a realizar; longe de acelerar, atrasa a realização dos planos e também o sujeita a uma espera desnecessariamente angustiante, incerta, impaciente. E tudo isso, por que e para quê? Não há questão de princípio, de honra ou de moral revolucionária que o impeça de fazer uso eficaz e completo das facilidades com que você realmente pode contar para alcançar seus objetivos" (3 de junho de 1966).[741]

Além disso, com Che em Cuba, Fidel tinha a garantia de conhecer e controlar um pouco mais de perto essa louca experiência. Entre comissários que iam e vinham, mensagens, contramensagens e hesitações, Guevara finalmente concordou e voltou a Cuba, ou seja, ao seu país de expatriação.

Para o retorno silencioso, Che viajou e entrou na ilha com o rosto e a fisionomia completamente transformados e um passaporte em nome do já citado "Ramón Benítez", um hipotético empresário uruguaio. Sua mutação e camuflagem foram tão bem-sucedidas que Guevara ainda se deu ao luxo de usar uma profusa calvície artificial, escoltada por cabelos grisalhos e óculos chamativos, o que lhe dava uma aparência física que o fazia passar por um homem vinte anos mais velho. Isso permitiu que o incansável nômade desfilasse despercebido pelos diferentes aeroportos percorridos para seu retorno.

De volta à terra de José Martí, começou a preparar sua derradeira desventura.

O apoio que não houve

Por que Castro, definitivamente ligado aos soviéticos, aprovaria uma missão guerrilheira na Bolívia? É interessante resgatar a reflexão de Kalfon: "Qualquer que fosse o fim da operação boliviana, traria poucos riscos para Castro. Se fosse bem-sucedida, ótimo! A

maior parte da glória corresponderia a ele e haveria mais algumas Cubas no continente americano... Se fosse um fracasso, bastaria que ele lamentasse veementemente, enfatizando que nunca esteve realmente envolvido nessa aventura pessoal do camarada Guevara que, como se sabe, rompeu todos os laços oficiais com Cuba".[742]

Com a referida camuflagem e no mais estrito segredo de Estado, Che passou três meses (entre julho e outubro de 1966) levando uma vida hermética de rigoroso treinamento junto a quinze guerrilheiros meticulosamente selecionados. O regime de treinamento imposto por Guevara era devastador para as tropas: levantar cedo, às 5 da manhã; das 6 às 11, exercícios de tiro e do meio-dia às 6 da tarde, caminhadas exaustivas com mochilas de mais de vinte quilos nas costas.

Com quinze guerrilheiros, Che planejava dar um golpe na Bolívia contra o carismático presidente René Barrientos, que acabava de ser eleito pelo voto popular em julho de 1966 com 66% dos votos? Mas Che supôs que, na Bolívia, teria apoio local consistente, e aqui começa um dos melodramas e enredos mais sombrios dessa infeliz história: Castro diz a Che que, na Bolívia, havia o apoio do Partido Comunista Boliviano (PCB), na época, liderado por Mario Monje, mas, como se sabe, os partidos comunistas da América Latina dependiam da URSS e era sua política não apoiar os movimentos guerrilheiros marxistas da região (muito menos se fossem liderados por Guevara).

No entanto, Castro deu a entender a Monje que Guevara não pretendia ficar na Bolívia, mas ir lutar na Argentina, e que a Bolívia seria apenas uma zona de trânsito para chegar a seu país de origem. O que ele pediu a Monje, então, foi apoio ou facilidades para realizar a passagem de Guevara e seus guerrilheiros de um país para outro. Nesses termos, Monje concordou em facilitar esse caminho, pois não violava abertamente as diretrizes soviéticas e, ao mesmo tempo, mantinha as boas relações com Castro. Ou seja, Monje não foi informado de que o verdadeiro objetivo do Che era instalar-se na Bolívia e ali mesmo consolidar sua guerrilha. Aqui uma armadilha foi armada para Monje, mas a cilada foi estendida por Castro ao próprio Guevara, já que Che (que não sabia que haviam dito a Monje as coisas pela metade) "entendeu" que podia contar com a retaguarda do PCB , o qual também forneceria combatentes adicionais. O grande marionetista desse esquema enganoso, naturalmente, foi o astuto ditador cubano.

O que Guevara sabia era que contaria com a ajuda de um punhado de marxistas bolivianos que não simpatizavam com o PCB . Entre estes, destacavam-se os irmãos Guido Inti e Roberto Coco Peredo, juntando-se também alguns setores "pró-chineses" da esquerda boliviana. Mesmo com essa estrutura insuficiente, Che acreditava que poderia dar um golpe contra o presidente Barrientos, pois fantasiava somar o apoio de todo o campesinato por meio do contágio de sucessivos povoados.

Como sabemos, Guevara acreditava ao pé da letra no foquismo guerrilheiro e, naquela época, essa tese era respaldada pelos influentes escritos do jovem intelectual francês Régis Debray, que gozava de prestígio em vastos círculos comunistas. A essa altura, Debray havia publicado um livrinho intitulado "Revolução na Revolução?", que sustentava, de

acordo com Che, que bastava abrir um foco guerrilheiro para que a multidão despossuída, por geração espontânea, se juntasse e o acompanhasse. Portanto, a revolução comunista seria inexorável. Uma teoria irracional, sem dúvida, mas na qual muitos acreditaram naqueles tempos, graças ao mito exportado por Cuba a respeito de sua própria revolução de 1959. O teórico parisiense, inclusive, participou brevemente da guerrilha boliviana ao lado de Che a partir de março de 1967, e pôde verificar pessoalmente o verdadeiro alcance de sua absurda conjetura.

É nesse contexto que Ernesto Guevara chegará pela segunda vez à capital boliviana: há treze anos o havia feito como mochileiro desconhecido, mas agora voltava com a fama mundial nas costas, ainda que de forma clandestina, de forma silenciosa, camuflada, com intensa experiência de vida e usando o nome de guerra "Ramón".

O lugar escolhido para instalar-se na selva boliviana seria uma extensa fazenda de 220 hectares na região de Ñancahuazú, no sul do país, quase na fronteira com o norte da Argentina. O guerrilheiro Coco Peredo foi o encarregado de comprar a propriedade e preparar o desembarque dos contingentes treinados em Cuba.

Mas Ñancahuazú era uma área desabitada e com péssimas características geográficas para atingir os objetivos propostos: quase não havia população, faltavam meios de comunicação, quase não havia vegetação, nem fauna, nem água, recursos essenciais para que uma guerrilha tenha certa chance de sobrevivência. Mas Guevara, sempre marchando paralelamente à realidade, entusiasmou-se com o lugar pela proximidade existente com a fronteira de seu país natal, para onde fantasiava transferir a guerrilha depois de vencer na Bolívia.

Os invasores começaram a chegar em grupos de duas ou três pessoas, com passaportes e documentos falsos, e fazendo escalas em diversos países.

Depois de perceber alguns movimentos estranhos (como a chegada de colaboradores do Che) e constatar que Régis Debray havia chegado em seguida à Bolívia com três amigos, Mario Monje ficou em estado de alerta e, farejando o engano a que estava sendo submetido, perguntou a dois guerrilheiros do contingente: "O que Régis Debray está fazendo na Bolívia? Vocês o conhecem, mas nós não temos contato com ele. Ele veio para que vocês comecem a guerrilha [...]. Vocês estão querendo desenvolver a guerrilha aqui e não estão cumprindo o compromisso".[743]

Como era de se prever, quando todos estavam instalados, o primeiro obstáculo que Che encontrou foi a resistência de Monje e do PCB . Em um primeiro momento, Monje tentou manter uma postura acrobática, obedecendo por um lado às orientações moscovitas e, ao mesmo tempo, manifestando sua solidariedade para com aqueles que usavam as armas para encorajar a revolução. Mas esse contorcionismo político não poderia ser sustentado por muito tempo.

O encontro entre Monje e Guevara ocorreu em 31 de dezembro de 1966, em termos

nada amistosos. Monje apresentou três demandas específicas: 1) Ele, pessoalmente, estaria disposto a renunciar ao cargo de secretário do Partido Comunista da Bolívia para juntar-se à guerrilha.

2) A guerrilha deveria estar sob o comando de Monje, já que seria em território boliviano, e era inaceitável que um estrangeiro a chefiasse.

3) Nesse contexto, ele se oferecia para convencer os outros partidos comunistas a aderir e apoiar o foco insurrecional. Guevara responde que aceita os pontos 1 e 3, mas o ponto 2 não é negociável e ele será o líder da guerrilha: “Bem, Monje, chegou a hora que tanto esperávamos e você tem a oportunidade de desempenhar um grande papel nesta história: você será o segundo chefe da guerrilha e o chefe político; você sempre aparecerá diante de seu povo como o chefe. Você assinará todas as comunicações em nosso nome, mas sempre seguindo instruções minhas”.

MONJE: “Olha, Che, eu não permito que nenhum estrangeiro lidere a luta armada em meu país. Se fosse em outro país, eu iria com você, nem que fosse só para carregar sua mochila”.

CHE: “Monje, você sabe que considero Fidel meu mestre, e se eu estivesse na Argentina e Fidel chegasse, eu me subordinaria imediatamente a ele, porque sei que ele sabe mais do que eu. Nestas condições você se encontra aqui hoje. Você sabe que a Revolução Cubana me deu um conhecimento que você não tem. Quando esta notícia se espalhar e eles disserem que Che Guevara e Mario Monje estão aqui, ninguém vai acreditar que Mario Monje está liderando Che Guevara”.[744]

Monje concluiu com uma frase devastadora, muito semelhante à que Nasser proferiu a Guevara antes de sua partida para o Congo: “Quando o povo souber que esta guerrilha é dirigida por um estrangeiro, lhe virarão as costas, lhe negarão apoio. Tenho certeza de que fracassará, porque não será dirigida por um boliviano, mas por um estrangeiro. Vocês morrerão heroicamente, mas não têm perspectiva de triunfo”.[745] Guevara sustentou mais tarde que Monje fez essas exigências para não chegar a nenhum acordo específico: “Minha impressão é que... ele se agarrou a esse ponto para forçar a ruptura”, observou, embora Che não estivesse zangado com Monje, pois reconheceu: “Sim, de certa forma, nós o enganamos”.[746]

A que se reduziu o apoio de Monje e seu partido a Che e seus expedicionários? Esta pergunta é respondida pelo guerrilheiro Pombo (que lutou com Guevara na Bolívia), em entrevista concedida ao Inter Press Service, realizada em 1968 no Chile, logo após a fuga da Bolívia: — Vocês não tinham o apoio do PCB ? — Tínhamos o apoio moral deles.

— Que utilidade isso tinha para vocês? — Nenhuma.[747]

Entre outras coisas, Monje não queria se ver envolvido com Guevara e sua aventura golpista, pois temia que seu partido fosse declarado ilegal devido a possíveis suspeitas de

vínculos entre o PCB e a insurgência na selva (o que acabou acontecendo, como medida cautelar, em 14 de abril de 1967).

Para amenizar a falta de apoio, Guevara já havia tentado obter reforços de contatos vindos de seu país natal e, em 2 de janeiro, havia solicitado à guerrilheira argentina Tamara Bunke (agente comunista formada na Alemanha Oriental), cujo pseudônimo era Tania, que viajasse a Buenos Aires para convocar os argentinos Roberto Ciro Bustos (que já havia lutado ao lado de Masetti em Salta) e Eduardo Jozami, jovem ativista que acabara de romper com o Partido Comunista da Argentina.

O plano de Guevara era que, uma vez que Ñancahuazú estivesse bem abastecida, os guerrilheiros rumassem para o norte, atravessando o Rio Grande, e dominando a área de Samaipata e Vallegrande, para dali ameaçar as cidades de Cochabamba (a oeste) e Santa Cruz (a leste). Instalados naquele local, ao qual chegariam escondendo armas pelo caminho, estabeleceriam a segunda base, junto às encostas orientais. Inexoravelmente, fantasiava Guevara, setores camponeses e mineiros se juntariam gradualmente à guerrilha, seduzidos pelos contínuos sucessos militares que o contingente obteria em sucessivos combates. Che sustentava que, em meados de 1969, já estariam reunidas as condições para finalmente poder entrar no território argentino.[748]

Mas aconteceu que, além do drama que significava o péssimo apoio local, Guevara, pouco depois de começar a percorrer a região, percebeu que as condições geográficas eram muito piores do que imaginava: a viagem, inicialmente planejada para durar 25 dias, durou 50 dias. Vegetação espinhosa; mosquitos e vários insetos; fauna infértil; chuvas e rios caudalosos formavam um cenário negativamente diferente do que Che conhecera em Sierra Maestra. Os guerrilheiros foram forçados a abrir caminho com facões; as botas tornaram-se impróprias para o terreno; a fome e a sede imperavam; o moral da tropa logo foi abalado e internismos e tensões surgiram dentro do pequeno contingente: "Os homens estão exaustos. Leonardo Tamayo está com febre, Alarcón, com gânglios inchados. E eu não estou conseguindo comer", escreveu o guerrilheiro Pacho (Alberto Fernández Montes de Oca) em seu diário, dando a impressão de que formavam um pequeno grupo derrotado antes mesmo de disparar uma única bala contra alguém.[749]

Além das dificuldades mencionadas, havia uma condição objetiva fatal: ao contrário de outras latitudes onde os cubanos apoiavam guerrilhas já existentes, na Bolívia não havia movimento insurrecional. Em outras palavras, Guevara e seus homens eram a vanguarda, não uma força de apoio, pois a suposta disposição do PCB em participar da guerrilha (o que também não aconteceu) não equivalia a um foco preexistente. Ou seja, Che e suas tropas não chegaram à Bolívia para apoiar uma insurreição já estabelecida, mas para detonar, eles mesmos, como estrangeiros, a explosão subversiva. Além disso, o fato de não haver guerrilheiros locais demonstrava que na Bolívia havia adesão, ou pelo menos certa conformidade, dos bolivianos com as autoridades constituídas.

A última guerrilha

No mês de março tudo era cansaço, malária, pestes, indiferença camponesa e, como se ao desânimo faltassem adversidades: “Benjamín, um boliviano esgotado fisicamente, escorrega por um declive que atravessa o Rio Grande, cai na água e se afoga: ele não sabia nadar! Rolando, que imediatamente se jogou na água, é arrastado pela corrente e só consegue ficar em pé seiscentos metros abaixo”, conta Che, concluindo: “Temos agora nosso batismo de morte às margens do Rio Grande, de uma maneira absurda”.[750]

Os dias seguintes foram ainda piores. Chovia sem parar e o estado de desânimo de Guevara continuava a refletir-se plenamente em suas anotações: “O ânimo das pessoas está baixo e seu físico deteriora-se a cada dia” (4 de março). “As pessoas estão cada vez mais desanimadas, vendo o fim das provisões” (7 de março). “Eu estava (estou) tão cansado que é como se uma pedra tivesse caído sobre mim” (14 de março). “Decidimos comer o cavalo, pois o inchaço já era alarmante. Miguel, Inti, Urbano e Alejandro apresentaram vários sintomas; eu, uma fraqueza extrema” (16 de março). “Mais uma vez a tragédia antes de tentar o combate [...]. Não conseguiram controlar a jangada e ela continuou Ñancahuazú abaixo, até que foi tomada por um redemoinho que a virou [...]. O resultado foi a perda de várias mochilas, quase todas as balas, seis fuzis e um homem: Carlos” (17 de março).[751]

Três dias depois, em 20 de março, Guevara voltou ao acampamento. Aguardavam-no Debray, o pintor argentino Ciro Bustos, “el Chino” (o peruano Juan Pablo Chang), Tania (a já mencionada agente da Alemanha Oriental) e Moisés Guevara, um trapaceiro mineiro comunista, que havia prometido um contingente de vinte homens e recrutou somente oito camponeses acovardados, quatro dos quais logo desertaram. Che, percebendo o nível de improvisação do quarteto sobrevivente, rapidamente chamou o grupo de Moisés de “a ressaca”. Coco Peredo conta que os recrutados por Moisés Guevara “foram retirados de bordéis e bares em busca de salário”. Um deles, José Cantilo, comentou anos depois: “De repente estávamos na selva. Estava com estranhos, comandados por Che Guevara. Não tínhamos treinamento e cansávamos rapidamente”.[752] Mas, além de “a ressaca”, na verdade, quase nenhum dos que acompanhavam Che escapou da desvalorização ou desdém do Comandante: Orlando Pantoja, “deficiente, pouca iniciativa”; Antonio Sánchez Díaz (Marcos Pinares), “indisciplinado [...] com pouca autoridade”; Vásquez-Viaña, “irresponsável”; Saldana, “deficiente”; Camba, “de manifesta covardia”; Walter, “mostrou muito pouca coragem”, escrevia sucessiva e cuidadosamente em seu caderno. O desprezo de Che por seus homens acabou sendo uma constante refletida em seus próprios diários: “Che centralizou todo o comando em sua pessoa de maneira extraordinária. Ele continuou a nos ver (na minha opinião, um de seus grandes erros) como os camponeses da Sierra Maestra onde nos conhecemos. Ele não percebeu que a maioria do pequeno grupo de cubanos que estavam lá havia passado por academias militares e que éramos preparados militarmente. Eu, que era dos mais brutos, poderia comandar uma divisão [...]. Pinares era um comandante que comandava exércitos, Gustavo Mahín, outro comandante, Vilo Acuña, outro comandante, mas para ele éramos todos simples recrutas. Ninguém podia tomar decisões por conta própria, nem mesmo para localizar um posto. Não valíamos nada. Por que ele não aproveitou nossa capacidade militar?”, pergunta-se e

lamenta o guerrilheiro Dariel Alarcón (Benigno).[753]

A cena da chegada de Che e seus companheiros ao acampamento é descrita por Régis Debray em tom lamentável: "Ao longe, uma procissão de mendigos corcundas emerge pouco a pouco da escuridão, com a rígida lentidão dos cegos [...]. Pareciam sonâmbulos em fila indiana, arreados ou, melhor, albardados, cambaleantes, esfarrapados, bastante curvados pelo peso das mochilas (no mínimo trinta quilos)".

Essa percepção tão negativa de Debray não é um detalhe menor, pois o escritor francês começou imediatamente a perceber que suas sofisticadas teorias sobre os benefícios do foquismo não correspondiam à realidade, e que o mítico "Comandante" Ernesto Che Guevara, longe de ser um arquétipo magnânimo (como vendido pelo socialismo de exportação), não era mais do que um homem transtornado que, com patológico sadismo, insistia em maltratar suas tropas: "O Che sentia um prazer maligno em fazer o comandante Pinares chorar (de raiva, de humilhação, de irritação) [...]. Pinares pediu-me que lhe dissesse que não agüentava mais, que aquilo era insuportável. Che não tinha consciência disso. Era mais uma coisa neurótica [...] fazer homens desse tipo, duros, caras que tinham dado tudo, estourarem! [...] O Che não tinha psicologia para compreender o outro, para entrar um pouco nos problemas do outro [...]. O mecanismo clássico: 'Sou altruísta em relação à humanidade, mas não em relação ao outro'. Aí temos realmente a estrutura do sectário perfeito", detalhou o ideólogo parisiense, desencantado.[754]

Já Ciro Bustos, quando conheceu Guevara na Bolívia, ouviu um discurso cheio de projetos faraônicos e delírios de grandeza: "Meu objetivo estratégico é alcançar o poder político na Argentina. Por isso, pretendo formar um grupo de argentinos neste território, quero instruir um par de colunas e prepará-los aqui na guerra por um ou dois anos, para depois mandá-los para a Argentina. Esta é precisamente a missão que você assumirá".[755]

Tanto Debray quanto Bustos ficaram atordoados. Ambos tentaram persuadir Che a permitir que deixassem o contingente. Debray, por sua vez, tremendo de medo e desistindo de seu livrinho, começou a buscar todos os tipos de argumentos para instigar Che a deixá-lo ir: não era o mesmo para aquele aristocrata europeu teorizar sobre a revolução em seu escritório urbano e viver pessoalmente os desconfortos, riscos e privações ascéticas do foco guerrilheiro no meio do nada. Guevara escreveu em seu diário: "O francês afirmou com muita veemência o quão útil poderia ser no exterior".[756]

Com o passar dos dias, ocorreram as primeiras escaramuças com o exército local, apenas alguns tiroteios isolados e esporádicos, sem importância e sem baixas. Mas em 23 de março, ocorreu o primeiro combate sério, com saldo positivo para Guevara e seus homens, pois nele não só não tiveram baixas como o inimigo teve seis mortos, quatro feridos e quatorze prisioneiros: uma boa notícia para o Che, depois de tantos contratempos.

A partir daí, a presença guerrilheira tornou-se notícia de grande repercussão na Bolívia, e até o presidente teve que dar uma entrevista coletiva a respeito.

Em 10 de abril, ocorreu outro confronto, no qual o primeiro guerrilheiro foi morto. Horas depois, em uma emboscada armada pelos insurgentes, desferiram outro duro golpe nas forças legais, matando sete soldados, ferindo cinco e fazendo vinte e dois prisioneiros. O ânimo guerrilheiro havia se recuperado, mas esses triunfos originais não aplacaram os insistentes pedidos de Debray e Ciro Bustos, que consistiam em "ajuda de fora".

Finalmente, Guevara autorizou a dupla assustada a deixar o contingente: o escriba francês e o pintor argentino foram logo detidos pelas forças locais (nem tardaram em confessar-lhes a presença de Che): "Debray e Bustos foram vítimas de sua pressa, quase desespero, para sair, e minha falta de energia para impedi-lo", escreveu Che.[757]

Voltando aos já mencionados combates bem-sucedidos, na verdade, não passaram de uma espécie de alívio ou motivação temporária, pois Guevara começou a sentir que o panorama não era animador. A pregação revolucionária não só não entusiasmava nenhum dos locais, mas também era hostil a eles: "São camponeses pobres e estão assustados com a nossa presença aqui", observou ele em 16 de abril.

Em seus constantes escritos de campanha, a morte por via do suicídio voltou a aparecer, não de forma abstrata, como em outras ocasiões, mas concreta e iminente: "Onde quer que a morte nos surpreenda, ela é bem-vinda".[758] E motivos para pessimismo não faltavam. No mês de abril, um aflito Guevara escreveu: "Até agora, nenhum camponês se juntou a nós".[759] No final do mês, insistiu: "Nosso isolamento continua sendo total. A base camponesa não se mexe".[760] Precisamente, o fracasso de Che no recrutamento boliviano foi tão contundente que durante toda a expedição ele só conseguiu recrutar um fazendeiro, que também se revelou um traidor. Não foi por acaso que, em um ambiente tão negativo, Guevara começou a deixar de lado seu voluntarismo arrogante e começou a duvidar de si mesmo: "Cheguei aos trinta e nove anos e aproxima-se inexoravelmente uma idade que me faz pensar no meu futuro guerrilheiro; por enquanto, estou inteiro".[761]

Foi naqueles dias de abril, especificamente no dia 17, que o jornal Granma publicou em Havana uma extensa nota de Che intitulada "Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental" (texto que se especula ter sido escrito por Guevara em outubro de 1966 para dar a conhecer alguns meses depois, precisamente por ocasião da Conferência Tricontinental,[762] que ali se realizava), que se tornou notícia mundial e cujo texto resgatamos não tanto pela riqueza de seu conteúdo, mas pelas manifestações de ódio explícito, que fizeram dessa exortação uma notável peça sintética do pensamento guevarista: "O ódio, como fator de luta; o ódio intransigente em relação ao inimigo, que ultrapassa os limites naturais do ser humano e o transforma em uma máquina de matar eficaz, violenta, seletiva e fria [...] nossos soldados têm de ser assim", acrescentando que "um povo sem ódio não tem como triunfar" e depois: "É preciso levar a guerra até onde o inimigo a leva: à sua casa, aos seus locais de diversão; torná-la total. É preciso evitar que ele tenha um minuto de sossego, um minuto de tranqüilidade fora do quartel, e até dentro dele: atacá-lo onde quer que esteja; fazê-lo sentir-se um animal perseguido em todos os lugares por onde passa", e, depois de ensinar que "cada gota derramada em um território

sob cuja bandeira não se nasceu é uma experiência que coleciona quem sobrevive", Che definiu os Estados Unidos como "o grande inimigo da humanidade", para culminar sua arenga regando a morte pela milésima vez: "Onde quer que a morte nos surpreenda, ela é bem-vinda, desde que esse nosso grito de guerra chegue a um ouvido receptivo e outra mão se estenda para pegar nossas armas, e outros homens se preparem para entoar canções lutuosas com o estrondo de metralhadoras e novos gritos de guerra e vitória".[763]

Enquanto a pomposa mensagem estampava as primeiras páginas dos jornais, na Bolívia o cansaço não era apenas moral, mas fundamentalmente físico: "Só nos resta manteiga para comer, me senti fraco e tive que dormir duas horas para poder continuar em um ritmo instável", confessou Che nos primeiros dias de maio. E não sofriam só pela má nutrição e fadiga extrema, mas havia também um colapso geral: "Quase todos nós estávamos doentes", escreveu Pacho.[764]

Apesar das notas nada promissoras, no final do mês, Guevara fez um balanço com grande dose de otimismo: "Do ponto de vista militar, três novos combates, causando baixas ao exército e sem sofrer nenhuma" e está feliz que a guerrilha "está adquirindo um espírito arrogante e seguro que, bem administrado, é garantia de sucesso", enquanto subestima o inimigo: "O exército continua sem se organizar e sua técnica não melhora substancialmente".[765]

Mas a prática de Guevara, que consistia em tomar cidades e arengar os camponeses para incorporá-los, ou pelo menos para fazê-los aderir ou simpatizar com ele, era um verdadeiro fiasco. Quando o Che ocupou as cidades de Fortaleza e Lima Mansa em 6 de julho, pregou sem sucesso para os moradores indiferentes, que o olhavam com estranheza: "Eles são impenetráveis como rochas. Quando falamos com eles, parece que, no fundo, eles estão troçando de nós",[766] acrescentando que, antes de cada arenga, a resposta dos habitantes era "silêncio absoluto, como se estivéssemos em outro mundo".[767]

Entre outras causas, as razões do desinteresse camponês por Che e sua quimera revolucionária residiam no fato de que os habitantes da região já eram donos de suas terras, que lhes haviam sido concedidas na década de 1950 durante a reforma agrária da época de Víctor Estenssoro.[768] Além disso, Guevara pretendia derrubar um presidente que acabara de ser eleito com o consenso e o voto dos camponeses. Ou seja: o presidente Barrientos, de origem humilde, falava quíchua fluentemente e gozava de verdadeira simpatia entre os habitantes locais, que o viam como um igual. Inclusive, logo após a posse, em 1966, o presidente assinou o Pacto Militar-Campesino, que previa que as Forças Armadas garantiriam a aceitação das conquistas obtidas pelos setores populares, como a reforma agrária, a educação básica e o direito à sindicalização. E os camponeses, por sua vez, viam nos militares um aliado que protegeria sua propriedade privada contra o banditismo ou o comunismo. Além disso, os locais viam os guerrilheiros cubanos não como seres amistosos, mas estranhos invasores, de pele mais branca que a pigmentação oliva dos descendentes de collas, aymaras ou guaranis. Guevara não estudou esses "detalhes" político-ambientais antes de lançar a subversão por aquelas bandas? O que foi

dito mostra, mais uma vez, a leviandade e o improviso com que o revolucionário manejava seus caprichosos acampamentos agrestes. E no caso de que estamos tratando (a expedição à Bolívia), Che prometeu ao campesinato nacionalizar as terras que eles já haviam obtido e que não eram coletivas, mas privadas. Por que um camponês apoiaria uma rebelião liderada por bandidos estrangeiros que lhe ofereciam tirar sua porção de terra para que ela fosse entregue ao Estado? Guevara queria libertar os camponeses de Barrientos e os camponeses queriam defender Barrientos de Guevara. A previsão de Monje (como a de Nasser sobre a sorte no Congo) estava se cumprindo do começo ao fim. Che observou com preocupação: "Agora o exército está mostrando mais eficácia em sua ação e as massas camponesas não nos ajudam em nada e se tornam informantes".[769] Algo que voltou a comentar em julho: "A total falta de contatos continua, persiste a falta de incorporação camponesa".[770]

Os camponeses bolivianos identificavam-se com Barrientos, entre muitas outras coisas, porque o presidente falava quíchua fluentemente e Guevara, valendo-se do ridículo, tentava ganhar a simpatia dos habitantes oferecendo aulas gratuitas de francês![771] Não havendo no campesinato local o menor interesse de aperfeiçoar a conjugação verbal do passé composé, Che mudou de idéia e tentou encorajar seus guerrilheiros a aprender a língua quíchua para se comunicar melhor com o povo. Erro crasso: naquela área da Bolívia onde os guerrilheiros estavam entrincheirados, eles não falavam quíchua, mas guarani.

Em meio às saladas lingüísticas e à indiferença camponesa, Guevara ainda fantasiava alcançar o apoio das massas autóctones e escreveu em seu diário: "O isolamento continua sendo total; as doenças prejudicaram a saúde de alguns companheiros, obrigando-nos a dividir forças, o que nos tornou menos eficazes [...]. A base camponesa continua indiferente; embora pareça que através do terror planejado conseguiremos a neutralidade da maioria, o apoio virá depois".[772] De fato, o apoio camponês veio depois, mas a favor das Forças Armadas bolivianas e não da guerrilha comunista estrangeira.

Irritado com a apatia da aldeia, Guevara mais uma vez soltou uma observação hilária de suposta inspiração darwiniana em 19 de junho, descrevendo os bolivianos de acordo com a seguinte frase zoológica: "Eles são como animaizinhos".[773]

No dia 26 de junho, em outro confronto, Pombo foi ferido e o guerrilheiro Tuma morreu com um tiro na barriga. Em julho, tudo era adverso. Estressado e cansado, em uma de suas inúmeras marchas, Che pessoalmente relata sua reação frenética: "Caminhamos cerca de uma hora, que para mim foram duas, devido ao cansaço da égua; em uma dessas, apunhalei-a no pescoço, abrindo-lhe uma boa ferida".[774] A égua morreu na hora. Seria interessante se a anedota fosse contada pelos alvoroçados guevaristas tão ativos nesse parque ecológico-empresarial conhecido como Greenpeace.

Junho termina e Guevara recebe outras más notícias: "Minha asma está me ameaçando seriamente e há muito pouco estoque de remédios".[775] Em 30 de julho, houve outro

combate, no qual dois guerrilheiros foram mortos. As marchas sem rumo dos insurgentes tornaram-se insuportáveis. No final de setembro, uma nova escaramuça reduziu as tropas desgastadas de Guevara a apenas dezessete homens. Diante dessa situação desesperadora, Che tomou a decisão suicida de dividir o grupo em duas colunas, sem considerar que careciam de meios de comunicação para coordenar as tarefas: as duas colunas nunca mais se encontrariam.

Diarréia, cãibras, sede, fome, sono, tudo desfavorável. Pensar em um resultado fatal não era derrotismo, mas realismo: "O dia passa em uma busca desesperada por uma saída, cujo resultado ainda não está claro", escreveu Guevara em 27 de agosto. E no final desse mês, sua avaliação não poderia ter sido mais categórica: "O pior mês que tivemos até agora durante a guerra".[776]

Em 10 de setembro, Guevara, de caráter imutável, revalidou sua fama anti-higiênica e observou: "Esqueci de registrar um fato: hoje, depois de um pouco mais de seis meses, tomei banho".[777] Mas melhorar o cheiro não permitiu que Che fosse mais convincente ou ganhasse novos seguidores: "As pessoas têm muito medo e tentam sumir da nossa presença", observou ele no dia 19. E no dia seguinte, quando chegaram à vila de Alto Seco, explicou que eles foram recebidos "com um misto de medo e curiosidade".[778]

Mais alguma má notícia? Sim. O único contato cubano em La Paz, Renán Montero (apelido: Iván), voltou a Cuba e jamais será substituído. Fidel deixou Che incomunicável e entregue ao destino?

A profecia auto-realizável

O desenlace era iminente. A aventura suicida estava chegando ao fim. As duas colunas em que as tropas foram divididas ficaram incomunicáveis. Os guerrilheiros estavam privados de comida, água e remédios, sem contato com o mundo exterior. O transmissor de rádio estava quebrado. Ninguém os apoiava na cidade e o exército boliviano os tinha encurralados. Em vez de tentar salvar seus fiéis e a si mesmo, Che decidiu se expor e seguir em frente: a essa altura, ele não buscava mais a vitória, mas a imolação. "Ele não foi à Bolívia para ganhar, mas para perder. Era o que exigia sua batalha espiritual contra o mundo e contra si mesmo. É verdade que ele não se matou, mas se permitiu morrer. Ele tinha essa vocação",[779] observou o camarada Régis Debray.

Ao longo desta obra revelamos o espírito suicida de Guevara. Ou, nas palavras do biógrafo Enrique Ros, Che tinha "um desejo doentio de posteridade, que custou a vida de muitos de seus companheiros".[780] Essa hipótese parece ser confirmada pelo próprio Guevara, quando ele disse a Carlos Rafael Rodríguez, antes de deixar Cuba: "Meu destino é morrer como guerrilheiro e morrerei como guerrilheiro".[781] Se esse era seu final predeterminado, por que não se suicidou na Bolívia em vez de entregar-se aos seus inimigos? O diário do guerrilheiro Pacho, uma semana antes do fim, narra: "[Che] pede-

me um cigarro e que eu monte um pente para a pistola. Tem a pistola na mão como se pensasse em suicidar-se antes de ser feito prisioneiro”.[782] O guerrilheiro Benigno Alarcón reflete anos depois: “É óbvio que, no calor do combate, ou por um motivo desconhecido, Che perdeu aquele pente que Pacho havia preparado para ele, o que o impediu de cumprir a decisão de se matar para não cair nas mãos do inimigo. Ninguém duvida que ele teria feito isso, conhecendo sua extraordinária coragem, tantas vezes provada, e seu desprezo pela morte”.[783] Até Fidel Castro concorda com tal hipótese: “A arma que [Che] trazia estava sem balas. Essas circunstâncias incríveis explicam como ele pôde ser capturado vivo”.[784]

Em 7 de outubro, emboscado na Quebrada del Yuro com seu punhado de fanáticos exaustos, Che sabia que estava cercado. Ele escreve em seu diário: “Ao meio-dia e meia, uma velha passeando com suas cabras entrou no desfiladeiro onde havíamos acampado e tivemos que apressá-la. A mulher não deu nenhuma notícia confiável sobre os soldados, respondendo sempre que não sabia. Demos-lhe cinqüenta pesos e pedimos-lhe que não falasse nada, mas não tínhamos muitas ilusões”.[785]

Segundo alguns biógrafos, a “velha” teria sido quem denunciou a presença dos invasores comunistas, embora o soldado boliviano que comandou a captura do Che, general Gary Prado, diga que a informação partiu de “um camponês, que nos avisou, na madrugada de 8 de outubro, que um grupo de homens armados havia passado por sua plantação de batatas durante a noite, subindo o barranco. Com essa informação, reuni cerca de setenta homens e desci de Abra del Picacho até lá”.[786]

As forças legais não demoraram a se fazer presentes. Segundo o relato dos seus captores, o desfecho ocorreu da seguinte forma: “Duas figuras moveram-se por detrás dos arbustos que escondiam os rebeldes. Um homem caiu e o outro o arrastou pelo mato, fora do alcance das armas dos patrulheiros. Os dois rastejaram pela ravina, enquanto os outros guerrilheiros mantinham os guardas sob controle. O ferido, auxiliado pelo companheiro, tentou alcançar um dos poucos grupos de arbustos das colinas circundantes, procurando abrigo temporário ou rota de fuga. Quando estavam prestes a chegar ao topo de uma das colinas, o capitão Prado e um soldado chamado Ortiz emergiram do mato e apontaram suas armas para eles. O capitão havia se instalado no mesmo grupo estratégico de arbustos para orientar suas tropas durante a operação. Quando eles apareceram, o guerrilheiro ferido se levantou e gritou: ‘Parem, não atirem. Sou o Che e valho mais vivo do que morto!’”[787]

O que Guevara queria com essa especulação “valho mais vivo do que morto”? Trocar sua liberdade por informação? Manter-se vivo e ganhar tempo para que a pressão comunista internacional exigisse sua libertação? Talvez sua proclamação tenha sido um mero grito espontâneo, produto do instinto natural de autopreservação.

Gary Prado, que na época ocupava o posto de capitão e responsável pela operação, entre eufórico e ansioso para dar a notícia de tão precioso saque capturado, enviou uma

mensagem por rádio à base de Pucará: “Pegamos o cara”.

De fuzilador a fuzilado

Imediatamente, Guevara e outro guerrilheiro (nome de guerra: Willy) foram enviados para a cidade vizinha de La Higuera. Lá, Che permaneceu trancado em uma sala de escola, temporariamente convertida em cela para abrigar os invasores. Uma vez alojados, os detentos podiam comer “um prato de massa com um pedaço de carne”, e Prado recorda este breve diálogo com Guevara: PRADO : O que você veio fazer na Bolívia? Você não sabia que tivemos uma revolução aqui e já fizemos a reforma agrária? CHE : Sim, eu sabia. Eu já tinha vindo para cá... Estive na Bolívia em 1953. Mas ainda havia muito o que fazer.

PRADO : Claro, mas nós mesmos vamos fazer. Uma coisa que abominamos é que pessoas de fora nos digam o que temos que fazer.

CHE: Sim, talvez tenhamos nos equivocado.

PRADO : Bem, mas quem decidiu vir para a Bolívia? CHE : Não. Não fui eu... outros níveis. PRADO: Mas que outros níveis? Fidel? CHE: Outros níveis...[788]

Mas o coronel Andrés Selich, que foi um dos soldados bolivianos que mais tempo conversou com Che, tirou conclusões lapidares: “Ele era um verdadeiro idiota. Fanáticos como eles só se encontram entre argentinos e cubanos”.[789]

Félix Rodríguez, um cubano-americano da Agência Central de Inteligência americana que estava na Bolívia apoiando a operação antiterrorista, conta que, quando Willy e Guevara foram detidos, “recebemos um telefonema e pedem para falar com o oficial de mais alta patente, que, naquela época, era eu, que tinha o posto de capitão, e em La Higuera havia mais dois tenentes bolivianos, então eles me chamaram. Atendi o telefone e era do Alto Comando da Bolívia em Valle Grande. Eram instruções específicas do presidente, o Comandante das Forças Armadas: 500/600. Era um código que tínhamos, que significava: 500 = Che Guevara, 600 = morto, 700 = vivo. Peço que me repitam, e eles confirmam: 500/600.

“Quando chega Centeno, chamo-o à parte e digo-lhe: ‘Meu coronel, há ordens do seu governo para eliminar o preso’; e lhe passo os códigos. As ordens do meu governo [o americano] são para mantê-lo vivo a todo custo; tínhamos aviões, helicópteros para levá-lo ao Panamá para interrogatório. Então, ele me encara e diz: ‘Olha Félix, temos trabalhado empiricamente, muito obrigado, mas são ordens do presidente, o Comandante das Forças Armadas’ [...]. Consultou o relógio e disse: ‘Você tem até as duas da tarde para interrogatório’. Nosso helicóptero veio várias vezes, para trazer comida e munição e levar nossos feridos e nossos mortos [...]. Entrei na sala, ele estava sentado em um banquinho, eu o havia desamarrado no início da nossa conversa”.[790] E, entre outros detalhes, acrescenta: “Quando vi aquele ser humano caído no chão [...] na escola, destruído,

exausto [...]. Parecia um mendigo, não um soldado. Ele nem tinha botas, eram pedaços de couro amarrados nos pés, as roupas esfarrapadas e sujas, que nem pareciam um uniforme. Um horror! E eu fiquei com pena dessa pessoa [...]. Depois ele me disse que, em Cuba, eles fuzilavam todos os agentes estrangeiros que invadiam o país. Então, eu disse a ele: 'Comandante, é irônico que você me diga isso, porque você é estrangeiro e invadiu a Bolívia'".[791] Félix Rodríguez continua, recordando o aspecto mais chocante do diálogo: "Fiquei em pé diante dele e lhe disse: 'Comandante, sinto muito, mas são ordens de cima'. Ele ficou branco como papel, pensando que era eu quem o mataria. Saí da sala e encontrei um monte de soldados do lado de fora ouvindo a conversa. O tenente Pérez estava ao lado do sargento Terán, e eu disse ao sargento: 'Não atire daqui para cima, mas daqui para baixo (aponta o pescoço para baixo): são ordens do seu governo".[792]

Horas depois, primeiro Willy e depois Guevara foram fuzilados por ordem do governo boliviano. Ironias da história, um fuzilador sistemático e vocacional como Che Guevara tomaria seu próprio remédio.

O que aconteceu com o resto dos guerrilheiros? Alguns foram mortos em emboscadas e outros cinco conseguiram fugir para o Chile, para depois regressar a Cuba: "Atravessamos a selva e as terras altas e partimos para o Chile desde o leste da Bolívia. Houve dias em que tivemos três combates. Rompemos quatorze cercas do exército e perdi apenas um homem em cinco meses. Ali demonstramos ao Che destreza militar, capacidade militar, e é por isso que digo que ele não confiou em nós, a ponto de nunca reconhecer nosso direito de discutir assuntos internos de guerrilha. Ele pensava, elaborava tudo e nos transmitia suas conclusões. O que ele dizia era o que tinha que ser feito. Não tínhamos voz nem voto. Nada. O nível não importava", afirmou Dariel Alarcón (Benigno).[793] E como balanço final dessa desventura golpista, Guevara e seus homens assassinaram 49 bolivianos, e, se somarmos também as baixas guerrilheiras, entre ambos os lados houve 95 mortos no total.

Em 11 de outubro de 1967, dois dias após a morte de Guevara, o Congresso boliviano parabenizou o presidente da República por ter defendido a soberania nacional contra a agressão estrangeira de inspiração comunista.

O corpo de Che foi lavado com água e sabão por duas freiras alemãs antes de ser apresentado à imprensa mundial, que o bombardeou com fotografias, muitas das quais, curiosamente, apresentavam uma imagem que lembrava Cristo. Com efeito, um homem de feições delicadas, cabelos compridos, certamente desengonçado, emaciado, deitado em uma cama, e cuja história de vida foi vendida pelo progressismo internacional como a do peregrino caritativo que trilhava uma espécie de Via Crucis, cedeu espaço para as comparações mais ridículas.

"Morrer crivado de balas", "morrer lutando", "com testemunhas", "de forma heróica". Em todos os escritos e poemas que produziu na adolescência, Guevara já anunciava a forma como buscava sua morte. Porém, vale registrar o pitoresco fato de que Che não acabou morrendo exatamente como queria, pois, para sua desgraça, seu corpo foi

banhado e higienizado pelas freirinhas: um ultraje incompatível para quem transformou a imundície física em culto, um modo, uma estética e um alarde.

Quem traiu o Che? Sobre este ponto, existem múltiplas teorias respaldadas por diferentes documentos, testemunhos, experiências e conclusões. Em primeiro lugar, não é ousado afirmar que Guevara foi para a Bolívia movido por seus instintos temerários, senão suicidas. Era praticamente impossível para ele sair vivo. Mas também é verdade que vários personagens impulsionaram e aceleraram sua morte: primeiro a relutância e depois a condenação da companhia guerrilheira pelos principais dirigentes do PC boliviano, com Mario Monje no comando. O abandono de Fidel Castro à expedição, da qual tirou as ligações na cidade e todas as formas de comunicação. As declarações (delações) do escritor Regis Debray e do pintor argentino Ciro Bustos (este último fez retratos falados para as autoridades bolivianas com os rostos de cada um dos guerrilheiros do acampamento) depois de capturados em Camiri. Esses e outros atores (alguns biógrafos também acusam a guerrilheira Tania[794] de possivelmente responsável ou traidora por revelar o paradeiro de Guevara) contribuíram com diferentes níveis de responsabilidade para que o destino de Che fosse esse. Claro que o principal responsável por esse final foi o próprio Ernesto Guevara, mas também é verdade que vários de seus "amigos" contribuíram com sua parte.

Especulações, denúncias e responsabilidades à parte, a realidade é que a maior parte dos investigadores, testemunhas e biógrafos coincide em apontar o maior ônus quanto à denúncia da presença e paradeiro de Guevara na Bolívia a um chefe específico: Régis Debray. Entre os acusadores mais enfáticos está Aleida Guevara (filha de Che), que denuncia: "No diário de meu pai, está escrito: 'Debray falou mais do que devia' [...]. Além disso, alguns dados coincidem, pois até então ninguém sabia quem comandava a guerrilha e desde aquele momento eles passaram a saber".[795] Uma acusação à qual acrescenta o já citado agente da CIA Félix Rodríguez: "Debray contou de bom grado aos bolivianos e à CIA tudo o que sabia sobre as operações do Che. Foi o testemunho de Debray que convenceu a CIA a concentrar seus esforços na captura do fugidio revolucionário [...]. O francês poderia ter sido condenado à morte. Em vez disso, por sua cooperação, ele foi condenado a apenas trinta anos de prisão, sendo perdoado em 1970".[796] Idêntico depoimento nos foi prestado pelo soldado boliviano Gary Prado: "A confirmação da presença de Che foi obtida com as declarações de Régis Debray no momento de sua captura, quando tentou encobrir sua participação fazendo-se passar por jornalista, já que ele disse que tinha vindo à Bolívia para entrevistá-lo, o que havia feito no acampamento. Essa notícia foi mantida em sigilo até junho, quando o advogado de defesa de Debray a tornou pública como argumento de defesa, no julgamento que foi instaurado em Camiri".[797]

Não embeleza muito o currículo de Debray, pensador marxista e guerrilheiro desertor de Guevara, o estigma que paira sobre ele, de ser nada mais nada menos do que o delator do Che. Em seguida, o réu se defende generalizando culpas imprecisas e alegando: "Ernesto Guevara já tinha morrido antes de 8 de outubro, porque foi derrotado pela

natureza pavorosa daquela região, pela traição de alguns dos grupos pró-soviéticos e pró-chineses na Bolívia e também pela traição de outros que não eram bolivianos".[798] Quem ele está acusando? A quem está se referindo? Sua imputação abstrata e difusa não soa nada convincente.

Mas além de Tania, Bustos ou o acusadíssimo Debray, não seria também sensato parar e analisar um pouco o papel do "amigo e camarada" Fidel Castro nessa tragicomédia? O empreendimento de Guevara foi um fracasso desde o início. Não havia chances nem remotas de vitória. Fidel já havia traído Guevara no Congo, lendo sua carta com antecedência e liquidando-o politicamente. Castro sabia (e escondeu de Guevara) que o Partido Comunista boliviano não iria apoiá-lo. E mesmo sabendo que Che estava perdido e enfraquecido, ordenou que seu contato urbano na Bolívia voltasse a Cuba (sem enviar substituto) e não enviou nenhum reforço ou expedição de resgate quando percebeu que Che estava sendo cercado. Tampouco foi registrado qualquer esforço diplomático para salvá-lo. Em suma, Fidel sabia que os dias de Guevara estavam contados e não só não fez nada para evitá-lo, como também, por ação ou omissão, realizou manobras para que o desfecho fatal se consumasse.

Dariel Alarcón (Benigno), em declarações ao jornal italiano Corriere della Sera, afirmou que a morte de Che "deveu-se a uma maquinação da qual são responsáveis Fidel Castro e a União Soviética [...]. Os soviéticos consideravam Guevara uma personalidade perigosa para sua estratégia imperialista e Fidel entrou no jogo por razões de Estado, já que a sobrevivência de Cuba dependia da ajuda de Moscou. E eliminou um camarada de luta que incomodava... Che foi ao encontro da morte sabendo que havia sido traído [...]. Descobrimos que o Partido Comunista boliviano não nos apoiava, talvez por ordem de Moscou".[799]

Outro fato, bastante sugestivo, que confirmaria a traição de Fidel Castro, é o péssimo equipamento com o qual Che Guevara foi enviado à Bolívia, como confirmou o já citado agente da CIA , Félix Rodríguez: "Cuba enviou a Che um equipamento de transmissão de rádio quebrado. Isso não existe; inclusive, a comunicação é a coisa mais importante de uma guerrilha; sem comunicação, você está morto. O único agente de inteligência cubano designado em La Paz, que era o único que poderia lhe dar apoio direto se suas comunicações não funcionassem, foi retirado por Cuba sob o pretexto de que seu visto havia expirado. Quando verificamos, o cara era cidadão boliviano, não precisava de visto. Eles o levam embora para deixá-lo sozinho e praticamente o mandam para a morte, porque não era conveniente para os soviéticos que Che triunfasse na América Latina. Eles sabiam que era uma revolução que iria desviar para o lado chinês. Fidel o enviou à Bolívia para eliminá-lo, para livrar-se dele definitivamente".[800]

Ao anterior, é extremamente interessante acrescentar o testemunho de Humberto Vázquez Viaña (na época, o responsável pela estação de rádio de La Paz), que acrescenta: "Naquela época já havia magníficos rádios com transistores e baterias no mercado; no entanto, os guerrilheiros de Che, curiosamente, estavam equipados com rádios antiquados em mau estado, com lâmpadas de corrente elétrica. Como eles pensavam em

fazer aquilo funcionar naquelas montanhas que você conhece? Com um motor elétrico, é claro. E o motor? Com gasolina. E onde conseguiriam a gasolina? Nada disso foi previsto e, se foi previsto, foi muito mal previsto”.[801]

Suspeitosamente mal, acrescentamos, pois esses “descuidos” tornam-se muito mais graves, uma vez que o país escolhido era o menos propício da região para fazer uma revolução. Tanto que a CIA , em um relatório secreto de 1966, catalogou a Bolívia como “o país em perigo menos suscetível de testemunhar um levante revolucionário”.[802] E em outro relatório datado de maio de 1968, a CIA estimou que os cubanos reservaram menos de 500 mil dólares a toda a empresa boliviana, um número absolutamente insuficiente para os fins pretendidos, e os analistas da inteligência dos EUA consideraram que “o número de homens e o financiamento e planejamento cubanos foram totalmente inadequados para a magnitude e os objetivos da operação cubana”.[803]

Como se explica esse acúmulo de desordens senão pela existência de uma traição? Já que no lugar mais adverso para se instalar uma guerrilha, Fidel apoiou Guevara sem estrutura militar suficiente, nem financiamento adequado, nem logística profissional adequada, mas com palmadinhas enganosas nas costas: “A estrutura do Che era insuficiente e extremamente precária. No seu auge, a guerrilha contava com cinqüenta e dois componentes, dos quais vários desertaram posteriormente. Além dos cubanos, eles não tinham o menor preparo militar, e sua motivação era limitada. É evidente que Che foi abandonado assim que chegou à Bolívia [...]. Castro livrou-se de um personagem que já havia se tornado incômodo para ele”, detalhou Gary Prado.[804]

Como corolário e paradoxo desta parte final da história, verificamos que o governo boliviano ordenou a execução de Che, contrariando a posição de Washington, que o queria vivo. Qual era o interesse específico dos Estados Unidos em sua captura? Bem, precisamente, o agente da CIA Félix Rodríguez explicou que “Che tinha que saber que Fidel o havia traído e então pensaram que ele poderia eventualmente cooperar”.[805]

Em suma, independentemente de outros fatores, a presença de Guevara na Bolívia foi delatada por Debray. Mas, desde o início, fica claro que Castro enviou Guevara sabendo que não tinha chance de voltar, mentindo sobre o apoio do PCB , fornecendo-lhe uma estrutura deficiente, enviando-lhe comunicações defeituosas e ordenando que seu contato urbano na Bolívia retornasse a Cuba. Mas também é verdade que, para que um engano se concretize, deve haver também alguém com vocação para ser enganado. Guevara, dada sua experiência pessoal na guerrilha, não tinha como não saber que se lançava à deriva em condições lamentáveis.

Fidel sabia que a aventura boliviana era uma imolação, e não só não fez nada para dissuadi-lo, como o ajudou um pouco, o suficiente para fazê-lo partir, mas não o suficiente para fazê-lo voltar.

Epílogo
O mito de Che cinqüenta anos depois

Embora tanto a representação de Fidel Castro quanto a do irmão sobrevivente Raúl sejam questionadas hoje até mesmo por personalidades do comunismo internacional, em sentido contrário e sem perceber a contradição, Ernesto Guevara de la Serna, participante necessário, cúmplice e coarquiteto do totalitarismo ainda vigente em Cuba, longe de sofrer críticas equivalentes às dos ditadores mencionados, ao longo dos anos tornou-se uma espécie de santo secular, venerado com igual fervor tanto pela esquerda e seus derivados quanto pelo centrismo pensante, e por figuras do show business, apresentadores de programas televisivos, campeões esportivos e até mesmo pelos chamados defensores do capitalismo que, embora "não necessariamente compartilhem de suas idéias", admiram e "respeitam" o homem que, "errado ou não", se arriscou "por um mundo melhor". O politicamente correto em voga, sempre pronto a congraçar-se com qualquer manifestação da agenda progressista, alertou que o Che torna as coisas muito mais fáceis: é mais cômodo cultuar um jovem e belo revolucionário extinto do que um octogenário tirano murcho, que faleceu com as fraldas sujas no hospital, embora Fidel e Ernesto tenham sido parceiros ou cúmplices em crueldades e perfídias.

Che Guevara é um mito, mas não é apenas mais um mito. Sua figura atingiu um grau de adesão ou aceitação tão elevado que conseguiu atravessar todas as classes sociais e culturais sem grandes distinções ou enquadramentos. Sua efígie pode ser pendurada tanto para decorar uma pocilga da periferia como a parede de um pub, discoteca ou restaurante situado no bairro mais elegante de qualquer capital ocidental. Sua imagem é capaz de suscitar deferência tanto no mundo universitário da faculdade de filosofia quanto nas bandeiras de futebol dos torcedores domingueiros. E, em suma, sua estampa pode ser usada tanto para identificar um piquete insurgente em greve quanto para promover uma marca de latas de refrigerante.

Como Guevara conseguiu se tornar um mito com tanta elasticidade e intensidade? Nem é preciso dizer que não há uma, mas múltiplas causas que, aleatoriamente ou não, convergiram, apontando para a mesma direção. Che não escapou de nenhum dos componentes que os mitos pop do século passado possuem: morreu jovem, em plena fama, era rebelde, aventureiro e também fisicamente atraente. Seu rosto eternamente jovem não teve a infelicidade de envelhecer, e ele não viu suas idéias apodrecerem após sua aplicação sustentada ao longo do tempo.

Guevara entrou no pódio mitológico junto com outros mortos transgressores e prematuros de seu tempo, como James Dean, Marilyn Monroe, Brian Jones, Jim Morrison, Janis Joplin ou Eva Perón, embora com a particularidade de que nenhum de seus "concorrentes" alcançaram sua celebridade. Com efeito, dos citados, nenhum goza nem de perto do uso ou validade que Che Guevara tem hoje em dia. Por que razão? Entre outras coisas, porque Che possui vários ingredientes adicionais em comparação com o

resto dos ícones mencionados. Entre eles, cabe destacar um de inequívoco caráter político: o papel da Cuba de Castro na formação da lenda. Não é qualquer mito que tem a promoção oficial de um Estado. Com a morte de Che, Fidel Castro imediatamente se encarregou de usá-lo e canonizá-lo, elevando o defunto ao pedestal dos eternos comunistas, com o adicional de que Guevara era jovem, fotogênico e alinhado com a estética rock and roll de rebeldia que tanto seduz as gerações das últimas décadas. Ou seja, Castro soube utilizar sua figura para perpetuar a continuidade visual ou comunicacional de um regime pré-câmbrico que já não faz ninguém sonhar. Ironias da biografia de Che: quem em vida foi um péssimo embaixador, ao morrer tornou-se o imbatível representante planetário da Revolução Cubana.

E na seara de elementos míticos adicionais, provavelmente o que deu maior vigor à sacralização de Guevara foi o fato de ele ter morrido no calor de sua aventura guerrilheira. Assim, impôs-se a máxima a que recorrem constantemente seus justificadores: "O Che morreu por um ideal", frase utilizada até por quem não compartilha das idéias de Guevara, mas reconhece, com indulgência, que "ele deu a vida por elas". Argumento pobre, mas eficaz, pois o que transcende em Guevara não é que ele "morreu por suas idéias", mas que fuzilou impiedosamente por impô-las. Vale ressaltar que os muitos homens que ele executou não desfrutaram da mesma glória póstuma que usufruiu o homicida endeusado que hoje é homenageado em camisetas e bandeiras. Deveria importar pouco como Guevara morreu. Che não deve ser julgado pela forma como morreu, mas pela forma como viveu, ou, em todo caso, pelo número de pessoas que ele matou enquanto viveu. Mas acontece que a esquerda e seus representantes são julgados por seus objetivos (supostamente nobres) e não por seus resultados (comprovadamente desastrosos), que, no fundo, são a única coisa importante: todo o resto é história.

E embora, após os primeiros anos de sua morte, Guevara tenha atuado como um dos principais mitos dos guerrilheiros criminosos da década de 1970 na América Latina (ERP e Montoneros na Argentina, Tupamaros no Uruguai, MIR no Chile, Sendero Luminoso no Peru ou as FARC colombianas), no novo século, o Che deixou de ser uma referência do terror revolucionário para se transformar em um fetiche estético do esnobismo progressista.

Precisamente, a percepção visual é muito mais poderosa do que a oral, e o mito de Guevara atingiu tal magnitude em parte graças à repetição de seu rosto favorecido, notadamente explorado a partir da foto tirada em Havana pelo fotógrafo cubano Alberto Korda, na qual Guevara é visto vestindo uma jaqueta de couro, uma boina transgressora, cabelos ao vento, sério, com um olhar que sugere apontar para um horizonte promissor. A contingência quis que aquela foto expressiva caísse no gosto, e ela foi reproduzida até o paroxismo em uma avalanche de pôsteres, adesivos, almanaques, camisetas, notas, selos, grafites, cartões postais, bandeiras e, agora, em glamorosos flyers no Instagram ou Facebook, que tentam oferecer rebelião virtual na web 2.0.

O típico pôster da década de 1980 soma-se hoje aos fundos de tela de computadores, celulares, tablets e toda a parafernália de comunicação da sociedade de consumo pela qual

Che matou e morreu para impedir seu avanço. Nenhum dos jovens que postam a foto de Guevara como perfil no Twitter sonha em ter uma caderneta de racionamento ou com uma sociedade onde o passaporte seja uma prerrogativa concedida a critério do comissário político da nomenklatura.

"O Che Vive!", postam seus afetos como hashtag na rede. Vive para quem? Che vive porque está morto, e ele só se destaca em nossa época porque não pertence a ela. E como não há triunfo algum no histórico de Guevara, chega a ser risível que a frase com a qual mais se identifique o comandante marqueteiro seja "até a vitória, sempre".

O Guevara real e histórico nada tem a ver com sua atual versão amável e distorcida. A multiplicidade de usos que hoje se dá à sua figura tem-se aproximado cada vez mais de um logotipo de marketing, em vez de uma manifestação de extremismo ideológico. Sua marca e significado são cada vez mais semelhantes aos de um showman impertinente que interpreta canções noturnas de rhythm and blues, em vez de um fuzilador stalinista. A imagem desgrenhada de Che hoje pode cumprir um papel de rebelião simbólica tão semelhante à linguagem dos Rolling Stones quanto a um pôster do The Doors.

A imagem mítica do Che atual é tão diferente da imagem original, que o polifacetado guerrilheiro passou de marginal extremista a uma figura cool, da sofrida selva boliviana a camisetas descoladas nos shoppings, do fuzil revolucionário ao pacifismo ecológico, de marxista sectário a guru multicultural, de machão viril que resolvia tudo à base de tiros a enfeite na marcha do "orgulho travesti", do "ódio intransigente ao inimigo" ao humanismo ecumênico. Em suma, seu rosto deixou de identificar o encontro clandestino de uma célula terrorista e passou a decorar a parede de um spa de reiki. O marketing faz esse tipo de milagre e a hipocrisia social faz o resto. E é curioso que muitos dos que exibem seu rosto tatuado no braço nunca se dispuseram a arriscar a vida, a não ser por uma dose de cocaína, um vício burguês indesculpável, que Che teria corrigido com seu rifle sanitário implacável. Em síntese, hoje Che não significa nada concreto, mas um vago símbolo de desacordo com algo ou alguém, sem saber realmente o que é esse algo ou quem é esse alguém.

Quer seus paroquianos gostem ou não, Che Guevara foi reduzido à categoria de bem de mercado como ornamento doméstico, uma tentação de consumo típica do bom social-democrata de manual. Mutação irônica a de Guevara: de um revolucionário temível a um souvenir de sucesso disponível em lojas de conveniência e lojas de presentes. E no extremo do absurdo, o site mais famoso do mundo sobre o "combatente internacional" não é outro senão The Che Store (A Loja do Che),[806] que nos oferece todo tipo de acessórios de vestuário (camisetas, gorros , botas, cintos), assim como os mais imaginativos broches, postais, chaveiros, xícaras de café, decalques e enfeites, todos eles destinados a satisfazer "todas as suas necessidades revolucionárias", lema central do portal, cujo curioso slogan não tem o patrocínio do proletariado sofredor, mas da Visa, MasterCard e American Express, cartões infalíveis para poder comprar as infindáveis quinquilharias e bugigangas ali expostas para deleite do internauta ávido por revolucionar seu guarda-roupa: as pessoas não querem mudar o mundo, mas o automóvel, mesmo que

seja apenas decorando o carro com uma oportuna gravura guevarista em uma de suas janelas, sediciosa manifestação itinerante comparável a aumentar ao máximo o volume do som, ouvindo um punk hardcore irritante e prepotente.

A máquina de matar foi deixada para trás para dar lugar à máquina de faturar, com Che Guevara como um amuleto comercial de sucesso, submetido não aos dogmas dos "estímulos morais", mas à lucrativa lei da oferta e da procura.

Cinqüenta anos depois de sua morte, a pitoresca figura insatisfeita de Ernesto Guevara de la Serna movimenta muitos milhões em qualquer um dos infinitos setores do mercado capitalista global: "Valho mais vivo do que morto", gritou Che quando foi detido na Bolívia. Mas o frustrado guerrilheiro equivocou-se pela milionésima vez. Essa frase desesperada delineada in articulo mortis foi a última das inúmeras derrotas em seu frenético e infrutífero repertório.

Notas de Rodapé

1 Nicolás Márquez, El Canalla, la verdadera historia del Che. Buenos Aires: Editorial Edivern, 2009, p. 264.

2 Nicolás Márquez, La historia de un fracaso. Biografía del Che Guevara. Santiago de Chile: Editorial Maye, 2010, p. 413.

3 Juan Manuel de Rosas (Buenos Aires, 30 de março de 1793, Southampton, Grã-Bretanha, 14 de março de 1877) foi um militar e político argentino de enorme importância. Em 1829 consagrou- se governador da província de Buenos Aires, tornando-se, entre 1835 e 1852, o principal dirigente da Confederação Argentina. Sua influência na história argentina foi tão grande que ele continua provocando debates entre acólitos e detratores.

4 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

5 Após a Batalha de Caseros na província de Buenos Aires.

6 León Ezequiel del Corazón de Jesús de la Serna Gómez (Buenos Aires, 11 de abril de 1855 – La Plata, 15 de março de 1913) foi um militar e político argentino, falecido em 1913 enquanto governador da província de Buenos Aires.

7 Enrique Díaz Araujo, La rebelión de la nada o ideólogos de la subversión cultural. Cruz y Fierro Editores, 1983, p. 271.

8 Pierre Kalfon, Che, Ernesto Guevara, una leyenda de nuestro siglo. Plaza & Janés Editores, 1997, p. 21.

9 Julia Constela, Celia, la madre del Che. Buenos Aires: Sudamericana, 2005, 2ª edição, p. 21, citado em: Enrique Díaz Araujo, Ernesto Guevara de la Serna, aristócrata, aventurero y comunista. San Rafael, Mendoza: Ediciones del Verbo Encarnado, 2008, p. 16.

10 Paco Ignacio Taibo ii, Ernesto Guevara, también conocido como El Che. Ed. Planeta, 2010, 1ª edição, p. 36.

11 Jorge G. Castañeda, La vida en rojo, una biografía del Che Guevara, Espasa, 1997, p. 25.

12 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 24.

13 Hugo Gambini, El Che Guevara: La biografía. Planeta, 2007, 19ª edição, p. 32.

14 "Mi hijo, el Che, Ernesto Guevara Lynch", citado em: Pacho O'Donnell, Che, la vida por un mundo mejor. Sudamericana, 2005, 2ª edição, p. 15.

15 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 29.

16 Hugo Gambini, op. cit., p. 35.

17 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

18 Hugo Gambini, op. cit., p. 38.

19 Juan José Sebreli, Comediantes y mártires; Debate, 2008, p. 131.

20 Frank Niess, Che Guevara, edaf, 2005, 2ª edição, p. 19.

21 Revista Gente, edição de 16 de outubro de 1967. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 273.

22 Hugo Gambini, op. cit., p. 35.

23 Che Guevara: Una biografía. México: Diana, 1973, pp. 266–271. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), pp. 273–

274.

24 Horácio Lopez das Eiras, Ernestito Guevara antes de ser Che. Córdoba: Del Boulevard, 2006, p. 70. Citado em: Enrique Díaz Araujo, Ernesto Guevara de la Serna, aristócrata, aventurero y comunista. San Rafael, Mendoza: Ediciones del Verbo Encarnado, 2008, p. 85.

25 Pierre Kalfon, op. cit., p. 46.

26 Luis Altamira (roteiro e edição), Longa-metragem documentário: Che. Un argentino del siglo xx: Los años en Alta Gracia 1932–1943.

27 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 27.

28 Luis Altamira (roteiro e edição), Longa-metragem documentário: Che. Un argentino del siglo xx: Los años en Alta Gracia 1932–1943.

29 Jon Lee Anderson, Che, Una vida revolucionaria. Buenos Aires: Emecé, 1997, p. 42.

30 Julia Constenla, Celia, la madre del Che. Buenos Aires: Sudamericana, 2005, 2ª edição, p. 70, citado em: Enrique Díaz Araujo. (2008) p. 41.

31 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

32 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 22.

33 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 31.

34 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 54.

35 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 18.

36 Ernesto Guevara Lynch, Mi hijo, el Che. Barcelona: Planeta, 1981, p. 70. Citado em: Jorge G. Castañeda, (1997) p. 181.

37 Luis Altamira (roteiro e edição), Longa-metragem documentário: Che. Un argentino del siglo xx: Los años en Alta Gracia 1932–1943.

38 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 43.

39 Froilán Gonzáles & Adys Cupull, Ernestito, vivo y presente: Iconografía testimoniada de la infancia y la juventud de Ernesto Che Guevara 1928–1953. Havana: Editora Política, 1989, p. 72. Citado em: Kalfon Pierre, p. 41.

40 Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), pp. 72–73.

41 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

42 Filme: Che. Un argentino del siglo xx (Los años de Alta Gracia 1932-1943) Havana: ntsc, 2001. Cf. Dante Vidosa, citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 115.

43 Enrique Díaz Araujo (1983), p. 279.

44 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 26.

45 Julia Constenla, op. cit., p. 73. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 44.

46 Pierre Kalfon, op. cit., p. 56.

47 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

48 Id.

49 Ibid.

50 Juan José Sebreli (2008), p. 129.

51 Pacho O'Donnell, Che, la vida por un mundo mejor. Sudamericana, 2005, 2ª edição, p. 29.

52 Pacho O'Donnell (2005), p. 31.

53 Hugo Gambini, op. cit., p. 53.

54 Ricardo Rojo, Mi amigo el Che. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 120

55 Hugo Gambini, op. cit., p. 53.

56 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 41.

57 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

58 Pacho O'Donnell (2005), p. 26.

59 Hugo Gambini, op. cit., p. 46.

60 Id. p. 58.

61 "Como abrazado a un rencor." Canção de tango argentino, composta em 1930 por Antonio Podestá (letra) e Rafael Rossi (música).

62 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 25.

63 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

64 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

65 Segundo o dicionário da Língua Espanhola, 22ª edição, r.a.e.

66 Pacho O'Donnell (2005), p. 27.

67 Id., p. 28.

68 Pacho O'Donnell (2005), p. 29.

69 Daniel James, Che Guevara, una biografía. México: Diana, 1973. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 283.

70 O filme intitula-se Diários de motocicleta. Supostamente biográfico, o filme é extremamente chato e lento, retratando Che Guevara como um jovem sensível e compassivo com os humildes. O longa-metragem foi dirigido por Walter Salles e estrelado por Gael García Bernal e Rodrigo de la Serna.

71 Pacho O'Donnell (2005), p. 40.

72 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 53.

73 Pierre Kalfon, op. cit., p. 91.

74 Ernesto Che Guevara, Mi primer gran viaje: de la Argentina a Venezuela en motocicleta. Buenos Aires: Seix Barral, 1994, p. 182. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 79.

75 Ernesto Guevara Lynch, Mi hijo, el Che. Havana: Arte y Literatura, 1988, p. 407. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 107.

76 Citado em: Frank Niess (2005), p. 36.

77 Ernesto Che Guevara, Diarios de motocicleta: Notas de un viaje por América Latina. Prefácio de Aleida March.

Introdução de Cintio Vitíer. Planeta, 2005, p. 203.

78 Id.

79 Juan José Sebreli (2003), p. 379.

80 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 41.

81 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 54.

82 Ernesto Guevara Lynch, op. cit., p. 148. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 54.

83 Citado por Claudia Korol, El Che y los argentinos. Buenos Aires: Diógenes, 1989, p. 67. Em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 222

84 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 49.

85 Frank Niess, op. cit., p. 26.

86 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 48.

87 Enrique Ros, Ernesto Che Guevara: Mito y Realidad. Miami: Ediciones Universal, 2002, primeira edição, p. 430.

88 Ernesto Guevara de la Serna a Chichina Ferreira, 5 de dezembro de 1951. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 61.

89 Gabriel Glasman, Breve historia del Che Guevara, Madrid: Nowtilus, 2008, p. 96.

90 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 66.

91 Ernesto Che Guevara, Diarios de motocicleta: Notas de un viaje por América Latina. Prefácio de Aleida March. Introdução de Cintio Vitíer. Planeta, 2005, pp. 193–137.

92 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 66.

93 Pacho O'Donnell (2005), p. 73.

94 Id., p. 73.

95 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 68.

96 Do Equador, o cargueiro partiu para o Panamá, para depois seguir para a Costa Rica e finalmente chegar à Guatemala.

97 Enrique Ros, Ernesto Che Guevara: Mito y Realidad. Miami: Ediciones Universal, 2002, primeira edição, p. 56.

98 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., pp. 70–71.

99 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 74.

100 Pacho O'Donnell (2005), p. 77.

101 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 74.

102 Id., p. 78.

103 Ibid., p. 80.

104 Ibid., p. 81.

105 Richard Gott, Las guerrillas en América Latina. Santiago: Editorial Universitaria, 1971, p. 42. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 310.

106 Lautaro Silva. La herida roja de América. Santiago: Handicap, 1959, p. 484. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 323.

107 Ernesto Guevara de la Serna a Celia de la Serna de Guevara, 4 de julho, 1954. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 99.

108 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 82.

109 Pierre Kalfon, op. cit., p. 127.

110 Lautaro Silva. La herida roja de América. Santiago: Handicap, 1959, p. 484. Citado em: Enrique Díaz Araujo. (2008), p. 323.

111 Frank Niess, op. cit., p. 50.

112 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 166.

113 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 84.

114 Enrique Ros, Ernesto Che Guevara: Mito y Realidad. Miami: Ediciones Universal, 2002, primeira edição, p. 76.

115 Enrique Ros, Ernesto Che Guevara: Mito y Realidad. Miami: Ediciones Universal, 2002, primeira edição, p. 82.

116 Pierre Kalfon (1997), p. 134.

117 Hilda Gadea, Años decisivos. México: Aguilar, 1972, p. 226. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 134.

118 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 90.

119 Id., p. 91.

120 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 92.

121 Id., p. 91.

122 Ibid., p. 93.

123 Pacho O'Donnell (2005), p. 84.

124 Entrevista com Fernando Guevara Lynch concedida a Nicolás Márquez (janeiro de 2009, cidade de Chapadmalal, província de Buenos Aires, Argentina). Documentos em posse do autor.

125 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 95.

126 Citado em: Pedro Corzo, Luis Guardia & Francisco Lorenzo, Guevara: Misionero de la violencia. Miami: Ed. Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el totalitarismo, 2008, p. 44.

127 Pierre Kalfon (1997), p. 145.

128 Ernesto Guevara, Obras Completas. Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 134.

129 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 97.

130 Id., p. 94.

131 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 95.

132 Pierre Kalfon, op. cit., p. 152.

133 O Bogotazo ficou conhecido como um episódio de violentos protestos, agitação e tumultos no centro de Bogotá, capital da Colômbia, em 9 de abril de 1948, que se seguiu ao assassinato de Jorge Eliécer Gaitán. Esses eventos foram considerados um dos primeiros atos violentos da época, sendo um dos eventos políticos mais relevantes do século xx na história da Colômbia.

134 A casa de María Antonia González na rua Emperán, 49, no bairro de Tabacalera, tornou-se o quartel de onde os futuros expedicionários e exilados cubanos, incluindo Fidel Castro e Che Guevara, prepararam a expedição revolucionária para Cuba.

135 Pacho O'Donnell (2005), p. 85.

136 Lázaro Guerra, militante dos movimentos revolucionários em Cuba, estava exilado no México, sobrevivente da expedição Coríntia. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo, Guevara: Anatomía de un mito.

137 José L. Rasco, advogado, companheiro de Fidel Castro por onze anos durante seus tempos de estudante. Chamado por ele para colaborar na revolução de 1959. Caimán Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

138 Citado em: Jacobo Machover, La cara oculta del Che: Desmitificación de un héroe romántico. Ed Planeta-Bronce, 2008, p. 63.

139 Ernesto Che Guevara, Pasajes de la guerra revolucionaria en Obras 1957–1967, p. 193. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 156.

140 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 97.

141 Id., p. 98.

142 Ibid., p. 99.

143 Ernesto Che Guevara, Pasajes de la Guerra Revolucionaria: Obras 1957–1967, p. 193. Citado em: Pierre Kalfon, (1997), p. 156.

144 Citado em Pedro Corzo, Luis Guardia & Francisco Lorenzo, op. cit., pp. 42–44.

145 Id., pp. 56–57.

146 Thomas Edward Lawrence, Os sete pilares da sabedoria, 1926. Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 128.

147 Pacho O'Donnell (2005), p. 85.

148 Citado em Pedro Corzo, Luis Guardia & Francisco Lorenzo, op. cit., p. 64.

149 Pacho O'Donnell (2005), p. 89.

150 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., pp. 116–17.

151 Pierre Kalfon, op. cit., p. 165.

152 Daily Worker, Nova York, 5 e 10 de agosto de 1953. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 111.

153 Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa, Manual del perfecto idiota latinoamericano. Mendoza: Ed. Atlántida, 1996, p. 150.

154 Id., p. 150.

155 Ibid.

156 Jorge G. Castañeda, op. cit., pp. 108–109.

157 Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa, Op. Cit., p. 150.

158 Departamento de Comércio dos Estados Unidos, Investment in Cuba. Washington: Government Printing Office, 1956, p. 184. Citado em Mario Lazo, Daga en el corazón: Cuba traicionada. Minerva Books Ltd., 1972, p. 86.

159 Ernest Schwartz, "Some Observations on Labor Organization in the Caribbean", em The Caribbean: It's Economy (Gainesville, Florida: University of Florida Press, 1954), p. 167. Citado em Mario Lazo, Daga en el corazón: Cuba traicionada. Minerva Books Ltd., 1972, p. 87.

160 Álvarez Díaz, Trayectoria de Castro: Encumbramiento y derrumbe. Miami: Editorial a.i.p., 1964, p.11, Secretaria de Comércio dos Estados Unidos, us Investments in the Latin American Economy, Washington: Government Printing Office, 1957, p. 75. Citado em Mario Lazo, Daga en el corazón: Cuba traicionada. Minerva Books Ltd., 1972, p. 88.

161 Secretaria de Comércio dos Estados Unidos, Investment in Cuba. p. 37. Theodore Draper, Castroism: Theory and Practice. Nova York: Frederick A. Praeger, 1965, p. 109. Citado em: Mario Lazo, Daga en el corazón: Cuba traicionada. Minerva Books Ltd., 1972, p. 89.

162 Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa, Op. Cit., p. 152.

163 MacGaffey & Barnett, Twentieth Century Cuba, p. 225. Citado em Mario Lazo, Daga en el corazón: Cuba traicionada. Minerva Books Ltd., 1972.

164 Id., p. 91.

165 Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa, Op. Cit., p. 156.

166 Últimas Noticias, 20 de março de 1990. p. 24. Citado em: Prof. Alexander Torres Mega, En las puertas del infierno cubano. Uruguay: Ediciones Flashes Culturales, 1990, p. 59

167 Secretaria de Comércio dos Estados Unidos, Investment in Cuba, p. 183. Citado em: Mario Lazo, Op. Cit., p. 97.

168 Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa, Op. Cit., p. 150.

169 Citado em: Prof. Alexander Torres Mega (1990), pp. 42–44.

170 Mario Lazo, Op. Cit., p. 100.

171 Id., pp. 97–100.

172 Conforme o Atlas de Guinsburg. Citado em: Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa, Op. Cit., p. 150.

173 V. Tendencias políticas de la Población Mundial de la onu 1977. Vol. 1, tabela 75. Citado em: Prof. Alexander Torres Mega, Op. Cit., p. 60.

174 Luxemburg 2-3. Citado em: Prof. Alexander Torres Mega, Op. Cit., p. 60.

175 Fundação Getúlio Vargas, Conjuntura Econômica. 1987, p. 128. Citado em: Prof. Alexander Torres Mega, Op. Cit., p. 60.

176 Pierre Kalfon, op. cit., p. 158.

177 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 116.

178 Pierre Kalfon, op. cit., p. 163.

179 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 125.

180 Pierre Kalfon, op. cit., p. 168.

181 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 126.

182 Orlando de Cárdenas, jornalista, foi amigo de Fidel Castro e um dos principais colaboradores do Movimento 26 de Julho no México. Caimán Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo, Guevara: Anatomía de un mito.

183 Intelligence Digest, março 1959, citado por N. Weyl. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 301.

184 Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 337.

185 Pacho O'Donnell (2005), p. 91.

186 Pierre Kalfon, op. cit., p. 178.

187 Ernesto Che Guevara, Obras 1957–1967; p. 194. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 177.

188 Citado em: Pedro Corzo, Luis Guardia, Francisco Lorenzo, op. cit., p. 66, 67.

189 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 137.

190 Pacho O'Donnell (2005), p. 96.

191 Hugo Gambini, op. cit., p. 101.

192 Pacho O'Donnell (2005), p. 95.

193 Ver: Huber Matos. Cómo llegó la noche. Fábula: Tusquets Editores, 2004, 5ª edição, p. 54.

194 Ernesto Guevara, Pasajes de la Guerra Revolucionaria. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. Digitalização: Koba, p. 6.

195 Id., p. 5.

196 Pierre Kalfon, op. cit., p. 183.

197 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 152–53.

198 Id., p. 159.

199 Outras biografias e documentos afirmam que houve 16 sobreviventes.

200 Hugo Gambini, op. cit., pp. 112–113.

201 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 159.

202 Mario Lazo. op. cit., p. 116.

203 Citado em: Jacobo Machover, op. cit., p. 28.

204 Pacho O'Donnell (2005), p. 141.

205 Miguel Sánchez, El Coreano, lutou junto com as tropas americanas na Guerra da Coréia. Fidel o recruta como instrutor militar do grupo de guerrilheiros que estava no México. Caimán Productions, Instituto de la memoria histórica cubana contra el totalitarismo, Guevara: Anatomía de un mito.

206 Francisco Rodríguez, citado em Marvin Resnick, The Black Beret: The Life and Meaning of Che Guevara. Nova York: Ballantine Books, 1969, p. 88. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 137.

207 Artigo "Raúl Castro nunca quiso que el Che lo atendiera". Buenos Aires: Jornal La Nación, seção política, publicado em edição impressa, segunda-feira, 9 de fevereiro de 2009.

208 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 228.

209 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 162.

210 Ernesto Guevara, op. cit., p. 10.

211 Pacho O'Donnell (2005), p. 101.

212 Jorge G. Castañeda, op. cit., pp. 37–38.

213 Pacho O'Donnell (2005), p. 91.

214 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 210.

215 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 228.

216 Ernesto Guevara, La guerra de guerrillas. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. E Ernesto Guevara, Obras Completas. Havana, Casa de las Américas, 1970. Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 131.

217 Citado por Claudia Korol, op. cit. Em Juan José Sebreli (2008), p. 131.

218 Aleida March, Evocación: Mi vida al lado del Che. Buenos Aires: Espasa, 2008. Em Juan José Sebreli (2008), p.

132.

219 Juan José Sebreli (2008), p.131.

220 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 228.

221 Ernesto Guevara, op. cit., p. 11.

222 Jaime Costa, participante do assalto ao quartel Moncada, expedicionário do iate Granma, comandante do Exército Rebelde. Enviado por Castro para reagrupar os militantes do Movimento 26 de Julho na América Central. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

223 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 172.

224 Pacho O'Donnell (2005), p. 106.

225 Id., p. 106.

226 Pacho O'Donnell, Che, la vida por un mundo mejor. Sudamericana, 2005, 2ª edição, p. 109.

227 Pablo Giussani, Montoneros, la soberbia armada. Sudamericana, 2003, p. 113.

228 Huber Matos, Cómo llegó la noche. Fábula: Tusquets Editores, 2004, 5ª edição, p. 77.

229 Id., p. 75

230 Hugo Gambini, op. cit., p. 121.

231 Id., p. 121.

232 Mario Lazo, op. cit., p. 131.

233 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 198.

234 Id., p. 179.

235 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 194.

236 Id., p. 195.

237 Arquivo LAB. Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 250

238 Pierre Kalfon, op. cit., p. 229.

239 Huber Matos. op. cit., p. 58.

240 Huber Matos. op. cit., p. 72.

241 Jon Lee Anderson, Che Guevara, una vida revolucionaria. Ed. Anagrama, 2007, 2ª edição, p. 228.

242 Id., p. 353.

243 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 218.

244 Vicente Massot, El cielo por asalto: erp, montoneros y las razones de la lucha armada. Buenos Aires: Ed. El Ateneo, 2013, pp. 31–51.

245 Anthony De Palma. El hombre que inventó a Fidel Castro, Cuba y Herbert Matthews del New York Times. 2007, p. 132. Citado em: Vicente Massot (2013), p. 45.

246 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 193.

247 Pierre Kalfon, op. cit., 1997, p. 220.

248 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 115.

249 Ernesto Che Guevara, Obras 1957–1967, p. 340. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 220

250 Pacho O'Donnell (2005), p. 122.

251 Jacobo Machover, La cara oculta del Che: Desmitificación de un héroe romántico. Ed. Planeta-Bronce, 2008, p. 34.

252 Juan José Sebreli (2008), p. 132.

253 Roberto Bismarck. capitão do Exército Rebelde, membro da Segunda Frente Nacional de Escambray, participou do pacto ou reunião de El Pedrero. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo, Guevara: Anatomía de un mito.

254 Luciano Medina, capitão do Exército Rebelde, homem de confiança e mensageiro de Fidel Castro. Na invasão de leste a oeste esteve sob as ordens de Camilo Cienfuegos. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo, Guevara: Anatomía de un mito.

255 Citado em: Jacobo Machover (2008), pp. 34–35.

256 Citado em: Frank Niess (2005), p. 94.

257 Ernesto Guevara, Notas para el estudio de la revolución comunista. 1960. Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 153.

258 Pacho O'Donnell (2005), p. 120.

259 Ernesto Guevara, Obras 1957–1967, p. 261. Citado em: Kalfon, Pierre (1997), p. 212.

260 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 123.

261 Id., pp. 120–121.

262 Ernesto Guevara, Pasajes... Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 139.

263 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), pp. 188–189.

264 Pierre Kalfon, op. cit., p. 221.

265 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 129.

266 Lucila Velásquez. Caracas: El Nacional, outubro de 1967. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 114.

267 Cf. Mario Lazo, Daga en el corazón: Cuba traicionada. Minerva Books Ltd., 1972, pp. 138–140.

268 Juan B. Fue Yofre, Cuba: La infiltración cubano-soviética que dio origen a la violencia subversiva en Latinoamérica. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 3ª edição, 2014, p. 178.

269 Ernesto Guevara de la Serna a Celia de la Serna de Guevara, outubro de 1956. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 114.

270 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 210.

271 Juan José Sebreli (2008), p. 146.

272 Carta datada de 18 de dezembro de 1957. Citada por Carlos Franqui. Fragmento reproduzido em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 145.

273 Pierre Kalfon, op. cit., p. 246.

274 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 160.

275 Isso foi reconhecido pelo comandante do Exército Rebelde, Huber Matos, no programa Sin Fronteras, transmitido no canal Política y Desarrollo, em Buenos Aires, Argentina, apresentado pelo pensador Armando Ribas acompanhado pelos jornalistas José Benegas e Marina Calabró.

276 Mario Lazo, op. cit., p. 239.

277 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 190.

278 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 131.

279 Enrique Ros, Ernesto Che Guevara: Mito y Realidad. Miami: Ediciones Universal, 2002, primeira edição, p. 161.

280 Enrique Ros, op. cit., p. 162.

281 Jules Dubois, Fidel Castro. Indianápolis: Bobbs-Cerril, 1959, pp. 261–265. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), pp. 336–337.

282 Huber Matos. op. cit., p. 195.

283 The New York Times, 24 de fevereiro de 1957. Primeiro de três artigos de Matthews. Citado em: Mario Lazo (1972), p. 121.

284 Anthony De Palma, El hombre que inventó a Fidel Castro, Cuba y Matthews Herbert del New York Times. Nova York: Pinto Books Inc., 2007, p. 132. Citado em: Vicente Massot (2013), p. 44.

285 Santiago Senen González, "La sombra del Che y el secuestro de Juan Manuel Fangio en Havana. 19 de fevereiro de 2017", disponível em: http://www.telam.com.ar/notas/201702/180196- la-sombra-del-che-y-el-secuestro-dejuan-manuel-fangio--en-la- habana.html, acessado em 24 de maio de 2023.

286 Pierre Kalfon, op. cit., pp. 240–241.

287 Pacho O'Donnell (2005), p. 132.

288 Caiman Productions, Guevara: Anatomía de un mito. Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo.

289 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 228.

290 Hugo Gambini, op. cit., p. 144.

291 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 243.

292 Mario Lazo, op. cit., p. 133.

293 Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek, Jean-Louis Panne & Jean-Louis Margolin, El libro negro del comunismo: crímenes, terror y represión. Ediciones b, 2010, 3ª edição, p. 830.

294 Carlos Franqui, Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro. Barcelona: Planeta, 1988, p. 126. Citado em: Pierre Kalfon (1997).

295 Documento da cia datado de 13 de fevereiro de 1958, citado por Rogelio García Lupo em Últimas noticias de Fidel Castro y el Che. Buenos Aires: Vergara, 2007. Em: Juan José Sebreli (2008), p. 128.

296 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 246.

297 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 254.

298 Id., p. 259.

299 Citado em Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 270.

300 Id., p. 270.

301 Ernesto Guevara, Pasajes, p. 260. Citado em Jorge G. Castañeda (1997), p. 169.

302 Pierre Kalfon, op. cit., p. 243.

303 Jorge G. Castañeda, op. cit., pp. 169–170.

304 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 171.

305 Huber Matos, op. cit., p. 242.

306 Mario Lazo, op. cit., p. 165.

307 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 228.

308 Huber Matos. op. cit., pp. 248–250.

309 Id., p. 255.

310 Huber Matos, op. cit., p. 259.

311 Id., p. 260.

312 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 294.

313 Earl E. Smith, The Fourth Floor. Nova York: Random House, 1962, pp. 169–171. Citado em: Mario Lazo (1972), pp. 169–170.

314 Huber Matos. op. cit., p. 265.

315 Earl E. T. Smith, Cómo Eisenhower entregó Cuba a Castro Ruz. Maracaibo, Venezuela: Bolívar Siete, 2002, pp. 7, 68, 91, 224, 229, 225. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), pp. 376–378.

316 Earl E. T. Smith, Cómo Eisenhower entregó Cuba a Castro Ruz. Maracaibo, Venezuela: Bolívar Siete, 2002, p. 123. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 378.

317 Huber Matos. op. cit., pp. 269–270.

318 Id., p. 273.

319 Ibid., pp. 271–272.

320 Huber Matos, op. cit., p. 269.

321 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 314.

322 Lázaro Asencio, advogado e jornalista. Comandante do Exército Rebelde. Membro da Segunda Frente Nacional de Escambray. Caimán Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo, Guevara: Anatomía de un mito.

323 Sylvester Stallone (Nova York, 6 de julho de 1946) é uma das estrelas mais importantes da história dos filmes de ação de Hollywood. Ele deu vida a dois personagens icônicos: Rocky Balboa, o boxeador da Filadélfia que, contra todas as probabilidades, se tornou campeão mundial; e John Rambo, o ex-boina verde veterano da Guerra do Vietnã, especializado em guerrilha que lutou e venceu sozinho contra exércitos inteiros.

324 Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), pp. 172–173.

325 Id., p. 173.

326 Jaime Costa, participante do assalto ao quartel Moncada, expedicionário do iate Granma, comandante do Exército Rebelde, enviado por Castro para reagrupar os integrantes do Movimento 26 de Julho na América Central. Caiman Productions, Instituto de la memoria histórica cubana contra el totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

327 Ver cifras em: Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 175.

328 Cifra citada em: Juan José Sebreli (2008), p. 132.

329 Citado em: Frank Niess (2005), p. 80.

330 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 334.

331 Citado em Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 338.

332 Huber Matos. op. cit., p. 280.

333 Huber Matos, Cómo llegó la noche. Fábula: Tusquets Editores, 5ª edição, p. 281.

334 Huber Matos, Cómo llegó la noche. Fábula: Tusquets Editores, 2004, 5ª edição, p. 283.

335 The New York Times: Havana e Washington. Publicado em 23 de janeiro de 1959.

336 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 158.

337 Hugo Gambini, op. cit., p. 211.

338 Pierre Kalfon, op. cit., p. 268.

339 "Cuba: ¿Caso excepcional o vanguardia en la lucha contra el colonialismo?", publicado na revista Verde Olivo, órgão do Exército Revolucionário Cubano, em 9 de abril de 1961, transcrito em: Ernesto Guevara, Obras completas. Andrómeda, 2002, pp. 203, 210, 215, 216.

340 Hugo Gambini, op. cit., p. 184.

341 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 144.

342 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 350.

343 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 368.

344 Hugo Gambini, op. cit., p. 178.

345 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 228.

346 Pierre Kalfon, op. cit., p. 271.

347 Director of Central Intelligence, Special National Intelligence Estimate # 85–58, "The Situation in Cuba", 24 de novembro de 1958. Citado em: Georgie Anne Geyer, Guerrilla Prince. Boston: Little Brown, 1991, p. 190. Em Jorge G. Castañeda (1997), p. 175.

348 Ronald M. Schneider, Comunismo en Latinoamérica: el caso Guatemala. Buenos Aires: Libreros Mexicanos Unidos, 1964, pp. 136–137. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 300

349 William Bowdler, Embassy to Dep. of State, 20 de março de 1959: Comunist Penetration at La Cabaña Fortress confidential, us Department Files, vol. x, Despatch 1053. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 193.

350 Foreign Service Despatch, Braddock Embassy to Dep. of State, 14 de abril, 1959, Growth of Comunism in Cuba Confidencial, Foreign Relations on the United States, 1958–1960, Department of State, Central Files, LBJ Library. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 193.

351 Citado em: Hugo Gambini (2007), p. 197.

352 Mario Lazo, op. cit., p. 239.

353 Herbert Matthews, Fidel Castro. Paris: 1970, p. 165. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 282.

354 Theodore Draper, Castroism: Theory and Practice. Nova York: Frederick Praeger, 1965, p. 17. Citado em: Mario Lazo (1972), p. 240.

355 Theodore Draper, Castroism: Theory and Practice. Nova York: Frederick Praeger, 1965, p. 17. Citado em: Daga en el corazón: Cuba traicionada. Em: Mario Lazo (1972), p. 240.

356 Juan B. Yofre, op. cit., p. 44.

357 Pierre Kalfon, op. cit., pp. 287, 288.

358 Carlos Ortiz de Rozas, Confidencias diplomáticas. Buenos Aires, Editorial Aguilar, 2011. Citado em: Juan B. Yofre (2014), p. 178.

359 Citado em: Pierre Kalfon, op. cit., p. 283.

360 Juan B. Yofre, op. cit., p. 34.

361 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 341.

362 Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 293.

363 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 165.

364 Enrique Díaz Araujo. op. cit., pp. 334–335.

365 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 165.

366 Vladimir Lênin, La enfermedad infantil del izquierdismo: obras escogidas. Buenos Aires: Problemas, 1946, Tomo IV, 1920. Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 145.

367 Jean-Paul Sartre, Les mains sales. [Las manos sucias]. Buenos Aires: Losada, 1948. Citado em: Sebreli, Juan José (2008), p. 147.

368 Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 210.

369 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 390.

370 Enrique Ros, op. cit., p. 206.

371 Salvador Villaseca, Entrevista com o autor. Havana, 23 de janeiro de 1996. Citado em: Jorge G. Castañeda, (1997), p. 205.

372 Id., p. 217.

373 Citado em Mario Lazo (1972), p. 197.

374 "Amenaza Comunista a los Estados Unidos en el Caribe", Anales del Subcomité de Seguridad Interna, Senado de los Estados Unidos, Parte iiI, Washington DC, Oficina Impresora del Gobierno, 1961. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 386.

375 Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo, ¿Asesinaron a Camilo?.

376 Huber Matos. op. cit., pp. 344, 346, 359.

377 Pierre Kalfon, op. cit., p. 299.

378 Id., pp. 299–300.

379 Ainda mais tarde, Che deu ao filho o nome de Camilo, um gesto que muitos dizem ser uma homenagem a Cienfuegos.

380 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 172.

381 Id., p. 235.

382 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 428.

383 Pacho O'Donnell, op. cit., pp. 151–152.

384 Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 230.

385 Enrique Díaz Araujo. op. cit., p. 232.

386 Citado em Juan José Sebreli, (2008), p. 133.

387 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 371.

388 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 166.

389 Pierre Kalfon, op. cit., p. 266.

390 Ernesto Che Guevara, Hasta la Victoria Siempre. Havana: Número especial, novembro de 1967, p. 44. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 267.

391 Citado em: John Lee Anderson (2007), p. 359.

392 Citado em: Jacobo Machover (2008), p. 42.

393 Óscar Del Barco, Carta a la intemperie, dezembro de 2004. E posterior polêmica em: Sobre la responsabilidad. Córdoba: Cíclope, 2007. Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 133.

394 Revolución. Havana, 14 de janeiro de 1959. Citado em: Jacobo Machover (2008), p. 29.

395 brac: Buró para la Represión de las Actividades Comunistas. Instituição policial criada por Fulgencio Batista após os fatos ocorridos em 26 de julho de 1953 nas cidades de Santiago de Cuba e Bayamo e no contexto da convulsiva situação nacional que o país vivia.

396 Napoleón Vilaboa, ex-membro do Movimento 26 de Julho. Começou a trabalhar em janeiro de 1959 na chamada "comissão depuradora" na fortaleza de La Cabaña, sob as ordens de Che Guevara. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

397 Rolando Castaño, filho do tenente José de Jesús Castaño. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

398 Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), p. 324.

399 José Vilasuso, advogado. Começou a trabalhar em janeiro de 1959 sob as ordens de Ernesto Guevara como instrutor de expedientes da chamada comissão depuradora, na fortaleza de La Cabaña. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

400 Citado em: Jon Lee Anderson (2007), p. 453.

401 Citado em: Frank Niess (2005), p. 84.

402 Id. pp. 84–85.

403 Orlando "Olo" Pantoja foi um homem de confiança de Ernesto Guevara, capitão do Exército Rebelde. Ele morreu na Bolívia como membro da guerrilha guevarista. Testemunho de Eduardo Pérez, primeiro-tenente do Exército Rebelde, ingressou na coluna 8 "Ciro Redondo" em Las Villas, sob as ordens de Ernesto Guevara. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

404 Sergio García Muñiz, irmão de Rafael García, fuzilado por Ernesto Guevara. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

405 Citado em: Jacobo Machover (2008), p. 45.

406 Roberto Martín Pérez, líder da Conspiración de Trinidad, ex-preso político, cumpriu vinte e oito anos de prisão. Amigo de infância de Aleida March, esposa de Ernesto Guevara. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

407 Proyecciones del Ejército Rebelde, cit. por Hugo Gambini (2007), pp. 217–218. Reproduzido em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 303.

408 The Cuba Dilemma. Nova York, 1962; pp. 62–63. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), pp. 303–306.

409 Entre 1959 e 1965, Ernesto Guevara fez meia dúzia de viagens ao exterior com duração média de dois meses cada.

410 Cf. Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 182.

411 “El Che Guevara fusilaba sin conciencia”. Juanita Castro, irmã de Fidel, disse que Guevara era um homem sem coração. Jornal La Gaceta, 16 de novembro de 2009.

412 “Nuestra lucha es una lucha a muerte”, discurso de Ernesto Guevara, em 11 de dezembro de 1964, perante a Assembléia da onu, transcrito em Ernesto Che Guevara, Obras completas, Andrómeda, 2002.

413 Cit. por Ricardo Rojo. Extraído de: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 350.

414 Citado em: Hugo Gambini (2007), p. 216.

415 El Socialismo y el Hombre en Cuba: la educación directa. Citado em: Ernesto Guevara, Obras completas, Andrómeda, 2002; pp. 189–198

416 Ernesto Guevara, El Socialismo y el Hombre Nuevo. México: Siglo xxi, América Nuestra, 1977, p. 14.

417 El Che en la Revolución Cubana. op. cit., t. VI, p. 371. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 391.

418 Citado em: Jon Lee Anderson (2007), p. 455.

419 Frank Niess, op. cit., p. 98.

420 Enrique Díaz Araujo, op. cit., pp. 333–335.

421 Citado em: Juan B. Yofre (2014), p. 120.

422 Pierre Kalfon, op. cit., p. 348.

423 M. Egurrola, Mis lecturas de segundo grado. Edit. Pueblo y Educación, 1984, pp. 220, 229. Citado em: Alexander Torres Mega, op. cit., p. 32.

424 Seu depoimento completo foi publicado, com exclusividade, pelo escritor brasileiro Luciano Bivar em seu livro: Cuba num retrato sem retoques. Citado em Alexander Torres Mega (1990), p. 45.

425 Carlos Alberto Montaner, Fidel Castro y la Revolución Cubana, 2ª ed. Playor, Madrid, 1983; p. 240. Biblioteca cubana contemporánea. Citado em: Alexander Torres Mega (1990); pp. 46–47.

426 Libro 4º de Lectura. Editorial Pueblo y Educación, 1984, p. 154. Citado em: Alexander Torres Mega (1990), p. 29.

427 Lecturas para el quinto grado. Editorial Pueblo y Educación, 1987, pp. 146, 149. Citado em: Alexander Torres Mega (1990), p. 33.

428 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 224.

429 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 400.

430 Carlos Moore, Le castrisme et l’Afrique noire, 1959–1972, pp. 530–516. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 474.

431 Pacho O’Donnell, op. cit., p. 174.

432 Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek, Jean-Louis Panne & Jean-Louis Margolin. El libro negro del comunismo: crímenes, terror y represión. Ediciones B, 2010, 3ª edição, p. 837.

433 Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 138.

434 Celia Guevara March, la hija del Che, se hizo ciudadana argentina. Jornal Clarín, 12 de agosto de 2007, disponível em http:// www.clarin.com/ediciones-anteriores/celia-guevara-march-hija-che- hizociudadana-argentina_0_rJ_Ws-lk0Fl.html, acessado em 26 de maio de 2023.

435 Compañeros de América y el Mundo: Discurso proferido por Ernesto Guevara no Primer Congreso Latinoamericano de Juventudes, 28 de julho de 1960.

436 Pierre Kalfon, op. cit., p. 321.

437 Juan B. Yofre, op. cit., p. 56.

438 Stéphane Courtois e outros, op. cit., p. 832.

439 Pierre Kalfon, op. cit., pp. 322–323.

440 Juan B. Yofre, op. cit., p. 50.

441 Kalfon, Pierre op. cit., p. 351.

442 Id.

443 K.S. Farol, Les guérrilleros au pouvoir, pp. 55–56. Citado em: Pierre Kalfon, (1997), p. 353.

444 Ernesto Guevara, Actas del Ministerio. Citado em Jorge G. Castañeda (1997), p. 224.

445 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 535.

446 Lênin morreu em janeiro de 1924 e, desde então, Stálin não parou de avançar até controlar o poder completamente, até sua morte em 1953.

447 A Grande Enciclopédia Soviética é uma das mais extensas já publicadas na língua eslava. A obra tinha um viés natural em favor do marxismo-leninismo, a ideologia oficial do sistema soviético.

448 O Komsomol foi a estrutura juvenil do Partido Comunista da União Soviética (pcus).

449 Álvaro Lozano, Stalin, el tirano rojo. Espanha: Nowtilus, 2012, pp. 460–461.

450 Mijail Stern & August Stern, La vida sexual en la Unión Soviética. Espanha: Brugera, 1980, p. 259.

451 Citado em: V. Gorbato, Montoneros de Menem: soldados de Duhalde. Buenos Aires: Sudamericana, 1999, p. 300.

452 As Unidades Militares de Apoio à Produção (umap) foram campos de detenção que existiram em Cuba entre 1965 e 1968. Eram cerca de 25 mil homens, basicamente jovens que por diversos motivos (homossexualismo, atividades religiosas ou condutas “contra-revolucionárias”) foram confinados e tiveram apenas domingos de folga.

453 Entrevista concedida por Fidel Castro ao jornalista Lee Lockwood e publicada no Castro’s Cuba, Cuba’s Castro. Citado em: M. Zayas, Mapa de la homofobia: cronología de la represión y censura a homosexuales, travestis y transexuales en la Isla, desde 1962 hasta la fecha. 2006.

454 Citado em: O. Bazán, Historia de la Homosexualidad en la Argentina: de la conquista de América al Siglo xxi. Buenos Aires: Marea Editorial, 2010. p. 330.

455 Enrique Ros, La Umap: el gulag castrista. Miami, Florida: Ediciones Universal, 2004, p. 10.

456 Enrique Ros, op. cit., p. 13.

457 Juan B. Yofre, op. cit., p. 299.

458 Jornal Revolución, quinta-feira, 11 de março de 1965. Citado em: Enrique Ros (2004), p. 28.

459 Enrique Ros, op. cit., p. 14.

460 Acta de la Sexta Jefatura Provincial de Pinar del Río, Sub- unidad Bahía Honda del Ministerio del Interior, Departamento de Orden Público. Expediente de Emilio Izquierdo. Cf. Enrique Ros (2004), p. 15.

461 Michael Harrington, Socialism. Nova York: Bantan Book, 1973, p. 291. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 349.

462 Ver cifras em Enrique Ros (2004), p. 33.

463 Jorge Ronet, La Mueca de la Paloma Negra. Espanha: Biblioteca Cubana Contemporánea. Citado em: Enrique Ros (2004), p. 37.

464 Citado em Enrique Ros (2004), p. 44.

465 Jornal Granma, quinta-feira, 14 de abril de 1966. Citado em Enrique Ros (2004), p. 45.

466 Revista Bohemia, 27 de novembro de 1965. Citado em: Enrique Ros (2004), p. 60.

467 Julian Schnabel (Dir). Javier Bardem (Prot). Antes do anoitecer [filme] ganhou uma indicação ao Oscar de Melhor Ator pela interpretação de Javier Bardem do poeta cubano Reinaldo Arenas.

468 R. Arenas, Before Night Falls. Canadá: Penguin Books, 1994.

469 No filme são entrevistados vários homossexuais ligados à vida cultural cubana (Lorenzo Monreal, Reinaldo Arenas, Jorge Ronet, Luis Lazo, Mireya Robles, Rafael de Palet, Jorge Lago). O documentário tem duração de 105 minutos e já está disponível na internet no link: https://www.youtube.com/ watch?v=OBPOcFTGTzQ.

470 Fidel Castro admite persiguió homosexuales. aol Noticias, 1 de setembro de 2009.

471 Fidel Castro a Ernesto Guevara, 8 de janeiro de 1959. Em: Daniel James, Cuba, el primer satélite soviético en América. México: Libreros Mexicanos Unidos, 1962, p. 127. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 5.

472 Pierre Kalfon, op. cit., p. 302.

473 Thomas Hug, Cuba. La lucha por la libertad 1762–1970: la República Socialista 1959–1970. Barcelona: Grijalbo, 1974, p. 1.641. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 45.

474 Pierre Kalfon, Che, Ernesto Guevara, una leyenda de nuestro siglo. Plaza & Janés Editores, 1997, p. 325.

475 Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 45–46.

476 Id.; p. 41.

477 Jean Pierre Clerk, Las cuatro estaciones de Fidel Castro: una biografia política. Buenos Aires: Aguilar, 1997, p. 213. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 41.

478 Huber Matos. op. cit., p. 273.

479 Thomas Hug (1974), pp. 1449–1451. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 42.

480 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 421.

481 Jon Lee Anderson, op. cit., pp. 389–390.

482 Huber Matos. op. cit., pp. 435–436.

483 Armando Valladares, Contra toda esperanza: 22 años en el "Gulag de las Américas". Buenos Aires: Intermundo, 1985, pp., 18–19. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 64.

484 Mario Lazo, op. cit., pp. 411–412.

485 Ver Enrique Díaz Araujo (1983), p. 307.

486 Elías Nazario, capitão do Exército Rebelde, membro da Segunda Frente Nacional de Escambray. Escolta de Che Guevara. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

487 Mario Lazo, op. cit., p. 410.

488 Ao referir-se aos dezessete anos de poder de Batista, acrescenta-se tanto o poder militar que Batista teve como chefe das Forças Armadas de Cuba desde 1933, quanto o poder político como presidente em duas ocasiões: 1940–44 e 1952–1958. Mario Lazo (1972), p. 210.

489 Juan José Sebreli, op. cit., p. 135.

490 Pierre Kalfon, op. cit., p. 324.

491 Carlos Alberto Montaner, Víspera del final: Fidel Castro y la Revolución Cubana. Madrid: Globos, 1994, pp. 177–

178. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 9–10.

492 Stéphane Courtois e outros. op. cit., p. 837.

493 ABC, Madrid, 12 de março de 2003, Castro fusila a tres cubanos que secuestraron un barco para huir.

494 Huber Matos. op. cit., pp. 430–431.

495 Enrique Díaz Araujo. op. cit., p. 19.

496 Armando Valladares, Contra toda esperanza: 22 años en el "Gulag de las Américas", Buenos Aires, Intermundo, 1985, pp. 67, 68, 69, 152. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 17–19.

497 Carlos Franqui, Retrato de familia con Fidel. Barcelona: Seix Barral, 1981, pp. 223–226. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 14–16.

498 Enrique Díaz Araujo. op. cit., p. 17.

499 Entre outros campos de concentração, foram construídos ou adaptados o Ciudad Sandino em Pinar del Río, as prisões de El Condado, em Trinidad e El Serrucho, em Camagüey. A isso se somam as prisões de Boniato, La Cabaña, El Príncipe e a Isla de Pinos.

500 Juan Vives, Los amos de Cuba. Buenos Aires: Emecé, 1982, pp. 99–100. Citado em: Enrique Díaz Araujo. (2005), p. 24.

501 Stéphane Courtois e outros. op. cit. p. 846.

502 Papito Struch foi o responsável pelas prisões do Oriente, no sul da ilha.

503 Ver Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 27–28.

504 A lista, tanto de estabelecimentos como de agentes repressivos e disciplinadores que atuaram para esse fim, está perfeitamente detalhada por província, nome e função específica em Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 26, 27, 30, 31, 32.

505 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 250.

506 Armando Valladares, Contra toda esperanza. 22 años en el "Gulag de las Américas", Buenos Aires, Intermundo, 1985, p. 80. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 23, 68.

507 Mario Lazo, op. cit., p. 414.

508 Stéphane Courtois e outros. op. cit., p. 839.

509 Id., p. 41.

510 Thomas Hug (1974); pp. 1724–1862. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 30.

511 Stéphane Courtois e outros, op. cit., p. 850.

512 Além do relatório reproduzido no Miami Herald, edição de domingo, 23 de abril de 2006, o mesmo detalhe pode ser visto no documentário intitulado Los Muertos de Castro, dirigido por Eduardo Palmer. A Group 3 Productions, 2006. O vídeo também está na internet, no seguinte link: https://www.youtube.com/ watch?v=33bc86Tuvp4, acessado no dia 26 de maio de 2023.

513 www.cubaarchive.org

514 Armando Lago também é reconhecido internacionalmente por seu livro The Politics of Psychiatry in Revolutionary Cuba (1991).

515 No âmbito do projeto Archivo Cubano, principal programa do Free Society Project (FSP), instituição presidida pela própria Werlau.

516 Pacho O'Donnell, op. cit., pp. 176–177.

517 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 406.

518 Álvaro Vargas Llosa, La máquina de matar: El Che Guevara, de agitador comunista a marca capitalista. The New Republic, 11 de julho de 2005.

519 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 215.

520 Pierre Kalfon, op. cit., p. 303.

521 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii. (2010); p. 408.

522 Citado em: Pedro Corzo, Luis Guardia & Francisco Lorenzo. Guevara: Misionero de la Violencia. Miami: Ed. Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el totalitarismo, 2008, p. 227.

523 Nicolás Quintana, arquiteto, nomeado para projetar o edifício do Banco Nacional de Cuba, posteriormente transformado em Hospital Hermanos Almejeiras. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Guevara: Anatomía de un mito.

524 Phillips R. Hart, The Cuban Dilemma. Nova York: Ivan Obolensky, Inc., 1962, p. 223. Citado em: Mario Lazo, (1972), pp. 222–223.

525 Pierre Kalfon, op. cit., p. 332.

526 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 246.

527 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 425.

528 Hugo Gambini, op. cit., p. 213.

529 Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner & Álvaro Vargas Llosa. Manual del perfecto idiota latinoamericano. Atlántida, 1996, p. 157.

530 Phillip W. Bonsal, Cuba, Castro and the United States. Foreign Affairs, janeiro de 1967, p. 273. Citado em: Mario Lazo (1972), p. 223.

531 Mario Lazo, op. cit., p. 237.

532 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 410.

533 Cf. Pierre Kalfon, op. cit., p. 335.

534 Juan José Sebreli (2008), pp. 134–144.

535 Um exemplo dessa maneira sombria de assinar suas cartas são as escritas por Guevara para sua tia Beatriz.

536 Carta divulgada pelo pai de Che, Ernesto Guevara Lynch, em sua obra Aquí va un soldado de América. Citado em: Jacobo Manchover (2008), p. 50.

537 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii. (2010), p. 424.

538 Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 335.

539 Mario Lazo, op. cit., p. 223.

540 Citado em: Juan B. Yofre, op. cit., p. 104.

541 Enrique Díaz Araujo, Cuadernos rojos, revolución marxista en América: los nuevos cristeros, La Rosa Blanca, 2005, p. 33.

542 Georgie Anne Geyer, El patriarca de las guerrillas. La historia oculta de Fidel Castro. Kosmos, 1991, pp. 230–231.

543 Mario Lazo, op. cit., pp. 235, 265.

544 Pierre Salinger, With Kennedy. Nova York, Doubleday & Company, 1966. Citado em: Juan B. Yofre, (2014), p.

132.

545 Mario Lazo, op. cit., p. 285.

546 Georgie Anne Geyer, op. cit., pp. 231–232.

547 Enrique Díaz Araujo (1983), p. 298.

548 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 450.

549 Carlos Franqui, Retrato de Familia con Fidel. Barcelona: Seix Barral, 1981, pp. 256–260. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 23.

550 Allen Welsh Dulles (7 de abril de 1893–9 de janeiro de 1969) foi o primeiro diretor civil da cia.

551 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 480.

552 Mario Lazo, op. cit., p. 269.

553 Id., p. 270.

554 Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 34–35.

555 Juan B. Yofre, op. cit., p. 138.

556 Mario Lazo, op. cit., p. 301.

557 Georgie Anne Geyer, op. cit., p. 234.

558 Instituto Internacional de Cooperación y Solidaridad Cubana: El presidio político en Cuba comunista. Caracas: Testimonio, icosocv, 1982, p. 61. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), pp. 38–39.

559 Thomas Hug, Cuba. La lucha por la libertad 1762–1970, ii: La República Socialista 1959/1970. Barcelona: Grijalbo, 1974. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2005), p. 40.

560 Mario Lazo, op. cit., p. 322.

561 Id., p. 329.

562 Georgie Anne Geyer, op. cit., p. 240.

563 Hugo Gambini (2007), p. 239.

564 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 255.

565 Enrique Díaz Araujo, La guerrilla en sus libros, tomo i, Buenos Aires: Edivern, 2008, pp. 156–157.

566 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), pp. 468–469.

567 Hugo Gambini, op. cit., p. 249.

568 Entre as censuras feitas a Frondizi, pesou também o fato de que a Argentina tivesse se abstido de expulsar a ditadura cubana da oea.

569 Georgie Anne Geyer, op. cit., p. 246.

570 Balanço de armas de McNamara citado em: Juan B. Yofre (2014), p. 125.

571 Georgie Anne Geyer, op. cit., p. 247.

572 Vicente Massot, Las Caras de la Historia. De la gran guerra al terrorismo internacional. Buenos Aires: Ed. El Ateneo, 2015; pp. 113–116.

573 Juan B. Yofre, op. cit., p. 232.

574 Georgie Anne Geyer, op. cit., p. 248.

575 Mario Lazo, op. cit., pp. 361–362.

576 O Ilyushin il-28 é um bombardeiro médio, originalmente construído para a Força Aérea Soviética.

577 Juan B. Yofre, op. cit., p. 248.

578 Georgie Anne Geyer, op. cit., p. 249.

579 Mario Lazo, op. cit., p. 359.

580 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 482.

581 Mario Lazo, op. cit., p. 376.

582 É uma península que constitui o extremo nordeste da Sibéria (Rússia). A península fica em frente à península americana de Seward, sendo ambas os extremos do Estreito de Bering.

583 Georgie Anne Geyer, op. cit., pp. 384–385.

584 Claude Julián en Le Monde, Paris, 22 e 23 de março de 1963. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 382.

585 Claude Julián en Le Monde, Paris, 22 e 23 de março de 1963. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 382.

586 Citado em: Georgie Anne Geyer (1991), p. 250.

587 Mario Lazo, op. cit., pp. 391, 392, 393, 399.

588 Cf. Markus Wolf, Man without a face. Times Books, 1997, p. 310. Citado em: Jorge G. Castañeda, (1997), p. 275.

589 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 207.

590 Citado em: Frank Niess, op. cit., p. 91.

591 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 515.

592 Ele foi presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, tanto sob a presidência de Nikita Kruschev (1964) quanto no governo de Alekséi Kosygin (1964–1965).

593 Juan B. Yofre, op. cit., p. 266.

594 Pierre Kalfon, op. cit., p. 383.

595 Juan B. Yofre, op. cit., pp. 269–272.

596 Alberto Castellanos, entrevista com o autor, Havana, 23 de janeiro de 1996. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 305.

597 [Documentário de tv] Erik Gandini, Tarik Saleh (Dir.), Sacrificio: quién traicionó al Che Guevara. Suécia, 2001.

598 Carlos Manuel Acuña, Por amor al odio. La tragedia de la subversión en la Argentina. Ediciones del Pórtico, 3ª edição, 2003, p. 36.

599 V. Carlos Manuel Acuña (2003), p. 37.

600 Juan B. Yofre, op. cit., p. 347.

601 De Argel, o contingente passou por Roma (Itália), São Paulo (Brasil), La Paz (Bolívia) e finalmente chegou a Salta (Argentina).

602 Juan B. Yofre, op. cit., p. 328.

603 Que a causa da execução foi o onanismo foi confirmado pelo guerrilheiro e ex-comandante-chefe do erp, Ejército Revolucionario del Pueblo, Luis Mattini, banda terrorista de linha guevarista, que operava em coordenação com o MIR

chileno na Argentina em década de 1970. V. Luís Mattini. Los Perros. Memorias de un combatiente revolucionario. Continente, 2ª edição., 2006, p. 218.

604 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 556.

605 Citado em: Pedro Corzo, Luis Guardia & Francisco Lorenzo, Guevara: Misionero de la violencia. Miami: Ed. Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el totalitarismo, 2008, pp. 24–25.

606 Juan B. Yofre, op. cit., p. 359.

607 Carlos Manuel Acuña, Por amor al odio. La tragedia de la subversión en la Argentina. Ediciones del Pórtico, 3ª edição, 2003, p. 73.

608 Carlos Manuel Acuña, Por amor al odio. La tragedia de la subversión en la Argentina. Ediciones del Pórtico, 2003, 3ª edição, p. 73.

609 Transcrição do jornalista Xavier Utset para a revista Contacto Internacional. Citado em: Carlos Manuel Acuña, 2003, pp. 78–83.

610 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, 2010, p. 445.

611 Jornal Revolución, exemplar de 27 de fevereiro de 1961. Citado em: Pierre Kalfon, 1997, p. 338.

612 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 268.

613 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 445.

614 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 194.

615 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 431.

616 V. Hugo Gambini (2007), p. 221.

617 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 449.

618 Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 360.

619 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., pp. 478–479.

620 Id., p. 493.

621 Jorge G. Castañeda, op. cit., pp. 266–268.

622 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 325.

623 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 442.

624 Id. pp. 500–501.

625 Ibid., p. 462.

626 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 267.

627 El Che en la Revolución cubana, t. iii, op. cit., p. 465. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 365.

628 René Dumont, Cuba, socialismo et développement. op. cit., p. 67. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 363.

629 Pierre Kalfon, op. cit., p. 401.

630 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 522.

631 El Che en la Revolución Cubana. op. cit. t. vi, pp. 288, 291. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 375.

632 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., pp. 522–523.

633 Informe sobre la corta estadía de los camaradas Ernesto Guevara y Emilio Aragonés. Archivo Nacional, Fondo del Comité Central del PC de Checoslovaquia. Citado em: Juan B. Yofre (2014), p. 200.

634 Juan B. Yofre, op. cit., p. 372.

635 Cf. Pierre Kalfon, op. cit., p. 395.

636 Mario Lazo, op. cit., p. 405.

637 Carlos Franqui, Vida, aventura y desastres de un hombre llamado Castro. op. cit., p. 326. Citado em: Pierre Kalfon, (1997), p. 401.

638 Mario Lazo, op. cit., p. 409.

639 Conversas com o autor. Buenos Aires: 1994. Citado em: Pierre Kalfon (1997), pp. 368–369.

640 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 495.

641 Ernesto Cardenal Martínez (Granada, Nicarágua, 20 de janeiro de 1925) foi um poeta, sacerdote e político nicaragüense mundialmente famoso, reconhecido como um dos mais proeminentes defensores da teologia da libertação na América Latina.

642 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 439.

643 Pierre Kalfon, op. cit., p. 415.

644 Ernesto Che Guevara, Reunião Bimestral, 20 de janeiro de 1962. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 270.

645 Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 314.

646 Frank Niess, op. cit., p. 119.

647 Pierre Kalfon, op. cit., p. 404.

648 Citado em: Jon Lee Anderson (2007), p. 425.

649 Ernesto Che Guevara, Actas, op. cit., pp. 177, 216. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 273.

650 Pierre Kalfon, op. cit., pp. 325, 326.

651 Stéphane Courtois e outros, op. cit., p. 832.

652 Citado em: Hugo Gambini, (2007), p. 275.

653 Juan José Sebreli (2008), p. 152.

654 Enrique Ros, op. cit., p. 216.

655 Citado em: Jacobo Machover (2008), p. 83.

656 Enrique Díaz Araujo (1983), p. 312.

657 Mario Lazo, op. cit., p. 221.

658 Discurso proferido por Guevara ante comunistas chilenos em janeiro de 1962. Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, Ernesto Guevara, también conocido como El Che. Ed. Planeta, 2010, 1ª edição, p. 487.

659 Mario Lazo, op. cit., p. 403.

660 Stéphane Courtois e outros, op. cit., p. 843.

661 Stéphane Courtois e outros, op. cit., p. 843.

662 Karl Marx chamou de alienação as distorções que, segundo ele, a estrutura capitalista causava na natureza humana. Ou seja, para a teoria marxista, o trabalhador, do ponto de vista capitalista, não era considerado uma pessoa em

si, mas uma mercadoria que poderia ser representada em seu equivalente monetário, e por isso o trabalhador progressivamente se desumanizava, isolando-se e anulando-se, sendo reduzido a um bem de mercado à mercê dos detentores dos meios de produção.

663 Paco Ignacio Taibo ii, op. cit., p. 480.

664 [Editorial, em francês] Granma, edição de 29 de outubro de 1967, p. 11. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 408.

665 Mario Lazo, op. cit., p. 411.

666 José Pepín Pujols, membro do Movimento 26 de Julho. Chamado por Ernesto Guevara para colaborar como supervisor da planta de níquel e cobalto de Moa e prático portuário. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo: Guevara: Anatomía de un mito.

667 Citado em: Pedro Corzo e outros, op. cit., p. 243.

668 Enrique Ostulki, entrevista com o autor. Havana: 1992. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 370.

669 El Che en la Revolución Cubana. op. cit., t. vi, p. 567. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 421.

670 Marcha, 8 de outubro, 1965. Em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 331.

671 Carlos Alberto Montaner, Víspera del final: Fidel Castro y la Revolución Cubana. Madrid: Globus, 1994, pp. 101–102. Citado em: Enrique Díaz Araujo (2008), pp. 390–391.

672 Pierre Kalfon, op. cit., p. 417.

673 Id., p. 416.

674 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 324.

675 Pierre Kalfon, op. cit., p. 418.

676 Juan B. Yofre, op. cit., p. 382.

677 "Nuestra lucha es una lucha a muerte", discurso de Ernesto Guevara pronunciado em 11 de dezembro de 1964, perante a Assembléia da ONU, transcrito em: Ernesto Guevara, Obras Completas. Andrómeda, 2002.

678 Juan B. Yofre, op. cit., p. 403.

679 Pierre Kalfon, op. cit., p. 439.

680 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 345.

681 Enrique Díaz Araujo (1983), p. 340.

682 Hugo Gambini, op. cit., pp. 281–282.

683 Pablo Neruda, Confieso que he vivido. Buenos Aires: Planeta, 1992, p. 439. Citado em: Pierre Kalfon, (1997), p. 330.

684 Hugo Gambini, op. cit., p. 293.

685 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 243.

686 Enrique Díaz Araujo, op. cit., pp. 261–285.

687 Hugo Gambini, op. cit., p. 295.

688 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 67.

689 Alberto Granado, entrevista com o autor. Havana: 1992. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 450.

690 Juan José Sebreli (2008), p. 140.

691 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 599.

692 Dar es Salaam é a cidade mais populosa da Tanzânia, localizada na costa leste da África, próxima ao Oceano Índico. Foi a capital do país de 1974 a 1996.

693 Pierre Kalfon, op. cit., p. 464.

694 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 603.

695 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 249.

696 Id., p. 259.

697 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 259.

698 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 619.

699 Pacho O'Donnell, op. cit., p.260.

700 Jon Lee Anderson, op. cit., p. 609.

701 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, (2010), p. 609.

702 Citado em: Pierre Kalfon (1997), pp. 472–473.

703 Citado em: Frank Niess (2005), p. 14.3

704 Pierre Kalfon, op. cit., p. 474.

705 Frank Niess, op. cit., p. 144.

706 Pierre Kalfon, op. cit., p. 469.

707 Citado em: Pacho O'Donnell, (2005), p. 262.

708 Ernesto Guevara, Pasajes de la guerra revolucionaria: Congo. pp. 157–158. Citado em: Enrique Díaz Araujo: (2008), p. 364.

709 Enrique Díaz Araujo (2008), p. 365.

710 Pierre Kalfon, op. cit., p. 481.

711 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 265.

712 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii, (2010), p. 635.

713 Frank Niess, op. cit., p. 141.

714 Cfr.: Pierre Kalfon, op. cit., p. 484.

715 Citado em: Enrique Ros (2002), p. 11.

716 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 649.

717 Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 487.

718 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 645.

719 Id., p. 648.

720 Daniel Alarcón Ramírez, Benigno, entrevista com o autor, Paris: 1996. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 487.

721 Citado em: Juan José Sebreli (2008), p. 140.

722 "El exguerrillero 'Benigno' acusa a Castro de traicionar al Che por orden de Moscú", Corriere della Sera, 7 de

janeiro de 2009.

723 Citado em: Enrique Ros (2002), p. 275.

724 Enrique Ros, op. cit., pp. 267–269.

725 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 655.

726 Enrique Ros, op. cit., p. 271.

727 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 664.

728 Id., p. 666.

729 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 272.

730 Id., p. 273.

731 Citado em: Frank Niess (2005), p. 145.

732 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 665.

733 Citado em: Frank Niess (2005), p. 146.

734 Citado em: Jon Lee Anderson, (2007), p. 627.

735 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 340.

736 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 666.

737 Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 385.

738 Pierre Kalfon, op. cit., p. 502.

739 Juan B. Yofre, op. cit., p. 505.

740 Citado em: Juan B. Yofre (2014), p. 499.

741 Citado em: Juan B. Yofre, op. cit., p. 504.

742 Pierre Kalfon, op. cit., p. 512.

743 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 412.

744 Pacho O'Donnell, op. cit., p. 296.

745 Jorge G. Castañeda, op. cit., p. 429.

746 El pcb antes, durante y después. p. 207. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 644.

747 Pierre Kalfon, op. cit., p. 534.

748 Hugo Gambini, op. cit., pp. 302–303.

749 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 732.

750 Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 542.

751 Ernesto Guevara, Obras Completas. Andrómeda, 2002, pp. 583–588.

752 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 738.

753 Citado em: Pedro Corzo e outros, op. cit., p. 267.

754 Régis Debray, Entrevista com o autor. Paris: 1992. Citado em: Pierre Kalfon (1997), pp. 544–547.

755 Citado em: Frank Niess (2005), p. 161.

756 Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 549.

757 Ernesto Guevara, op. cit., p. 617.

758 Citado em: Hugo Gambini (2007), p. 311.

759 Id., p. 313.

760 Ibid., p. 317.

761 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 771.

762 Foi uma conferência de "solidariedade dos povos" da Ásia, África e América Latina realizada na capital de Cuba (3–15 de janeiro de 1966) com a presença de cerca de 500 agentes do comunismo internacional representando 70 países. O pretexto fundamental do conclave era estudar os meios para combater o "imperialismo".

763 Ernesto Guevara, Crear dos, tres… muchos Vietnam: mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. Havana, Cuba: 16 de abril de 1967, primeira edição na forma de brochura como suplemento especial da revista Tricontinental, órgão da Secretaria Executiva da Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (ospaaal). O texto completo em versão digital pode ser encontrado em: https://www.marxists.org/espanol/ guevara/04_67.htm, acessado em 29 de maio de 2023.

764 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), pp. 766–767.

765 Id., p. 770.

766 Citado em: Hugo Gambini (2007), p. 319.

767 Citado em: Frank Niess (2005), p. 148.

768 Ángel Víctor Paz Estenssoro (Bolívia, 2 de outubro de 1907–7 de junho de 2001). Foi um advogado e político boliviano, presidente da Bolívia quatro vezes (1952–1956; 1960–1964; 6 de agosto a 4 de novembro de 1964 e 1985–1989).

769 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 327.

770 Id., p. 330.

771 Pierre Kalfon, op. cit., p. 537.

772 Citado em: Pierre Kalfon, (1997), p. 557.

773 Id., p. 566.

774 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 332

775 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010), p. 773.

776 Id.; p. 791.

777 Ernesto Guevara, op. cit., p. 680.

778 Citado em: Paco Ignacio Taibo ii (2010); p. 800.

779 Entrevista a Régis Debray, Corriere della Sera. Citado em: Juan José Sebreli, (2008); p. 157.

780 Citado em: Pedro Corzo e outros (2008), p. 39.

781 Hebert Matthews, Fidel Castro. op. cit., p. 305. Citado em: Pierre Kalfon (1997), p. 580.

782 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), pp. 353–354.

783 Id. pp. 353–354.

784 Ibid., pp. 353–354.

785 Citado em: Juan José Sebreli (2008), pp. 156–157.

786 Ver reportagem do autor sobre o general Gary Prado, publicada pelo jornal La Nueva Provincia, em 14 de março de 2009.

787 Citado em: Hugo Gambini (2007), p. 324.

788 Israel Viana, La última conversación del Che Guevara con su captor, antes de ser ejecutado. Madrid: ABC, 13 de junho de 2012. Citado em: Juan B. Yofre (2014), p. 533.

789 Citado em: Hugo Gambini (2007), p. 327.

790 Félix Rodríguez, ex-oficial do centro de inteligência dos Estados Unidos, foi o oficial que recebeu as ordens para executar Ernesto Guevara após sua captura na Bolívia. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo: Guevara: Anatomía de un mito.

791 Citado em: Jacobo Machover (2008), p. 115.

792 Félix Rodríguez, ex-oficial do centro de inteligência dos Estados Unidos, foi o oficial que recebeu as ordens para executar Ernesto Guevara após sua captura na Bolívia. Caiman Productions, Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo: Guevara: Anatomía de un mito.

793 Citado em: Pedro Corzo e outros 2008, p. 267.

794 Em 5 de junho de 1967, Tania abandonou um jipe Toyota na pequena cidade de Camiri, à vista da polícia, que encontrou dentro dele quatro caderninhos com nomes e endereços de dirigentes e integrantes da organização urbana do Che e contatos comunistas de fora da Bolívia. Esse descuido foi visto por muitos como uma entrega de Tania a Guevara. No entanto, muitos outros afirmam que foi pura negligência, mas de forma alguma um ato consciente com a intenção expressa de arruinar os planos de Che.

795 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 311.

796 Id., p. 312.

797 Entrevista com o homem que capturou Che Guevara. Reportagem realizada pelo autor com o atual general boliviano Gary Prado.

798 Reportagem a Régis Debray, jornal espanhol Pueblo, em 23 de outubro de 1967. Citado em: Enrique Díaz Araujo (1983), p. 351.

799 El exguerrillero Benigno acusa a Castro de traicionar al Che por orden de Moscú. Jornal Corriere della Sera, 7 de janeiro de 2009.

800 El Observador, Perfil: La cacería del Che, segundo o enviado da cia à Bolívia. Domingo, 9 de novembro de 2008, p. 2.

801 Citado em: Pacho O'Donnell (2005), p. 323.

802 Central de Inteligência do Exército Americano, Diretoria de Inteligência: Instability in the Western Hemisphere, Memorando, 9 de dezembro de 1996. Arquivo secreto em: The Declassified Documents Catalogue. Connecticut: Woodbrige Research Publications, vol. xxi, 2 de março a abril de 1995. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 424.

803 Central de Inteligência do Exército Americano, Diretoria de Inteligência: Cuban Subersive Policy and the Bolivian Guerrilla Episode, p. 40, secreto. The Declassified Documents Catalogue. Carrolton Press: file serie number 2408. Citado em: Jorge G. Castañeda (1997), p. 45.6

804 Entrevista com o homem que capturou Che Guevara, reportagem realizada pelo autor sobre o general boliviano Gary Prado, publicada no La Nueva Provincia, edição de 15 de março de 2009.

805 El Observador, Perfil: La cacería del Che, segundo o enviado da cia à Bolívia. Domingo, 9 de novembro de 2008, p. 2.

806 http://www.thechestore.com/

